

10 ANOS

divulgando a

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

Entrevista: Professora
Tatiana Velloso,
Pró-Reitora de Extensão da
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, fala
sobre a importância da
divulgação da extensão
universitária

PÁG. 11

Interdisciplinaridade no
atendimento da violência
doméstica durante a
pandemia da covid-19: um
relato de experiência -
Universidade Estadual do
Tocantins

PÁG. 71

Extensão Universitária no
regime remoto emergencial
durante a pandemia e a
experiência do Projeto
Direito, trabalho e Cidade:
compartilhando saberes -
Universidade Federal de
Sergipe

PÁG. 162

Revista Extensão. 20ª edição, vol. 1 (julho, 2021) - Cruz das Almas, BA:
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão, 2021
Semestral

ISSN: 2236-6784

1. Extensão Universitária - Periódicos. I. Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão.

CDD 378.81

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que
sejam citadas as fontes.

Allows reproduction in published information, provided that
sources are cited.

Pede-se permuta./ We ask for exchange.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

RUA RUI BARBOSA, 710, CENTRO, CRUZ DAS ALMAS - 44.380-000, BAHIA, BRASIL

REITOR

Fábio Josué Souza dos Santos

VICE-REITOR

José Pereira Mascarenhas Bisneto

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Tatiana Ribeiro Velloso

COORDENADORIA DE CULTURA E UNIVERSIDADE (CCU)

Daniele Pereira Canedo - Coordenadora

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E AÇÕES COMUNITÁRIAS

Sergio Luiz Bragatto Boss

Tábata Figueiredo Dourado

Míriam da Silva Ferreira

EDITORES-CHEFES

Daniele Pereira Canedo, Dra. (UFRB)

Sergio Luiz Bragatto Boss, Dr. (UFRB)

EDITORA EXECUTIVA

Míriam da Silva Ferreira (UFRB)

COMITÊ EXECUTIVO

Daniele Pereira Canedo, Dra. (UFRB)

Míriam da Silva Ferreira, Bela. (UFRB)

Sandrine Souza, Ma. (UFRB)

Sergio Luiz Bragatto Boss, Dr. (UFRB)

Tábata Figueiredo Dourado, Ma. (UFRB)

CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Tatiana Ribeiro Velloso, Dra. (UFRB)
Custódia Martins, Dra. (U. Minho/Portugal)
Juan A. C. Rodriguez, Dr. (UACH/México)
José Alberto Pereira, Dr. (IPB/Portugal)
Odette González Aportela, Dra. (Universidad de La Habana)

COMITÊ EDITORIAL

Daniele Pereira Canedo, Dra. (UFRB)
Sergio Luiz Bragatto Boss, Dr. (UFRB)
Ana Rita Santiago, Dra. (UFRB)
Franceli da Silva, Dra. (UFRB)

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Sandrine Souza, Ma. (UFRB)

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Míriam da Silva Ferreira, Bela. (UFRB)

PROJETO GRÁFICO

Renata Machado Gomes, Esp. (UFRB)

REVISÃO

Antonia Viviane Martins Oliveira, Esp. (UFRB)

AVALIADORES AD HOC DA 20ª EDIÇÃO, ANO 2021.1

Abdias de Souza Alves Júnior, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Adriana Barni Truccolo, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS
Adriano Guimaraes Parreira, Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG
Alan Silva Das Virgens, Universidade Federal de Sergipe - UFS
Alex Fabiani de Brito Torres, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Alex Santana França, Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Alexandre Zandonadi Meneguelli, Faculdade Panamericana de Ji-Paraná - UNIJIPA
Amanda Maria Villas Boas Ribeiro, Universidade federal da Bahia - UFBA
Ana Cristina de Oliveira Costa, Instituto René Rachou - Fiocruz
Ana Lúcia Moreno Amor, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Ana Luisa de Castro Coimbra, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Antonio Pedro Fróes de Farias, Faculdade de Ciências E Empreendedorismo - FACEMP
Bartolomeu Conceição Bastos Neto, Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Sírio-Libanês - IEP/HSL
Caio César Costa Santos, Universidade Federal de Sergipe - UFS
Carina Santos Silveira, Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Carla Cardi Nepomuceno de Paiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Carlos Antonio Jacinto, Universidade Federal de Viçosa - UFV
Carolina Marques Henriques Ficheira, Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM
Célia Aparecida Paulino, Universidade de São Paulo - USP
Célio de Mendonça Clemente, Universidade Federal de Sergipe - UFS
Christiane Andrade Regis Tavares, Universidade Católica do Salvador - UCS
Cláudio José De Oliveira, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
Cristiano Anunciação, Universidade de Brasília - Unb
Cristine Roman Cardoso de Araújo Silva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Daiana Camargo, UNLP Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG
Daiani Ludmila Barth, Universidade de Brasília - Unb
Dennis Lucena Mendes, Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF
Diego Fernandes Coelho Nunes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio
Douglas Oliveira Vieira, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Ederson Luiz Locatelli, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
Erica Bastos da Silva, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Eron Passos Andrade, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Everaldo dos Santos Mendes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio
Fabia Faria Da Silva, Universidade de Uberaba - Uniube
Fabiana Martins Dias de Andrade, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Fabio Rodrigues da Silva Filho, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Fabrício Tonetto Londero, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Fernanda Abbatepietro Novaes, Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG
Francisca Moraes da Silveira, Universidade Federal do Pará - UFPR
Franklin Kaic Dutra-Pereira, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Fúlvio Borges Miguel, Universidade Federal da Bahia - UFBA
Geremias Soares dos Santos, Universidade Federal da Bahia - UFBA
Graciliana Garcia Leite, Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR
Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Heleni Duarte Dantas de Ávila, Universidade Federal da Bahia - UFBA
Izaquiel Arruda Siqueira, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Jackson Santos Dos Reis, Universidad Europea del Atlántico - UNEATLANTICO
Jaqueline Rocha Borges dos Santos, Universidade de São Paulo - USP
Jessica Santos Passos Costa, Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
João Vitor Resende Leal, Universidade de São Paulo - USP
Jorge Luiz Zaluski, Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO
Josefa Eugênia Tenorio Tavares, Faculdade da Região Serrana do Espírito Santo - FARESE
Juliana de Oliveira Ramadas Rodrigues, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Kelly Cristina Atalaia da Silva, Universidad Pablo de Olavide - UPO
Laís Santos De Magalhães Cardoso, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Lara Toledo Cordeiro Ottoni, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Livia Valenca da Silva, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Luana Ferreira dos Santos, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Maria Auxiliadora Gomes de Freitas, Universidad Tecnológica Nacional – UTN - Argentina
Maria Lucélia Da Hora Sales, Universidade Estadual De Ciências Da Saúde De Alagoas - UNCISAL
Marina Mapurunga de Miranda Ferreira, Universidade Federal Fluminense - UFF
Maykon dos Santos Marinho, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
Miria Alves da Silva, Universidade Federal da Bahia - UFBA
Moari Castro Ramos de Oliveira Alfredo, Universidade Federal da Bahia - UFBA
Mônica Naiara Pereira da Silva Santos, Universidade Estadual De Feira De Santana - UEFS
Pablo Lemos Carlos Sant' Anna, Universidade Candido Mendes - UCAM
Paula Hayasi Pinho, Universidade de São Paulo - USP
Paulo Cesar Gastaldo Claro, Universidade Federal de Rondônia - UFRO
Priscila Ricardo De Oliveira, Universidade Federal do Paraná - UFPR
Rafael Alves de Freitas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO
Reinaldo Jose de Oliveira, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP
Renata Heisler Neves, Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ
Rony Henrique Souza, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Rosineide Pereira Mubarack Garcia, Universidade Federal da Bahia - UFBA
Sara Jane Cerqueira Bezerra, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Taciana Uecker, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Tiago da Silva Bezerra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Valéria Nanci de Macêdo Santana, Universidade Federal da Bahia - UFBA
Vinicius Ferreira Laner, Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC
Waldisélia dos Santos Passos, Universidade Federal da Bahia - UFBA
Yashodhan Abya Yala, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS
Zulma Elizabete de Freitas Madruga, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS

ÍNDICE

- 09** EDITORIAL: APRESENTAÇÃO ESPECIAL DO REITOR DA UFRB
- 11** ENTREVISTA: UFRB COMEMORA ANIVERSÁRIO DE 10 ANOS DE DIFUSÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

- 17** BIBLIOTECAS QUE NÃO SE CALAM: AS LIVES DA BIBLIOTECA DO CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE (CETENS) "TROCANDO UMA IDEIA" COM OS SEUS USUÁRIOS NA PANDEMIA
- 24** A ARQUEOLOGIA E O DIGITAL: ALGUMAS AÇÕES EXTENSIONISTAS
- 30** RELATO DE EXPERIÊNCIA DA TESSITURA DE NARRATIVAS DE TERREIRO PARA LITERATURA INFANTOJUVENIL
- 37** PROJETO INTERAÇÃO, CINECLUBE COM A ANIMAÇÃO "QUE EXPLORAÇÃO É ESSA?": COMBATE AO ABUSO E À EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES
- 44** UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR A PARTIR DA REALIZAÇÃO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DENOMINADO VIVÊNCIAS EM CIDADANIA
- 51** LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE LEITURA E ESCRITA: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA
- 58** A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM ATIVIDADES DE EXTENSÃO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UFRB
- 64** TRAÇANDO PROJETOS DE VIDA E CONSTRUINDO OUTRAS FORMAS DE PENSAR O FUTURO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA DE CACHOEIRA-BA
- 71** INTERDISCIPLINARIDADE NO ATENDIMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
- 78** CONSTRUÇÃO DE UMA HORTA COMO INSTRUMENTO DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL
- 85** A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA A PREVENÇÃO DO CÂNCER DE BOCA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
- 92** USO DE TECNOLOGIA LEVE PARA PREVENÇÃO DE LESÕES POR PRESSÃO
- 99** CONVERSANDO COM A COMUNIDADE SOBRE DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS: AÇÕES DA EXTENSÃO
- 106** BUSCANDO ALTERNATIVAS DE PROMOÇÃO E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

ARTIGOS

- 113** O USO DE MÍDIA PODCASTS PARA POTENCIALIZAR A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A EXPERIÊNCIA DA SÉRIE DE PODCASTS SOCIOAMBIENTAIS
- 123** CRIANDO REDES DE CONEXÃO EM TEMPO DE PANDEMIA: O PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO E DA INFORMAÇÃO POR MEIO DO RÁDIO
- 132** CLUBE DE LEITURA DO CAMPO: INCURSÕES LITERÁRIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
- 141** PROJETO DE EXTENSÃO ATELIÊ FILOSÓFICO: A PERSPECTIVA DE UM DESIGNER SOCIOCOGNITIVO PARA O ENSINO-PESQUISA-INTERVENÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES
- 151** RECORTES DA CONSTRUÇÃO E ATUAÇÃO DE UMA EQUIPE NA PÁGINA VIRTUAL – “AGRIFAM VALE DO JIQUIRIÇÁ E RECÔNCAVO BAIANO”
- 162** EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO REGIME REMOTO EMERGENCIAL DURANTE A PANDEMIA E A EXPERIÊNCIA DO PROJETO DIREITO, TRABALHO E CIDADE: COMPARTILHANDO SABERES
- 173** METODOLOGIA ATIVA NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: O VÍDEO EDUCATIVO COMO FERRAMENTA NA PREVENÇÃO E COMBATE A PATÓGENOS E A INSETOS VETORES
- 185** IMPLEMENTAÇÃO DO “SBOTICS” NA ROBÓTICA EDUCACIONAL DO RECÔNCAVO

EDITORIAL

A REVISTA EXTENSÃO, periódico publicado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), chega aos seus 10 anos de existência, lançando seu 20º. número!

É algo extraordinariamente louvável para a nossa jovem universidade que, com apenas uma década e meia de existência, acumula um legado de contribuições no desenvolvimento dos Territórios de Identidade onde está inserida, o Recôncavo, o Vale do Jiquiriçá e o Portal do Sertão, mas também na Bahia e no Brasil, destacando-se a dinamização científica e cultural propiciada pelas suas diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão, em articulação com uma forte política afirmativa.



Impulsionada pela ação da PROEXT, a UFRB possui uma intensa tradição extensionista, expressa em inúmeros programas e projetos que faz pulsar a sua presença nos territórios onde se insere, no diálogo com a sociedade regional, particularmente com o poder público, as organizações da sociedade civil, as comunidades tradicionais, etc, numa profícua relação que tem contribuído para viabilizar ações transformadoras na dinâmica territorial. A extensão universitária tem se constituído numa relação dialógica onde o conhecimento científico e saberes populares se encontram, se confrontam e se entrelaçam, em diálogos potentes, gerando novos conhecimentos e estimulando a busca de soluções e a transformação social.

No contexto da promoção da extensão universitária na UFRB, a presença da Revista Extensão é uma ação que merece destaque! Publicada semestralmente desde 2011, de forma ininterrupta, a Revista Extensão constitui-se como parte das estratégias e políticas de comunicação da PROEXT/UFRB, para fazer cumprir o seu papel de fomentar a extensão universitária, tendo projetado o seu alcance para além de nossa região!

Ao longo de sua trajetória, a Revista Extensão tem se constituído em um importante veículo de sistematização, visibilização e socialização de iniciativas e conhecimentos produzidos no âmbito da extensão universitária, na UFRB e em outras instituições da região, do estado da Bahia e de outros estados da federação, em forma de relatos de experiências, artigos, entrevistas e resenhas, contribuindo assim para a formação acadêmica, social e cidadã de nossa comunidade universitária e da sociedade em geral.

No ensejo das comemorações de uma década de existência da Revista Extensão, cumpre registrar e agradecer os esforços de todos(as) que estiveram envolvidos(as) com a publicação das 20 edições deste periódico: equipes gestoras e de apoio técnico e gráfico da revista, revisores(as), avaliadores(as), autores(as). Vida longa à Revista Extensão!

Viva a UFRB! Viva a Extensão Universitária! Viva a Revista Extensão!

Fábio Josué Souza dos Santos
Reitor da UFRB



Composição com imagens das capas das edições publicadas ao longo dos 10 anos da Revista Extensão

ENTREVISTA

UFRB COMEMORA ANIVERSÁRIO DE 10 ANOS DE DIFUSÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Por Sandrine Souza

Criada em 2011, a Revista Extensão completou 10 anos de sua primeira edição em junho de 2021. Neste período, foram publicados 438 trabalhos de mais de 70 instituições das cinco regiões brasileiras.

Apesar dos desafios, a Revista Extensão manteve a semestralidade e publicou um total de 20 edições. As últimas quatro, no contexto da pandemia de Covid-19.

A gestão administrativa da Revista, feita pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRB, conta com a participação de editores, colaboradores técnicos e mais de 700 avaliadores de trabalhos - uma equipe multidisciplinar e internacional.

No seu décimo aniversário, a Revista inaugura a sua integração à plataforma OJS, no portal de periódicos da UFRB, comemora os números alcançados, e faz uma avaliação ampla e profunda sobre a importância da extensão e da sua difusão, na entrevista realizada com a Profa Dra Tatiana Velloso, Pró-Reitora de Extensão da UFRB.

Tatiana Velloso é engenheira agrônoma (UFBA - 1996), especialista em Cooperativismo, Mestra em Extensão Rural (UFV - 2000) e Doutora em Geografia (UFS - 2013). Na UFRB, é professora da graduação do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) e do Mestrado Profissional em Educação do Campo do Centro de Formação de Professores (CFP). Compõe a coordenação do Núcleo da Incubadora de Empreendimentos Solidários - INCUBA/ UFRB da Rede UNITRABALHO, e integra a Câmara de Inovação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. A Pró-Reitora de Extensão da UFRB tem atuação acadêmica e profissional na área de Políticas de Desenvolvimento Rural, com atuação nos temas educação do campo, reforma agrária, agricultura familiar, comunidades quilombolas, tecnologias sociais, movimentos sociais e sindicais do campo, economia solidária, cooperativismo popular e associativismo comunitário.

Confira a entrevista!

Revista Extensão - Qual a importância de visibilizar a extensão universitária?

Tatiana Velloso - A extensão universitária, enquanto atividade acadêmica articulada com o ensino e a pesquisa, estabelece a comunicação entre universidade e outros setores da sociedade. Essa comunicação promove o encontro e o intercâmbio de saberes acadêmicos e populares, necessário para a construção de conhecimentos voltados para a promoção do desenvolvimento territorial. É uma via de mão dupla, em que a universidade contribui e recebe contribuições para a construção de conhecimentos, tendo como referência o respeito à diversidade cultural e à superação das desigualdades que assolam historicamente a realidade brasileira.

A visibilização das ações da extensão universitária reafirma a função social da universidade de democratizar o acesso a conhecimentos referendados socialmente e de excelência acadêmica, com vínculos territoriais, baseados em uma educação crítica e emancipadora. A educação tem como princípio ser um direito universal, constitutivo da cidadania, e traz a universidade enquanto instituição social, democrática e de promoção da democratização dos saberes.

Dar visibilidade à extensão é comunicar a universalidade inerente à própria universidade pública, como espaço do contraditório e do pensamento crítico, em que o conhecimento, a ciência e a tecnologia não são neutras. Essa visibilização traz a defesa da universidade e do Estado Democrático de Direito, em favor dos interesses coletivos, da promoção do desenvolvimento científico e tecnológico, da soberania nacional, e a favor da vida.

Revista Extensão - Quais são os motivos para comemorar o aniversário de 10 anos da Revista Extensão?

Tatiana Velloso - A comemoração dos 10 anos da Revista Extensão é inerente à própria constituição da UFRB, a partir de um movimento de expansão e interiorização do ensino público federal, que deflagrou a mobilização

dos sujeitos do Recôncavo, em 2005. A UFRB foi constituída com a missão de exercer as ações acadêmicas de forma integrada, com vistas à promoção do desenvolvimento das ciências, letras e artes, valorizando as culturas locais e a formação de cidadãos com visão técnica, científica e humanística.

A Revista Extensão se traduz como uma ferramenta importante para a difusão das atividades acadêmicas da extensão universitária na sua relação com a pesquisa, o ensino e as políticas afirmativas. Neste período de existência, manteve o seu objetivo institucional de divulgação da relação entre saberes e conhecimentos da universidade e de outros setores da sociedade.

Portanto, essa comemoração de 10 anos é, sobretudo, da UFRB, por manter o seu compromisso institucional, referendado socialmente, de excelência acadêmica e de manutenção dessa ferramenta, de forma perene, como mais um espaço de visibilização das ações acadêmicas que promovam a pluralidade intercultural de saberes e de conhecimentos, voltados para a formação de sujeitos críticos.

“A visibilização das ações da extensão universitária reafirma a função social da universidade de democratizar o acesso a conhecimentos referendados socialmente e de excelência acadêmica, com vínculos territoriais, baseados em uma educação crítica e emancipadora.”

Revista Extensão - O Comitê Editorial da Revista recebe, com frequência, trabalhos de pesquisa e de ensino que não decorrem de uma vivência extensionista. Como definir o que é um trabalho de extensão?

Tatiana Velloso - A relação indissociável entre ensino, extensão e pesquisa precisa ser garantida nos trabalhos acadêmicos da Revista Extensão, enquanto aproximação da universidade de outros setores da sociedade. Os trabalhos devem ter qualidade, no contexto de formação crítica, emancipatória e de produção do conhecimento científico, cultural, tecnológico e artístico que contribuam para a promoção territorial.

Importante destacar que a indissociabilidade entre ensino, extensão e pesquisa está no artigo 207 da Constituição Federal Brasileira de 1988, que estabelece que o ensino superior deve considerar essas atividades acadêmicas, de forma equivalente, no processo de formação, assim como a educação, como direito constitucional, deve ser garantida a partir de um modelo de inclusão para as classes populares.

É importante que os trabalhos acadêmicos tenham, necessariamente, reflexões realizadas de forma dialogada entre a universidade e outros setores da sociedade, de forma interdisciplinar, e que tenham impacto na formação acadêmica e na transformação social.



Prof. Dra. Tatiana Velloso, Pró-Reitora de Extensão da UFRB

“Dar visibilidade à extensão é comunicar a universalidade inerente à própria universidade pública”

Revista Extensão - Além da Revista Extensão, a UFRB dispõe de outros espaços para divulgação da extensão?

Tatiana Velloso - A UFRB tem outros espaços de divulgação da extensão, através da promoção e da participação em eventos acadêmicos e territoriais, em diversas áreas do conhecimento. Podemos destacar o Simpósio de Extensão da UFRB, que a Pró-Reitoria de Extensão promove, anualmente, desde 2014 e, nas suas últimas edições, tem ocorrido de forma integrada com a Reunião Anual de Ciência, Tecnologia, Inovação e Cultura no Recôncavo da Bahia (RECONCITEC). Podemos também destacar a participação da UFRB no Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), o maior encontro brasileiro de extensão universitária em instituições públicas de ensino superior, com periodicidade bianual.

Além dos espaços acadêmicos, a extensão universitária também é divulgada por meio de linguagens e canais mais acessíveis à população em geral. Um exemplo, é o Programa de divulgação científica Univerciência, criado a partir de parcerias entre a TVE Bahia e universidades públicas nordestinas, com o objetivo de divulgar os conhecimentos produzidos na relação entre as universidades e os seus territórios.

A extensão também é objeto de reportagens nos canais institucionais da Universidade, como o site da Proext e a TV UFRB.

Outra forma de divulgação é através do relacionamento da Assessoria de Comunicação da UFRB com a imprensa, propondo pautas que muitas vezes são acolhidas e abordadas na imprensa local.

“A relação indissociável entre ensino, extensão e pesquisa precisa ser garantida nos trabalhos acadêmicos da Revista Extensão”

Revista Extensão - Quais os desafios na gestão de uma revista científica?

Tatiana Velloso - Entre os desafios na gestão da Revista Extensão, destacamos alguns que aprendemos neste percurso de 10 Anos. A publicação de trabalhos acadêmicos, em suas diversas modalidades, no escopo das regras de submissão, deve ter o envolvimento de pareceristas que colaborem com as avaliações desses trabalhos, em diversas áreas do conhecimento, que atendam às solicitações em tempo hábil e de forma colaborativa, com julgamentos críticos na perspectiva acadêmica das temáticas estabelecidas dentro da relação da universidade com outros setores da sociedade. Nesse sentido, a Revista Extensão tem construído, na sua trajetória, um corpo de pareceristas comprometidos, mas que precisam de atualização e renovação em diversas áreas do conhecimento.

Outro desafio da gestão é a política editorial, com atuação nas ações do fluxo da Revista Extensão, de modo que tenha atualização e atenda às novas demandas. A estrutura da Revista é composta por Editores, Editores Executivos, Editores Científicos, Comitê Editorial, com envolvimento de acadêmicos de quatro países (Brasil, México, Portugal e Cuba), sob coordenação da Pró-Reitoria de Extensão da UFRB. A Revista também conta com o auxílio técnico de profissional de jornalismo, revisor e designer, formado por acadêmicos da UFRB. A equipe envolvida traduz o desafio da sustentabilidade do envolvimento de uma equipe capacitada e implicada com a política editorial,

mas que busque a inovação e a atualização deste instrumento de divulgação e de socialização dos conhecimentos construídos na relação da universidade com outros setores da sociedade.

Outro desafio é aumentar o impacto científico e social dos trabalhos acadêmicos da Revista Extensão. Para tanto, deve-se garantir a qualidade dos trabalhos, em consonância com as diretrizes e com a ética da autoria, ao mesmo tempo em que se busca a tradução do conhecimento científico em divulgação de reflexões e de práticas que possam comunicar com a própria academia, mas com ampliação para gestores da política pública e da sociedade em geral. Desafio que traz a estruturação de uma das estratégias, que é divulgar as ações acadêmicas e a própria universidade pública, de forma que continue perene (respeito a sua periodicidade), tendo a indexação em diferentes bases de busca de dados científicos e melhoria de indicadores bibliométricos, como classificação Qualis, como metas para reconhecimento de sua relevância.

São desafios que buscam a garantia da Revista Extensão como ferramenta de promoção integrada da produção e da socialização do conhecimento científico, artístico, tecnológico e cultural implicados, em uma referência que traz a universidade como um dos sujeitos a contribuir e ter contribuições para o desenvolvimento territorial, baseado na justiça e na equidade social.

“A Revista pretende continuar avançando na qualidade da visibilização de conhecimentos socialmente referendados”

Revista Extensão - Quais os planos para o futuro da Revista?

Tatiana Velloso - Os planos para a Revista Extensão estão na melhoria da sua gestão, em

que se busca avançar com sua qualidade acadêmica, com reconhecimento da comunidade acadêmica, garantia de sua periodicidade, e melhoria da avaliação nos indicadores bibliométricos.

A Revista pretende continuar avançando na qualidade da visibilização de conhecimentos socialmente referendados, que preservam os saberes de base pluri epistêmica e universais de interesses coletivos.



Formação em Economia Solidária e Viabilidade Econômica para CESOL e IDSB. Fonte: acervo do IDSB



Manhã lúdica em uma Escola Municipal **Fonte:** Relatório do Projeto Vivências em Cidadania - Operação Corumbá, 2017.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

BIBLIOTECAS QUE NÃO SE CALAM: AS LIVES DA BIBLIOTECA DO CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE (CETENS) “TROCANDO UMA IDEIA” COM OS SEUS USUÁRIOS NA PANDEMIA

LIBRARIES THAT ARE NOT QUIET: THE LIBRARIES OF THE LIBRARY OF THE CENTER OF SCIENCE AND TECHNOLOGY IN ENERGY AND SUSTAINABILITY (CETENS) “CHANGING AN IDEA” WITH ITS USERS IN PANDEMIA

Acma de Cunha Lima

Especialista em Gestão Pública pela Faculdade do Noroeste de Minas (FINOM). Assistente Administrativo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB/CETENS). Email: acma@ufrb.edu.br

Fábio Jesus dos Santos

Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA). Bibliotecário Documentalista na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB/CETENS). Email: fabiojesus@ufrb.edu.br

Jéssica Alves Suzart

Especialista em Gestão Pública pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Bibliotecária Documentalista na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB/CETENS). Email: jessicasuzart@ufrb.edu.br

Maria Helena Amaral Martins Dantas da Cruz

Mestra em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento (PPGCS/UFRB). Auxiliar em Administração da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB/CETENS). Email: malenas@ufrb.edu.br

RESUMO

No contexto mundial atual, no qual (con)vivemos com a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), buscou-se a reinvenção das relações laborais, culturais, educacionais e sociais. Nessa perspectiva e, observando como se daria essas novas relações diante da necessidade do distanciamento social e da suspensão das aulas presenciais na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, passamos a utilizar amplamente as redes sociais para potencializar o contato com os usuários na perspectiva virtual. Nesse âmbito, pensou-se numa interação mais próxima e as lives foram uma alternativa para fortalecer a comunicação entre a Biblioteca e a comunidade, levando para toda a sociedade temas relevantes para uma reflexão coletiva. Assim, foi possível oferecer conteúdo de qualidade, como palestras virtuais especializadas, protagonizando as ações da biblioteca frente ao processo de educação de usuários durante essa pandemia.

Palavras-chave: Acessibilidade. COVID-19. Educação de Usuários. Saúde Pública. Serviços de Informação.

ABSTRACT:

In view of the current world context, where live together with a pandemic due to the coronavirus (COVID-19), we sought to reinvent labor, cultural, educational and social relations. In this perspective, and observing how these new relationships would take place, in view of the need for social distance and the suspension of face-to-face classes at the Federal University of Recôncavo da Bahia - UFRB, we started to use social networks widely to enhance contact with users in virtual perspective. In this context, a closer interaction was thought about and the lives were an alternative to strengthen communication between the Library and the community, bringing relevant issues for collective reflection to the whole of society. Thus, it was possible to offer quality content, such as specialized virtual lectures, leading the library's actions regarding the process of educating users during this pandemic.

Keywords: Accessibility. COVID-19. User Education. Public health. Information Services.

INTRODUÇÃO

Vive-se hoje um momento único no Brasil e no mundo, no qual tivemos que aprender a estar conectados uns com os outros sem estarmos tão próximos. Essa distância corporal fez com que as universidades, faculdades, instituições públicas e privadas e, conseqüentemente, as bibliotecas começassem a buscar alternativas para trazer e juntar pessoas em um mesmo espaço e tempo.

A lei da física diz que dois corpos não ocupam o mesmo lugar ao mesmo tempo, porém, com as novas ferramentas de *software* desenvolvidas para a comunicação entre pessoas, em espaço público, pode-se dizer que estamos conseguindo nos conectar em tempo real e em vários lugares.

A respeito dessas novas tecnologias, nas práticas bibliotecárias, Morigi e Pavan (2004, p. 121) salientam que “a introdução das tecnologias altera as relações dos bibliotecários e as suas práticas, trazendo mudanças na forma de sociabilidade e modificando o perfil deste profissional”. Com essa nova readequação na comunicação entre as pessoas por conta da COVID-19¹, a Biblioteca Universitária do Centro de Ensino, Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS), adequa-se a esse contexto e inicia a criação da sua primeira série de *Lives*² com o propósito de não se calar

e, sim, contribuir e disseminar conhecimentos que sejam relevantes, podendo proporcionar aos seus usuários, seguidores e internautas a possibilidade de estarmos juntos e “trocando uma ideia” sobre diversos assuntos da atualidade.

TRILHAS PERCORRIDAS: PERCURSOS, PERCALÇOS E AÇÕES

Diante dos anseios e incertezas ocasionados pela pandemia e de como poderíamos continuar desenvolvendo as nossas atividades na biblioteca, logo pensamos nos recursos tecnológicos da contemporaneidade para que pudéssemos nos manter ativos frente às demandas dos nossos usuários.

Assim, as nossas redes sociais passaram a ser usadas ativamente para compartilhamento e trocas de informações. Porém ainda achávamos insuficiente e queríamos ir além. Nasce, então, a ideia de levar a informação qualificada, com questões atuais e relevantes, pois “o uso da informação é a peça chave (sic) para que um cidadão possa se tornar um agente ativo dentro da rede.” (SANTOS; CARVALHO, 2009, p. 51). Dessa forma, a Biblioteca Universitária do CETENS promoveria uma verdadeira revolução na promoção da informação diante de todas

¹ Corona Vlrus Disease (Doença do Coronavírus), identificada em 2019, pode ser compreendida como uma infecção causada por vírus, de fácil contaminação, atingindo os seres humanos e chegando ao estágio de pandemia, onde teve um alcance mundial de proliferação.

² Projeto de extensão intitulado: “VAMOS TROCAR UMA IDEIA? - LIVES DA BIBLIOTECA DO CETENS/UFRB”, cadastrado como processo de número 23007.00009357/2020-17, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

as possibilidades que as tecnologias da informação e comunicação (TIC) nos apresentavam. O cenário pandêmico era de muitas *lives*³ em todas as áreas, por isso entendemos ser esse o melhor caminho para potencializarmos a comunicação com nossos usuários, pois:

[...] a educação [é] o elemento-chave para a construção de uma sociedade da informação e condição essencial para que pessoas e organizações estejam aptas a lidar com o novo, a criar e, assim, a garantir seu espaço de liberdade e autonomia. (TAKAHASHI, 2000, p. 7)

Partindo dessas perspectivas, iniciamos uma série de esforços para levar esse tipo de conteúdo/produto aos nossos usuários. Toda concepção, organização e diálogo entre a equipe de trabalho do projeto de extensão foi realizada utilizando o *Google Meet*⁴. Nesse processo exitoso, de construção colaborativa, cada integrante ficou responsável por uma etapa e, dialogando conjuntamente⁵, mas com o intuito maior de possibilitar à comunidade universitária, assim como à comunidade externa, em tempos de pandemia, o acesso à informação. Passando essa fase, estipulamos datas e fizemos os convites aos palestrantes e mediadores para iniciarmos a primeira série de *lives*.

Construir cada *live* foi um processo muito gratificante, visto que a Biblioteca Universitária do *campus* do CETENS é um espaço também cultural, podendo desenvolver ações e projetos que disseminem a informação e proporcione conhecimentos para uma larga escala de pessoas, de todos os lugares, pois estes usuários, internautas e seguidores puderam interagir, discordar e acrescentar tudo isso com um único propósito: tê-los perto de nós. Tempos difíceis estes, mas é nas adversidades que nos superamos e nos reinventamos, reconhecendo-nos capazes de inovar e agregar novos saberes às nossas competências profissionais.

PUBLICIZAÇÃO, TRANSMISSÃO E SEGMENTOS SOCIAIS ENVOLVIDOS

Com relação à publicização e transmissão das oito (08) *lives* da Biblioteca do CETENS no projeto de extensão “Vamos trocar uma idéia? – Lives da Biblioteca do CETENS/UFRB”, houve a divulgação em redes sociais dez dias antes da realização do evento e transmitidas pela ferramenta denominada de *streamYard*.

A Biblioteca do CETENS, com o intuito de deixar os nossos usuários, comunidade acadêmica e externa mais informados sobre assuntos atuais e relevantes, convidou profissionais de altíssimo nível, esclarecendo e interagindo com todos, independentemente de classe social e faixa etária, potencializando ainda mais o contato com estes na perspectiva virtual, e envolvendo novos segmentos sociais em nossas redes, por nos fazermos instrumentos de comunicação.

A Constituição Federal (BRASIL, 1988) prevê em seu art. 207 que:

As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Sendo assim os três pilares da universidade têm em comum estarem constantemente atuando de forma efetiva, entretanto, estão também interligados e, portanto, indissociados em virtude, em prol da universidade. E a extensão tem o principal intuito de se relacionar com a comunidade externa. Portanto as ações desenvolvidas por ela devem ser acessíveis a todos, e a Biblioteca Universitária do *campus* de Feira de Santana - CETENS cumpre com o seu papel social de fomentar o conhecimento sendo determinante para a inclusão dos indivíduos na cultura da “era da informação”.

A primeira *live* foi exibida no dia 16 de junho do ano 2020 pela página do Facebook da Bi-

³ “Live streaming refere-se a mídia de streaming [forma de distribuição digital] simultaneamente gravados e transmitidos em tempo real. É frequentemente referida como *live* ou *streaming* [...]. [...] “live” significa “em direto” em inglês, e [...] “streaming” pode referir-se a qualquer tipo de mídia entregue e reproduzido de volta [...], disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Live_streaming. Acesso em 29 jan. 2020.

⁴ Ferramenta desenvolvida pelo Google, utilizada para fazer videoconferências no âmbito corporativo, tanto pelo computador/desktop, quanto pelos dispositivos móveis, reconhecida e oferecida institucionalmente pela UFRB.

⁵ Pontuamos o apoio do Programa “Saberes Cruzados: extensão universitária, formação e conhecimentos tradicionais” do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

biblioteca <https://www.facebook.com/biblioteca.cetens>. 18 às 15h, com o título: **Fake News: como identificá-las em tempos de COVID-19**, obtendo 565 visualizações, tendo como palestrante a Dra. Stella Moreira Dourado e mediadora a Ma. Selma da Silva Santos, ambas bibliotecárias do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe (SIBI/UFS). Em tempos de pandemia, a palestrante fez uma excelente abordagem, bastante esclarecedora, sobre a questão de averiguarmos a procedência da fonte antes de disseminarmos uma informação, o que se faz necessário para validarmos qualquer informação, principalmente, se tratando da área de saúde. Portanto, hoje torna-se imprescindível, sobretudo no meio acadêmico seguirmos as normas estabelecidas pela ABNT⁶ para uma efetiva comunicação científica.

Seguindo com a proposta, a segunda live aconteceu no dia 22 de junho do ano 2020, também às 15h com o título: **(Des)informação no contexto da pandemia**, obtendo 805 visualizações, tendo como palestrante o Prof. Dr. José Carlos Sales dos Santos da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e mediadora a Profa. Dra. Ivana Aparecida Borges Lins do Sistema Universitário de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia (SIBI/UFBA). Em sua fala faz referência ao Prof. Aldo de Albuquerque Barreto comentando sobre o conceito humanístico e diz que:

Informação é justamente um insumo estratégico para garantir modificação e consciência de homens e mulheres para interferir, mutar e circular na sociedade, tendo a informação parte de um dado que se torna matéria prima. (sic).

Esse tema foi bastante relevante e ainda é atual, pois há uma preocupação por parte da comunidade científica mundial na área de saúde em informar, esclarecer e publicizar sobre a COVID-19.

A terceira live tratou de um assunto bastante recorrente em nossa sociedade e foi exibida no dia 30 de junho de 2020, às 18h, com o título: **Racismo e genocídio negro - o mito da democracia racial**, obtendo 1,6 mil visu-

alizações e teve como palestrante a militante negra, docente da UFBA e idealizadora da Escolinha Maria Felipa⁷, Profa. Dra. Bárbara Carine Soares Pinheiro e como mediadora a Profa. Dra. Ana Paula Inácio Diório (CETENS/UFRB). Em tempos de pandemia, tragédias são sempre socialmente desiguais e expõem de forma mais gritante as desigualdades historicamente construídas. O racismo é uma delas que corrobora com o grau de exposição aos riscos ao novo coronavírus, denominado de COVID-19, reforçando ainda mais a construção das vulnerabilidades entre as pessoas.

A quarta live foi exibida no dia 11 de agosto de 2020, às 15h, com o título: **Violência Doméstica no isolamento social**, obtendo 485 visualizações. Neste mês é realizada uma campanha "Agosto Lilás", por ser o aniversário da Lei Maria da Penha, com o objetivo de conscientizar a população pelo fim da violência contra as mulheres. Tiveram como palestrantes as advogadas Dra. Tâmara Andreucci e Dra. Lorena Peixoto, que fizeram suas explanações pautadas em processos históricos, relatos e denúncias de mulheres vítimas da violência doméstica. Portanto, precisamos difundir cada vez mais esse grave problema social, intensificado pelo drama da crise sanitária e do isolamento social, com o intuito de incentivar a comunidade acadêmica e externa a enfrentar as muitas formas de violência contra as mulheres, encorajando-as em situação de violência a denunciarem o seu agressor.

A quinta live nos convidou a meditarmos sobre o nosso EU interior e a observarmos o que atraímos para nós mesmos de bom e/ou de ruim, pelo qual podemos abolir o que nos incomoda negativamente, através dos exercícios e ensinamentos da filosofia do Yoga. A live foi exibida no dia 21 de agosto de 2020, às 15h, com o título: **Yoga e meditação - qualidade de vida e autoconhecimento**, obtendo 314 visualizações, tendo como palestrante a instrutora de Yoga e terapeuta holística Gilna Salgado.

Dando prosseguimento, a sexta live tratou de um assunto bastante inquietante para uma

⁶ Associação Brasileira de Normas Técnicas.

⁷ <https://escolinhamariafelipa.com/>

maioria de profissionais, trabalhadores afastados dos seus ambientes de trabalho e que, atualmente, estão executando serviços em suas residências, o que tem se denominado de home office. A mesma foi exibida no dia 19 de outubro de 2020, às 16h, com o título: **Ergonomia no home office com base no exercício físico**, obtendo 320 visualizações e teve como palestrante Camila Santos, profissional de Educação Física “*personal trainer*” na área fitness e grupos especiais. A palestrante abordou os fatores de riscos ergonômicos no *home office* como também os exercícios físicos que os trabalhadores poderão exercitar em suas residências.

A sétima live tocou em um assunto bastante plural, foram abordados aspectos da cultura do povo cigano, os estigmas criados em torno dessa população e a desconstrução do anticomunismo. A mesma foi exibida no dia 27 de outubro de 2020, às 16h, em comemoração à “Semana Nacional do Livro e da Biblioteca”, e o tema foi: **Ciganos Calon: história, trajetória e cultura**, obtendo 247 visualizações e como palestrante o historiador e cigano da etnia calon Tarciso José Martins Dantas da Cruz, autor do livro “Ciganos Calon de Camaçari-BA: trajetória, história e cultura” pela editora Novas Edições Acadêmicas e como mediador o Prof^o Dr. Jucelino Dantas da Cruz, cigano da etnia calon e professor titular da UEFS.

A oitava e última live da primeira série do projeto de extensão “Vamos trocar uma idéia? – Lives da Biblioteca do CETENS/UFRB, em formato de painel digital, contou com a presença de três expositores: o Prof. Dr. Fábio André Lora; a Profa. Ma. Isabel de Jesus Santos; e a discente Lara Camila Nery Vieira⁸, todos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia do Centro de Ensino em Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade. Como mediadora, contamos com a Profa. Dra. Kássia Aguiar Norberto Rios também da UFRB/CETENS, além da participação especial do Diretor do CETENS, Prof. Dr. Jacson Machado Nunes. Essa live foi exibida no dia 16 de dezembro de 2020 às 15h, tendo como tema central: **Tecnologia, Sustentabilidade e Saúde Pública: um panorama**

sobre os impactos causados pela pandemia e os novos rumos que a ciência propõe para esse embate, obtendo 569 visualizações. Esse painel teve o objetivo de promover a reflexão e o debate com os nossos usuários, comunidade universitária e externa sobre o que a tecnologia em suas múltiplas facetas tem contribuído e proposto para o avanço de novos equipamentos, inclusive com redução de custos para a maioria da população brasileira.

A BIBLIOTECA E A ACESSIBILIDADE EM LIBRAS: LIVES ACESSÍVEIS

A inclusão social por meio da Universidade promove a sociabilização dos indivíduos e a Biblioteca Universitária do CETENS, a qual, por sua vez, tem sentido a necessidade de aproximação com os seus usuários, em face da importância de conscientizar a comunidade acadêmica sobre a democratização do acesso à informação, sendo este um direito de todos e “elemento capaz de gerar conhecimento uma vez apreendida e apropriada devidamente pelos sujeitos.” (SANTOS; DUARTE; LIMA, 2014, p.38).

Com isso, entende-se que a Biblioteca do CETENS se insere em meio às mudanças que as TIC trazem para atender às demandas sociais e de seus usuários, atenta às suas transformações, a fim de promover cada vez mais uma inclusão não apenas quantitativa, mas também valorosa para todos aqueles a quem ela alcança. E para que esta vivência pudesse alcançar as mais diversas pessoas, houve a inserção da acessibilidade em Libras⁹, por meio de intérpretes cedidos pela própria instituição (UFRB), pois a “[...] inclusão social, conforme o Ministério das Cidades (ibid), se compõe da necessidade de inserir as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida no cotidiano de todos, não somente na presença física, porém

⁸ Bolsista de Iniciação Científica do projeto de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Cristiane Agra Pimentel do CETENS, denominado ‘Lean Healthcare’, aplicado à área de saúde de Feira de Santana - BA.

⁹ Língua Brasileira de Sinais, reconhecida e utilizada pela comunidade surda no Brasil.

de uma forma mais ampla e participativa” (NUNES, et al, 2007, p. 3).

CONCLUSÃO

Este projeto de extensão objetivou promover a interação da Biblioteca Setorial do CETENS com os seus usuários e a sua comunidade acadêmica interna e externa e, o público em geral, pelo qual através das redes sociais foram socializados os projetos de extensão e pesquisa

do CETENS, bem como a promoção da disseminação de informações e do conhecimento indistintamente a todos, contribuindo desta forma para a inclusão e reflexão do indivíduo mesmo este se encontrando fisicamente fora da universidade momentaneamente.

Infere-se, portanto, que as bibliotecas estejam reavaliando a sua atuação, nos mais diversos contextos, para que possam atingir de forma eficaz e continuada os seus usuários. A conjuntura que abruptamente se apresentou a esta Biblioteca

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

MORIGI, Valdir José; PAVAN, Cleusa. Tecnologias de informação e comunicação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 117-125, jan./abr. 2004.

NUNES, Layane Alves et al. Acessibilidade e inclusão social no campus da Universidade Estadual de Maringá/PR. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA-COBENGE, 35., 2007, Curitiba. **Anais eletrônicos**[...] Curitiba: Associação Brasileira de Educação em Engenharia, 2007. Disponível em: <<http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/12/artigos/384-Diana%20Carla%20Rodrigues%20Lima.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa; CARVALHO, Ângela Maria Grosside. Sociedade da Informação: avanços e retrocessos no acesso e no uso da informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 45-55, jan./abr. 2009.

SANTOS, Raquel do Rosário; DUARTE, Emeide Nóbrega; LIMA, Izabel França de. O papel do bibliotecário como mediador da informação no processo de inclusão social e digital. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 36-53, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/279/289>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

TAKAHASHI, Tadao. (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasil: Ministério da Ciência e Tecnologia, Brasília, 2000. Disponível em:<<https://livroaberto.ibict.br/handle/1/434>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

APÊNDICE

APÊNDICEA – CARDS DE PUBLICIZAÇÃO PARA AS NOSSAS REDES SOCIAIS (INSTAGRAM E FACEBOOK) DAS OITO (08) LIVES DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DO CAMPUS DE FEIRA DE SANTANA-BA

VAMOS TROCAR UMA IDEIA
LIVES DA BIBLIOTECA DO CETENS/UFBR

NOSSAS LIVES ESTÃO DISPONÍVEIS NO FACEBOOK DA BIBLIOTECA E NO YOUTUBE DO CETENS

biblioteca.cetens.18 **Comunicação.cetens**

UFBR
Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade

A ARQUEOLOGIA E O DIGITAL: ALGUMAS AÇÕES EXTENSIONISTAS

ARCHAEOLOGY AND THE DIGITAL: SOME EXTENSION ACTIVITIES

Alex da Silva Martire

Pós-doutorando em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
alexmartire@gmail.com.

Cleberon Henrique de Moura

Licenciando em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP).
cleberon.moura@usp.br.

RESUMO

Cada vez mais comum, o emprego de tecnologias digitais tem propiciado novas perspectivas para as pesquisas e fazeres em Arqueologia. Neste artigo, apresentamos as ações de extensão universitária realizadas pelo Grupo de Pesquisa CNPq Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas (ARISE), formado em 2017, no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). O grupo realiza diversas ações extensionistas, que também se materializam em uma ampla diversidade de dispositivos educacionais como textos, vídeos e jogos digitais. Assim, este artigo visa contribuir relatando um trabalho de divulgação de conhecimentos inovadores na Arqueologia sob uma perspectiva das Humanidades Digitais.

Palavras-chave: Cultura Material. Humanidades Digitais. Jogos Digitais. Extensão Universitária.

ABSTRACT:

Increasingly common, the use of digital technologies has provided new perspectives for research and practices in Archeology. In this paper, we present the dissemination and extension actions carried out by the CNPq Research Group Interactive Archaeology and Electronic Simulations (ARISE), formed in 2017 at the Museum of Archaeology and Ethnology at the University of Sao Paulo (MAE-USP). The group performs several extension activities, which also manifests themselves in a wide variety of educational and communication media such as texts, videos and digital games. Thus, this paper aims to contribute by reporting innovative dissemination works in Archaeology from a Digital Humanities perspective.

Key words: Material Culture. Digital Humanities. Digital Games. University Extension.

INTRODUÇÃO

Em diálogo com as dinâmicas sociais contemporâneas, as pesquisas no campo da Arqueologia têm envolvido o emprego de tecnologias e métodos digitais. Esta inovação tem trazido inúmeras inovações promissoras na área. É neste contexto, da Arqueologia vista sob a

perspectiva das Humanidades Digitais, que surgiu o ARISE, Grupo de Pesquisa CNPq - Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas.

Formado em 2017 no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), a proposta de suas pesquisadoras e pesquisadores é a de analisar a cultura mate-

rial existente dentro e fora dos jogos eletrônicos, bem como desenvolver ações de extensão universitária visando fomentar discussões com o público em geral, promover cursos, eventos e materiais de divulgação, além de produzir arqueojogos (jogos digitais com viés arqueológico). Neste artigo, apresentaremos uma visão geral destes esforços educativos e comunicativos, com ênfase na apresentação de um projeto de extensão que consiste em uma série de entrevistas com especialistas na intersecção entre Arqueologia, o Digital e temas correlatos.

METODOLOGIA

Dado o esforço do ARISE em realizar extensão universitária de forma ampla e diversificada em termos de mídias e suportes, aqui relatamos a criação e produção de diversos dispositivos desenvolvidos com base em conhecimentos teórico-metodológicos que abrangem diversas áreas, para além da Arqueologia.

Em termos gerais, os recursos e materiais produzidos pelo grupo envolvem conhecimentos de *Design Digital* (GUERRA; TERCE, 2020). No entanto, convém destacar que o desenvolvimento de arqueojogos ou análise de jogos digitais articula conhecimentos de *Ciberarqueologia* (FORTE, 2010) e *Archaeogaming* (REINHARD, 2018). As comunicações na forma de vídeo empregam conhecimentos de produção audiovisual, hospedagem e disponibilização *on-line* e gratuita desses conteúdos, e demanda ainda a construção de websites, que, por sua vez, envolve conhecimento da arte e ciência do *Web Design* (VEEN, 2001).

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Dentre essas atuações do ARISE, podemos citar os cursos abertos e gratuitos já realizados. No *website* do grupo¹, há uma seção exclusiva para esse tipo de conteúdo *on-line*. O curso “*Archaeology: uma Introdução à Programação R em Arqueologia*” é um dos primeiros cursos de programação em linguagem R voltados para a Arqueologia disponibilizados gratuitamente

na internet. Nele, são apresentadas as conceituações básicas do R, sua sintaxe própria e propostas de exercícios para aperfeiçoamento do que é ensinado. Do mesmo modo, o website conta com os únicos cursos on-line, até o momento, de Ciberarqueologia (área de estudos que dialoga Realidade Virtual com Arqueologia). “*Ciberarqueologia Prática: modelagem 3D e interatividade em tempo real*” foi, originalmente, ministrado no perfil do grupo existente na plataforma *Twitch*, ao vivo, em forma de transmissão de *live*. Esse curso visa a introdução ao mundo 3D a partir da modelagem utilizando o *software Blender*, bem como a programação em linguagem C# do *software Unity* (motor gráfico responsável por gerar a interação do usuário com o ambiente virtual em tempo real). O curso “*Ciberarqueologia Teórica*” é formado por nove aulas sobre a História da Cibernética e sua aplicação no mundo atual: o intento do curso é o de apresentar a teoria existente por trás da Ciberarqueologia. Os cursos de teoria e prática contam com textos de apoio exclusivos que fazem parte do repositório on-line criado para a disciplina ministrada no MAE-USP denominada “ARQ5102 - Introdução prática à Ciberarqueologia: Modelagem 3D e Interatividade em tempo real”. Por fim, destacamos o curso de difusão “*Arqueologia dos Jogos - escavando a cultura material na Era do Atari*”, vinculado à USP, que recebeu mais de sessenta alunos em cada um dos seus quatro dias de execução: o conteúdo deste curso versou sobre a História do início dos videogames, bem como os impactos sociais e econômicos na sociedade estadunidense da década de 1970. Os cursos, por serem gratuitos e disponibilizados on-line, vão ao encontro da proposta extensionista do ARISE de divulgar o conhecimento sobre jogos e Arqueologia para o público acadêmico e, principalmente, não acadêmico.

Outra vertente na qual o grupo atua, como mencionado, é a produção de arqueojogos. Essa categoria de jogos digitais pertence ao campo de estudos denominado *Archaeogaming*: termo cunhado por Andrew Reinhard (2018), que estabelece os jogos como artefatos arqueológicos, ou seja, como objetos munidos com agência sobre nosso mundo. Segundo

¹ Ver: www.arise.mae.usp.br.

essa área de pesquisa, os jogos podem trazer informações importantes sobre relações sociais, políticas e econômicas a partir de uma visão interna do jogo (aspectos de jogabilidade, cenários, narrativas etc.) e, também, fatores externos ao jogo em si (a mídia física, eventos de cosplayers, número de vendas de unidades, descarte de lixo eletrônico, entre outros).

O ARISE desenvolveu o seu primeiro jogo, denominado “Sambaquis - Uma História antes do Brasil”, entre os anos de 2017 e 2019. Este arqueojogo é um dos primeiros do país a lidar com a cultura sambaquieira (muito presente no litoral do Brasil todo) de modo interativo, permitindo ao usuário navegar pela paisagem costeira do país pré-colonial enquanto interage com personagens que incumbem o jogador com a tarefa de coletar os recursos necessários para a realização de um rito funeral ao final do dia sobre o monte de conchas do lugar (o sambaqui em si). O jogo, distribuído gratuitamente no website do grupo², teve seu lançamento oficial na cidade de Tubarão, em Santa Catarina, em evento próprio da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); universidade local envolvida nessa produção. Na ocasião, contamos com visitas de escolas públicas e particulares da região, recebendo retornos muito positivos de alunas, alunos, professoras e professores quanto à utilização do jogo como meio de complementar os estudos sobre patrimônio histórico e arqueológico abordado em sala de aula. Do mesmo modo, fizemos o lançamento em São Paulo, na USP, e estabelecemos contato direto com a Secretaria da Educação do Estado. Este frutífero diálogo resultou na inserção de nosso jogo como material sugerido oficialmente pela Secretaria no “Caderno de Alunos” da disciplina de História.

Desse modo, o ARISE também tem contribuído diretamente com as escolas de São Paulo - e do Brasil - ao produzir e distribuir gratuitamente um jogo digital (arqueojogo) centrado em vestígios encontrados em sítios arqueológicos, tendo sido desenvolvido exclusivamente por

arqueólogas e arqueólogos. Para além do jogo dos Sambaquis, neste momento, o grupo tem estado à frente do desenvolvimento de um jogo sobre o Engenho dos Erasmos, na cidade de Santos, em parceria com a Cátedra Jaime Cortesão da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), e também um arqueojogo sobre arqueologia antártica, em parceria com o Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (LEACH), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Além dos cursos e jogos acima elencados, o ARISE tem se preocupado em ofertar ao público uma série de entrevistas com especialistas em Arqueologia Digital e temas correlatos, em âmbito nacional e internacional, que serão pormenorizadas a seguir. Essas entrevistas foram realizadas remotamente, por meio de plataformas do tipo *meeting*³, e são disponibilizadas gratuitamente de forma on-line no YouTube (com tradução para a língua portuguesa a fim de garantir uma ampla divulgação de conhecimentos). Este projeto encontra-se em andamento, mas já totaliza 12 entrevistas disponibilizadas⁴.

Na primeira entrevista da série, trazemos uma conversa sobre *Archaeogaming* com Andrew Reinhard. O arqueólogo ficou amplamente conhecido após seu trabalho de escavação dos cartuchos de jogos da Atari, em 2014, em Alamogordo, cidade do estado Novo México, nos Estados Unidos. De maneira pioneira, publicou o livro intitulado *Archaeogaming: an introduction to archaeology in and of video games* (REINHARD, 2018). O entrevistado conversa de forma descritiva e propositiva sobre o *Archaeogaming* enquanto uma dupla possibilidade metodológica que considera uma arqueologia dos e nos jogos digitais.

A entrevista com Espen Uleberg, gerente administrativo do Museu de História Cultural da Universidade de Oslo, na Noruega, discorre sobre a documentação digital do patrimônio histórico em seu país. Ao tratar de virtualização para fins de documentação e divulgação

² Disponível em: <http://www.arise.mae.usp.br/sambaquis/>.

³ A exemplo do Google Meet e Zoom.

⁴ A playlist dos vídeos destas entrevistas está disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLHiEDAGxUChsFEA5RueBie8koBH2DSuK7>.

patrimonial em museus, o entrevistado provoca a interpretação de documentos e dados digitais arqueológicos não apenas enquanto resultados de pesquisas mas, também, como ativos comunicacionais e educacionais. A entrevista divulga um conhecimento empírico sobre patrimônio digital baseado na experiência da Noruega, mas que subsidia possíveis análises e reflexões comparativas com a realidade arqueológica e museológica brasileira ou mesmo de outros países.

Outra entrevista realizada, foi com o professor Maurizio Forte, da Universidade de Duke, nos Estados Unidos, fundador do DIG@LAB⁵. Em 2010, editou o volume da BAR International Series "*Cyber-Archaeology*" (FORTE, 2010). Nesta entrevista, o tema que dá o tom da conversa é Ciberarqueologia, que articula Arqueologia e Realidade Virtual. O pesquisador traz uma ampla discussão na qual elucida uma importante diferenciação entre Ciberarqueologia e Arqueologia Virtual, interpretando esta última como passiva (FORTE; SILIOTTI, 1997).

John Aycock, cientista da computação e professor da Universidade de Calgary, no Canadá, é outro entrevistado do ARISE. Neste caso, a conversa é sobre *Retrogame Archeology*, que envolve métodos de engenharia reversa e conhecimento de programação de baixo nível na análise de videogames de décadas atrás. O pesquisador faz ainda um paralelo metodológico entre a engenharia reversa e a Arqueologia, bem como também a devida distinção entre *Retrogame Archeology* e *Archaeogaming*. Aycock é referência neste tema, tendo publicado o livro *Retrogame Archeology: exploring old computer games* (AYCOCK, 2016).

Pesquisador da Universidade do Norte de Illinois, nos Estados Unidos, David J. Gunkel é outro especialista que compõe nosso grupo de entrevistados. Em sua entrevista, Gunkel coloca em questão os direitos dos robôs, uma vez que os enxerga - e defende - como seres sencientes. O entrevistado é autor da obra *Robot rights* (GUNKEL, 2018).

Em sua entrevista, a pesquisadora Alice Gorman fala sobre Arqueologia Espacial. A autora

do livro *Dr Space Junk vs The Universe: Archaeology and the Future* (GORMAN, 2019) nos convida a pensar a tecnologia aeroespacial enquanto artefatos dotados de valor patrimonial - desde os locais de lançamento de foguetes, fábricas, laboratórios de pesquisa aeroespacial na superfície terrestre, até os objetos/lugares localizados na órbita da Terra, na Lua, em outros planetas e asteróides. A saber, estima-se que existam cerca de oito mil toneladas de material apenas na órbita terrestre. A arqueóloga discute ainda sobre as possibilidades e os limites dos conhecimentos e métodos arqueológicos tradicionais frente às demandas excêntricas da Arqueologia Espacial.

Outro entrevistado é o professor Angus Mol da Universidade de Leiden, na Holanda. Mol é o editor do livro *The interactive past: archaeology, heritage, and video games* (MOL, 2017) que discorre sobre Arqueologia e Patrimônio nos videogames. Nesta entrevista, o assunto é o projeto VALUE (*Videogames and Archaeology at Leiden UnivErsity*), que atualmente consolidou-se sob o estatuto de fundação - projeto que, aliás, foi bastante inspirador para a criação do ARISE. A conversa se desenvolve em torno de como trabalhar articuladamente videogame, História e Arqueologia, discutindo potenciais e dificuldades desta articulação sob um viés educativo.

Ainda sobre a relação entre História e *games*, como os jogos representam o passado, nosso entrevistado é o professor de História Medieval na Universidade de Winchester (Inglaterra) Robert Houghton. O entrevistado também é consultor da série de jogos *Crusaders King*, publicados pela *Paradox Interactive*, experiência que ele relata detalhadamente nessa conversa, apontando paralelos com o fazer historiográfico e arqueológico. Discute ainda sua pesquisa sobre os impactos de jogos históricos para alunos de graduação.

Outra entrevista é com o professor Shawn Graham, da Universidade de Carleton, no Canadá. A conversa se desenvolve em torno de temas como Humanidades Digitais e ABM (Modelagem Baseada em Agentes), e como esta última pode prestar-se aos interesses e

² Disponível em: <http://www.arise.mae.usp.br/sambaquis/>.

demandas da Arqueologia. O entrevistado discorre ainda sobre os desafios financeiros e operacionais para trabalhar, a longo prazo, com grandes volumes de dados digitais (*big data*) em Arqueologia. Autor do livro *Failing Gloriously and Other Essays* (GRAHAM, 2019), o pesquisador discorre também sobre a importância de lidarmos com as falhas e fracassos ao empreender inovações.

No que diz respeito a pesquisas realizadas em instituições brasileiras, temos a entrevista realizada com os pesquisadores do Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (LEACH)⁶ da UFMG Andrés Zarankin e Fernanda Codevilla, na qual eles falam sobre o emprego da Arqueologia Digital no projeto internacional e interdisciplinar “Paisagens em Branco: Arqueologia e Antropologia Antárticas” (ZARANKIN et al., 2011). Conversam sobre as vantagens e desafios das ferramentas digitais para otimização da coleta de dados em campo, especialmente porque as condições climáticas extremas daquele local inviabilizam o uso de muitas ferramentas tradicionais e limitam muito o tempo efetivo de pesquisa de campo. Discutem também os potenciais e desafios do emprego de tecnologias nas ações de mediação no âmbito da Arqueologia Pública que realizam.

Camila de Ávila é outra pesquisadora brasileira entrevistada na série. Fala sobre sua pesquisa de doutorado na qual aplica conhecimentos teórico-metodológicos da *Archaeogaming* e Arqueologia das Mídias ao investigar regimes de memória e práticas criativas presentes na cultura de mídia, especialmente com foco no estudo de jogos digitais. Uma parte da entrevista é ainda dedicada a uma explanação sobre o conceito de tecnocultura, que versa sobre a

imbricação entre cultura e técnica.

Há ainda a entrevista com a arqueóloga brasileira Carolina Machado Guedes, na qual ela fala sobre o potencial do uso de *big data* e visão computacional na Arqueologia em contexto de sítios rupestres. A pesquisadora conversa ainda sobre virtualização 3D a partir de fotogrametria digital de sítios e artefatos arqueológicos pertencentes à Grécia Antiga. Por fim, apresenta uma diferenciação entre os conceitos de restauro e reconstrução virtuais.

CONCLUSÃO

Dado o que foi apresentado até aqui, pretendemos contribuir ao compartilhar a empiria de uma forma de mobilização de um grupo de pesquisa (ARISE) que busca contribuir com a extensão universitária articulando diferentes mídias, redes e conteúdos no que diz respeito à Arqueologia e sua abordagem a partir da perspectiva das Humanidades Digitais. Buscasse, assim, promover uma divulgação do digital e do virtual na Arqueologia enquanto método, mas também enquanto objeto de investigação.

Em síntese, nota-se que se trata de um esforço de comunicação no sentido de construir parcerias e conexões entre redes de interesses comuns como estratégia para promover a divulgação gratuita de conhecimentos teóricos e aplicados desenvolvidos no âmbito brasileiro e internacional.

⁶ Para saber mais, ver: <http://www.leach.ufmg.br>.

REFERÊNCIAS

- AYCOCK, John et al. **Retrogame Archeology**: exploring old computer games. New York: Springer, 2016.
- FORTE, Maurizio (ed.). **Cyber-Archaeology**. Oxford: Archaeopress, BAR, v. 2177, 2010.
- FORTE, Maurizio; SILIOTTI, Alberto (ed.). **Virtual Archaeology**: re-creating ancient worlds. New York: Harry N. Abrams, 1997.
- GORMAN, Alice. **Dr Space Junk vs the Universe**: archaeology and the future. Massachusetts, MIT Press, 2019.
- GRAHAM, Shawn. **Failing Gloriously and Other Essays**. Grand Forks: The Digital Press, 2019.
- GUERRA, Fabiana; TERCE, Mirela. **Design digital**: conceitos e aplicações para websites, animações, vídeos e webgames. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2020.
- GUNKEL, David J. **Robot rights**. Massachusetts: MIT Press, 2018.
- MOL, Angenitus A. A. et al. (ed.), **The interactive past**: archaeology, heritage, and video games. Leiden: Sidestone Press, 2017
- REINHARD, Andrew. **Archaeogaming**: an introduction to archaeology in and of video games. New York: Berghahn Books, 2018.
- VEEN, Jeffrey. **The art & science of web design**. San Francisco: New Riders, 2001.
- ZARANKIN, Andrés et al. Paisagens em branco: arqueologia e antropologia antárticas-avanços e desafios. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 5, n. 2, p. 11-51, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11876>. Acesso em: 03 jan. 2021.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA TESSITURA DE NARRATIVAS DE TERREIRO PARA LITERATURA INFANTOJUVENIL

EXPERIENCE REPORT ON THE FABRICATION OF TERREIRO NARRATIVES FOR CHILDREN'S LITERATURE

Thiago Leandro da Silva Dias

Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS) e Professor da Rede Pública do Estado da Bahia. thiagosankofa@gmail.com

Rogério Santos Souza

Mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas (UFRB) e Professor da Rede Municipal de Maragogipe (Bahia). rg.edu.souza@gmail.com

RESUMO

Considerando a potencialidade do uso de literatura infantojuvenil na perspectiva da educação das relações étnico-raciais em consonância com a legislação vigente, superando estereótipos e fortalecendo a referência de personagens negras (os), esforços vêm sendo mobilizados na concepção de narrativas, como os contos O cabelo que dava volta ao mundo, A vovó do mangue e as crianças do Angolá e O terreiro de vovó Estela, nosso pedacinho de África. O objetivo deste trabalho é relatar o processo de criação autoral dos contos e tessitura literária de narrativas com elementos de religiosidade afro-brasileira para o público infantojuvenil. Os produtos literários, assim como o fluxo de sua produção, foram concebidos em contexto de vivência profissional, religiosa e extensão universitária, e fortalecidos a partir do encontro de dois educadores, pesquisadores das relações étnico-raciais na educação e filhos de terreiros de Candomblé. A proposta é que as narrativas em questão sejam apresentadas em escolas e terreiros por meio de contação de histórias.

Palavras-chave: Produção literária. Relações étnico-raciais. Religiosidade de matrizes africanas.

ABSTRACT

Considering the potential of the use of children's literature in the perspective of the education of ethnic-racial relations in line with current legislation, overcoming stereotypes and strengthening the reference of black characters, efforts have been mobilized in the design of narratives, such as stories O hair that gave back to the world, The grandmother of the mangrove and the children of Angolá and Grandmother Estela's yard, our little piece of Africa. The aim of this work is to report the process of authoring stories and literary fabrication of narratives with elements of Afro-Brazilian religiosity for children and adolescents. The literary products, as well as the flow of their production, were conceived in the context of professional, religious and university experience, and were strengthened by the meeting of two educators, researchers of ethnic-racial relations in education and children of Candomblé terreiros. The proposal is for the narratives in question to be presented in schools and terreiros through storytelling.

Keywords: Literary production. Ethnic-racial relations. African-matrix religiosity.

INTRODUÇÃO

A partir da definição de texto literário como um diálogo antagonístico de vozes de diferentes estratos sociais, sujeito a processos de ocultação/desocultação de vozes (NOA, 2009), parece-nos importante, necessário e legítimo pensar formas de trazer à tona e reverberar a diversa produção literária africana e afro-brasileira, no sentido de desocultação das vozes silenciadas dos (as) subalternizados (as) e oprimidos (as), afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica (EVARISTO, 2009).

Além de toda produção literária negra e afro-brasileira, destacamos a literatura infantojuvenil como importante forma de desocultação, de restituição de linguagem, de vozes reprimidas e omissas, por ser destinada genuinamente para educação de crianças e jovens, nosso futuro e esperança de emancipação - gente e ambiente férteis para formação e cultivo de valores, atitudes e práticas tão necessárias para restituir, recriar, respeitar e valorizar as vozes de negros, negras e outros sujeitos subalternizados no Brasil.

Esse movimento de desocultação na educação é hoje instituído legalmente pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08. Segundo essa legislação, os conteúdos referentes à História e Cultura africana, indígena e afro-brasileira devem ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, configurando-se enquanto demanda para todas as áreas do conhecimento, além de envolver a articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas e movimentos sociais (BRASIL, 2009).

Diante de tal realidade, é urgente a necessidade de nos atentarmos, ainda mais, para a produção literária destinada às crianças e aos jovens do nosso país (OLIVEIRA, 2014). Tal atenção requer um olhar mais crítico e menos ingênuo sobre a referida produção, como reitera a autora:

A partir do pressuposto de que a literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea apresenta personagens negros não mais reduzidos a papéis secundários e/ou à inferiorização, estamos levando em conta a possibilidade de

ressignificação e valorização na tessitura literária, ao delinear-los em diversos papéis e/ou espaços sociais, sem os restringir a uma África e/ou diáspora cujo império é o da pobreza, da criminalidade, das disputas e consequente desumanização (p. 146).

É nesse fluxo literário que encontramos uma gama de produções sobre Áfricas e Diásporas no âmbito da literatura infantil e juvenil (OLIVEIRA, 2014). Tais produções podem ser utilizadas como recurso didático para estimular diversos processos de ensino e aprendizado, com incentivo à leitura, escrita e levando-se em consideração as variadas nuances da alfabetização e os parâmetros curriculares em questão.

Imerso nesse fluxo, no entanto, encontramos ainda algumas obras que reforçam ideários racistas, infelizmente. Nesse tocante, Maria Anória Oliveira (2014) chama a nossa atenção para a necessidade de efetivarmos um estudo criterioso dos materiais didáticos que abordem a temática das relações étnico-raciais, da história e cultura africana e afro-brasileira. No âmbito geral da educação, alguns autores também nos alertam sobre a implementação equivocada das Leis 10.639/03 e 11.645/08 em contextos de ensino. Por exemplo, temos o estudo de Santana et al (2010) que a partir dos dados empíricos obtidos em uma pesquisa, defendem a tese de que a implementação, que hoje se dá na disciplina de Artes para as séries iniciais do município analisado, pode ser caracterizada como uma *folclorização* racista, cujas consequências alimentam a afirmação do preconceito ao invés de seu combate.

Dito isso, e considerando a potencialidade do uso de literatura infantojuvenil na perspectiva da educação das relações étnico-raciais em consonância com a legislação vigente, superando estereótipos e fortalecendo a referência positiva de personagens negros (as), esforços vêm sendo mobilizados na concepção de narrativas, como os contos *O cabelo que dava volta ao mundo* (SOUZA et al, 2017a), *A vovó do mangue e as crianças do Angolá* (SOUZA, não publicado) e *O terreiro de vovó Estela, nosso pedacinho de África* (DIAS; SOUZA, não publicado). A perspectiva desse trabalho é então relatar o processo de criação autoral e tessitura literária de histórias e personagens negros (as),

com elementos de religiosidade afro-brasileira, para o público infantojuvenil. Os produtos literários, assim como o fluxo de sua produção, foram concebidos em contexto de vivências e implicações pessoais, profissionais e religiosas, e fortalecidos a partir do encontro de dois educadores, pesquisadores das relações étnico-raciais na educação e filhos de terreiros de Candomblé, no âmbito de um Curso de Pós-graduação. Envolve assim uma etapa da ação extensionista que propõe narrativas colaborativas a serem contadas em escolas e terreiros.

ENCONTROS E CONFLUÊNCIAS NA COMPOSIÇÃO DAS NARRATIVAS

O marco inicial da composição dos produtos de literatura infantojuvenil afro-brasileira que apresentamos, advém da experiência exitosa de um dos autores, Rogério Santos Souza, que ao longo da sua trajetória como educador e pesquisador engajou-se na Educação Infantil, mais especificamente nas discussões acerca da (re)construção de identidade étnico-racial de crianças negras por meio da contação de histórias. No Programa de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), percebeu a possibilidade de produzir algum aparato/material pedagógico que pudesse, em alguma medida, minimizar as situações de discriminação, de racismo e de fragilização da identidade de crianças negras no ambiente escolar infantil (SOUZA, 2017b).

O material produzido foi um livro infantil resultado de encontros de formação continuada com professoras(es) do Recôncavo da Bahia. Nas atividades desenvolvidas destas formações, foram construídos dez contos. Todas as histórias foram compartilhadas em rodas de contação com crianças da Escola Municipalizada Juvenil de Oliveira, em Maragogipe. A seleção da história que seria materializada em livro infantil atendeu à solicitação do corpo docente da referida escola, que apresentava um quadro desfavorável às meninas negras, principais vítimas de preconceito e/ou discrimina-

ção racial no contexto da sala de aula. O conto selecionado foi produzido pelas (os) professoras (es) participantes em uma oficina realizada no Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB, no âmbito do projeto *Ilê de Memórias: as histórias que escolhemos contar*, coordenado junto ao Laboratório de Ensino de História do Recôncavo da Bahia (LEHRB). Assim nasceu o conto *O cabelo que dava volta ao mundo*, com autoria de Janete Marques, Laura Catarina Pereira, Keity Anne Ferreira e Rogério Souza.

A grande repercussão desse trabalho visibilizou não só o produto, mas a importância de tessitura de personagens negras (os) para o público infantojuvenil. Foi a partir dessa experiência pioneira e inspiradora que, no âmbito do Curso de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Raciais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), nós tivemos o primeiro contato e encontro, dando início à possibilidade criativa de histórias e recursos didáticos, estímulo reforçado por uma das linhas de pesquisa do referido programa.

O outro autor, Thiago Dias, também havia se dedicado na produção de recursos didáticos na perspectiva das Leis 10.639/03 e 11.645/08, quando participou da montagem colaborativa e avaliação de uma exposição educativa sobre a história de construção do conceito de raça pelas ciências naturais (DIAS, 2017), no âmbito do Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Seu trabalho na pesquisa e na docência remete ao engajamento de inserir no ensino de ciências os conhecimentos e saberes dos povos tradicionais, reconhecendo a legitimidade e valorizando-os enquanto alicerces da própria produção científica ocidental.

A partir de então, fomos chamados a assumir o compromisso pessoal/profissional/religioso e produzir algo significativo no âmbito da literatura afro-brasileira para crianças e jovens e também para avaliar a narrativa tecida através de uma pesquisa de recepção literária (DIAS, 2019). Os diálogos avançaram nessa perspectiva, a amizade foi fortalecida e a irmandade consolidada com o processo de (re)descoberta de laços ancestrais através do culto à *Òrìsà*. O vínculo com a religiosidade foi, assim, a tônica

da produção dos contos *A vovó do mangue e as crianças do Angolá* e *O terreiro de vovó Estela, nosso pedacinho de África*. O primeiro, construído por Rogério e o segundo concebido pelos dois autores.

A dinâmica, quase intuitiva, da produção do conto *O terreiro de Vovó Estela, nosso pedacinho de África* se deu a partir de uma maneira pouco provável para nós, escritores iniciantes, de contar (escrever) uma história. Desafiemo-nos a escrever individualmente trechos do conto e na medida que se concluída uma ideia passava-se o texto para o outro autor que daria continuidade à história. Muitas vezes, ao reencontrar o texto, percebíamos que o outro autor, a partir de suas perspectivas e vivências, mudava a rota da escrita, deixando como fio dessa costura o desafio ao colega que deveria continuar tecendo e/ou construindo um novo trajeto para a história cada vez que reencontrava o texto.

Assim, à medida que cada um se colocava no texto, permitia ao outro conhecer sua percepção e, conseqüentemente, suas experiências enquanto sujeito, educador e adepto do candomblé, ao tempo que permitia o privilégio de entrecruzar essas diferentes trajetórias pessoais, acadêmicas e religiosas.

Nessa dinâmica de (re)construir a história a quatro mãos, duas formas de ver/viver o mundo e um único objetivo, nos permitimos a possibilidade de costurar nossas narrativas pessoais em um texto que contempla aspectos comuns ao nosso compromisso de contribuir para a construção de uma educação antirracista e, conseqüentemente, uma sociedade mais equânime, dialógica, de respeito e empatia com as diferenças e diversidades.

COSMOVISÃO DAS RELIGIOSIDADES DE MATRIZES AFRICANAS NA TESSITURA LITERÁRIA

Nas três narrativas concebidas coexistem elementos de religiosidade de matrizes africanas, numa tentativa de combate à supremacia branca, cristã e eurocêntrica presentes no

histórico da produção literária mundial, tendo em vista as estatísticas que retratam um crescente número de episódios de intolerância e racismo contra religiosos (as) de matrizes africanas. Embora o direito à crença religiosa esteja previsto no Art. 5º da Constituição Federal Brasileira, e ratificado no Estatuto da Igualdade Racial, a Secretaria Estadual de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI) da Bahia, registrou, até o mês de agosto de 2018, o número de 29 denúncias de crimes de ódio e intolerância religiosa, o que equivale a pouco mais de três casos por mês. O estado da Bahia tem registrado um total de 135 casos de ódio religioso entre os anos de 2013 e 2018. Embora seja um crescente número de casos desses crimes, os dados ainda não refletem a realidade vivenciada por terreiros e seguidores de religiões de matrizes africanas, tendo em vista que muitas ocorrências não são registradas.

Dessa maneira, acreditamos que trabalhando a mitologia dos Òrisà, com toda a simbologia que lhe é conferida, a partir de um trabalho pertinente, consciente e engajado com a literatura para crianças e jovens, é possível contribuir com a reconstrução do imaginário social, no que se refere à negritude e à religiosidade de matriz africana, partindo inicialmente da figura da criança, pensando um projeto de construção de novas óticas para a compreensão do mundo, sobretudo dos referenciais culturais da nação brasileira (GOMES JR, 2012).

É nesse ínterim, que comunicamos nesse trabalho a tessitura e oferta de narrativas literárias infantojuvenis com elementos que permeiam a cosmovisão africana e, mais especificamente, a religiosidade africana e afro-brasileira. Como nos alerta Salloma Salomão (2002), é preciso estar atento a outros aspectos das relações étnico-raciais na sociedade brasileira, quando se quer desocultar as faces da violência simbólica. Na sua pesquisa, o autor chama atenção para o outro lado do fenômeno de dominação a que foram submetidos os africanos na diáspora, quais sejam, as infinitas formas encontradas para resistir e sobreviver individual e coletivamente, mesmo na iminência do massacre real ou simbólico.

Nesse sentido, o fluxo analítico indicado por Salloma conflui para percepções de outras

narrativas, leituras e abordagens, sensíveis e desconstrutivas, sobre os (as) africanos (as) e afro-brasileiros (as) para além dos equívocos, estereótipos e desconhecimentos; trazendo outras referências do processo de diáspora, que não sejam àquelas vinculadas aos papéis sociais e culturais estigmatizados e engessados, postos pelo tráfico transatlântico. É trazer à tona as formas de luta e transgressão, as concepções de mundo e filosofia, suas alteridades, religiosidades e noções de pertencimento. Seguimos assim, esse fluxo decolonial na análise e tessitura de personagens negras (os) e de outras histórias que subvertam a ordem eurocêntrica, colonial e racista, para o público infantojuvenil.

O primeiro conto apresenta a história de Sol, “[...] uma menina negra, de olhos marrons e cabelos pretos e brilhantes, como uma linda noite, que pareciam dar a volta ao mundo” (SOUZA et al, 2017a). A história que nos convida a um passeio ao universo da ludicidade, permite importantes reflexões acerca do fortalecimento da autoestima, a partir da imagem positiva de crianças negras. A maior vontade de Sol era ir à escola com seus volumosos cabelos soltos e livres. Seu desejo era tamanho que ela sonha com uma senhora “bem velhinha, com cabelos bem branquinhos, que pareciam dar volta ao mundo, crespos e volumosos como os seus”, que reforça a beleza de Sol diante do mundo e estimula a pequena a usar seus cabelos como bem entender. A senhora se apresenta em sonho como Dona Nanã, e folheando o álbum de fotografias da sua família, Sol a reconhece como sua avó materna.

O conto *A vovó do mangue e as crianças do Angolá* narra a história de dez crianças que se perdem no manguezal, cada uma delas, a partir de suas características e arquétipos, corresponde a um *Òrìsà*. O texto apresenta a relação desse imaginário como elemento fundador da relação que as crianças estabelecem com a natureza. Angolá é uma comunidade quilombola do Recôncavo da Bahia, e as crianças que lá residem

[...] cresceram ouvindo os mais velhos contar os mistérios e as maravilhas encontradas no mangue. Contam que uma velhinha, chamada por alguns de Vovó do Mangue e por outros de Velha Nanã, protegia todo o manguezal e para

que ninguém se perca no mangue deveriam ofertar algumas coisas à velhinha em agradecimento pela proteção e por oferecer tantos alimentos (SOUZA, não publicado).

A narrativa se constrói a partir da reunião dessas crianças (erês) em torno de uma velha e bonita árvore de mangue “que parecia abraçar todo o manguezal”. Jana, Lírio, Mel, Zé, Jorginho, Palhinha, João, Bárbara, Barrinha e Toinho encontram cada qual uma forma de aliviar ou suavizar o inconveniente de estarem perdidos no meio do manguezal e enaltecem o que de mais singelo existe na natureza sagrada representada pelo arquétipo dos *Òrìsà*. O retorno dos erês aos seus familiares ocorre depois de uma mobilização das mães que entendem a importância de respeitar o mangue e realizam uma oferenda à velha *Nàná*, suplicando:

[...] velha que protege o mangue, a criação aqui. Peixes, crustáceos e moluscos de águas salobras que deságua em mim, agô, desculpa por não pedirmos licença para entrar em sua casa. Prometemos cuidar de nosso manguezal e replantar árvores de mangue vermelho, mangue saraíba e mangue branco para manter vivo o nosso mercado a céu aberto. Nos perdoe! (SOUZA, não publicado)

O conto intitulado *O terreiro de vovó Estela*, nosso pedacinho de África, aborda a história de Luanda e sua avó Estela que guarda em seu quintal folhas que curam a partir de rezas, chás, banhos e defumações. Luanda compartilha essas histórias na escola depois de ter se curado de uma grande dor, e todos vão ao terreiro/quintal da avó para conhecer o segredo dessas folhas sagradas e ouvir histórias sobre ancestralidade africana e preservação da natureza. O conto aborda ainda questões como racismo religioso, musicalidade e diáspora, imbricando mitologia, religiosidade e valores de matrizes africanas:

[...] Vovó caminhava pelo quintal, por entre as plantas procurando as folhas e cantando com voz doce feito maçã do amor: ‘sem folha não tem sonho. Sem folha não tem vida. Sem folha não tem nada’. E, depois de separar as folhas, me rezou. Depois me deitou numa cama de folhas e preparou um chá com algumas ervas medicinais. As dores foram aliviando, aliviando até eu dormir [...] (DIAS; SOUZA, 2019).

O fragmento cantado por vovó Estela faz parte da música “Salve as Folhas” de Gerônimo Santana e Ildásio Tavares, e representa, dentre outras questões, a centralidade que as plantas possuem para as religiões de matrizes africanas: Kosi Ewe Kosi Orisa (sem folha não há Orixá).

No Candomblé, o conhecimento das plantas é iniciático e essas estão presentes em variados momentos ritualísticos. Nós, povo de santo, conversamos e cantamos para elas, com cantigas específicas para tal (orin ewé). Em O segredo das Folhas: Sistema de Classificação de Vegetais no Candomblé Jeje-Nagô do Brasil (1993), o autor Flavio de Barros esclarece que a palavra cantada ou falada assume um papel relevante: ela é portadora e desencadeadora de axé. Assim, as cantigas de folha são uma forma especial de despertar o axé potencial das espécies vegetais. Como destaca Silva (2002, p. 465), “musicalidade é um conceito que pretende alcançar, não o evento musical em si, mas toda a cultura que o desencadeia, talvez indo mais longe do que apreender o efeito que causa no aparelho auditivo”. Essa leitura sonora para além dos tímpanos é contextualizada e também está representada no conto a partir dos diálogos estabelecidos com Vovó Estela durante a visita das crianças:

[...] - Já que estamos falando de plantas medicinais, de saúde, de folhas que curam, vou contar uma linda historinha. É a história de Ossain, o Orixá das folhas. Em outro momento, se vocês quiserem, podem voltar e contarei outras histórias, de outras divindades da África e encantados do Brasil. Reflete e prossegue Dona Estela:

- Ewê ô! Agô, Ossain. Saudou e continuou:

- No candomblé em geral, para usar qualquer folha e ativar sua energia, todos precisam saudar Ossain e pedir sua licença.

Falou dona Estela enquanto retirava uma folha de um pé de planta que crescia espontaneamente pelo seu terreiro [...] (DIAS; SOUZA, 2019).

Esse diálogo, e todo conjunto da obra, ratifica a importância de um movimento de desoculta-

ção na educação, de descolonização dos saberes e de trazer outros olhares, vivências, sons e imagens sobre África e Diáspora, sobre oralidade, sonoridade e corporeidade, para dentro da sala de aula e outros espaços de sociabilidades educativas. Diante de tal realidade, faz-se necessário que validemos as produções literárias negras destinadas às crianças e aos jovens brasileiros, tendo em vista o fluxo literário relacionado às Áfricas e às Diásporas no âmbito da literatura para o grupo infanto-juvenil (OLIVEIRA, 2014). Tais produções podem ser utilizadas como recursos didáticos estimuladores da construção do conhecimento, com incentivo à escrita, leitura, bem como ao processo de (re) construção da identidade étnico-racial.

PROJEÇÃO E DIFUSÃO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL EM ESCOLAS E TERREIROS

O crescimento das narrativas que incluem o negro e sua visão de mundo como sujeitos da História do Brasil, e não como objeto ou vítima, é um passo transformador (MUNANGA, 2013). Passados dezoito anos da promulgação da lei 10.639/03 que obriga o ensino de história da África e dos africanos nas escolas brasileiras, ainda se encontram barreiras no processo de sua efetiva implantação. Uma destas barreiras é o ainda pequeno número de materiais para embasar os profissionais da educação, acerca das realidades históricas das sociedades do continente africano e da diáspora.

A proposta é que, a longo prazo, as narrativas em questão sejam apresentadas em escolas e terreiros de Candomblé, por meio de contação de histórias e oficinas de desenho criativo para crianças e jovens, subsidiando a criação das imagens que servirão como ilustrações dos contos e elementos para configurá-lo enquanto livro literário a ser publicado e distribuído nas escolas e terreiros, almejando o reconhecimento e revalorização da herança cultural africana a partir da escrita e leitura literária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: SECAD; SEPRIR, jun. 2009.

BARROS, J. F. P. **O segredo das Folhas**: Sistema de Classificação de Vegetais no Candomblé Jeje-Nagô do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

DIAS, T. L. S. **Ciência, Raça e Literatura**: as contribuições de uma exposição itinerante para educação das relações étnico-raciais. Dissertação (Mestrado - Ensino, Filosofia e História das Ciências), Universidade Estadual de Feira de Santana, 2017.

DIAS, T. L. S. **O terreiro de vovó Estela, nosso pedacinho de África**: tessitura e avaliação de um produto literário infantojuvenil. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos Étnicos e Raciais), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Salvador, 2019.

DIAS, T. L. S.; SOUZA, R. S. **O terreiro de vovó Estela, nosso pedacinho de África**, 2019.

EVARISTO, C. **Literatura negra**: uma poética de nossa afrobrasilidade. In: SILVA, D. A.; EVARISTO, C. (Org.). **Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiros, africano e da diáspora africana**. Editora URI, 2011, pp. 131-146.

GOMES JR., J. L. **Mitologia Yorubá e a Literatura para Crianças e Jovens**. Anais do SILIAFRO. v. 1, n. 1, EDUFU, 2012.

MUNANGA, K. **Novos olhares sobre a diáspora africana**. Entrevista à jornalista Cândida Canêdo no 2º Festival de História, 2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/novos-olhares-sobre-diaspora-africana/>>. Acesso em: jun 2017.

NOA, F. **As falas das vozes desocultas**: a literatura como restituição. In: GALVES, C. et all (Org.). **África-Brasil: caminhos da língua portuguesa**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, pp. 85-100.

OLIVEIRA, M. A. de J. **Áfricas e diásporas na literatura intanto-juvenil no Brasil e em Moçambique**. Salvador: EDUNEB, 2014.

SANTANA, J.; BAIBICH-FARIA, T. M.; PESSOA, C. F. A Lei nº 10.639 e a Folclorização Racista. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v. 2, n.3, 2010.

SILVA, S. S. J. da. **Memórias sonoras da noite**: vestígios de musicalidades africanas no Brasil nas iconografias do Século XIX. Rede História da PUC/SP, 2002.

SOUZA, R. S. (org.). **O cabelo que dava volta ao mundo**. Livro infantil (Laboratório de Ensino de História do Recôncavo da Bahia, UFRB, 2017a.

SOUZA, R. S. **Diálogos Pedagógicos com Professoras(es) da Educação Infantil**: Subsídios Metodológicos para o uso da Contação de Histórias como Mecanismo Auxiliar na (Re)Construção da Identidade Étnico-Racial. Cachoeira, 2017b.

PROJETO INTERAÇÃO, CINECLUBE COM A ANIMAÇÃO “QUE EXPLORAÇÃO É ESSA?”: COMBATE AO ABUSO E À EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

INTERACTION PROJECT, FILM CLUB WITH THE ANIMATION “WHAT IS THIS EXPLORATION? COMBATING SEXUAL ABUSE AND EXPLOITATION OF CHILDREN AND ADOLESCENTS

Danilo Ferraz Nunes da Silva

Mestre em Direito pela Instituição Toledo de Ensino. Coordenador de atividades de extensão e de monitoria, do Curso de Direito, da Faculdade Evangélica de Rubiataba. E-mail: <danilo.nunesdasilva@hotmail.com>.

Maura Sousa da Silva de Paula

Mestre em Administração pela Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais. Coordenadora de atividades de extensão e de monitoria, do Curso de Administração, da Faculdade Evangélica de Rubiataba. E-mail: <maura.paula@fer.edu.br>.

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência do projeto extensionista: Projeto InterAÇÃO, Cineclube com a animação “Que exploração é essa?”: Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Tratou-se de um cineclube com alunos do ensino médio, através da animação, Que exploração é essa? O referido cineclube realizou-se no dia 17/05/2019 e compreendeu a transmissão da referida animação e seminário a respeito de dignidade sexual infantojuvenil, ministrado por um professor e por uma aluna, do Curso de Direito. O assunto do trabalho de extensão foi o combate à violência sexual infantojuvenil. Atividade congruente com 18 de Maio: Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. A justificativa compreende a interpretação de que as Instituições de Ensino Superior, como norte na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, têm responsabilidade social com a proteção aos valores e às normas fundamentais estabelecidos na Constituição brasileira e podendo fazê-lo por meio de atividades em que interajam acadêmicos do ensino superior com alunos do ensino médio. A atividade suscitou interação entre a Faculdade Evangélica de Rubiataba e alunos do ensino médio, estendendo conhecimentos a respeito da dignidade da pessoa humana e do crime de estupro de vulnerável.

Palavras-chave: Dignidade sexual. Menores de quatorze anos. Estupro.

ABSTRACT

It is an experience report of the extensionist project: InterACTION Project, film club with the animation “What is this exploration”? Combating Sexual Abuse and Exploitation of Children and Adolescents. It was a film club with high school students, through the animation What is this exploration? The referred film club was held on 05/17/2019 and included the transmission of that animation and seminar on child and youth sexual dignity, taught by a teacher and a student, of the Law Course. The subject of the extension work was the fight against child and adolescent sexual violence. “Activity congruent with May 18”. “National Day Against Child and Adolescent Abuse and Sexual

Exploitation". The justification includes the interpretation that Higher Education Institutions, as a guide in the indissociability between teaching, research and extension, has social responsibility with the protection of values and the fundamental norms established in the Brazilian Constitution and being able to do so through activities that interact higher education students with elementary and high school students. The activity raised interaction between the Evangelical College of Rubiataba and high school students, extending knowledge about the dignity of the human person and the crime of rape of the vulnerable.

Keywords: Sexual Dignity. Under Fourteen Years of Age. Rape.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho descreve o projeto extensionista: *Projeto InterAÇÃO, Cineclube com a animação "Que exploração é essa?: Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes*.

Tratou-se de um cineclube com alunos do ensino médio, da cidade de Rubiataba-GO, por meio da animação, *Que exploração é essa?* O referido cineclube realizou-se no dia 17/05/2019 e compreendeu a transmissão da referida animação e seminário a respeito de dignidade sexual infantojuvenil, ministrado por um professor e por uma aluna, do Curso de Direito, da Faculdade Evangélica de Rubiataba (FER). O assunto do trabalho de extensão foi o combate à violência sexual infantojuvenil. Atividade congruente com 18 de Maio: *Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes*.

O objetivo geral do trabalho foi despertar os acadêmicos para um sentido maior de sua existência, com destaque para a solidariedade.

Os objetivos específicos foram: troca de saberes entre Instituição de Ensino Superior e comunidade, notadamente alunos do ensino médio; prestação de serviço atinente aos direitos fundamentais de crianças e adolescentes; proporcionar formação humanista.

A justificativa compreende a interpretação de que as Instituições de Ensino Superior, como norte na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, têm responsabilidade social com a proteção dos valores e as normas fundamentais protegidos pela Constituição brasileira e podendo fazê-lo por meio de atividades em que interajam acadêmicos do ensino su-

perior com alunos dos ensinos fundamental médio.

Com apoio em pesquisa bibliográfica, o trabalho extensionista propiciou compartilhar os seguintes assuntos: *face criadora e face destruidora da civilização; lei e mudança da realidade; dignidade da pessoa humana; a norma do artigo 227 da Constituição brasileira, bem como o crime de estupro de vulnerável*, tipificado no artigo 217-A do Código Penal brasileiro, notadamente a interpretação jurisprudencial pacífica, tanto do Supremo Tribunal Federal, quanto do Superior Tribunal de Justiça, no sentido de que para a configuração do delito de estupro de vulnerável são irrelevantes a experiência sexual ou o consentimento da vítima menor de quatorze anos.

No tópico *discussão*, discorre-se a respeito dos assuntos mencionados no parágrafo acima, bem como a importância da extensão no contexto acadêmico e reflexões a respeito da pertinência da experiência ora relatada.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

NO presente tópico, pretende-se relatar, em linhas gerais, a preparação e a concretização do Projeto InterAÇÃO, Cineclube com a animação "Que exploração é essa?: Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes".

Por primeiro, observa-se que o projeto sob testilha foi planejado com base em decisão da Coordenação de Extensão, do Curso de Direito, da Faculdade Evangélica de Rubiataba, de promover atividades extensionistas junto a alunos dos ensinos fundamental e médio

e estendendo conhecimentos a respeito de direitos fundamentais e proteção de grupos vulneráveis, tais como crianças, adolescentes, mulheres e idosos.

O projeto extensionista ora discutido é congruente com 18 de Maio: Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Anota-se que, a princípio, o trabalho dar-se-ia com o documentário: *Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado*, contudo, posteriormente, optou-se pela animação: *Que exploração é essa?*

O evento realizou-se no dia 17/05/2019. A Faculdade Evangélica de Rubiataba (FER) expediu ofícios a colégios de Rubiataba, convidando os alunos dos ensinos fundamental e médio:

a participarem, no dia 17/05/2019, nos horários 8h00 às 9h00, 13h00 às 14h00 e 19h00 às 20h00 (divisão dos horários com intuito de contemplar alunos dos períodos matutino, vespertino e noturno), do Projeto InterAÇÃO – Cineclube com a animação “Que exploração é essa?” – Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

O evento tem por objeto tratar de exploração sexual infantojuvenil, considerando-se o 18 de Maio, ou seja, o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Consideramos a participação de vossos alunos como fator primordial para o sucesso deste evento.

Nos períodos matutino e vespertino, o Auditório da FER, com capacidade para 300 (trezentos) participantes, ficou repleto de alunos dos ensinos fundamental e médio, de vários colégios de Rubiataba-GO. No período noturno, a participação foi somente de alunos da própria FER.

Nos três períodos (matutino, vespertino e noturno), foi apresentada, no Auditório da FER, a animação *Que exploração é essa?* e, depois, um seminário a respeito de dignidade sexual infantojuvenil foi ministrado pelo primeiro autor do presente artigo e pela acadêmica, Danielle Gomes da Silva, do Curso de Direito, da Faculdade Evangélica de Rubiataba.

A acadêmica, Danielle Gomes da Silva, foi mo-

nitira de direito constitucional sob a orientação do primeiro autor do presente trabalho, tendo prontamente aceitado o desafio de participar do projeto ora relatado.

DISCUSSÃO

Neste tópico, discorre-se a respeito dos assuntos discutidos no seminário apresentado após a exibição da animação, *Que exploração é essa?*, relacionando-os com reflexões a respeito da importância da extensão no contexto acadêmico e a pertinência do projeto extensionista ora relatado.

Como já dito, o cineclube desenvolveu-se com a apresentação da animação com bonecos, *Que exploração é essa?*, a qual se trata de:

Microsérie em cinco episódios de seis minutos, unindo dramaturgia com bonecos, entrevistas e informações, tendo como tema o enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes. Na história, o caminhoneiro Milton sai para mais uma viagem, dessa vez acompanhado pelo filho Diego. A cada episódio, os dois se deparam com uma situação diferente, revelando as várias formas em que esse crime é praticado. Além de revelar o problema, a série aponta caminhos para que pessoas possam contribuir para prevenção e enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes (CHILDHOOD BRASIL. CANAL FUTURA, 2010).

Observa-se que a referida animação consiste em trabalho de excelência e que propicia condições para cuidadosa conversa, com alunos dos ensinos fundamental e médio, a respeito de violência sexual infantojuvenil. Efetivamente, percebe-se, em referida animação, extremo cuidado com o público adolescente.

Após a apresentação da mencionada animação, houve seminário, no qual, com apoio em pesquisa bibliográfica, compartilhou-se os seguintes assuntos: *face criadora e face destruidora da civilização; lei e mudança da realidade; dignidade da pessoa humana; a norma do artigo 227 da Constituição brasileira, bem como o crime de estupro de vulnerável*, tipificado no artigo 217-A, do Código Penal brasileiro, notadamente a interpretação jurisprudencial pacífica, tanto do Supremo Tribunal Federal, quanto do Superior Tribunal de Justiça, no sentido de que

para a configuração do delito de estupro de vulnerável são irrelevantes a experiência sexual ou o consentimento da vítima menor de quatorze anos. No presente tópico, disserta-se a respeito dos assuntos acima mencionados.

A respeito de *face criadora e face destruidora da civilização*, Zygmunt Bauman (1998) participa do entendimento de que a civilização tanto é a dignidade quanto a degradação da pessoa humana. Faz-se a reflexão de que tanto a face criadora quanto a face destruidora existem; ambas manifestam-se; ambas coexistem como dois lados de uma mesma moeda, sendo questão de escolha, de cada um, promover uma ou outra face. Admitir que a civilização tem uma face de degradação da pessoa humana é importante para evitar-se o desarmamento ético. Ou seja, para defender a dignidade da pessoa humana, é preciso entender que o ser humano precisa, permanentemente, policiar-se eticamente (BAUMAN, 1998). Faz-se a reflexão de que a face criadora tem norte na suprema autoridade ética, na responsabilidade dos seres humanos uns pelos outros, na visão da sociedade civilizada como uma força ética (BAUMAN, 1998). Efetivamente, Zygmunt Bauman (1998, p. 229) registra que “O dever moral tem que contar puramente com sua fonte: a responsabilidade humana essencial pelo Outro”. A face criadora é a face dos direitos humanos, como seu peso, seus valores e seu significado (BAQUER, 1998).

Dialogando com o pensamento de Zygmunt Bauman (1998), a respeito da face criadora e da face destruidora da civilização, tem-se base para afirmar que a exploração sexual de crianças e adolescentes é marca trágica da face destruidora da civilização, sendo que os direitos humanos fundamentais e a tipificação de crimes como o estupro de vulnerável, de que trata o texto do artigo 217-A do Código Penal brasileiro, representam, como símbolos da face criadora da civilização, um como dizer, com veemência, não! à exploração sexual infantojuvenil; representam caminhos para a mencionada suprema autoridade ética, para a responsabilidade dos seres humanos uns pelos outros, voltada, no caso, para o necessário combate à exploração sexual de crianças e adolescentes.

Outro assunto exposto foi: lei e mudança da realidade. A lei, conforme Miguel Reale (1982), é um momento de atualização de valores humanos, portanto, as disposições constitucionais e legais são símbolos importantíssimos, mas que precisam de engajamento da sociedade para modificarem a realidade de inúmeras crianças e adolescentes, realidade de violência, de exploração sexual. Nenhuma lei, conforme Miguel Reale, produz resultado se a sociedade não se engajar. Registrou, textualmente, Miguel Reale (1994, p. 113) que “O Direito autêntico não é apenas declarado mas reconhecido, é vivido pela sociedade, como algo que se incorpora e se integra à sua maneira de conduzir-se. A regra de direito deve, por conseguinte, ser *formalmente válida e socialmente eficaz*” (grifos conforme o original). Faz-se a reflexão de que o combate à exploração sexual infantojuvenil, combate este que é expressão da face criadora da civilização, enseja engajamento social; eis que incorporado, face criadora, à maneira de ser da sociedade brasileira.

Também foi compartilhado a respeito da norma que dimana do artigo 227, da Constituição brasileira, cujo texto registra:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão.

Foi compartilhado que o dispositivo acima talvez resuma bem o que se buscou transmitir no trabalho extensionista, no sentido de que é dever não só do Poder Público, mas de toda a sociedade, proteger as crianças e os adolescentes, com o que se escolherá lutar pela face criadora da civilização.

O trabalho extensionista também tratou do crime de estupro de vulnerável, de que trata o texto do artigo 217-A do Código Penal brasileiro. No ponto, o foco foi compartilhar que, segundo a interpretação jurisprudencial pacífica, tanto do Supremo Tribunal Federal, quanto do Superior Tribunal de Justiça, para a

configuração do delito de estupro de vulnerável, são irrelevantes a experiência sexual ou o consentimento da vítima menor de quatorze anos. Pode-se citar, à guisa de exemplo, a decisão proferida pelo Superior Tribunal de Justiça, quando do julgamento do Recurso Especial nº. 1371163-DF (BRASIL, 2013). Vale dizer, é proibido que um adulto mantenha relações sexuais, ou pratique atos libidinosos, com pessoa que ainda não completou quatorze (14) anos, sob a consequência da sanção prevista em referido dispositivo legal, sendo irrelevante o consentimento ou experiência sexual anterior do adolescente ou da adolescente.

O trabalho contou com zelosa animação com bonecos, que permitiu ambiente favorável para discussão a respeito de dignidade sexual de menores de 14 (quatorze) anos e com público de alunos dos ensinos fundamental e médio.

Com efeito, houve humana interação com alunos dos ensinos fundamental e médio. Muitos questionamentos foram dirigidos ao primeiro autor do presente artigo e à acadêmica do Curso de Direito, Danielle Gomes da Silva, que salientaram que o ordenamento jurídico brasileiro proíbe, reconhecendo a vulnerabilidade, a imaturidade da pessoa que ainda não completou quatorze (14), relações sexuais (ou atos libidinosos) entre esta e um adulto, sob a grave apenação do crime de estupro de vulnerável, tipificado no artigo 217-A do Código Penal Brasileiro, vale dizer, “reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos”.

Algumas alunas do ensino médio, ouvintes, manifestaram-se de maneira emocionada a respeito do tema, motivo pelo qual o professor e a acadêmica de direito, que coordenaram os trabalhos, tiveram a oportunidade de sanar dúvidas e informar que o Núcleo de Prática Jurídica, da Faculdade Evangélica de Rubiataba, está à disposição para assistir juridicamente, a respeito de violência sexual infantojuvenil.

Convém, agora, refletir a respeito da importância da extensão no contexto acadêmico e a pertinência do projeto de extensão sob testilha.

Para tanto, anota-se que o presente trabalho parte do pressuposto de que as práticas ex-

tensionistas têm um caráter transformador, o qual pode ser discutido através da produção de novos conhecimentos, tornando, assim, parte importante na formação acadêmica e profissional dos alunos de graduação, pois propõe uma integração entre a comunidade universitária e a sociedade através de programas, eventos, projetos, publicações etc. a partir da identificação das demandas existentes, gerando, assim, interferências significativas.

Falou-se em “interferências significativas”. Pois bem, dias após a concretização da atividade extensionista ora relatada, soube-se que determinada aluna do ensino médio, empoderada com as informações, buscou a responsabilização de pessoa que a teria agredido em sua dignidade sexual, o que faz ver a pertinência de projetos extensionistas voltados à proteção da dignidade sexual de crianças e adolescentes, ante o potencial de gerar importante interferência de proteção aos direitos fundamentais de grupos vulneráveis.

Segundo o Plano Nacional de Extensão Universitária, no processo de formação profissional “é imprescindível [ao aluno] sua efetiva interação com a sociedade, seja para se situar historicamente, para se identificar culturalmente e/ou para referenciar sua formação técnica com os problemas que um dia terá de enfrentar” (BRASIL, 2000/2001).

A extensão, como um dos pilares dessa formação, se integra com outros dois pilares, o ensino e a pesquisa. Esse entendimento de integração das atividades desenvolvidas na academia está estabelecido na Constituição de 1988, no seu artigo 207, com a presença indissociável do ensino, da pesquisa e da extensão como um dos aspectos que fundamentam a universidade.

O princípio indissociável entre ensino, pesquisa e extensão é fundamental para a formação acadêmica. A extensão, quando associada ao ensino e à pesquisa, possibilita não só a compressão da importância dos papéis que são desenvolvidos na sociedade, mas permite também uma mudança de comportamento no indivíduo o qual gera ações que contribui para construção de novas oportunidades, possibilitando mais do que a formação de profissio-

nais, uma formação para o exercício da cidadania (ARAGÃO. SANTOS NETO. SILVA, 2002).

Combinando raciocínios, visto que a regra de direito deve ser formalmente válida e socialmente eficaz (REALE, 1982). Nesse sentido, projetos tais como o *Projeto InteraÇÃO, Cineclubes com a animação "Que exploração é essa?"*, ou seja, projetos de extensão atinentes aos direitos humanos fundamentais, notadamente de grupos vulneráveis, podem contribuir para a eficácia social destes direitos, o que faz sentido para a formação acadêmica de bacharéis em Direito; eis que propicia, tal qual já dito, que o bacharelado situe-se historicamente e culturalmente como agente que deverá mover-se, em sua atividade profissional "com vistas à mudança do mundo, à superação das estruturas injustas, jamais com vistas a sua imobilização" (FREIRE, 1996, p. 138).

CONCLUSÃO

Com a síntese é oportuno afirmar que tal projeto propiciou, sim, extensão de conhecimento relativo à dignidade sexual de crianças e adolescentes, bem como, a formação humanista, como pontuado pela acadêmica, Danielle Gomes da Silva, que "enfrentou" com competência e simpatia, auditório repleto de alunos do ensino médio.

A animação - *Que exploração é essa?* trata-se de trabalho de excelência e que propicia condições para cuidadosa conversa com alunos do ensino médio, a respeito de violência sexual infantojuvenil. Efetivamente, percebe-se, na referida animação, extremo cuidado com o público adolescente.

A realização desse projeto aconteceu nos períodos matutino e vespertino, do dia 17/05/2019, no Auditório da Faculdade Evangélica de Rubiataba, com capacidade para 300 (trezentos) participantes, o qual, ficou repleto de alunos de vários colégios de Rubiataba-GO e membros da comunidade acadêmica, fazendo notar a importância da discussão do tema - violência sexual infantojuvenil -, e da promo-

ção de propostas extensionistas com alunos do ensino médio. com o referido assunto.

Com apoio em pesquisa bibliográfica, o trabalho extensionista facultou compartilhar os seguintes assuntos: *face criadora e face destruidora da civilização, mas também lei e mudança da realidade; dignidade da pessoa humana; a norma do artigo 227 da Constituição brasileira, bem como o crime de estupro de vulnerável*, tipificado no artigo 217-A do Código Penal brasileiro, notadamente a interpretação jurisprudencial pacífica, tanto do Supremo Tribunal Federal, quanto do Superior Tribunal de Justiça, no sentido de que para a configuração do delito de estupro de vulnerável, são irrelevantes a experiência sexual ou o consentimento da vítima menor de quatorze anos.

Houve emotiva participação de alunos do ensino médio e membros da comunidade acadêmica, essas práticas extensionistas reforçam o caráter transformador que possui, o qual pode ser discutido através da produção de novos conhecimentos, tornando, assim, parte importante na formação acadêmica e profissional dos alunos de graduação, possibilitando mais do que a formação de profissionais, tais práticas propiciam formação para o exercício da cidadania.

Portanto, compreendendo a relevância desse tipo de iniciativa, o Núcleo de Prática Jurídica, da Faculdade Evangélica de Rubiataba foi disponibilizado para assistir juridicamente, a respeito de violência sexual infantojuvenil.

As atividades extensionistas devem promover interferências significativas na sociedade e o projeto ora relatado revelou-se idôneo para tal desiderato, ante a informação de que determinada aluna do ensino médio, empoderada com as informações, buscou a responsabilização de pessoa que a teria agredido em sua dignidade sexual, o que faz ver a pertinência de projetos extensionistas voltados à proteção da dignidade sexual de crianças e adolescentes, ante o potencial de gerar importante interferência de proteção aos direitos fundamentais de grupos vulneráveis.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R. M. R.; SANTOS NETO, E.; SILVA, P.B. **Tratando da indissociabilidade: ensino, pesquisa, extensão.** São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

BAQUER. Lorenzo Martín-Retortillo. **La Europa de los derechos humanos.** Madrid: Centro de Estudios Políticos Y Constitucionales, 1998.

BAUMAN; Zygmunt. **Modernidade e holocausto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRASIL – Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão Universitária.** Brasília: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC, Edição Atualizada, 2000/2001.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. **Recurso Especial nº. 1.371.163/DF,** Rel. Ministro Sebastião Reis Júnior, Sexta Turma, DJe: 01/08/2013.

CHILDHOOD BRASIL. CANAL FUTURA. **Que exploração é essa?:** caderno de textos. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

QUE EXPLORAÇÃO É ESSA? Direção: Camila Gonzatto. Produção: Nora Goulart. Manipuladores de bonecos: Paulo Balardim; Rafael Rossa; Fernando Rossa e Carolina Garcia Marques. Parceria Childhood Brasil (Instituto WCF- Brasil) e Canal Futura, 2009.

REALE, Miguel. **Filosofia do direito.** 9 ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

_____. **Lições preliminares de direito.** São Paulo: Saraiva, 1994.

SILVA, Léa Carta da. **O princípio da dignidade da pessoa humana e sua afronta nos casos de crimes contra a dignidade sexual de crianças e adolescentes e a difícil recuperação sem tratamento do agressor.** In: XXV Congresso Nacional do CONPEDI Curitiba - Paraná, 2016. Cidadania e Desenvolvimento Sustentável: o papel dos atores sociais no Estado Democrático de Direito. Direito, Desenvolvimento e Políticas Públicas.

UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR A PARTIR DA REALIZAÇÃO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DENOMINADO VIVÊNCIAS EM CIDADANIA

AN INTERDISCIPLINARY EXPERIENCE FROM THE REALIZATION OF AN EXTENSION PROJECT CALLED CITIZENSHIP EXPERIENCES

Ana Paula Zaikievicz Azevedo

Professora Me na Universidade Católica Dom Bosco
4599@ucdb.br

Edmara Martins de Souza

Professora Me na Universidade Católica Dom Bosco
edmaramartins@ucdb.br

RESUMO

Este trabalho visa apresentar um relato de experiência de um projeto de extensão, denominado “Projeto Vivências em Cidadania” desenvolvido no ano de 2017, na cidade de Corumbá-MS. O projeto foi desenvolvido entre docentes e acadêmicos de diferentes cursos de graduação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) da cidade de Campo Grande-MS e teve como principal objetivo desenvolver ações interdisciplinares, que contribuíssem com o desenvolvimento local, com foco na cidadania. Dentre as principais ações desenvolvidas pelo projeto, destacam-se formação continuada para profissionais da educação, realização de oficinas, brincadeiras e palestras formativas para crianças, adolescentes, jovens e adultos, visitas domiciliares e palestras com orientações técnicas aos moradores de assentamentos. A realização desse projeto oportunizou às pessoas atendidas acesso a novos conhecimentos e orientações para uma melhor qualidade de vida e oportunizou a professores e acadêmicos um processo de aprendizagem fundamentado na interdisciplinaridade, na indissociabilidade e na relação dialógica com a comunidade.

Palavras-Chaves: Interdisciplinaridade. Extensão universitária. Cidadania.

ABSTRACT

This work aims to present an experience report of an extension project, called “Projeto Vivências em Cidadania”, developed in 2017, in the city of Corumbá-MS. The project was developed among professors and academics from different undergraduate courses at the Catholic University Dom Bosco (UCDB) in the city of Campo Grande-MS and had as main objective to develop interdisciplinary actions that would contribute to local development, focusing on citizenship. Among the main actions developed by the project, we highlight continuing training for education professionals, holding workshops, games and formative lectures for children, adolescents, young people and adults, home visits and lectures with technical guidance to residents of settlements. The realization of this project provided the people assisted with access to new knowledge and guidelines for a better quality of life and provided teachers and academics with a learning process based on interdisciplinarity, inseparability and dialogic relationship with the community.

Keywords: Interdisciplinarity. University extension. Citizenship.

INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado visa relatar a experiência de um projeto de extensão, desenvolvido pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), localizada na Cidade de Campo Grande-MS, no ano de 2017. O projeto se desenvolveu entre diversos cursos de graduação, proporcionando a interdisciplinaridade e a vivência entre acadêmicos e professores, a partir do exercício de cidadania, troca de saberes e do compartilhamento de conhecimentos com a comunidade externa à Universidade.

Essa vivência social oportunizada pelo projeto Vivências em Cidadania se justifica pela necessidade apontada por Oliveira e Rocha (2010) de as Universidades integrarem a extensão juntamente com o exercício de ensino e pesquisa, uma vez que é ela quem proporcionará o desenvolvimento de uma prática dialógica entre academia e comunidades, aproximando a Universidade da sociedade e superando a visão de que o ensino só ocorre em salas de aulas ou laboratórios.

O projeto Vivências em Cidadania teve início no ano de 2014, com a Operação Meruri, que se realizou na Aldeia Meruri - Município de General Carneiro (MT). Na referida operação foram desenvolvidas atividades de educação, saúde e meio ambiente para populações indígenas.

Nessa ótica, o projeto Vivências em Cidadania objetivou desenvolver um projeto interdisciplinar, envolvendo diversas áreas do conhecimento, para que essas pudessem atuar em regiões que demandam novos conhecimentos e auxílio técnico para melhorarem suas condições de vida.

METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado a partir dos documentos do Projeto Vivências em Cidadania da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, localizada na Cidade de Campo Grande-MS, como Plano de Trabalho, Relatório, Formulários, bem como pesquisa bibliográfica de assuntos envolvendo a Extensão Universitária em bases de dados eletrônicos como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Aca-

dêmico, além de acervo físico.

O desenvolvimento do projeto teve início, através da publicação de edital, o qual visava selecionar propostas de docentes da UCDB, para serem desenvolvidas durante o período de realização do projeto. Os professores selecionados realizaram uma visita precursora até a cidade de Corumbá, na qual os docentes puderam conhecer a Instituição Salesiana parceira, a Faculdade Santa Tereza, bem como as organizações públicas que apoiaram o projeto, como as Secretarias Municipais de Assistência Social e Meio Ambiente e as comunidades que seriam atendidas conhecendo um pouco mais sobre as suas realidades.

O processo seletivo dos acadêmicos ocorreu por meio de edital e posteriormente por meio de entrevistas, as quais foram conduzidas pelas professoras coordenadoras do projeto, sendo uma da área da saúde e outra da educação. Dos 25 acadêmicos inscritos, foram selecionados 12, os quais eram oriundos dos cursos de Medicina Veterinária, Pedagogia, Enfermagem, Jornalismo e Letras.

Após a equipe do projeto formada, realizou-se a etapa de capacitação dos docentes e acadêmicos. Os objetivos que permearam a formação, centralizaram-se em: pensar, discutir, elaborar e compartilhar com todos os participantes do projeto - professores e alunos, os saberes e as ações a serem desenvolvidas com as comunidades atendidas ao longo do projeto, assim como possibilitar a criação de vínculos entre os membros da equipe. Além disso, o período de capacitação oportunizou à equipe desenvolver coletivamente o planejamento das ações a serem desenvolvidas durante o período da execução do projeto.

Em 07 (sete) de outubro de 2017, a equipe participante do projeto, deslocou-se da cidade de Campo Grande para Corumbá para a etapa de execução do projeto.

Há de ressaltar que as regiões da cidade de Corumbá, foram escolhidas para participarem do projeto, por meio das situações de vulnerabilidade social em que se encontravam. Estas regiões foram identificadas durante a viagem precursora realizada pelas professoras do projeto. As regiões atendidas pelo projeto fo-

ram: Assentamento Taquaral, Projeto Criança e Adolescente Feliz (PECAF), Aterro Sanitário, Comunidade São José, Escola José Damy, Escola Cássio Leite de Barros, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS 1) e Bairro Centro América. Nessas comunidades foram desenvolvidas as diversas ações do projeto ao longo dos sete dias de duração.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Chauí, a universidade é “(...) uma instituição social, isto é, uma ação social, uma prática social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições (...)” (1999, p. 2017).

No Brasil, as universidades se constituem em públicas, privadas e comunitárias, sendo que esta última é subdividida em confessionais e não confessionais. Bittar (1999) cita Sampaio, ao conceituar os segmentos comunitário e confessional:

Instituições Comunitárias são as que, criadas com ou sem interferência do poder público local, são organizadas por comunidades nelas atuantes e a elas vinculadas por seus objetivos educacionais. [...] Confessionais são instituições vinculadas a confissões religiosas legalmente constituídas ou associações religiosas a elas ligadas, também reconhecidas legalmente (SAMPAIO, 1998 apud BITTAR, 1999, p. 114).

A Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) se define como uma Instituição Salesiana de Ensino Superior, com características comunitárias. Tem como um dos seus objetivos a formação acadêmica e a produção de conhecimento, fundamentada em princípios éticos, cristãos e salesianos.

Destaca-se como característica básica das Instituições Salesianas de Ensino Superior, o compromisso social por meio do tripé ensino, pesquisa e extensão, que em sua interdisciplinaridade, se destaca como processo significativo da aprendizagem. Tal articulação entre o tripé possibilita aos envolvidos o desenvolvimento comunitário e social, que se consolida na parceria entre universidade e sociedade, favorecendo o fortalecimento da democratização do conhecimento, viabilizando o acesso

aos serviços de atendimento à população.

De acordo com Síveres (2004b), a extensão é fator determinante para a integração entre o ato educativo e a práxis social, a articulação entre compreender a realidade e responder aos seus desafios, e a interação entre o questionamento ético e o engajamento político.

Segundo Freire (1979, p.16),

a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir e acreditando que as universidades precisam estar cada vez mais sensíveis aos problemas sociais, busca-se o compromisso com questões relacionadas às vulnerabilidades políticas, econômicas e sociais.

A prática extensionista deve integrar-se à sociedade e interagir com ela, permitindo a participação de todos os indivíduos na construção e avaliação dos projetos sociais, caracterizando-se como um agente de promoção da comunidade. Desta forma, o trabalho comunitário realizado a partir da extensão universitária, atua de modo a intervir diretamente no seio da comunidade e a acompanhar suas transformações, responsabilizando-se pela multiplicação de novos princípios que nortearão as relações sociais e políticas na sociedade.

Como afirma Cunha e Faria (2008, p. 91),

a extensão universitária situa-se como espaço de reflexões teóricas e produção de metodologias em diferentes áreas do saber. Elas subsidiam a formulação de políticas sociais no contexto do Estado e da sociedade civil mobilizando a produção de debates, estudos, pesquisas e enfatizando a compreensão histórica, social, econômica, política e ambiental. Realiza a difusão e a coletivização da cultura universal e a valorização da cultura regional.

Assim, o Projeto de extensão “Vivências em Cidadania” desenvolve atividades de mobilização, ações socioeducativas, fortalecimento organizacional e participação popular, geração de renda e valorização cultural.

A cidade de Corumbá, localiza-se a 427 quilômetros de Campo Grande, está fixada na região do Pantanal Sul Mato-Grossense e na divisa entre Brasil e Bolívia.

O fato de a cidade de Corumbá ter sido escolhi-

da para o desenvolvimento da terceira edição do Projeto, deve-se ao fato de esta localizar-se em uma região de fronteira, da qual intercorre diversos fatores que contribuem para a criminalidade, a exploração sexual, o tráfico, dentre outras situações que contribuem para a situação de vulnerabilidade social, de uma expressiva parcela da população residente na cidade.

Nessa ótica, acreditamos que enquanto universidade, precisamos estar cientes de nosso compromisso social e por meio da extensão, “colocar a academia mais próxima da realidade social das comunidades, o que poderá permitir uma construção mais crítica e reflexiva sobre a responsabilidade da universidade com a região, relação fundamental para extrapolar a visão intramuros” (OLIVEIRA; ROCHA, 2010, p. 129).

Neste sentido, acreditamos que um dos principais objetivos da universidade seja oferecer por meio da extensão universitária, compartilhamento de saberes entre acadêmicos e comunidade, possibilitando assim, o estabelecimento de relações entre o processo educativo e as práticas sociais, cultivando a sensibilidade para a questão social com atuação criativa e reflexiva.

As ações desenvolvidas no projeto atenderam diversos públicos, dentre eles crianças, adultos e idosos. As ações desenvolvidas com as crianças e adolescentes compreenderam a realização de atividades lúdicas, confecção de brinquedos a partir de materiais recicláveis, brincadeiras, dinâmicas, contações de histórias, ações preventivas de saúde e higiene, orientações e palestras sobre educação sexual. Com os adultos foram desenvolvidas oficinas de primeiros socorros, orientações sobre a prevenção do uso de drogas, palestras sobre a saúde da mulher, avaliações nutricionais, oficinas de reaproveitamento alimentar, orientações de boas práticas de higienização e manipulação de alimentos, oficinas de culinárias, orientações sobre a saúde animal, oficinas de confecção de sabonetes, visitas e assistência técnica aos moradores do assentamento, realização de entrevistas e diálogos com moradores, a fim de identificar suas principais necessidades.

Conforme assinala Rabel:

[...] a comunidade deve ser estimulada a ter uma participação ativa nas ações extensionistas. Entende-se que a participação ativa seja o ciclo de aprender e ensinar, independente do tipo de ação desenvolvida no projeto de extensão, a comunidade deve ter voz ativa, participando e propondo. Quem é esta comunidade? Qual realidade é esta? O quanto de diálogo pode-se efetivar entre a comunidade e os diferentes sujeitos? O quanto ensinamos? E o quanto aprendemos com a comunidade? Quando falamos, discutimos e descrevemos extensão inevitavelmente chega-se à comunidade de atuação (RABEL, 2012 p. 38).

Essa inserção de docentes e acadêmicos na comunidade por meio da realização de um projeto de extensão, se fundamenta nos princípios de que o desafio atual da educação é a função básica do processo educativo escolar na atualidade, é a humanização plena do ser humano, especificamente no que diz respeito à consolidação dessas propriedades. A comunidade representa o início e o fim das ações da extensão, onde procura-se alcançar um patamar cada vez maior de excelência (RABEL, 2012).

Nessa ótica, as ações se desenvolveram por meio da interdisciplinaridade e da integração dos acadêmicos, de modo que um auxiliava o outro, de acordo com a necessidade apresentada sob orientação das professoras. Vale ressaltar também que em muitos momentos a equipe foi dividida em grupos, já que as ações aconteciam em momentos similares, porém em lugares diferentes. Tal medida foi tomada para que fosse possível atender um maior número de pessoas.

A comunidade local reconheceu a importância das ações e a notoriedade alcançou depoimentos positivos sobre as ações, por parte de representantes das comunidades atendidas, a realização de uma matéria no Telejornal da rede de televisão da cidade, além de uma matéria publicada no Jornal Diário Corumbaense. Além disso, devido à repercussão positiva do projeto nas redes sociais, os professores e acadêmicos integrantes do projeto foram homenageados por meio de uma moção honrosa na Câmara Municipal de Campo Grande.

Figura 1 - Relato das ações do projeto durante o mutirão de limpeza desenvolvido à beira do Rio Paraguai



Fonte: Jornal Diário Corumbaense, 2017.

De acordo com relatos dos acadêmicos, a participação no projeto proporcionou desenvolver na prática, tudo aquilo que aprendem em sala de aula, assim como a conviverem em equipe, a desenvolverem as ações com base na interdisciplinaridade, no diálogo, na troca de saberes. Além disso, a vivência proporcionou a reflexão acerca da necessidade de se colocar no lugar do outro, de conhecer outras realidades, muitas vezes tão diferentes daquelas que vivenciam em seus cotidianos. Isso tudo contribuiu para um crescimento não apenas acadêmico, mas também pessoal.

Ainda nessa perspectiva, vale ressaltar que essa experiência possibilitou aos acadêmicos e professores compreenderem a função da universidade enquanto instituição que não apenas produz conhecimentos, mas que tem como principal missão, a partilha desses conhecimentos com a comunidade, através da troca de saberes e da escuta humanitária. Compreende-se que a humanização é algo que se aprende por meio das experiências vividas, e são por meio dessas vivências, que nos tornamos mais fortes, mais humanitários, mais compreensivos e nos construímos enquanto cidadãos.

Durante a realização das ações, mais de mil pessoas foram atendidas nas diversas atividades realizadas, dentre crianças, adolescentes, jovens, mulheres e idosos.

Com base no Relatório Final do Projeto Vivências em Cidadania (2017), seguem algumas fotos que demonstram algumas ações desenvolvidas com as comunidades atendidas.

Figura 2 - Manhã lúdica em uma Escola Municipal



Fonte: Relatório do Projeto Vivências em Cidadania - Operação Corumbá, 2017.

Figura 3 - Visita de Assistência - Assentamento Taquaral



Fonte: Relatório do Projeto Vivências em Cidadania - Operação Corumbá, 2017.

Figura 4 - Mutirão de limpeza da prainha do rio Paraguai



Fonte: Relatório do Projeto Vivências em Cidadania - Operação Corumbá, 2017.

Vale ressaltar que, após cada dia de trabalho realizado, durante o desenvolvimento do projeto, a equipe reunia-se para discutir e avaliar as ações desenvolvidas. Dessa forma, foi possível analisar coletivamente o desenvolvimento do projeto, avaliando e repensando as ações, a fim de melhorar a cada dia o atendimento às comunidades atendidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto “Vivências em Cidadania” demonstrou ter oportunizado aos moradores das regiões atendidas, maiores orientações para uma melhor qualidade de vida, bem como possibilitou aos professores e acadêmicos um processo de aprendizagem fundamentado na interdisciplinaridade, na indissociabilidade e na relação dialógica com a comunidade, para possíveis soluções criativas às suas demandas e problemáticas sociais e na contribuição para o protagonismo comunitário.

Uma das maiores lições adquiridas com o projeto foi a de que, no início, tanto professores

como acadêmicos, tinham a plena certeza que com o desenvolvimento do projeto poderiam contribuir com as comunidades atendidas, compartilhando os conhecimentos e contribuindo para a melhor condição de vida dessas pessoas. No entanto, a cada ação desenvolvida no projeto, aumentava a certeza que a equipe estava não somente compartilhando seus saberes, mas também adquirindo novas e riquíssimas aprendizagens com a comunidade.

Com cada pessoa que conversávamos, em cada história de superação e de dificuldade que ouvíamos, nos fortalecemos como pessoas e como profissionais, ficando a certeza que é mais que necessário buscar por meio de ações dentro da academia, o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, igualitária e humanizadora.

Assim, concluímos o trabalho, afirmando que os objetivos almejados com o projeto foram plenamente alcançados, possibilitando às comunidades atendidas, maiores conhecimentos sobre suas demandas, oferecendo-lhes além do conhecimento, apoio, respeito, escuta e cidadania.

REFERÊNCIAS

CAMPO GRANDE. Câmara Municipal de Campo Grande. **Projeto Vivências em Cidadania é agraciado com Moção de Congratulação**: Campo Grande, 2017. Disponível em: <https://camara.ms.gov.br/noticias/projeto-vivencias-em-cidadania-e-agraciado-com-mocao-de-congratulacao/180954>. Acesso em 18-04-2020.

CUNHA, Alda Maria B.; FARIA, Sandra de. A política de extensão da UCG. *Pedagogias da Extensão. Revista Diálogos*, v. 9, Brasília/Ed. Universa, 2008.

ECOIA, Ecologia e Ação. **Comunidades do Pantanal**. Disponível em: <http://riosvivos.org.br/categorias/comunidades-tradicionais-comunidades/> acesso em: Abril de 2017.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão**. Manaus, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

JORNAL DIÁRIO CORUMBAENSE. **Universitários vivenciam realidade de comunidades e aprendem lição de cidadania**. Corumbá, 2017. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=97494>

OLIVEIRA, Carlos Eduardo C de; ROCHA, Saulo José dos Santos. Estados, políticas públicas e extensão universitária. **RDE Revista de Desenvolvimento econômico**. Salvador-BA: Ano XIII, n.22, Dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/viewFile/1518/1206>. Acesso em 31 de março de 2018.

RABEL, Luciane Coelho. Os sujeitos envolvidos no fazer da extensão universitária. In: **Processos de Aprendizagem na Extensão Universitária**. PUC Goiás. Goiânia, 2012.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO. **Relatório final de atividades do Projeto Vivências em Cidadania**. Campo Grande, 2017.

SÍVERES, Luiz. **A Universidade e o Compromisso Social; a contribuição da Extensão**. Brasília, 2004b (mimeo).

LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE LEITURA E ESCRITA: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

CHILDREN'S LITERATURE AS A PEDAGOGICAL INSTRUMENT FOR READING AND WRITING: A TEACHING SEQUENCE

Emanoele Ribeiro Viana

Pós-graduanda do Curso de Leitura e Produção Textual aplicada à Educação de Jovens e Adultos - IF Baiano, Campus Valença-Ba e grupo de estudo DIALATEC (Diálogo em línguas adicionais e Tecnologia -IFBA. vianaemanoele@gmail.com

RESUMO

Este relato de experiência é resultado de experiências vivenciadas enquanto estudante de especialização do curso de Leitura e Produção Textual aplicada à Educação de Jovens e Adultos - IF Baiano, Campus Valença-Ba, e em parceria com o grupo de estudo DIALATEC (Diálogo em línguas adicionais e Tecnologia -IFBA, os quais oportunizaram, por meio de atividades e discussões, pensar métodos que venham contribuir na leitura e escrita de crianças da modalidade da educação infantil, por meio da leitura de gêneros literários, que abordam temas culturais, uma vez que a literatura se faz presente na vida escolar das crianças. A experiência ocorreu no município de Taperoá-Bahia, na Escola São Cristóvão (pseudônimo), na modalidade de ensino da Educação Infantil, em uma comunidade territorialmente quilombola. Tendo como produto educacional a proposição de uma sequência didática para leitura e escrita, alicerçada nos livros literários. Espera-se como resultado que o professor possa pensar a relevância de trabalhar livros de literatura infantil que abordem temas do interesse e contexto do aluno, uma vez que na educação infantil, quando planejado coerentemente, os alunos desenvolvem capacidade de expressar e associação a partir de suas experiências de vida, levantam hipóteses a partir de leituras de imagens, dando significado para a vida do aluno, assim contribuindo na efetivação do processo de leitura e escrita.

Palavras-chave: Cultura. Metodologia. Ensino. Prática.

KEYWORDS

This experience report emerged from experiences lived as a specialization student of the Postgraduate Course of Reading and Textual Production applied to Youth and Adult Education - IF Baiano, Campus, Valença-Ba and in partnership with the study group DIALATEC (Dialogue in additional languages and Technology -IFBA), which provided the opportunity to think methods that will contribute to the reading and writing of children in kindergarten through the reading of literary genres that address cultural themes, since literature is present in the school life of children. The experience took place in the municipality of Taperoá-Bahia, in the São Cristóvão School (pseudonym), in the Infant Education teaching modality, in a territorially quilombola community, having as its educational product the proposition of a didactic sequence for reading and writing, based on literary books. As a result, it is expected that the teacher may think about the relevance of working with children's literature books that address issues of interest and context of the student, since in early childhood education when planned coherently, students develop the ability to express and association from their life experiences, raise hypotheses from reading images, giving meaning to the student's life, thus contributing to the effectiveness of the reading and writing process.

Palavras-chave: Cultura. Metodologia. Ensino. Prática.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como principal objetivo favorecer métodos que venham contribuir na leitura e escrita de crianças da modalidade da educação infantil, por meio da leitura de gêneros literários, que abordam temas culturais, uma vez que a literatura se faz presente na vida escolar das crianças, na comunidade de Graciosa, no município de Taperoá-Bahia.

Determinam-se como objetivos específicos: colocar em prática os conceitos teóricos, princípios e premissas do discurso da interpretação da cultura, história e leitura de mundo; criar e experimentar estratégia de ensino de promoção ao resgate sociocultural e econômico da comunidade quilombola; socializar resultados das experiências de modo a contribuir e ampliar a prática e a seleção de textos de literatura como instrumento metodológico de afirmação da comunidade, distrito de Taperoá-Bahia.

A proposição desta sequência didática sugere uma metodologia significativa que contemple o contexto social, histórico, econômico e cultural dos alunos da comunidade. Além dos conteúdos didáticos estabelecidos para esta modalidade de ensino, inserir, por meio da literatura, temas voltados para o fortalecimento, reconhecimento e visibilidade dessas comunidades e principalmente a alta aceitação.

Para sustentar o estudo foram citados teóricos como: Bakhtin (1979), Bronckart (1999), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que discutem sobre gêneros textuais, discursivos e linguísticos, Soares (2006) e Freire (1987) que juntos discutem o processo de alfabetização.

ESTRATÉGIA DE LEITURA E ESCRITA COM LITERATURA INFANTIL

Partindo do conceito que Bakhtin (1979, p.18), o gênero é definido como “um enunciado de natureza histórica, sócio interacional, ideológica e linguística relativamente estável”.

Por meio do acesso e contato com os livros físicos de literatura, a criança é inserida no

processo de produção cultural enquanto prática cultural, histórica e social, assim Bronckart (1999, p.103) afirma que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”.

O acesso a livros de literatura infantil pela criança possibilita à mesma ir além da imaginação e da fantasia, permitindo conhecer, produzir textos (orais e não verbais), sendo autores de sua própria produção e construção histórica.

A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhes são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, é analfabeta, pois ainda não aprendeu a ler, mas já entrou no mundo do letramento, e já é de certa forma letrada. (SOARES, 2006, p. 24).

Portanto, trabalhar literaturas infantis para o desenvolvimento de habilidades e competências no aluno é despertar a apropriação da leitura e aquisição da escrita, por essa razão foram pensadas propostas de atividades por meio de sequências didáticas no contexto da educação infantil.

A proposição foi planejada para cinco aulas, na Escola Municipal São Cristóvão (Pseudônimo) em Graciosa, distrito de Taperoá, complementando a sequência didática da professora regente, nas aulas de Língua Portuguesa.

Assim sendo, a sequência didática seguiu o tema: Identidade Étnico Racial, pertinente ao povoado que foi reconhecido territorialmente como terras quilombolas. Partindo desse reconhecimento, a Secretaria de Educação do município de Taperoá está em processo de implementação de trabalhar nas escolas o contexto histórico quilombola.

A proposta da educação quilombola nesse município é dar visibilidade, resgatar e fortalecer o respeito à identidade da comunidade, uma vez, que muitos desconhecem e não se identificam como comunidade quilombola, atrelado por questões de preconceito, exclusão, no entanto, por meio da escola e de projetos comunitários, a comunidade participa de pequenos eventos (palestras, apresentações, cursos, capacitações) para instruir a comunidade.

[...] a sentir-se aceito, com propósito de vida, a estar profundamente enraizado na cultura negra, sem deixar de perceber as condições às quais está submetido em um mundo que o vê com preconceito. As matrizes africanas passam a ser efetivamente afirmadas (FERREIRA, 2004, p. 84).

Sabe-se que na educação infantil o professor precisa pensar estratégias e projetos pedagógicos de leitura e escrita, não apenas ficar nas práticas convencionais da leitura de letras, palavras ou coordenação motora. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Baseado em atividades de leitura oral, o professor deve desenvolver estratégias em que a criança levante hipóteses sobre o tema abordado no livro de literatura, as informações, linguagem verbal e não verbal, cores, gráficos, ilustrações, figuras dentre outras atividades, claro, vale ressaltar que é necessário a criação de projetos ou mini projetos pedagógicos de leitura e escrita.

A aquisição da escrita na educação infantil ocorre de maneira gradativa, isto porque é a primeira fase da sistematização da escrita, atrelado ao desenvolvimento da coordenação motora fina e grossa, levantamento de hipótese da escrita e mudança do nível alfabético. Portanto, a criança quando desenvolve a percepção de “leitura”, ela compreende e sistematiza cognitivamente leituras de vivência, capaz de relacionar, analisar e compreender o sentido das coisas, ainda que seja do modo dela, para isso, Ferreiro explica que a criança,

aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE, 1987, p. 8).

Assim, contar histórias na educação infantil não é o suficiente, é necessário pensar em metodologias contextualizadas, significativas, que apresente sentido ao contexto de vida do aluno, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades leitoras, de escrita, emocionais e afetivas.

METODOLOGIA

O PROJETO DE EXTENSÃO DESENVOLVIDO

A temática em discussão nasce do diálogo em sala de aula, no anseio de desenvolver um trabalho com a prática de leitura de literatura para promover a valorização, resgate e dar visibilidade por meio de trabalho científico sobre a comunidade quilombola de Graciosa, no baixo sul da Bahia. Este projeto representa uma releitura como produção social, que valoriza fatores históricos, sociais e econômicos.

A partir de aportes teóricos e discussões em equipe, surgiu o projeto “Literatura infantil como instrumento pedagógico de leitura e escrita: uma sequência didática”, desenvolvido na Escola Municipal São Cristóvão (pseudônimo), localizado no povoado de Graciosa-Ba, distrito de Taperoá. A economia do povoado é movimentada pela pesca, artesanatos, agricultura e maricultura. Situada no baixo sul da Bahia, na divisa entre Taperoá e Valença.

A comunidade tem cerca de 154 famílias. Graciosa é certificada pela Fundação Cultural de Palmares, sendo considerada comunidade quilombola, segundo relatos orais, a localização foi palco de desembarque de escravos trazidos por navios negreiros, na época da escravidão no Brasil.

Partindo deste contexto histórico-social e econômico, teve como intuito trabalhar com uma turma da educação infantil textos literários no processo de leitura e escrita, dando visibilidade e resgatando a identidade local a partir do trabalho com textos de literatura.

Justifica-se após conhecer um pouco da história oral desenvolver uma sequência didática que viesse trabalhar o contexto sociocultural e histórico da comunidade para que as crianças enxergassem sua história presente nas literaturas, sendo trabalhada na disciplina de língua portuguesa, planejada para cinco dias, abordando por meio da literatura infantil, temáticas voltadas para a educação quilombola.

O relato de histórias orais ficou claro da neces-

sidade de trabalhar com as crianças a afirmação da identidade da comunidade quilombola, que pudesse resgatar de alguma forma a memória, o contexto histórico local e econômico, a fim de desenvolver um trabalho de resgate e registro de memórias.

A aplicação da sequência possibilitou que as crianças dessa comunidade pudessem registrar por meio das atividades propostas, representar por meio de desenhos, um pouco da sua cultura, história, atividades econômicas, conciliando com os objetos de estudo da escola, seguindo a rotina das crianças.

A seguir será descrito como foi desenvolvida a sequência a partir de livros de literatura infantil.

ETAPAS DO PROJETO DESENVOLVIDO E APLICAÇÃO

Toda a sequência foi desenvolvida em 5 (cinco) momentos nas aulas de Língua Portuguesa, que foram desenvolvidos da seguinte maneira.

1º dia de aula- Conhecendo a organização de um livro de literatura destacando capa, título, prefácio, autobiografia, ilustração, texto.

Foi planejado para o primeiro dia, a apresentação de um livro de literatura. O objetivo de apresentar o livro foi fazer com que o aluno ao ter contato físico com o livro prestasse atenção nos elementos pré-textuais, por exemplo: título, observar as ilustrações da capa e o nome do autor, incentivar que o aluno levante hipóteses antes de fazer a leitura imagética da capa do livro.

A literatura escolhida foi: Tino, o peregrino do Brasil, escrita pela autora Cristiane Quintas, considerando que era a semana que comemorava a independência do Brasil, o livro apresenta uma personagem que narra suas viagens ao Brasil, por meio da imaginação, relatando etnias, o descobrimento do Brasil, povos que habitavam as terras brasileiras, danças, vegetações típicas e hábitos culturais.

A leitura deste livro contribuiu para que os alunos compreendessem um pouco da história do Brasil e por que comemoramos a independência do Brasil. Essa compreensão era conduzida por meio de perguntas feitas aos alunos, buscando diagnosticar o conhecimento e bagagem que os alunos possuem sobre o assunto e qual a relação que os alunos fazem da leitura com o seu contexto de vida.

A proposta de atividade foi confeccionar uma bandeira do Brasil coletivamente, com o recorte em revistas de rostos que representavam as variadas etnias que formam o povo brasileiro, posteriormente a realização da pintura da bandeira com as cores da bandeira, explicando o significado representado nas cores na bandeira.

2º dia de aula: representação por desenho de brincadeiras antigas e atuais da comunidade quilombola.

Para a segunda aula foi planejada a temática "Brincadeira" de autoria de Kate Petty. Para início de conversa, perguntei aos alunos nomes de brincadeiras que faziam parte da cultura deles, e depois, se alguns deles já tiveram curiosidade ou já ouviram de seus familiares comentários de nome de brincadeiras no tempo de infância deles.

O objetivo dessa leitura foi mostrar as brincadeiras em diversos países e culturas, apresentadas pela escritora no livro, para que os alunos pudessem observar que cada cultura tem uma brincadeira típica ou semelhante.

A proposta da atividade foi escolher uma brincadeira, para representar em desenhos, que a criança mais gostasse de brincar em sua comunidade. Cada criança escolheu uma brincadeira e escreveu o nome da brincadeira com o auxílio da corregente (eu).

Uma vez que a brincadeira faz parte do processo de interação da criança no âmbito familiar, comunidade e escola. Para Zanluchi (2005, p. 89), "Quando brinca, a criança prepara-se para a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como

são e como funcionam as coisas.”.

3º dia de aula: contexto histórico de um escravo a partir da leitura literária

Na terceira aula, a temática trabalhada foi “O negrinho do pastoreio”, da autora Simões Lopes Neto, que aborda na história a passagem de marcos históricos da escravidão contextualizados sobre a história dos negros, como os negros trabalhavam, como eram tratados, a cultura negra, como: a capoeira, a dança, e a culinária, apresentando exemplos de comidas como: acarajé, tapioca, caruru, dentre outros, associando a herança dessas culturas no cotidiano deles.

Como proposta de atividade foi solicitado aos alunos a complementação textual, a partir de um recorte da parte da história. Para a realização foi necessário o auxílio do corregente (eu), na proporção que era lido o fragmento, eles falavam as palavras e em seguida era exposto na lousa pelo corregente até completar todo o texto.

Sabe-se que na educação infantil, a criança não possui a habilidade da escrita livre e nem da leitura, apenas o reconhecimento de famílias silábicas, letras do alfabeto, leitura de imagens e expressão espontânea da oralidade. Segundo Ferreiro “a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de meios culturais, de diversas situações educativas e diversas línguas” (2001, p.18).

4º dia de aula: trabalhar “diferenças” raciais e culturais a partir da leitura de texto literário.

Na quarta aula, foi trabalhada a temática da “diferença” de culturas, com objetivo de compartilhar a ideia de conhecer e respeitar regras de convívio social, manifestando respeito pelo outro. Apresentado pela história: Um menino igual a tantos outros (Flávia Bomfim), que retrata a história de uma criança que os pais falavam que era diferente porque tinha uma cultura e costumes diferentes das outras pessoas por fazer parte da cultura cigana.

Como a proposta de atividade foi proporcionar um “ditado estourado”, coloquei em um balão palavras da historinha contada, cada aluno era chamado para estourar e tentar falar a palavra, e os demais colegas, escrever (grafar) na folha de ofício, de acordo com a coluna das palavras iniciadas com (P, B, T, F). Essa proposta de atividade estimula o aluno a levantar hipóteses sobre a grafia das palavras e o reconhecimento de letras do alfabeto. Vale ressaltar que foram selecionadas palavras que representam respeito ao próximo, convivência social, por exemplo “Por favor”, “Bom dia”, “tudo bem?”. Bourdieu (1996, p.38) afirma que “a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última [...] uma não pode ser pensada sem a outra”.

5º dia de aula: contextualizar a afirmação da identidade e a autoafirmação por meio do autorretrato.

Na quinta aula foi trabalhada a identidade, contextualizando a distinção de cor da pele, características físicas, contextualizando também o surgimento dos quilombos, partindo dos marcos históricos.

O conto apresentado para essa contextualização foi: “A menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado, que fala sobre as distinções de cores e características físicas da personagem da historinha. Foi trabalhado com os alunos o autorretrato de cada um, com objetivo de retratar sua imagem, no intuito de representar, por meio do desenho, suas características físicas e valorização da sua identidade, ao término, foi proposto no próprio desenho pintura de cabelo Black, com tinta e auxílio da esponja e, posteriormente, a exposição no pátio da escola, do autorretrato de cada aluno.

Essa proposta de atividade teve como objetivo trabalhar o reconhecimento, aceitação e afirmação da identidade de cada aluno, como eles se enxergam, como eles se representam. Para Galvão, “A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da preponderância das relações afetivas” (1995, p. 44).

Conclui-se que a sequência didática foi satisfatória por atender o objetivo da aplicação. Por meio das atividades, os alunos puderam se expressar de diversas maneiras, fazer interpretações orais dos livros de literatura, por meio da escrita, desenho, autorretrato, pintura e brincadeiras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Todas as atividades propostas despertaram interesse e encantamento dos alunos. Os alunos participaram de maneira ativa em todas as atividades tanto nos questionamentos quanto nos conhecimentos socializados.

A professora regente apresentou preparo no processo de alfabetização das crianças e letramento literário, apresentando cumprir os documentos educacionais.

Nas atividades de leitura e escrita, a classe apresentava um domínio adequado considerando idade e série, eles apresentaram reconhecimento das letras grafadas, desenvoltura da oralidade, apresentaram também uma sequência lógica das ideias e uma boa percepção cognitiva.

Conclui-se então que o objetivo geral da sequência didática foi atingido com êxito, o que contribui na compreensão e na formação cultural dos alunos.

A aplicação da sequência ocasionou a atenção da direção da escola. Ao término, a supervisora de ensino da escola solicitou que os desenhos, atividades e pinturas fossem registrados por meio de fotografias. Foram colocadas na feira literária de Taperoá-FLITA todas as pinturas e desenhos como produções e representações culturais da comunidade quilombola.

CONCLUSÃO

Este trabalho possibilitou refletir sobre novas concepções metodológicas na educação infan-

til. Contudo, o objetivo foi alcançado com êxito, sensibilizando os professores a ter um olhar especial na prática de leitura e escrita com seus educandos, podendo incluir no acervo da escola literaturas ou temáticas voltadas para as comunidades quilombolas.

Baseado nas contribuições teóricas foi possível perceber que todo processo de leitura e escrita parte da necessidade de pensar e criar estratégias metodológicas para desenvolver habilidades e competências leitoras e de escrita no educando.

A criança quando chega à escola, já dispõe de muitos saberes, sobretudo, relativos ao uso de leitura de mundo, precisando sistematizar o conhecimento, despertar certos interesses e anseios.

Esta sequência didática teve como impacto resgatar a afirmação da identidade da comunidade pela representação e afirmação da cultura, resgate e memória das brincadeiras antigas e atuais, dialogando com as gerações, registro da cultura da comunidade por meio da pintura e desenho. Essas práticas contribuem para a memória, registro, afirmação, resgate e representação da comunidade quilombola que é concretizada pela livros de literatura.

Conclui-se que o professor enfrenta grandes desafios no processo de alfabetização, por esse motivo que o professor precisa repensar suas práticas, uma vez que a leitura e a escrita são ferramentas essenciais para a vida dos educandos para se sentirem pertencentes na sociedade letrada de variados gêneros textuais exercendo também variadas funções sociais de atos comunicativos.

A experiência oportunizou compreender a relação ensino-aprendizagem e as múltiplas possibilidades de representação da cultura, contexto histórico e econômico a partir da leitura literária, possibilitando o resgate e afirmação da comunidade a partir da escola.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOMFIM, Flávia. **Um menino igual a tantos outros**. Secretaria da cultura, 2014.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas: Mercado de letras, 2006.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente**: identidade em construção. São Paulo: EDU; Rio de Janeiro. Pallas, 2004.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 2001. p.144.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Secretaria da cultura, 2014.
- NETO, Simões Lopes. **O negrinho do pastoreio**.
- PETTY, Kate Literatura Infantil. **Brincadeiras**. Combio de corda, 2008.
- QUINTAS, Cristiane. **Tino, peregrino do Brasil**. Recife: Prazer de ler, 2015.
- SOARES, M. B. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 25, p. 5-16, jan./abr. 2006.
- ZANLUCHI, Fernando Barroco. **O brincar e o criar**: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação.

A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM ATIVIDADES DE EXTENSÃO DURANTE A PANDEMIA DO COVID -19 NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UFRB

THE PERFORMANCE OF LIBRAS INTERPRETERS IN EXTENSION ACTIVITIES DURING THE PANDEMIC OF COVID -19 AT THE TEACHER TRAINING CENTER OF UFRB

Jamile dos Santos Ferreira

Esp. em Libras, Esp. em Docência no ensino superior, Bacharel em Letras Libras, Intérprete de Libras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. jamiletils@ufrb.edu.br

Janiny Pires Seles Bispo

Esp. em Libras e Educação de surdos, Pedagoga, Intérprete de Libras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. janinylibras@ufrb.edu.br

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo expor a vivência dos profissionais que atuaram como Tradutores e Intérpretes de Libras/ Língua Portuguesa - TILSP nas atividades de extensão durante a pandemia do COVID-19, no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - CFP/UFRB. O cenário pandêmico impôs às instituições de ensino um novo modo de ensinar e aprender para cumprimento das medidas sanitárias de isolamento social, exigindo o uso de ferramentas tecnológicas para interação online, sobretudo nas atividades de extensão. E neste sentido o profissional Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa tem sido fundamental para proporcionar às pessoas surdas a presença e o protagonismo, seja como participante, palestrante e coordenador da atividade. A análise foi realizada com base nos registros e reflexões da equipe de tradução e interpretação e constatou-se nos resultados o uso de estratégias para enfrentar os desafios tecnológicos e estruturais. Percebe-se que a extensão é um importante meio para difusão do conhecimento e que a presença do TILSP é imprescindível para a equidade de direitos, bem como o acesso aos conteúdos disponibilizados no formato virtual.

Palavras- chaves: Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais. Surdez. Acessibilidade linguística. Plataformas virtuais. COVID-19.

ABSTRACT

This experience report aims to expose the experience of professionals who acted as Translators and Interpreters of Libras/Portuguese Language – TILPS in extension activities during the COVID -19 pandemic, at the Teacher Training Center of the Federal University of Recôncavo da Bahia – CFP / UFRB. The pandemic scenario imposed on educational institutions a new way of teaching and learning to comply with sanitary measures of social isolation, requiring the use of technological tools for online interaction, especially in extension activities. In this sense, the professional Libras/Portuguese Language Translator and Interpreter has been instrumental in providing deaf

people with the presence and protagonism, whether as a participant, speaker and coordinator of the activity. The analysis was carried out based on the records and reflections of the translation and interpretation team and it was found in the results the use of strategies to face technological and structural challenges. It is noticed that the extension is an important means for the dissemination of knowledge and that the presence of TILSP is essential for the equity of rights, as well as access to the contents made available in the virtual format.

Keywords: Sing Language Translator and Interpreter. Deafness .Linguistic accessibility Virtual platforms. COVID – 19.

INTRODUÇÃO

O novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19, se disseminou por todo o mundo. Esta circunstância transformou os hábitos da população mundial, que de forma súbita foi obrigada a adequar-se às normas estabelecidas para o controle da contaminação. As mudanças mais significativas dizem respeito ao isolamento social e suspensão das atividades presenciais dos serviços considerados não essenciais, entres eles a educação, por este motivo em 17 de março de 2020 foi autorizado por meio da Portaria nº 343, a substituição das aulas presenciais por meios digitais (BRASIL, 2020).

As instituições de ensino precisaram se adaptar à nova realidade, passando a utilizar as plataformas virtuais como principal recurso. Ressaltamos que as aulas remotas não se constituem uma modalidade de ensino, mas sim, uma tentativa emergencial de enfrentar o período de pandemia.

As plataformas virtuais são o principal recurso para assegurar o direito linguístico das pessoas surdas por meio da língua brasileira de sinais- Libras, reconhecida pela lei 10.436/2002 “como meio legal de comunicação e expressão”.

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras (BRASIL, 2002).

Diante disso, devem ser implementadas ações que viabilizem o acesso das pessoas surdas à educação, de modo que respeite as suas singularidades, ou seja, garantindo a acessibilidade

de linguística dos surdos nas aulas e eventos em sua própria língua. O profissional habilitado para mediar a comunicação entre surdos e ouvintes é o Tradutor e Intérprete de Libras/ Língua Portuguesa, doravante TILSP. De acordo com a Lei Federal 12.319, de 1º de setembro de 2010 que dispõe sobre esse profissional:

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa. (BRASIL, 2010)

A equipe de TILSP a que se refere este trabalho é formada por quatro servidoras técnicas efetivas e duas estagiárias, todas em processo de familiarização com as Tecnologias de Informação e Comunicação -TICs. Portanto, pretende-se neste relato compartilhar as experiências da equipe diante do desafio de utilizar as plataformas virtuais como única possibilidade de trabalho e acessibilidade aos surdos durante a pandemia do COVID-19.

O ALCANCE DA EXTENSÃO NO CFP/UFRB

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB é composta por centros em seis cidades do Recôncavo baiano, entre eles o Centro de Formação de Professores - CFP/UFRB, localizado no município de Amargosa, onde são ofertados os seguintes cursos de graduação: Pedagogia, Letras, Física, Química, Educação do Campo, Filosofia, Matemática e Educação Física.

A universidade atua de acordo com a estrutura de ensino, pesquisa e extensão, sendo esta última, um dos importantes pilares da tríade que a sustenta. Tem como principal objetivo estender à comunidade externa os conhecimentos

adquiridos na academia. De acordo com a Resolução 38/2017 da UFRB:

Art. 2º A Extensão universitária é um processo educativo, artístico, cultural e científico que articula as atividades de ensino e a pesquisa de forma indissociável, viabilizando a relação transformadora entre a universidade e os demais setores da sociedade.

No período de suspensão das atividades presenciais, a extensão também aderiu ao formato virtual, ampliando a interação da universidade com a comunidade, contemplando pessoas ouvintes e surdas. Diante da fundamental atuação dos TILSP em prol da acessibilidade linguística dos surdos, sem os quais milhões de pessoas estariam à margem da sociedade, torna-se pertinente o seguinte questionamento: Como atuaram os TILSP nas atividades de extensão durante a pandemia do COVID-19 no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - CFP/UFRB?

Estamos cientes do movimento dinâmico de construção do aprendizado, porém objetivamos destacar os principais tópicos que nortearam a prática da equipe de tradução e interpretação e que viabilizou o alcance dos projetos de extensão às pessoas surdas da comunidade.

MÉTODO

O trabalho trata-se de um relato de experiência vinculado às atividades de extensão do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - CFP/UFRB. Destaca-se o serviço desenvolvido de maneira remota, no período de março a dezembro de 2020. A instituição tem como missão "formar cidadãos criativos, empreendedores e inovadores, contribuindo para o desenvolvimento social, tecnológico e sustentável, promovendo a inclusão e valorizando as culturas locais." (UFRB, 2020)

O período pandêmico trouxe à tona a necessidade de tornar ainda mais acessível as discussões da academia, sobretudo por meio da extensão. Esta mudança representou maior visibilidade para a acessibilidade linguística nos

projetos, pois a grande maioria fica disponível em plataformas de grande alcance, como por exemplo, no youtube.

O serviço de tradução/interpretação atualmente vinculado à gestão de ensino, é desenvolvido por uma equipe de quatro servidoras técnicas efetivas e duas estagiárias. Entre as servidoras, há uma pedagoga, duas licenciadas e uma bacharel em Letras Libras. Todas possuem certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Libras ou Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa e especialização na área de educação e Libras. As estagiárias são discentes do curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Libras. Além dessas, outras duas profissionais, de contrato temporário, compuseram o quadro de TILSP, no período de outubro a dezembro de 2020.

A prática interpretativa requer uma estrutura diferenciada de espaço para filmagem, iluminação, enquadramento e áudio. Os intérpretes adaptaram suas casas em mini - estúdios com investimento pessoal para a aquisição de equipamentos e serviços como: ring light, suporte com fundo neutro para filmagens e melhores planos de internet. Notebooks da instituição também foram disponibilizados àquelas que necessitavam do aparelho para o atendimento institucional. Esta nova dinâmica trouxe aos TILSP outras preocupações além da habilidade técnica do fazer tradutório, pois inevitavelmente passaram a ser responsáveis por toda a estrutura do seu ambiente de trabalho.

As intérpretes mantiveram a prática do trabalho em dupla ou trio, com revezamento a cada 15 ou 20 minutos, nas situações em que ocorreram algum tipo de intercorrência era possível fazer a substituição. Ressaltamos que o intérprete de apoio cumpre o papel de semelhante importância ao que está na posição atuante, tal qual esclarece Nogueira (2016):

Assim, entendemos, de forma geral, que a presença de uma equipe conta com no mínimo duas pessoas, que atuam em conjunto, a fim de que exista o revezamento na produção da interpretação, pois sabemos que a interpretação quando realizada por longos períodos, torna-se física e mentalmente exaustiva. Além de contribuir para evitar o cansaço físico, existe a possibilidade de ter o auxílio desse colega, qua-

lificando o processo interpretativo, apoiando a produção do discurso.

As plataformas virtuais mais utilizadas na extensão do CFP/UFRB com acessibilidade em Libras foram: Google Meet, Zoom, Tealink e StreamYard. Para maior alcance do público, a divulgação e eventos foram transmitidos nas redes sociais YouTube, Facebook e Instagram. Outras três ferramentas foram necessárias para o trabalho remoto para fins de organização e comunicação: Whatsapp, e-mail institucional e Google Drive.

No período analisado foram registrados quarenta e dois atendimentos dos TILSP em projetos de extensão. Esses eventos tiveram entre duas a quatro horas de duração, com a finalidade de promover o diálogo entre pesquisadores de diversas instituições do Brasil e a comunidade. Após a realização dessas atividades, os profissionais responsáveis se reuniram para refletir sobre as mesmas, e com base nessas reflexões foram identificados os seguintes desafios: o não envio de materiais com antecedência, necessidade de apoio nas interpretações, equipamentos inadequados para o trabalho em home office e aumento das solicitações para interpretação. Como possibilidades, percebemos maior visibilidade, bem como reconhecimento do TILSP e estreitamento da sua relação com o professor.

Além da interpretação simultânea, houve também solicitações para traduzir materiais em Libras para postagem no Instagram do projeto. Segundo Nogueira (2016), a distinção entre traduzir e interpretar baseia-se, dentre outras questões, que na tradução “normalmente o texto a ser traduzido está na modalidade escrita ou em algum outro suporte que possibilita a retomada de determinadas partes ou do texto completo”. Enquanto, na interpretação é necessário “tomar muitas decisões imediatas em relação ao sentido do texto e as escolhas lexicais”.

Vale ressaltar que além de trabalhos de tradução e interpretação dos eventos de extensão, a equipe atuou também em aulas e reuniões diversas durante o período analisado, bem como proponentes de atividades extensionistas de cunho formativo a saber: I Roda de conversa dos TILSP de Amargosa - BA e Grupos de

trabalho dos TILSP de Amargosa.

O atendimento das demandas de tradução e interpretação foram administradas pela equipe por meio de uma tabela para registro e distribuição uniforme das atividades. Porém, mesmo com todo o empenho do grupo algumas solicitações foram negadas, sobretudo, após o início do calendário acadêmico suplementar, em razão do quadro reduzido de profissionais.

RESULTADOS

Dentre os desafios do trabalho das TILSP na extensão, observamos o desconhecimento dos docentes acerca do processo tradutório que culmina no não envio de materiais (resumo das falas, slides, vídeos e etc.) com antecedência. Este comportamento influencia na atuação dos intérpretes, visto que a complexidade da demanda de interpretação envolve o estudo prévio do conteúdo, pesquisa de sinais e contato com colegas da área. De acordo com Machado (2017)

a tradução intralingual redimensiona um novo olhar para o conceito de tradução, pois antes mesmo de realizar uma interpretação simultânea ou consecutiva, torna-se necessário um processo tradutório, no sentido de compreensão do texto de partida, ou seja, traduzir numa atividade intralingual, para que faça sentido numa versão prévia do conteúdo, sendo interpretado para a língua de chegada (MACHADO, 2017).

Diante dessa dificuldade, a equipe, juntamente com a chefia imediata, buscou dialogar com os docentes, este contato resultou em maior aproximação entre os TILSP e professores favorecendo a troca de informações sobre os projetos, bem como as especificidades do trabalho tradutório/interpretativo. Este contato gerou um olhar mais empático e respeitoso por alguns docentes sobre os Intérpretes Educacionais - IE, uma vez que, conforme Lacerda (2006), “ambos são imprescindíveis: o professor precisa do Intérprete para lhe auxiliar nas questões da surdez e da Libras (que ele desconhece), e o IE necessita da boa atuação e conhecimento do professor para que seu trabalho seja efetivo”.

Além disso, percebeu-se grande dificuldade das equipes para dar e receber apoio durante as interpretações simultâneas nas duas direções, língua de sinais e língua vocal (FEBRA-PILS, 2020). O ingresso dos surdos no ensino superior demonstra o protagonismo dos mesmos e conseqüentemente a necessidade do intérprete atuando em língua de sinais e em língua portuguesa, necessitando, portanto, de suporte técnico interpretativo.

Nessa perspectiva, ambos os intérpretes estão atuando. O intérprete que teoricamente não está na função “ativa” continua como responsável em apoiar o trabalho do parceiro, em vez de se “desligar” do processo de interpretação. Com isso, o intérprete de apoio necessita estar alerta para que possa contribuir com o colega, caso perca alguma informação essencial ou que perceba que a informação não está de forma clara (NOGUEIRA, 2016, p.87).

Nesse sentido, buscou-se utilizar ligação telefônica como estratégia de apoio à interpretação, porém o método não se mostrou eficaz pela necessidade de um aparelho reserva e ao daley nas chamadas de voz.

Os equipamentos inadequados também refletem na qualidade de vida das profissionais, desde o suporte ergonômico até a conectividade da rede. Entre esses recursos, inclui-se o assento desconfortável, a falta de tripé para regular a altura e melhor posicionamento da câmera, mesa para suporte do notebook em local com iluminação adequada. A ausência desses materiais contribui diretamente para patologias dos TILS que segundo Guarinello et al. (2017, p. 464) “variam desde lesões em tendões, músculos e articulações, principalmente dos membros superiores, ombros e pescoço, até a manutenção de posturas inadequadas o que resulta em dor, fadiga e declínio do desempenho profissional”.

Somado a isso, recursos tecnológicos também foram desafios para os TILSP, como a pouca memória do celular para traduções filmadas, a internet de baixa velocidade, qualidade de som e imagem. Para que a acessibilidade em Libras seja assegurada na modalidade virtual não basta que docentes e surdos tenham boas condições à rede. “Mas um profissional precisa estar conectado, além do professor, e

com o suporte necessário para executar seu trabalho. (SANTOS, 2020)

Em suma, percebemos que o momento sem precedentes como o vivenciado no último ano exigiu outras formas de atuar e os caminhos foram descobertos durante o percurso evidenciando desafios e propondo possibilidades para os melhores resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos este trabalho que teve por objetivo relatar as experiências da equipe de TILSP nas atividades de extensão do CFP/UFRB durante a pandemia do COVID - 19, analisando as implicações desta produção para a extensão universitária, as principais limitações do relato e as conclusões após análise literária.

Entendemos que, ao relatarmos nossa vivência, contribuimos para a atuação de outras equipes, assim como elucidamos aos docentes e demais solicitantes do serviço questões relacionadas ao processo tradutório/interpretativo. A compreensão do papel e especificidades da atuação dos intérpretes são imprescindíveis para o desempenho nas atividades universitárias, pois o trabalho do TILSP perpassa por toda a prática acadêmica que valoriza e respeita a pessoa surda.

Embora este material possa estabelecer um diálogo positivo com os leitores, temos consciência das limitações existentes, contudo, acreditamos que possa inspirar outras pesquisas como: interpretação vocal (Libras-Língua Portuguesa) em eventos online, as dificuldades da interpretação em plataformas virtuais e as estratégias para o apoio nas interpretações simultâneas no trabalho remoto, por exemplo.

Após a análise de literatura da área percebeu-se grande aproximação das experiências relatadas com a prática de outras instituições de ensino. Avaliamos que toda a equipe estará mais preparada para os trabalhos futuros, porém permanece atenta às experiências que acrescentarão aprendizados significativos, como um constante ciclo produtivo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm>. Acesso em 06 de fev de 2021.

BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 06 de fev de 2021.

BRASIL. Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências**. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em 06 de fev de 2021.

BRASIL, Portaria nº 343 de 17 março de 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 mar 2020. Seção 01, p. 39. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em 06 de fev de 2021.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS TRADUTORES, Intérpretes e Guias- Intérpretes de Língua de Sinais, NT Nº 004/2020: Nota Técnica sobre interpretação simultânea remota para a Língua Brasileira de Sinais, 2020.

GABINETE DA REITORIA/REITORIA, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2020. **Objetivos, Metas e Resultados**. Disponível em: < <https://ufrb.edu.br/portal/objetivos-metas-e-resultados>>. Acesso em: 25 de abr de 2021.

GUARINELLO, C. Ana et al. **Qualidade de vida do profissional intérprete de língua de sinais**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/30098>> Acesso em: 24 de abr de 2021.

LACERDA, C. B. F. de. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. Cadernos do CEDES (UNICAMP), Campinas, v. 26, n.69, p. 163-184, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669.pdf>.> Acesso em: 24 de abr de 2021.

MACHADO, F.M.A. **Formação e competências de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais em interpretação simultânea de Língua Portuguesa – Libras: Estudo de caso em câmara de deputados federais**. Tese de doutorado, 2017. Disponível em : <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3478/Tese%20FI%20A1via%20Medeiros%20C3%81lvaro%20Machado.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 de abr de 2021.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras - Português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio em cabine**. 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução) – UFSC. Florianópolis, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/167619/341090.pdf?jsessionid=EFC82E-D921127A46273B850BE36301DF?sequence=1>> Acesso em: 24 de abr de 2021.

SANTOS, R. F. F. Dos. **A atuação do intérprete de libras em tempos de pandemia: reflexões acerca de possibilidades e desafios**. Anais IV CINTEDI. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72309>>. Acesso em: 24 de abr de 2021.

TRAÇANDO PROJETOS DE VIDA E CONSTRUINDO OUTRAS FORMAS DE PENSAR O FUTURO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA DE CACHOEIRA-BA¹

DESIGNING LIFE PROJECTS AND ALTERNATIVE WAYS OF THINKING
ABOUT THE FUTURE WITH PUBLIC HIGH SCHOOL STUDENTS FROM
CACHOEIRA – BAHIA

Luiz Paulo Jesus de Oliveira

Professor Adjunto do CAHL, Doutor em Ciências Sociais, Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Juventude (GEPJUV/CNPQ), UFRB, luzpaulooliveira@gmail.com

Daniela Abreu Matos

Professora do CAHL, Doutora em Comunicação Social, Vice-Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Juventude (GEPJUV/CNPQ), UFRB, danielamatos.ufrb@gmail.com

Ana Maria Carvalho Cruz

Graduanda em Serviço Social, UFRB, anamariacarvalhoc@outlook.com

Barbara Lima Martins

Graduanda em Comunicação Social-Jornalismo, UFRB, oxbarbara@outlook.com

Saene Santos Silva

Graduanda em Serviço Social, UFRB, saenesantoss@gmail.com

RESUMO

Este relato objetiva socializar os resultados das ações desenvolvidas pelo Projeto de Extensão “Juventude(s), educação e projetos de vida: diálogos com/de/para jovens das escolas de ensino médio do Recôncavo da Bahia – Ano III” - CAHL/UFRB, em parceria com o Colégio Estadual da Cachoeira (CEC), Cachoeira (BA). As ações deste projeto visaram promover espaços de diálogo de estudantes universitários com estudantes do ensino médio sobre os seus respectivos projetos de vida e perspectivas de futuro, bem como a continuidade dos estudos e o acesso à universidade pública. A perspectiva metodológica se orientou na “pedagogia da juventude” (DYARELL, 2005) cujas atividades educativas realizadas priorizaram a escuta, o protagonismo e as expressividades juvenis, através de oficinas pedagógicas no espaço escolar, que contaram com a participação de professores e de aproximadamente 45 estudantes de turmas do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. Por fim, concluímos que a experiência se configurou num laboratório de ação extensionista exitosa na medida em que buscou “inventar”, “testar” e “construir” com os jovens estudantes do ensino médio estratégias e ações de reconhecimento da condição juvenil no espaço escolar e de aproximação com a universidade pública, enquanto horizonte e lugar possível na construção dos projetos de vida dos/as jovens.

Palavras-Chave: Juventude. Educação. Perspectivas de Futuro.

¹ Este relato de experiência foi aceito para apresentação no I Simpósio Internacional Juventudes e Educação, realizado entre os dias 06 a 08 de outubro de 2020, em modalidade remota, na UNIVASF, em Juazeiro-BA.

ABSTRACT

This article aims to socialize the results of the actions developed by the Extension Project "Youth(s), education and life projects: dialogues with / from / for young people from the high schools of Recôncavo da Bahia - Year III" - CAHL/UFRB, in partnership with the Colégio Estadual de Cachoeira (CEC) - a public high school located in Cachoeira (BA). The actions of this project aimed to promote spaces of dialogue between university students and high school students, about their life projects and future perspectives, as well as the continuity of studies and access to public universities. The methodological perspective was oriented by "youth pedagogy" (DAYRELL, 2005). The educational activities carried out prioritized listening, protagonism and youth expressions, through pedagogical workshops in school, which counted with the participation of teachers and approximately 45 students from classes of 1st, 2nd and 3rd grades. Therefore, we conclude that the experience reported here achieved success, as it set up a research lab of academic extensive actions, which sought to "invent", "test" and "build" strategies and actions of recognition of youth practice in school place, with young high school students, as well as including in their range of opportunities the public university, as a possible place where they can develop their life projects.

Keywords: Youth. Education. Future Perspectives.

INTRODUÇÃO

Esse relato de experiência visa socializar os resultados das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto de Extensão "Juventude(s), educação e projetos de vida: diálogos com/de/ para jovens das escolas de ensino médio do Recôncavo da Bahia - Ano III", do Centro de Artes, Humanidades e Letras, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL/UFRB), realizado em parceria com o Colégio Estadual da Cachoeira (CEC), no município de Cachoeira, Bahia, no ano de 2018, que contou com o apoio do Programa Institucional de Bolsa Extensão Universitária da UFRB (Edital PIBEX n. 03/2018 - PROEXT/UFRB).

Esse projeto teve como objetivo fomentar o protagonismo juvenil, de modo que os/as jovens estudantes se reconheçam como construtores e responsáveis pela dinâmica escolar, e estimular a autonomia dos/as jovens na configuração dos seus projetos de vida, a partir de uma visão crítica e propositiva sobre a percepção dos limites estruturais que lhes são impostos.

Nos anos de 2016 e 2017, o Projeto de Extensão "Juventude(s), Educação e Projetos de Vida" foi realizado em parceria com o CEPAG - Colégio Estadual Padre Alexandre Gusmão - localizado no distrito da zona rural no município

de Cachoeira. Nessa primeira etapa, o objetivo central era criar condições para que os jovens pudessem refletir sobre os seus projetos de vida, a partir das suas inserções contextuais e das suas expectativas de futuro, de modo a estimular experimentação que caracteriza a experiência juvenil (DAYRELL, 2007; PAIS, 2006).

Por sua vez, em 2018, no seu terceiro ano, as atividades do projeto ocorreram no Colégio Estadual da Cachoeira, escola de grande porte, localizada na sede do município. O projeto foi realizado nas turmas do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio do turno vespertino, a partir de uma indicação da Coordenação Pedagógica, ao avaliar que essas turmas tiveram pouco contato com ações extensionistas realizadas pela UFRB. A equipe do projeto é multidisciplinar, composta por dois docentes coordenadores, com formação em Ciências Sociais e Comunicação Social; e 04 estudantes dos cursos de Serviço Social (02 estudantes), Comunicação Social-Jornalismo (01 estudante) e do curso de Ciências Sociais (01 estudante) do CAHL/UFRB.

Em virtude das restrições orçamentárias, o referido projeto de extensão foi contemplado apenas com uma bolsa remunerada no Edital 2018 PIBEX/PROEXT/UFRB. No entanto, cabe destacar o envolvimento e a participação de estudantes de graduação como bolsistas voluntárias, condição fundamental e indispensá-

vel para a realização das ações.

A importância do projeto é efetivada a partir da aproximação dos estudantes do ensino médio da rede pública de cidades do interior do Estado com o âmbito acadêmico-universitário, que se configura historicamente como um espaço de difícil acesso. A proposta era mostrar exatamente o contrário. Desse modo, o objetivo geral das nossas ações extensionistas visava promover e incentivar práticas educativas no espaço da escola que possibilitem aos jovens estudantes do ensino médio viverem e ampliarem a sua condição juvenil face ao contexto de uma sociedade desigual, na qual os jovens, principalmente os oriundos das camadas populares, estão privados da materialidade do trabalho, de espaços de produção da cultura e lazer, o que pode implicar em barreiras simbólicas e estruturais para a sua projeção de futuro e expectativas em relação aos seus projetos de vidas. Como nos lembra o educador e pesquisador Juarez Dayrell,

Os projetos podem ser individuais e/ou coletivos; podem ser mais amplos ou restritos, com elaborações a curto ou médio prazo, dependendo do campo de possibilidades. Quer dizer, dependem do contexto sócio- econômico- cultural concreto no qual cada jovem se encontra inserido, e que circunscreve suas possibilidades de experiências (DAYRELL, 2005, p. 02).

Nesse sentido, o projeto de extensão conseguiu empreender a mobilização de um quantitativo significativo de estudantes a se posicionarem em relação aos seus projetos de vida, frente às reflexões e tensões de um momento da vida, constituída de significativas alterações corporais, sociais, biopsíquicas e emocionais, bem como a percepções dos envolvidos para com os caminhos que desejam trilhar, identificando os obstáculos e as potencialidades na construção de projetos futuros ao longo de suas trajetórias e biografias pessoais.

PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS

Inicialmente, em agosto de 2018, foi realizada uma reunião para apresentação da proposi-

ção para a Equipe de Gestão do Colégio, que foi bem avaliada e aceita. Nessa reunião ficou acordada a realização de uma Oficina Pedagógica com os Professores com objetivo de apresentar e discutir as ações a serem desenvolvidas com os estudantes, bem como suscitar o diálogo formativo sobre práticas educativas com/de/para jovens no ensino médio.

A Oficina Pedagógica, "Jovem, Escola e Projeto de Vida" ocorreu em setembro de 2018 e teve como público a equipe de professores e professoras do Colégio Estadual da Cachoeira. Na ocasião houve apresentação detalhada da proposta do projeto de extensão e, a realização de uma dinâmica que consistiu em solicitar aos/às professores/as que expressassem, a partir do contexto vivenciado, suas percepções sobre os jovens na sociedade brasileira atual. A partir do registro de palavras-chave em tarjetas coloridas foi possível elaborar um painel com as seguintes características mencionadas: otimismo, alegria, amizade, energia, modernidade, criatividade e também: rebeldia, irresponsabilidade, imaturidade, a necessidade de ser o centro das atenções, falta de compromisso e desmotivação.

Através desta dinâmica foi possível entender como as/os professores lidam com os diversos processos que as/os jovens estudantes vivenciam, sendo perceptível que a forma mais recorrente que as/os professores/as se referem aos jovens está ainda muito interligada com as percepções do jovem como um problema, imaturo, irresponsável, um causador de transtornos para a sociedade e, especialmente, para as instituições. As palavras rebeldia e imaturidade foram as mais citadas na dinâmica. Contudo, mesmo que menos recorrente, há nos professores construções sobre a experiência juvenil assentada em outros termos que destacam a alegria, energia e criatividade como marcas dessa condição.

Outra percepção interessante refere-se à autocrítica dos professores ao perceberem que espontaneamente eles/elas acionaram mais percepções consideradas negativas do que positivas sobre os/as jovens-estudantes. Houve um incômodo com o quadro construído que reverberou durante a Oficina. A situação relatada ratifica uma concepção amplamen-

te constatada nos estudos sobre juventude e educação, isto é, a predominância de uma representação negativa e preconceituosa em relação à juventude” (DAYRELL, 2017, p. 03). Neste sentido, estamos de acordo com os pesquisadores Juarez Dayrel e Paulo Carrano no que se refere à alteridade docente no trabalho educativo com os/as jovens, ao afirmarem que:

Nossas realizações como docentes passam pelo conhecimento amplo sobre eles e elas. É a realização de um preceito básico da antropologia: SE QUEREMOS COMPREENDER, É NECESSÁRIO CONHECER. E, da mesma forma, reconhecer experiências, saberes, identidades culturais é condição para o relacionamento e o diálogo (DAYRELL e CARRANO, 2014, p.103).

Portanto, buscou-se mostrar outro olhar sobre os jovens a partir deles mesmos, mostrando e empoderando-os/as a se enxergarem como sujeitos de transformação social, bem como desmistificando algumas concepções limitadoras que os fazem estagnar e desanimar em concretizar seus objetivos. É com essa centralidade de desvirtuar o olhar do jovem socialmente perfeito, para o jovem que, assim como as outras fases, são sujeitos que passam por novos desafios, que se propôs desenvolver as atividades do projeto.

A partir do diálogo com a coordenação pedagógica da Escola, foi definida a agenda das oficinas de modo que fosse possível a realização de 03 encontros, com duração de 50 minutos, com cada turma. No primeiro contato com os estudantes foi realizado um encontro que possibilitou a apresentação do projeto, assim como nossa apresentação e aproximação com os jovens estudantes. Nesse encontro, foi aplicado um questionário com 55 jovens, tendo em vista o levantamento de demandas e temáticas a serem trabalhadas nas oficinas pedagógicas seguintes.

A tabulação dos questionários permitiu traçar o perfil do público alvo, a saber: em sua maioria tinha idade entre 17 e 18 anos (64,6%), do sexo feminino (63%), se autodeclara como negro/a (69%), solteiro (80%), nasceu em Cachoeira (BA) (74%), mora na área urbana da cidade (88%) e com o pai e a mãe (47%), renda familiar de até um salário mínimo (85%) e não trabalhava (73%). Em síntese, tratava-se de jo-

vens oriundos de famílias pobres e negras do Recôncavo da Bahia, que depositam no processo de escolarização e na escola enquanto credenciais necessárias para construção de um projeto de vida futuro.

Durante a realização das oficinas, cada turma contava com uma frequência média de 15 a 20 estudantes, já que havia uma oscilação na frequência dos estudantes nos dias de realização das atividades do projeto de extensão.

Quanto ao formato metodológico das oficinas, optamos pela realização de atividades pedagógicas nas quais as/os estudantes eram estimulados a usar a criatividade para problematizar e expressar seus projetos de vida. Apesar do estranhamento por parte de alguns estudantes, que em certos casos recusavam-se a colaborar e/ou participar das atividades propostas, consideramos que se trata de prática importante para os processos educativos com os jovens, uma vez que favorece o desenvolvimento da autonomia e expressividade juvenis. No decorrer dos encontros e debates, os/as jovens já não apresentavam maiores resistências à proposta pedagógica das oficinas. As jovens estudantes tiveram uma participação mais ativa nas atividades propostas, em contrapartida, a participação mais tímida dos jovens estudantes, que em boa medida expressa o processo diferenciado e desigual de socialização escolar das e dos jovens na sociedade brasileira.

Nesse sentido, as dinâmicas em grupo caracterizam-se como estratégias nas quais o/a jovem estudante era provocado a pensar e repensar seus projetos de vida futuros, constituindo dessa forma um espaço de reconhecimento, sensações e conflitos sobre as expectativas de futuro face às desigualdades sociais e discriminações juvenis vigentes na sociedade brasileira. A metodologia foi uma das principais preocupações da equipe, e por isto, foi mesclada e dinamizada entre músicas, vídeos, debates, fotografias e jogos, considerando que o objetivo do projeto de extensão, não era acarretar em atividades escolares extraclasse no cotidiano dos/as envolvidos/as e sim possibilitar informações necessárias, nesta fase, para que os estudantes pudessem se desenvolver enquanto jovens e sujeitos educativos e de direitos.

No primeiro momento da segunda Oficina, foi utilizado o clipe com a música “Não é sério”, de Charlie Brown Jr., que aborda como o jovem não é levado a sério no Brasil. Na sequência, fizemos uma breve leitura do texto “Projeto de Futuro”², elaborado pela equipe do Portal EM-Diálogo³, seguida de uma roda de conversa com a intenção de fazê-los refletir exatamente sobre as barreiras que os mesmos tinham para serem levados a sério, e o que fazer para mudar essa realidade, mesmo com um pouco de timidez, os jovens dialogaram sobre o assunto, mostrando os diversos posicionamentos e perspectivas diante da realidade sobre o futuro.

É a partir deste momento, que os jovens estudantes começam a falar um pouco sobre suas metas, seus projetos de futuro e sua própria visão sobre a juventude, em que destacam o equívoco de certos professores e até mesmo da sociedade em generalizar as atitudes da juventude, e que essa caracterização pejorativa, causava desmotivação para buscar ser diferente, já que atender ao que os adultos pensam como forma de rebeldia, era mais fácil, alimentando ainda mais as opiniões negativas sobre o ser jovem. Evidenciaram também os desafios enfrentados por eles, junto às decisões, às cobranças, e de como é difícil conciliar todas essas questões e ainda pensar em um futuro. Logo, mudanças e incertezas em relação ao futuro e a perspectiva de continuar na cidade foi algo visível em grande parte dos depoimentos.

A terceira oficina teve como eixo de debate central “os caminhos a serem percorridos na construção do projeto de vida”, este foi o penúltimo encontro, a dificuldade do ingresso no mercado de trabalho foi um dos assuntos mais discutidos. Os/as jovens relataram sobre a vontade de adquirir experiência em áreas distintas, porém a remuneração às vezes não era satisfatória, ou não eram vistos/as como capazes de ingressar no mercado de trabalho, sendo a condição de ser jovem um dos grandes limitadores para aproveitar as poucas

oportunidades. Além do bate-papo foi proposto como material final das oficinas, a construção de uma “árvore da vida”, contendo seus passos da base até seus projetos. A proposta foi aceita pela turma, ainda nesse encontro, a equipe solicitou aos estudantes que fizessem fotografias, com câmera de celular, de alguém ou algo que representasse sua base, seu chão, seu fundamento.

As dificuldades de inserção no mercado de trabalho e de acesso ao emprego assalariado no município de Cachoeira e circunvizinhos são condicionantes socioeconômicas que interferem diretamente na formulação dos projetos de vida dos jovens estudantes, por conseguinte na decisão de sair ou ficar na comunidade/cidade de origem, as quais foram relatadas pelos participantes em todas as suas edições do projeto de extensão, tanto no CEPAG (2016 e 2017) quanto no CEC (2018). As perspectivas dos rapazes, tanto do campo quanto da cidade, estão orientadas pela inserção imediata no mercado de trabalho, seja através dos fluxos migratórios sazonais para o sul e sudeste do país ou a inserção em trabalhos precários na região metropolitana de Salvador. Para as jovens estudantes, a continuidade dos estudos e ingresso na universidade pública aparecem como variáveis chaves, o que demonstra o papel da UFRB, na formação e construção de perspectivas de futuro das jovens pobres e negras do Recôncavo da Bahia.

Durante a quarta e última oficina, dialogamos sobre o andamento das oficinas e suas impressões sobre as atividades. Houve comentários positivos sobre os assuntos abordados, como também cobranças acerca de que outros debates, como por exemplo, feminismo, racismo, intolerância religiosa entre outros, fossem inseridos em pauta. Em seguida, foi iniciada a construção da Árvore da Vida (ver a figura 01), e o primeiro passo foi a composição da raiz da árvore, realizada através das fotografias, tiradas por eles/elas representando o que lhes motivava prosseguir nos projetos de futuro, sendo a maioria das imagens representadas

² Disponível em <http://www.emdialogo.uff.br/node/3432>

³ O Portal EMdiálogo (www.emdialogo.uff.br) é uma iniciativa de uma rede de pesquisadores do país, sobre a coordenação da UFF e UFMG, que reúne informações, textos, fotos, vídeos, materiais didáticos, comunidades virtuais sobre juventude e ensino médio brasileiro. Os materiais didáticos e audiovisuais disponíveis nesse portal subsidiaram o planejamento das ações do nosso projeto de extensão.

por familiares como pais, mães, avôs e tios/tias, a ideia de família como suporte e sustento foi predominante. Já no tronco, palavras foram colocadas, fotografias e frases para representar o que precisavam para percorrer o seu caminho, e por fim nas folhas/frutos estavam em forma de poesia, desenhos e textos os seus respectivos projetos de vida.

Figura 1 – Construção das raízes da Árvore da Vida



Fonte: Arquivo próprio. Projeto de Extensão Juventude(s), educação e projetos de vida – Ano III. CAHL/UFRB. 2018.

No momento da produção da árvore (ver a Figura 2), muitas pessoas, que até então não tinham tido participação mais efetiva e se mostravam tímidas, participaram ativamente da construção do material. O uso do giz, lápis de cor, hidrocor e da criatividade imperou na oficina, foi o momento no qual a colaboração e construção coletiva se consolidou materialmente.

Figura 2 – Construção do tronco e galhas da Árvore da Vida



Fonte: Arquivo próprio. Projeto de Extensão Juventude(s), educação e projetos de vida – Ano III. CAHL/UFRB. 2018.

Como atividade de encerramento do Projeto, ocorreu, conforme previsto, a visita das turmas

do 1º, 2º e 3º ano ao CAHL/UFRB, localizado no centro da cidade de Cachoeira. Essa atividade foi organizada em duas etapas, uma visita às instalações do CAHL e uma roda de conversa entre jovens estudantes do ensino médio com jovens universitários/as de cursos de graduação ofertados nesse Centro. A visita guiada por nossa equipe pela Universidade, em seu primeiro momento, apresentou aos nossos/as visitantes, laboratórios, estúdios de produção audiovisual, salas, área de convivência e a biblioteca. No segundo momento, todos/as concentraram-se numa sala de aula, para a roda de conversa. Inicialmente foram apresentadas informações gerais sobre a Universidade. Em seguida os/as estudantes de diversos cursos compartilharam suas experiências de vida e opiniões sobre a universidade, os desafios de cada um/uma para chegar até ali, seus sonhos e suas expectativas de futuro, algumas dúvidas foram tiradas, e por fim, a mensagem final foi um convite para que aqueles/as convidados/as se tornassem residentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, concluímos que a experiência, ora relatada, se configurou num laboratório experimental de articulação da indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa na medida em que buscou “inventar”, “testar” e “construir” com os jovens estudantes do ensino médio estratégias e ações de reconhecimento da condição juvenil no espaço escolar e de aproximação com a universidade pública, enquanto horizonte e lugar possível na construção dos projetos de vida das juventudes do Recôncavo da Bahia.

A vivência com os/as jovens no Colégio Estadual da Cachoeira reafirma nossa crença de que a juventude pulsa incertezas e receios, mas também esperança e resistência social em tempos tão difíceis e de retrocessos políticos na sociedade brasileira. Por outro lado, essa experiência também demonstrou que, apesar das inúmeras dificuldades encontradas no exercício das atividades do magistério no ensino médio, há de se destacar a importância do trabalho dos professores “que buscam ampliar o horizonte de possibilidades de estudantes, encorajando-os na busca de oportunidades melhores” (WELLER, 2014, p.149).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAYRELL, Juarez. **Por uma pedagogia da Juventude**. Editora Onda Jovem, São Paulo, n.1, p. 34-47, 2005. Disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/09/ane-xo-i_por-uma-pedagogia-da-juventude_juarez-dayrell.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

_____. A escola "faz" juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade, Campinas**, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é esse aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014, pp. 101-134.

NONATO, Symaira Poliana; ALMEIDA, Jorddana Rocha de; FARIA, Ivan; GEBER, Saulo Pfeffer; DAYRELL, Juarez. **Por uma pedagogia das juventudes**. In: DAYRELL, Juarez (org.) **Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016, p. 249-304.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

WELLER, Wivian. Jovens no Ensino Médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014. p. 137-155.

INTERDISCIPLINARIDADE NO ATENDIMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

INTERDISCIPLINARITY IN SERVING DOMESTIC VIOLENCE DURING THE COVID-19 PANDEMIC: AN EXPERIENCE REPORT

Adriana Moreira Dias

Graduanda do curso de Direito da Universidade Estadual do Tocantins
adriana.md@unitins.br

Alexia da Silva Sousa

Graduanda do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Tocantins
allexyass2000@gmail.com

Julliany Karoliny Da Silva Guedes

Graduanda do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Tocantins
jullianykg@gmail.com

Thays Gouveia Miranda dos Reis

Graduanda do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Tocantins
thaysgouv17@gmail.com

Sônia Maria Neri de Araújo

Especialista em docência do ensino superior, obstetrícia e Gestão em saúde
sonia.mn@unitins.br

RESUMO

Este relato de experiência trata de uma ação dentro do projeto de extensão Saúde virtual: A prevenção dentro da sua casa da Universidade Estadual do Tocantins. A parte referencial aborda a análise de conteúdo da entrevista feita com profissionais de áreas do Direito, Serviço Social e da Saúde que atuam nos casos de violência doméstica e familiar durante a pandemia da Covid-19, levou a comprovação de que os casos têm aumentado significativamente em razão do isolamento domiciliar, a prática proporcionou aos estudantes bolsistas reflexão sobre a atuação multiprofissional em casos de violência doméstica e a visão destes atores no processo de acolhimento de vítimas.

Palavras chave: Interdisciplinaridade. Extensão. Acolhimento. Maria da Penha. Violência doméstica. Covid-19.

ABSTRACT

This experience report is an action within the extension project Virtual Health: Prevention inside your home at the State University of Tocantins. The referential part addresses the content analy-

¹ Projeto financiado pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários, diretoria de extensão – PROEX da Universidade Estadual do Tocantins – Unitins.

sis of the interview made with professionals from the fields of Law, Social Work and Health who work in cases of domestic and family violence during the Covid-19 pandemic, led to the evidence that the cases have significantly increased due to home isolation, the practice provided scholarship students with a reflection on multiprofessional action in cases of domestic violence and the view of these actors in the process of welcoming victims.

Keywords: Interdisciplinarity. Extension. Reception. Maria da penha. Domestic violence. Covid-19.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Saúde virtual - A prevenção dentro de casa”, atua de forma interdisciplinar nos cursos de Enfermagem, Serviço Social, Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Direito, mas além disso conta com atuação de profissionais psicólogos e pedagogos que atuam em Núcleos de Apoio Psicossocial e Pedagógico da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Este relato de experiência tem como foco a ação realizada por alunos bolsistas no âmbito de ação do projeto de extensão, mais especificamente na criação de entrevista em formato de vídeo, que buscou desvendar a interdisciplinaridade da atuação profissional no acolhimento de vítimas de violência doméstica nos períodos de pandemia da Covid-19.

A violência doméstica é um problema social latente no Brasil, que se destaca pelos altos índices que são apresentados todos os anos. Com a pandemia desencadeada pela Covid-19, as autoridades começaram a alarmar, por meio da mídia, um grande avanço nas denúncias de casos de violência doméstica. Entre os dias um de março e dois de agosto de dois mil e vinte, somaram-se um total de dezoito mil, duzentos e seis casos divulgados pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) o pico de casos denunciados foi no dia vinte e quatro de março, neste dia foram feitas 751 denúncias pelo Disk 100/180 (BRASIL, 2020).

A utilização do método entrevista se formalizou na atuação de um projeto de extensão, a visão interdisciplinar de atores que vivenciam em suas áreas casos de violência doméstica em período de isolamento social. Sabe-se que inúmeras são as razões que contribuem para o ciclo da violência doméstica e familiar da mu-

lher e que há uma dificuldade do Estado em atuar nos lares destas para promover a efetiva proteção de seus direitos, sendo que os serviços de saúde e polícia são geralmente os primeiros em que esta mulher consegue acolhimento (VIEIRA; GARCIA; MACIEL, 2020).

Os profissionais que atuam nesse acolhimento da mulher, vítima de violência, devem agir de maneira ética e democrática provocando a sua defesa e proporcionando a descoberta de alternativas que decifrem os impeditivos de modificar a sua realidade, seja participando das discussões sobre o tema, seja promovendo disseminação de informações. Com isso, esses profissionais de diversas áreas de acolhimento provocam ações que culminam em políticas públicas (CZAPSKI apud MACEDO; ALMEIDA, 2017).

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo analisar por meio das experiências dos bolsistas do projeto de extensão “Saúde virtual - A prevenção dentro de casa”, discursos interdisciplinares sobre o tema violência doméstica e familiar em tempos de pandemia e a atuação dessas áreas distintas no acolhimento da mulher por meio de entrevista com profissionais².

METODOLOGIA

A atuação dos cursos de Direito, Serviço Social, Enfermagem e Análise e Desenvolvimento de Sistemas na construção da ação e análise dos resultados se deu da seguinte forma: construção da entrevista, edição do vídeo, publicação, análise do conteúdo e produção de relato de experiência.

² Foram entrevistados: Delegada de polícia; Assistente Social e Enfermeiro.

Define-se o método utilizado nessa pesquisa como hipotético-dedutivo, os dados se apresentam de forma qualitativa, conforme explica Gil (2002), para se explicar um fenômeno existente, dada a complexidade do problema envolvido. Não houve manipulação de variáveis, no entanto, há a narração de teorias e conceitos interdisciplinares, pautando-se em uma visão holística sobre o tema.

O estudo para a entrevista foi construído com base em pesquisa exploratória, a mesma parte da vivência de um problema que se deseja pesquisar. Sendo assim, a ação serviu para a confirmação das teorias sobre o tema, construído com pesquisa bibliográfica (GIL, 2002).

A gravação do vídeo foi feita individualmente por bolsistas do curso de Direito, Enfermagem e Serviço Social com os respectivos profissionais de cada área por meio de entrevista semiestruturada, a edição ficou a encargo dos bolsistas do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, que fizeram edições de mídia como cortes e/ou melhoramento na qualidade de imagem e som, e procederam a publicação no canal do Youtube do projeto.

A análise do conteúdo foi feita de maneira sistematizada dos elementos conforme explica (LAKATOS; MARCONI, p. 27) “Analisar significa estudar, decompor, dissecar, dividir, interpretar. A análise de um texto refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade”. Sendo assim, a entrevista serviu para que os bolsistas dentro de suas respectivas áreas pudessem contribuir para disseminação de informações do tema violência doméstica no período de pandemia.

Conforme explica Coregnato e Mutti (p. 04, 2006) a análise do conteúdo trata-se de “uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social”. Os acadêmicos envolvidos analisaram os conceitos apresentados pelos profissionais e categorizaram as suas falas conforme as áreas de atuação, a partir de indicativos qualitativos que permitiram desvendar o contexto da violência doméstica na pandemia do novo coronavírus.

A análise do conteúdo se deu de forma dedu-

tiva sequencial, sendo a sua interpretação categorizada por campo de atuação, como forma de apresentar a significação da atuação profissional de cada ator envolvido na ação, ou seja, classificou-se para apresentar-se indicadores (COREGNATO; MUTTI, 2006).

Por fim, a análise e produção da entrevista culminou na produção de relato de experiência que descreve a ação de natureza interdisciplinar na disseminação de informações sobre a violência doméstica e a atuação de profissionais da área da Saúde, Direito e do Serviço Social durante a pandemia da Covid-19.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Os bolsistas se organizaram estrategicamente para abordar o tema violência doméstica, com foco no isolamento social durante a pandemia da Covid-19. Para isso, foram envolvidos profissionais do Direito, Enfermagem, Serviço Social, estes atores contribuíram para uma perspectiva interdisciplinar sobre a violência doméstica, que vem aumentando seus casos de forma significativa no período de isolamento.

A visão de cada profissional foi sistematizada em discursos: a) Serviço Social – S; Direito – D e Enfermagem – E, assim, os bolsistas puderam analisar as informações coletadas que foram publicadas no canal do Youtube do projeto. Apresenta-se, como as respostas dos profissionais apontam para a sua atuação frente a casos de violência doméstica.

Primeiramente, sobre a exposição da vítima em tempos de pandemia e de como atuam em suas áreas distintas para promover o atendimento e as devidas ações corretivas: S: Apontou que o período de pandemia tem sido marcado por um aumento significativo de casos, mas que a divulgação de ações como a de escrever com o batom na mão, entre outras, tem sido uma forma dessas mulheres pedirem ajuda, identificou que o profissional da Assistência Social têm várias atribuições neste processo, foi descrito pela profissional, da seguinte forma:

“ [...]existe um processo complexo de muitas instituições que trabalham em conjunto [...]

uma série de ações encaminhadas em rede que devem ser construídas nos estados municípios, em que entrar aqui a mulher tem uma proteção contra o fenômeno [...] de orientar, de socializar informações, direitos e legislações, encaminhamentos e procedimentos de efetivação de direitos sociais estabelecidos nas políticas nas constituições na Constituição Federal nas políticas e na própria legislação Maria da Penha, mas existem atribuições próprias do fazer profissional onde o profissional está inserido, então se ele está inserido na justiça, ele vai fazer com que os direitos sociais relativos a medidas de aceleração do processo da mulher, um direito a um defensor público gratuito seja estabelecido para essa mulher, se ela está atuando na Casa no Centro de Referência Flor-de-Lis³, ela vai fazer orientações encaminhamentos acompanhamentos dos atendimentos da mulher e principalmente ela vai articular com as outras instituições as políticas que essa mulher precisa para ela poder se sentir forte e assim ter a sua subsistência garantida e então o que eu assistente social vai encaminhar ela para o CRAS para que ela entre nos programas [...]” (CZAPSKI, n.p., 2020).

Percebeu-se na análise do conteúdo da entrevista, que o profissional da Assistência Social vivencia a violência doméstica interdisciplinarmente, este profissional se insere no contexto judicial, promovendo orientações sobre as leis existentes, por isso, deve ter conhecimento sobre estas; Insere-se nas Casas de Assistência Social, realizando encaminhamentos para programas de auxílio que consubstanciem os direitos das mulheres vítimas de violência doméstica e integram inclusive o sistema de saúde promovendo acolhimento, e encaminhamento para atendimento clínico-psicológico para vítimas.

Segundo a autora Czapski (2012) o profissional da Assistência Social age de forma paliativa no combate e remediação da violência doméstica, uma vez que a profissão está inserida em uma conceituação ético-política, mediando as relações humanas como forma de promover, uma sociedade mais justa. Percebe-se a descrição destes conceitos por meio do conteúdo do discurso da entrevistada.

D: Expôs as formas de violência doméstica, que são: física, psicológica e patrimonial. Destacou

a dificuldade da mulher vítima de violência doméstica conseguir provar que vem sofrendo qualquer uma delas, sendo assim, descreveu a atuação do poder público no âmbito da polícia civil e poder judiciário, caracterizando como estes agem no período de pandemia e como cumprem as determinações judiciais e o acolhimento das vítimas:

“[...]O atendimento feito pela equipe multidisciplinar da Vara da violência está sendo por trabalho remoto, continuam normal, então a mulher não está tendo prejuízo em relação ao fato dela procurar o poder público, delegacia, Defensoria, Ministério Público e Poder judiciário, todo mundo continua trabalhando da mesma forma [...] se alguém conhece uma pessoa que está em situação de violência doméstica e familiar, ele liga no 180 pois é um canal de denúncia inclusive anônima [...] assim que recebe essa denúncia a gente já faz a busca ativa dessa mulher para poder conversar com ela para entender o que é que ela tá passando [...] assim que acolhe a vítima, levamos para delegacia para conversar com ela e colocar à disponibilidade de todos os serviços que a rede de atendimento oferece [...] em Palmas a casa 8 de março é uma ong que acolhe mulheres em situação de vulnerabilidade, mas também não é sempre que ele tem disponibilidade de acolher. Também, a gente conta com a patrulha Maria da Penha da Polícia Militar que foi criada ano passado e atualmente ela conta com 60, 80 assistidas e essa patrulha foi criada especificamente para resguardar a aplicabilidade das medidas protetivas [...]” (ORSINE, n.p., 2020).

A Lei 11.340/2006 também conhecida como Lei Maria da Penha, dispõe sobre o atendimento e os procedimentos técnico/judiciais para atendimentos de casos de violência doméstica e familiar. A mulher vítima, tem direito a protetivas de urgência, cabe ao Estado protegê-la, e mantê-la longe do agressor como forma de quebra do ciclo de violência. O artigo 23 da referida lei aponta como forma de proteção da mulher o encaminhamento para programas oficiais ou comunitários como o que foi descrito pela delegada na entrevista. Assim como, o afastamento do agressor do local de residência da vítima (BRASIL, 2006).

As delegacias especializadas de proteção a mulher foram criadas na década de 1980, es-

³ Local que promove atendimento humanizado e prioritário para mulheres em situação de enfrentamento de violência doméstica e familiar, onde não promovidos atendimento socioassistencial em Palmas/TO. (SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2020)

sas delegacias possuem a função de investigar e apurar o crime tipificado na Lei 11.340/2006. Os profissionais que atuam nessas delegacias contam com outros profissionais que identificam os casos, como os profissionais da saúde que fazem parte do grupo analisado neste trabalho, a Lei Maria da Penha, cita este atendimento como multidisciplinar (MACIEL, 2020).

E: Apresentou dispositivos legais que comprometem a equipe da área da saúde no acolhimento de vítima, destacando a Lei 12.845/2013 que prevê que os hospitais devem oferecer a vítima de violência sexual um atendimento emergencial e integral e a Lei 3.649/2020 que instituiu uma política pública permanente de combate e enfrentamento a violência doméstica no Tocantins, na prática a atuação dos profissionais da saúde mesmo que em período de pandemia, foi exposta da seguinte forma:

“[...] dentro do sistema único de saúde existe uma política chamada rede de atenção às vítimas de violência e ela é constituída e deve ser constituída e articulada de forma a atender as realidades daquele local onde aquela determinada população ela está inserida, onde vai envolver tanto o núcleo hospitalar quanto a atenção básica. Então não necessariamente que a vítima de violência deve procurar apenas a atenção básica ou unidade hospital, certo mais qualquer um dos componentes desta rede de atenção à essas vítimas, vai poder dá esta assistência ou encaminhamento necessário de acordo com as necessidades dessas mulheres, crianças ou adolescentes. Além disso segundo essa rede de atenção deve ser desenvolvidos núcleos de prevenção as violências e promoção de saúde, onde não apenas os serviços de saúde devam estar inseridos mais também outros órgãos governamentais ou não governamentais devem fazer parte, não somente os serviços de saúde porque na verdade existe uma complexidade muito grande [...]” (NOVAIS, n.p., 2020).

O artigo 3º da Lei Maria da Penha desvenda que é dever de toda a sociedade, da família e do poder público, promover a proteção dos direitos das mulheres, a narrativa do profissional da enfermagem reitera esta responsabilidade (BRASIL, 2006).

Conforme explica Amarijo et al (2020), neste contexto social há grande destaque para o profissional da saúde, pois, confirma aquilo que os outros profissionais entrevistados cita-

ram, o serviço de saúde constitui diversas vezes como a porta de entrada da vítima, essa inclusão cada vez maior dos servidores da saúde amplia a atuação do poder público em detectar uma gama maior de casos de violência doméstica, que interferem significativamente na condição física, mental e reprodutiva da mulher.

Destacaram-se nos discursos, a ênfase na interdisciplinaridade no combate à violência doméstica, sempre que um profissional é abordado sobre o seu papel, ele destaca que a necessidade de uma rede de apoio às vítimas, seja na área do poder de polícia, judiciário, saúde, serviço social e entre outros que não fizeram parte desta ação em específico.

Admite-se que o período de pandemia agravou a situação que já parecia fora de controle, e que as políticas públicas promovem o acesso a esses profissionais, mas que necessitam da iniciativa da denúncia ou da procura a um atendimento nestas instituições. Essa atuação não deve ser apenas por meio de denúncias, mas ampla divulgação e maior quantidade de profissionais como estes, sendo assim há um fortalecimento das redes de apoio e expansão de medidas protetivas (VIEIRA; GARCIA; MACIEL, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a ação extensionista percebeu-se como as áreas interdisciplinares se comunicam, e evidenciou-se a importância da atuação de cada profissional em sua área, no acolhimento da mulher vítima de violência, e de como a atuação multidisciplinar é necessária para fortalecimento da mulher e quebra do ciclo de agressões.

A ação provocou nos discentes uma reflexão sobre a atuação multiprofissional nos casos de Violência Doméstica, e que em razão da pandemia e do objetivo do projeto devem ser discutidas em meios democráticos e públicos.

Os discursos dos profissionais, confirmaram os dados apresentados pelo MMFDH sobre o aumento de casos na pandemia, e a preocupação do poder público em abordar com uma

rede de apoio multiprofissional presente na Lei Maria da Penha.

Desta forma, as entrevistas evidenciaram como o aumento de casos de violência doméstica vêm se agravando em período de pandemia, e que o poder público pode encontrar dificul-

dades em manter a segurança dessa mulher. Destacando-se por um período de isolamento domiciliar que é necessário. No entanto, a sociedade deve se comprometer em combater a violência doméstica e familiar, assim como estes profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARIJO, Cristiane Lopes; et al. **Serviços de atendimento a mulheres em situação de violência doméstica**. Braz. J. Hea. Rev., Curitiba, v. 3, n. 1, p.1306-1323 jan./fev. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.340 de 07 de agosto de 2006** – Lei Maria da Penha. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 17 out. 2020.

BRASIL, **Lei 12.845 de 1º de Agosto de 2013**. Dispõe sobre o atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12845.htm. Acesso em: 17 out. 2020

BRASIL, Indicadores: **Divisão de denúncias por UF**. Brasil: Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ODNH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH); 2020. Disponível em: <https://ouvidoria.mdh.gov.br/portal/indicadores>. Acesso em: 30 de jul. 2020.

COREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 15, n. 4, pág. 679-684, dezembro de 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=en&nrm=iso. Acesso em 17 de outubro de 2020.

CZAPSKI, Alessandra Ruita Santos. **O assistente social no atendimento à violência doméstica contra a mulher**. Travessias, Cascavel, v. 6, n. 1, maio 2012. ISSN 1982-5935. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5672/4855>. Acesso em: 17 out. 2020.

CZAPSKI, Alessandra Ruita Santos. **Violência Doméstica em razão da pandemia - Entrevista com a Professora Alessandra**. Youtube. [Entrevista concedida a] Alexia da Silva Sousa. 10 jul. 2020. 1 vídeo (41:55). Disponível em: <https://youtu.be/whoxiccQW8Q>. Acesso em: 17 out. 2020

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

MACEDO, Camila Sousa; ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. **O Acolhimento de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica**. 2017. [eletrônica] Id on Line Rev. Psic. V.10, N. 33. Janeiro/2017. p. 166-176.

MACIEL, Ana Laura Martins. **A violência doméstica contra a mulher e a (in) eficácia das medidas protetivas de urgência**. Monografia (Graduação de Direito) UniEvangélicam Anápolis/GO. p.43. 2020.

NOVAIS, Denis Gonçalves. Violência Doméstica em razão da pandemia - **Violência Doméstica em Razão da Pandemia - Entrevista com o Enfermeiro Dennis**. Youtube. [Entrevista concedida a] Thays Gouveia Miranda. Tocantins, 10 jul. 2020. 1 vídeo (21:43). Disponível em: <https://youtu.be/I9DrIPhsTWo>. Acesso em: 17 out. 2020.

ORSINE, Suzana Fleury. **Violência Doméstica em razão da pandemia - Entrevista com a Dra. Suzana**. Youtube. [Entrevista concedida a] Adriana Moreira Dias. 10 jul. 2020. 1 vídeo (21:26). Disponível em: https://youtu.be/Qe2hyas_zDI.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. **Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?**. Rev. bras. epidemiol., Rio de Janeiro, v. 23, e200033, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000100201&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 ago. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

SEDES. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. **Plano de ação emergencial: estado de calamidade pública no município de Palmas/TO**. (2020). Disponível em: <https://coronavirus.palmas.to.gov.br/storage/measures/JtNQLhUXwl5Vzj1GWplyPJ8k3nY0hGshW0Sg9Kde.pdf> Acesso em: 17 out. 2020.

TOCANTINS, **Lei 3.649, de 24 de janeiro de 2020**. Institui como política pública permanente de combate e enfrentamento à violência contra a mulher um aplicativo a ser desenvolvido nos moldes do aplicativo "Salve Maria", do Governo do Piauí, que auxilia nas denúncias de violência contra a mulher e no atendimento policial de meninas e mulheres em situação de violência em todo o Estado do Tocantins, e dá outras providências. 2020. Disponível em: https://www.al.to.leg.br/arquivos/lei_3649-2020_51475.PDF. Acesso em 17 out. 2020.

CONSTRUÇÃO DE UMA HORTA COMO INSTRUMENTO DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL

CONSTRUCTION OF A VEGETABLE GARDEN AS A TOOL FOR PSYCHOSOCIAL REHABILITATION

Ismael Oliveira de Araújo

Nutricionista. Nutricionista Quadro técnico do Programa Nacional de Alimentação Escolar da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. ismaeloliveiranut@gmail.com

Angelo Mendes Ferreira

Mestre em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação. Docente da Educação Básica da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. angelolge89@gmail.com

Alessandra Moura

Nutricionista. alemouranutri@gmail.com

RESUMO

A Rede de Atenção Psicossocial é um conjunto de serviços e equipamentos que têm a finalidade de ofertar pontos de atenção à saúde a pessoas com sofrimento ou transtorno mental, bem como necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas e nela se inserem os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Este trabalho é um relato de experiência do projeto de extensão “Nutrindo o saber” realizado em um CAPS de Álcool e outras Drogas 24h (CAPS AD III) situado no município de Salvador, Bahia, no período de 12 meses (2016-2017). Objetivou-se neste projeto o fortalecimento da autonomia e de vínculos familiares e comunitários de participantes do projeto em situação de vulnerabilidade psicossocial e nutricional por meio da construção de hortas urbanas de base agroecológica, mediante oficinas terapêuticas. Foi construída uma horta na qual foram desenvolvidas oficinas terapêuticas que se configuraram como espaços de escuta, acolhimento, atenção e apoio voltadas à reabilitação psicossocial. Com a implantação da horta, o CAPS AD III tornou-se um ambiente propício para a troca de saberes, alívio de tensões, redescobrimiento de capacidades produtivas e da recuperação ou desenvolvimento da autonomia e inserção social dos participantes do projeto.

Palavras-chave: Atenção Psicossocial. Centro de Atenção Psicossocial. Oficina Terapêutica.

ABSTRACT

The psychosocial care network is a set of services and equipment that have the purpose of offering points of health care to people with suffering or mental disorder, as well as needs arising from the use of crack, alcohol and other drugs. of Psychosocial Care (CAPS). This work is an experience report of the extension project “Nourishing the knowledge” carried out in a CAPS for Alcohol and other Drugs 24 h (CAPS AD III) located in the city of Salvador, Bahia, in the period of 12 months (2016-2017). The objective of this project was to strengthen the autonomy and family and community ties of project participants in situations of psychosocial and nutritional vulnerability through the construction of agroecological-based urban gardens, through therapeutic workshops. A vegetable garden was built in which therapeutic workshops were developed that

were configured as spaces for listening, welcoming, attention and support aimed at psychosocial rehabilitation. With the implementation of the vegetable garden, CAPS AD III has become a favorable environment for the exchange of knowledge, tension relief, rediscovery of productive capacities and the recovery or development of the autonomy and social insertion of the project participants.

Keywords: Psychosocial Attention Center. Psychosocial attention. Therapeutic workshop.

INTRODUÇÃO

A Liga Acadêmica Baiana de Segurança Alimentar e Nutricional (LABSAN), entre os anos de 2016 e 2017, desenvolveu o projeto de extensão intitulado “Nutrindo o Saber - Educação Popular e Ambiental com Recorte em Segurança Alimentar e Nutricional”, em um Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas 24h, em Salvador, Bahia. A LABSAN é uma entidade estudantil situada na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O projeto objetivou o fortalecimento da autonomia e de vínculos familiares e comunitários dos participantes do projeto, em situação de vulnerabilidade psicossocial e nutricional, por meio da construção de uma horta de base agroecológica, mediante oficinas terapêuticas. Dessa forma, promovendo reabilitação psicossocial (RP) dos participantes do projeto.

Reabilitação Psicossocial pode ser entendida como um processo ou conjunto de ações voltadas a aumentar as capacidades e habilidades de indivíduos com transtorno mental, diminuindo as deficiências, desabilitações e danos decorrentes, culminando na reconstrução da autonomia dos sujeitos na sociedade (PITTA, 1996; SARACENO, 2001; LIBERMAN, 1993 apud LUSSI; PEREIRA; JUNIOR, 2006).

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são estabelecimentos de saúde que atuam em uma área territorial e são formados por equipes multiprofissionais que agem sob a perspectiva interdisciplinar, compondo um conjunto de serviços e equipamentos que têm a finalidade de ofertar pontos de atenção à saúde a pessoas com sofrimento ou transtorno mental, bem como necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas. A Rede de Atenção Psicossocial, a qual os CAPS estão inseridos, possui como diretrizes a integralidade; humanização; diversificação nas estraté-

gias de cuidado; desenvolvimento de atividades no território a fim de promover inclusão social; construção de um projeto terapêutico singular etc. (BRASIL, 2011).

Os CAPS são locais prioritários para o alcance da RP, como foi observado em um estudo de Furegato (2008) que analisou as percepções de usuários, profissionais e familiares de um CAPS no Rio de Janeiro. O tema “RP” foi encontrado em 40,2% da fala dos entrevistados e ressaltou-se pelos usuários que o CAPS reduzia o número de internamentos hospitalares, incrementaram a autoestima, além de possibilitar a inclusão dos familiares e da sociedade no tratamento, reconstruindo assim a cidadania. Estes resultados são corroborados por Nasi e Schneider (2011), que buscaram compreender o cotidiano de usuários de um CAPS localizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Neste estudo, os usuários relataram a diminuição de hospitalizações, bom atendimento, satisfação com os profissionais da unidade (evidenciando relações de vínculo e confiança) e satisfação quanto à realização de oficinas terapêuticas.

Nas oficinas terapêuticas emergem espaços de escuta, acolhimento, atenção e apoio. A escuta ocorre quando terapeuta e usuário compartilham o mesmo tempo e espaço, sendo fundamental para o estabelecimento de relações e vínculos entre usuários e profissionais, sendo um ponto chave para a otimização dos tratamentos terapêuticos. Ademais, nas oficinas ocorre o desenvolvimento de atividades e socialização entre os participantes que culminam em inclusão social e em incentivo ao desenvolvimento de ações no âmbito doméstico, colaborando para o exercício da autonomia dos sujeitos (NASI e SCHNEIDER, 2011).

As atividades desenvolvidas por um CAPS devem ser articuladas com outros pontos de atenção da rede de saúde e demais redes,

além de serem construídas pela equipe multiprofissional, usuários e suas famílias. Dentre as diretrizes que norteiam o funcionamento da RAPS e validaram as atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão, destacam-se a garantia do acesso e da qualidade dos serviços, ofertando cuidado integral sob a lógica interdisciplinar; a diversificação das estratégias de cuidado e a atenção humanizada (BRASIL 2011).

As atividades desenvolvidas em hortas para fins terapêuticos viabilizam ao público sua expressão pessoal, espontaneidade, reavivamento da cultura popular e das suas potencialidades, além de promover o desenvolvimento emocional, físico, intelectual e social, possibilitando a aquisição de maior independência e autonomia (ARRUDA, 1962 apud SILVEIRA et al., 2007).

Valdiones (2013) afirma que hortas comunitárias e familiares contribuem para aumento da autoestima dos indivíduos, coesão nos bairros, promoção de hábitos alimentares saudáveis e geração de renda. De acordo com Maruyama (2005) apud Arnaud et al., (2012) a construção de uma horta permite um contato direto com a terra e o prazer de se sentir útil a si mesmo e às pessoas do seu convívio. Assis e Tiago (2007) complementam que o contato com o meio natural resgata o conhecimento tradicional aplicado ao uso e cultivo de plantas, mostram a importância de uma alimentação saudável e a inclusão social elevando a autoestima por estarem realizando uma atividade de significância em seu meio social.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é descrever as ações realizadas pela LABSAN no projeto de extensão "Nutrindo o Saber - Educação Popular e Ambiental com Recorte em Segurança Alimentar e Nutricional", que foi pautado na construção de uma horta de base agroecológica como instrumento de reabilitação psicossocial em usuários de um CAPS.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

O projeto de extensão foi desenvolvido em três

etapas: I) planejamento; II) implementação; e III) finalização. Na etapa I foram realizados encontros semanais com duas horas de duração, com membros da LABSAN, com objetivo de construir a escrita do projeto de extensão, englobando seus objetivos, justificativa, metodologia, resultados esperados, estratégias de divulgação, impactos, definição do local de implementação do projeto e cronograma de execução.

Nesta etapa, foi selecionado o campo de atuação projeto de extensão, o Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas 24h Gey Espinheira (CAPS AD III). Esta escolha foi baseada pela concordância da gestão na execução do projeto, acolhimento dos profissionais de saúde e devido a existência de uma área não construída no terreno do CAPS, apta para implementação de uma horta.

O CAPS AD III está localizado no bairro Campinas de Pirajá em Salvador, Bahia e possui como estrutura física cinco consultórios, duas salas para oficinas, um auditório, campo de futebol, área verde, farmácia e um espaço destinado aos leitos para acolhimento noturno. A equipe de profissionais é composta de 52 profissionais: terapeuta ocupacional (3); assistente administrativo (3) enfermeiro (9); farmacêutico (1); técnico de enfermagem (20); trabalhador de serviços de limpeza e conservação de áreas públicas (4); gerente (1); médico clínico (2); psicólogo clínico (3); assistente social (3) profissional de educação física (1); artesão com material reciclável (1); e médico psiquiatra (1).

Ainda, na etapa de planejamento, sob coordenação de uma técnica em agropecuária, foram realizadas capacitações com os membros da LABSAN e profissionais de saúde do CAPS sobre: compostagem, agroecologia, cuidados com o solo, controle natural de pragas e manejo de hortas.

Dois momentos foram cruciais para o planejamento das ações do projeto. No primeiro contato do CAPS com os integrantes da LABSAN, os membros da liga apresentaram as propostas do projeto para os profissionais da unidade e foram estabelecidos os objetivos, cronograma e os profissionais que mediarão as oficinas junto com os integrantes da Liga e os

usuários do CAPS AD III. No segundo momento foi realizada uma assembleia com os usuários mais assíduos do CAPS em formato de roda de conversa. Os integrantes da LABSAN apresentaram as propostas do projeto “Nutrindo o Saber” para os usuários do CAPS AD III. Após as sugestões que ali surgiram, foram feitas adequações ao projeto para sua implementação futura.

Durante o desenvolvimento do projeto, houve a participação de um biólogo, uma técnica em agropecuária, uma nutricionista, sete graduandos de nutrição, uma graduanda em psicologia e uma graduanda em enfermagem de diversas instituições de ensino superior. A etapa de implementação foi iniciada com um mutirão comunitário de limpeza do terreno destinado à construção da horta, com participação de profissionais do CAPS AD III, membros da LABSAN, usuários do CAPS e seus familiares. Por conseguinte, foram realizadas oficinas terapêuticas de hortas três vezes por semana, por 6 meses, totalizando 70 encontros.

As oficinas ocorreram mediante a presença de dois membros da LABSAN, um profissional de saúde do CAPS AD III e 3 a 5 usuários do CAPS. Cada oficina tinha duração de 60 minutos e alguns usuários participaram do projeto durante toda a sua execução. Contudo, alguns só permaneceram durante o período de permanência no acolhimento da unidade, que era limitado a catorze dias por mês. Adicionalmente, aos

sábados, ocorriam os encontros semanais da LABSAN para discussão de assuntos relacionados à Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e para discussão das experiências vivenciadas nos encontros ocorridos no CAPS AD III.

Durante as oficinas eram realizadas ações de plantio de mudas de árvores frutíferas, cultivo de hortaliças, controle biológico de pragas, compostagem e manejo da horta. Entretanto, os membros da LABSAN e profissionais da LABSAN iniciavam diálogos com os usuários sobre suas histórias de vida, relação com o uso de drogas e com seus familiares, aspectos relacionados à alimentação e nutrição, cidadania e sustentabilidade ambiental.

A etapa III objetivou dar subsídios para continuidade das oficinas terapêuticas de hortas pelos usuários e profissionais do CAPS AD III, sem intervenção da LABSAN, e promover a participação dos familiares dos participantes do projeto. Foi realizada uma ampla divulgação do curso de horta urbana e doação de sementes de hortaliças no CAPS AD III, em uma estação rodoviária situada na comunidade e em uma associação de moradores. Nos últimos dois meses do projeto foram promovidos cursos gratuitos de desenvolvimento de hortas urbanas para a comunidade. Houve participação de usuários que participaram ou não da construção da horta, seus familiares e membros dos bairros circunvizinhos ao CAPS AD III.

Figura 1 - Oficinas terapêuticas e divulgação do curso de horta urbana



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas oficinas terapêuticas da horta ocorriam atividades manuais de manejo da horta, assim como emergiam diálogos livres e rodas de conversa sobre redução de danos, alimentação e nutrição, sustentabilidade ambiental, cidadania, relação com familiares, história de vida etc. Desde o primeiro encontro, os usuários do CAPS AD III expuseram os motivos que os levaram a buscar atendimento na unidade, suas incertezas e os inúmeros processos de inquietação gerados pela oscilação comportamental. Sendo crucial para o reconhecimento das demandas e motivações dos usuários pela equipe técnica. Sendo um espaço de acolhimento e escuta qualificada relevante para o estabelecimento dos projetos terapêuticos singulares e integrais.

As oficinas terapêuticas de hortas empreenderam suas ações pelo encontro de diálogos estabelecidos dentro dos grupos de socialização, trajando uma postura encorajadora, de uma escuta compartilhada entre acadêmicos, técnicos e usuários, a qual oportunizou o exercício da autonomia favorecendo a participação ativa de todos os envolvidos no projeto.

Durante as oficinas alguns participantes relataram um baixo apoio social, estes relacionados às questões financeiras, como também abandono emocional e afetivo. Pode-se constatar a importância do papel das oficinas na melhoria da autoestima de alguns usuários que anteriormente verbalizaram suas frustrações em suas vidas cotidianas, com a ausência da família e a falta de apoio durante o processo do tratamento. Os usuários expuseram que os programas das oficinas no CAPS AD III exerciam um papel fortalecedor naqueles que mantinham o uso abusivo de álcool, principalmente, e que o projeto de horta que a LABSAN desenvolveu foi essencial na reorganização dos sentidos rumo a uma vida mais saudável.

O desenvolvimento de hortas urbanas é um importante fomento a práticas educativas, pois são espaços de discussão sobre sustentabilidade ambiental, produção de alimentos e escolhas alimentares. Dessa forma, há um im-

pacto na SAN e na qualidade de vida dos cidadãos. Para um CAPS, a horta é mais que uma prática educativa: é um instrumento que assegura o desenvolvimento de liderança, autonomia e organização social, além de promover a reconstrução de laços familiares e comunitários através do plantio de hortaliças como movimentos terapêuticos (SILVEIRA et al., 2007; BRASIL, 1997; VALDIONES, 2013).

De acordo com Mângia (2002), os terapeutas consideram que o sujeito deve compartilhar e ser parceiro dos projetos e processos e, que é por meio dos espaços relacionais que ele restaura sua contratualidade de cidadão e de produtor de sentido para sua vida. Sendo assim, o processo de RP promovido pela horta urbana, integra os usuários do CAPS em grupos de socialização, onde são ofertadas tarefas que exercitam inconscientemente e conscientemente a sua comunicação, inserção e permanência na sociedade.

Durante o projeto algumas situações de embate foram apresentadas, como a falta de continuidade, a longo prazo, do contato com os usuários do CAPS AD III, visto que alguns usuários não adotavam os projetos terapêuticos ofertados e/ou evadiam da unidade, ou ainda porque a permanência de um usuário no acolhimento noturno de um CAPS AD III é limitada a catorze dias, no período de trinta dias. Contudo, apesar de todas as intercorrências no projeto, nos encontros diversos temas foram abordados trazendo à tona, a família, o abandono, o encontro com a droga, todos transcorrendo pelas trajetórias individuais, simbolicamente representadas no trabalho da limpeza do solo. Por todas essas vivências subjetivas se apresentou a importância do projeto da horta na transformação do íntimo do indivíduo, como fator *sine qua non* na mudança do indivíduo dentro do seu núcleo familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização das oficinas terapêuticas propiciou um compartilhamento de saberes e construção de vínculos entre os usuários e profis-

sionais de saúde do CAPS AD III e os membros da LABSAN. Além disso, o trabalho manual no manejo da horta consolidou-se como um instrumento terapêutico importante para o controle de oscilações comportamentais que são frequentes em pessoas com necessidades relacionadas ao consumo de álcool, crack e outras drogas. A construção da horta possibilitou a socialização entre os participantes, cidadania, trabalho em grupo e estímulo ao protagonismo e um olhar mais amplo sobre hábitos alimentares saudáveis, produção de alimentos

e sustentabilidade. Neste sentido, o projeto de extensão alcançou inúmeros resultados que contribuem para o empoderamento e reabilitação psicossocial dos usuários do CAPS AD III. Destacou-se a importância de que com a implantação da horta, o CAPS AD III tornou-se um ambiente propício para troca de saberes, alívio de tensões, redescobrimto de capacidades produtivas e da recuperação ou desenvolvimento da autonomia e inserção social dos participantes do projeto.

REFERÊNCIAS

ASSIS, G. C. A.; TIAGO, T. R. Agroecologia como instrumento de inclusão social e segurança alimentar. In: **II Congresso Brasileiro de Agroecologia**. Porto Alegre: 2007. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/2214/2040>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente, saúde**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de educação fundamental, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf>> Acesso em 02 jan. 2021.

BRASIL. **Portaria nº 3088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2011. Disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html>. Acesso em: 02 jan. 2021.

FILHO, A. J. A. et al. Atuação do enfermeiro nos centros de atenção psicossocial: implicações históricas da enfermagem psiquiátrica. **Rev. Rene**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 158-165, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3240/324027966018/>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

HORTA, R. S. et al. Perfil dos usuários de crack que buscam atendimento em Centros de Atenção Psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 11, p. 2263-2270, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csp/2011.v27n11/2263-2270/pt>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

KANTORSKI, L; P; et al. A importância das atividades de suporte terapêutico para o cuidado em um Centro de Atenção. **Rev. Enferm. Saúde**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 4-13, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/3401>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

LUSSI, I. A. O.; PEREIRA, M. A. O.; JUNIOR, A. P. A proposta de reabilitação psicossocial de Saraceno: um modelo de auto-organização? **Rev Latino-am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 3, p. 448-456, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n3/v14n3a21.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

MÂNGIA, E. F. Contribuições da abordagem canadense “Prática de Terapia Ocupacional centrada no cliente” e dos autores da desinstitucionalização italiana para a Terapia Ocupacional em Saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 127-134, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13907/15725>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

NASI, C.; SCHNEIDER, J. F. O Centro de Atenção Psicossocial no cotidiano dos seus usuários. **Rev. Esc. Enferm.**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1157-1163, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n5/v45n5a18.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

SILVEIRA, D. L., et al. Atividade de horta terapêutica no auxílio ao tratamento de pacientes portadores de sofrimento mental grave. In: **Congresso Brasileiro de Olericultura**, Porto Seguro, 2007. Disponível em: <https://www.abhorticultura.com.br/eventos/trabalhos/ev_1/A78_T1122_Comp.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

VALDIONES, A. P. G. **Panorama da Agricultura Urbana e Periurbana no município de São Paulo**. 2013. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-04112013-162810/publico/Valdiones_2013.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA A PREVENÇÃO DO CÂNCER DE BOCA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

THE IMPORTANCE OF HEALTH EDUCATION ACTIVITIES FOR THE PREVENTION OF ORAL CANCER: EXPERIENCE REPORT

Cadu Ritchelle Santana Silva de Oliveira

Graduando em Odontologia, Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.
caduritchelle@gmail.com;

Jamille Rios Moura

Cirurgiã dentista, Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.
jamillerios19@yahoo.com.br.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo relatar a experiência das atividades extensionistas de educação em saúde desenvolvidas por um núcleo de ensino, pesquisa e extensão, e sua importância para a prevenção do câncer de boca. As ações eram baseadas na prevenção primária e secundária dessa patologia, que consistem em medidas de combate aos fatores de risco, rastreamento de lesões cancerizáveis e, se necessário, encaminhamento do paciente à clínica odontológica para a realização de biópsias e outros procedimentos de menor complexidade. As atividades eram desenvolvidas em escolas de ensino infantil e médio, associações de apoio às pessoas com câncer, casas de repouso para idosos e Feiras de Saúde, localizadas no município de Feira de Santana, Bahia. Ao total foram realizadas 14 atividades, beneficiando um quantitativo de, aproximadamente, 1.146 pessoas. Os temas abordados incluíam higiene bucal, importância da alimentação e da higiene oral, fatores de riscos para o câncer de boca, distúrbios potencialmente malignos e cuidados com as próteses bucais. Conclui-se que as atividades extensionistas são relevantes, visto que têm impactos positivos na vida dos beneficiados a partir da mudança de hábitos, além de promover a prevenção e o diagnóstico precoce do câncer de boca.

Palavras-chave: câncer bucal. Educação em saúde. Odontologia.

ABSTRACTS

The present work aimed to report the experience of health education extension activities developed by a teaching, research and extension group, and its importance for the prevention of oral cancer. The actions were based on primary and secondary prevention of oral cancer, which consist of measures to combat risk factors, screening for cancerous lesions and, if necessary, referring the patient to the dental clinic for biopsies and other minor procedures. complexity. The activities were developed in nursery and high schools, associations to support people with cancer, nursing homes for the elderly and Health Fairs, located in the municipality of Feira de Santana, Bahia. In total, 14 activities were carried out, benefiting approximately 1,146 people. The topics covered included oral hygiene, importance of food and oral hygiene, risk factors for oral cancer, potentially malignant disorders and care with oral prostheses. It is concluded that the extension

activities are relevant, since it has positive impacts on the lives of the beneficiaries from the change in habits, in addition to promoting the prevention and early diagnosis of oral cancer.

Keywords: Oral cancer. Health education. Odontology.

INTRODUÇÃO

O câncer de boca é uma neoplasia maligna, podendo envolver lábio, língua, gengiva, assoalho da boca, palato, glândulas salivares, amígdala e faringe, sendo sua etiologia associada a fatores intrínsecos e extrínsecos. Os fatores extrínsecos envolvem tabagismo, etilismo, dietas pobres em vegetais, exposição à luz ultravioleta, infecção viral e má-higiene bucal, enquanto os intrínsecos são pertinentes ao indivíduo, como idade, raça, sexo, mutações espontâneas e/ou herdadas (MELO et al., 2010).

O número de casos de câncer de boca vem aumentando nos últimos anos, sendo proporcional ao aumento do consumo de bebidas alcoólicas e uso do tabaco (GUERRA et al., 2005). A incidência do câncer de boca, no Brasil, é classificada como uma das mais altas do mundo, sendo um dos seis tipos de cânceres mais comuns em homens e entre os oito que atingem as mulheres. Pode ser apontado como o câncer mais encontrado na região de cabeça e pescoço, excluindo-se o câncer de pele (DEDIVITIS et al., 2004).

Para prevenir o câncer de boca, os cirurgiões dentistas modificaram a odontologia passando a focar na prevenção e no diagnóstico precoce e, não somente, no tratamento curativo das doenças bucais. Cabe aos cirurgiões dentistas realizarem a prevenção primária do câncer de boca, que consiste na realização de atividades em combate aos fatores de riscos, bem como a prevenção secundária, baseada na realização de rastreamento (exame físico) em busca de lesões cancerizáveis. Dessa forma, espera-se viabilizar o diagnóstico da doença em seus estágios iniciais e, assim, obter um melhor prognóstico (SANTOS et al., 2011). Outra forma simples de prevenção é o autoexame da boca, o qual vem mostrando-se eficaz na detecção precoce do câncer de boca, visto que com uma avaliação mais rotineira das

mucosas bucais podem ser encontradas mais facilmente alterações benignas ou malignas. Apesar da praticidade, o diagnóstico só pode ser atribuído pelo cirurgião dentista (SILVA et al., 2018).

As atividades de educação em saúde, para a prevenção e controle do câncer, visam a redução na incidência da doença, bem como diminuir a morbidade e mortalidade associadas, além de melhorar a qualidade de vida dos pacientes e seus familiares (MARTINS FILHO et al., 2014). Nesse contexto, a odontologia pode cada vez mais desenvolver e realizar a educação em saúde, para promover formas consistentes de cuidado, as quais reduzem a incidência do câncer de boca. A educação em saúde deve fazer uso de todas as modalidades da educação para alcançar seus objetivos, ou seja, deve inserir novos hábitos e mudar a opinião da população em relação a um determinado assunto ou tema de interesse da saúde coletiva, a qual constitui um conjunto de saberes e práticas orientados para a prevenção de doenças e promoção da saúde (CUNHA et al., 1998; COSTA; LÓPEZ, 1996).

É de extrema importância que os cirurgiões dentistas implantem medidas de prevenção para o combate ao câncer de boca, desencadeando, dessa forma, uma odontologia preventiva de olhar mais amplo e desmistificando uma odontologia curativista de cunho ultrapassado. Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo relatar, através de experiências extensionistas, a importância das atividades de educação em saúde para prevenção e o controle do câncer de boca.

MÉTODO

Este estudo trata de um relato de experiência vinculado ao projeto de extensão "Ações estratégicas para a prevenção do câncer de boca", desenvolvido por docentes e acadêmicos do Núcleo de Câncer Oral (NUCAO), do curso de

odontologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), localizada no município de Feira de Santana, Bahia. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da UEFS, CONSEPE: 135/2012. As atividades desenvolvidas correspondem ao período do ano de 2019.

Para a execução das atividades, foram realizadas oficinas com o intuito de elaborar material didático, nas quais foram construídos bonecos de fantoches para contação de histórias; jogos educativos como trilhas de saúde, construção de caixa de sensações, produção de maquetes ilustrando as lesões potencialmente malignas; roteiro de peças teatrais; folders e álbum seriado sobre lesões orais e os fatores de riscos para o câncer de boca.

Além da realização das atividades de educação em saúde, voltadas às ações estratégicas e programas de prevenção, eram realizados rastreamentos de lesões cancerizáveis e, caso necessário, encaminhamento de pacientes para a clínica da disciplina Estudo Integrado XIV, do currículo do curso de Odontologia da UEFS, com a finalidade de submeter estes indivíduos a uma avaliação mais detalhada e, se necessário, procedimentos cirúrgicos de menor complexidade.

A população assistida pelas atividades era de ambos os sexos, de todas as faixas etárias, moradores da zona urbana, de baixa condição socioeconômica e com pouco conhecimento acerca de saúde bucal. Em virtude do público bem diversificado, os educadores tiveram que, a cada ação, aprimorar a linguagem, adaptando-a de forma que o público viesse a compreender os conteúdos abordados.

No desenvolvimento do projeto, buscou-se estabelecer a pedagogia de Paulo Freire (1996), executando as formas mais práticas, didáticas e fáceis de transmitir informação. Foram buscadas maneiras mais populares de nomes científicos e materiais didáticos elaborados pelo próprio núcleo, visando um melhor entendimento do conteúdo, mudar hábitos e implantar na rotina das comunidades uma forma de vida saudável.

RELATO DE EXPERIÊNCIA E DISCUSSÃO

Na progressão deste projeto foram desenvolvidas 14 atividades educativas envolvendo um público de, aproximadamente, 1.146 indivíduos. Os temas trabalhados foram câncer de boca, lesões potencialmente malignas, relação do HIV com o câncer oral, cuidados com próteses bucais, importância do diagnóstico precoce e do autoexame.

As atividades realizadas nas escolas de educação infantil tiveram como pauta a reeducação dos hábitos de higiene oral, utilizando, para isso, contação de histórias infantis, por meio de fantoches; teatro musical; trilhas de saúde; jogo de perguntas baseadas em explicações prévias; caixa de sensações; pinturas; demonstração de escovação e uso do fio dental, com auxílio de macromodelos e, por fim, a realização prática da escovação supervisionada (Figura 1) a partir de materiais (escova e creme dental) distribuídos pelo núcleo de pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana. A proposta de educação em saúde bucal para escolares é uma estratégia que propõe mudar a perspectiva de saúde bucal, visto que os hábitos construídos durante a infância perduram por toda a vida (BUISCHI, 2000). Mediante a intervenção pode-se observar um significativo avanço no conhecimento sobre saúde bucal dos escolares, modificações de hábitos de higiene e um progresso nas condições de saúde bucal (RAMALHO, 2013).

Nos eventos realizados nas escolas de ensino infantil, foi possível ter a presença de pais ou responsáveis das crianças (Figura 1). Nessa oportunidade discutiu-se sobre o câncer de boca, suas formas de prevenção, sinais, sintomas e como realizar o autoexame da cavidade oral e uma higiene oral satisfatória. Foram realizados, também, rastreamentos em busca de algumas lesões cancerizáveis ou tumores assintomáticos. Ramalho (2013) enfatizou, em seu projeto de intervenção, a importância dos pais das crianças com a corresponsabilidade na promoção e manutenção da condição de saúde bucal dos seus filhos, uma vez que é comum o fato destes, ao levarem as crianças para avaliação com o dentista, sentirem-se li-

Figura 1. Participação de crianças e pais/responsáveis em atividade e escovação supervisionada em atividade realizada em escola de educação infantil.



Fonte: acervo pessoal.

vres das responsabilidades com os cuidados de higiene bucal, transferindo para a criança e para o dentista toda a responsabilidade de promover sua saúde bucal.

As atividades realizadas nas escolas de ensino médio tiveram como objetivo esclarecer acerca das doenças sexualmente transmissíveis e sua correlação com o câncer oral. Foram abordados assuntos como o Papilomavírus Humano-HPV, conceito, forma de transmissão, prevenção, sinais, sintomas, e sua correlação com o câncer de orofaringe. Maquetes foram elaboradas pelos bolsistas e voluntários do núcleo, ilustrando as possíveis lesões que poderiam surgir na cavidade oral decorrentes de tal condição (Figura 2). Além disso, transmitiu-se

informações sobre a importância do diagnóstico precoce e demonstração prática de como realizar o autoexame de boca. Um estudo realizado por Rovida, Machado, Sundefeld (2017), que teve como objetivo discorrer sobre câncer de boca, educação e prevenção para adolescentes, a fim de instruí-los à compreensão das noções básicas sobre esta patologia, ao mesmo tempo que conseguissem difundir os conhecimentos obtidos para seus familiares. Constatou-se que os escolares obtiveram um aprendizado elevado e foram ótimos propagadores de informação nos seus núcleos familiares.

Na Associação Feirense de Assistência Social (AFAS), foram realizadas explicações teóricas

Figura 2. Atividade ilustrativa por meio de maquetes, realizada nas escolas de ensino médio para adolescentes. Fonte: acervo pessoal.



Fonte: acervo pessoal.

e práticas sobre o câncer de boca para um público de idosos, além de esclarecer sobre a associação de algumas doenças sistêmicas, como diabetes e hipertensão com as doenças bucais, como a doença periodontal (Figura 3). Foram abordados, também, os cuidados e higiene necessários para o uso da prótese bucal, através de teatros, demonstração prática e distribuição de folders explicativos. As explicações foram transmitidas para os idosos, assim como para os seus cuidadores/responsáveis. Além disso, foram realizados rastreamentos em busca de alguma alteração bucal e lesões cancerizáveis. Os idosos que necessitavam de tratamentos odontológicos tiveram suas necessidades descritas em um relatório, o qual foi encaminhado à direção da instituição, e àqueles que necessitavam de um diagnóstico conclusivo para o câncer de boca foram encaminhados para o tratamento a nível terciário de atenção.

Os dados obtidos de um estudo realizado por Martins et al. (2012), que focou no relato dos principais métodos aplicados e resultados obtidos na campanha de diagnóstico precoce e prevenção do câncer de boca entre idosos, concedeu a análise do aumento crescente de pessoas da terceira idade examinadas, expondo que os serviços vêm se sistematizando quanto à capacitação de recursos humanos e formação de referências. Com esse empenho demonstram estar produzindo efeitos na minimização da incidência de casos novos de câncer de boca na população-alvo. Todavia, a continuidade na profilaxia da saúde bucal dos idosos e a não aparição de novos casos de enfermidades bucais apenas serão realizáveis

com a cooperação do paciente, apoiado por uma assistência de saúde bucal capacitada para atender, além de educá-lo e conscientizá-lo sobre a relevância de sua participação nos programas de saúde (PINTO, 2000).

Figura 3. Peça teatral para os idosos, retratando a importância da higiene bucal.



Fonte: acervo pessoal.

Ademais, a participação na Feira de Saúde do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da UEFS, proporcionou discutir com os idosos acerca dos fatores de risco e prevenção para o câncer de boca, demonstração do autoexame da cavidade oral, além da realização do rastreamento de lesões cancerizáveis (Figura 4). Segundo Saliba et al. (2003), a educação em saúde é de suma relevância quando se pretende modificar condutas em relação à doença, priorizando a melhoria em saúde. Além disso, os autores defendem que instruir em saúde é buscar saber as adversidades que arremetem determinada comunidade e fazer com que a população tenha ciência desses problemas e busquem soluções. Desse modo, a educação deve-se situar fundamentada no diálogo e na troca de vivências, havendo uma conexão entre o saber científico e o popular.

Figura 4. Mesa de exposição e rastreamento de lesões bucais na Feira de Saúde do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da UEFS.



Fonte: acervo pessoal.

Vale constatar que os participantes submetidos ao exame de rastreamento de lesões bucais e que apresentaram algum sinal ou sintoma de câncer de boca, foram encaminhados à clínica da disciplina Estudo Integrado XIV, do curso de odontologia da UEFS, para serem avaliados e, quando necessário, submetidos ao exame de biópsia para confirmação histopatológica da doença.

Dado que as ações educativas devem permear todos os níveis de atenção à saúde, esse projeto extensionista proporcionou experiências de educação em saúde nos diversos níveis de complexidade, contribuindo para a evolução pessoal e profissional dos bolsistas, voluntários e orientadores. Os resultados dessas ações, evidenciam que o conhecimento acerca dos fatores de risco para o câncer de boca e a importância do autoexame, foi transmitido ao público através das ações educativas, que buscaram modificar hábitos de vida. O conhecimento da população sobre fatores de risco e a detecção precoce das lesões bucais podem contribuir para a prevenção, prognóstico, sobrevivência, qualidade de vida e redução de custos com o tratamento dos pacientes diagnosticados com esta patologia. Além disso, as ações educativas também constituem como ferr-

amentas importantes para implantar reforços na assistência de saúde, bem como detectar precocemente os novos casos de câncer de boca e aumentar as chances de cura para esta doença.

No que se refere às limitações gerais desse trabalho, pode-se afirmar que as mesmas se relacionam à escassez de recursos e aparatos para elaboração do material didático e à dificuldade de agendamento e execução de algumas atividades de educação em saúde e rastreamento de lesões cancerizáveis.

CONCLUSÃO

As ações extensionistas desenvolvidas revelaram-se importantes para a saúde pública, visto que a comunidade foi beneficiada com as orientações de higiene bucal. Além disso, foi possível esclarecer a população atendida quanto a realização do autoexame da cavidade oral, além das instruções acerca dos fatores de risco para o câncer de boca, o que contribuiu para a redução do número de casos desta doença.

REFERÊNCIAS

- BUISCHI, Y. A. P. Promoção de saúde bucal na clínica odontológica. In: **Promoção de saúde bucal na clínica odontológica**. São Paulo, 2000. p. 359-359.
- COSTA, M.; LÓPEZ, E. **Educación para la salud**. Madrid: Pirámide, 1996. p.25-58;
- CUNHA, M. M. L. C. et al. Avaliação de uma proposta educativa sobre AIDS com adolescentes de escola pública de João Pessoa-PB. **Rev. bras. ciênc. Saúde**. João Pessoa, p. 27-32, 1998.
- DEDIVITIS, R. A. et al. Características clínico-epidemiológicas no carcinoma espinocelular de boca e orofaringe. **Rev. Bras. Otorrinolaringol**. São Paulo, v. 70, n. 1, p. 35-40, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.
- GUERRA, M. R. et al. Risco de câncer no Brasil: tendências e estudos epidemiológicos mais recentes. **Rev bras cancerol**. Rio de Janeiro, v. 51, n. 3, p. 227-34, 2005.
- MARTINS, J. S. et al. Estratégias e resultados da prevenção do câncer bucal em idosos de São Paulo, Brasil, 2001 a 2009. **Revista Panamericana de Salud Pública**. Washington, v. 31, p. 246-252, 2012.

MARTINS FILHO, P. R. S. et al. Prevenção e controle do câncer bucal no Brasil: uma história secular de Políticas Públicas de Saúde. **RGO - Rev Gaúcha Odontol.** (Online). Porto Alegre, v. 62, n. 2, p. 1-6, 2014.

MELO, L. C. et al. Perfil epidemiológico de casos incidentes de câncer de boca e faringe. **RGO - Rev Gaúcha Odontol.** (Online). Porto Alegre, v. 58, n. 3, p. 351-355, 2010.

PINTO, V. G. **Saúde Bucal coletiva.** São Paulo, Santos; 2000.

RAMALHO, R. R. **Educação e Prevenção em Saúde Bucal.** Campo Grande: Mato Grosso do Sul, 2016. 23 p.

ROVIDA, T. A. S.; MACHADO, A. C. B.; SUNDEFELD, M. L. M. M. O escolar como difusor de conhecimento sobre câncer bucal para a família, **Revista Omnia Saúde.** [S.l.], V. 12, N. 1, P. 68-75, 2017.

SANTOS, I. V. et al. O papel do cirurgião-dentista em relação ao câncer de boca. **Odontol. Clín-Cient (Online).** Recife, v. 10, n. 3, p. 207-210, 2011.

SALIBA, N. A. et al. Programa de educação em saúde bucal: A experiência da Faculdade de Odontologia de Araçatuba-UNESP. **Odontol. clín.-cient.** Recife, p. 197-200, 2003.

SILVA, M. A. et al. Câncer de boca: ação educativa centrada na capacitação para o autoexame. **Revista Ciência em Extensão.** São Paulo, v. 14, n. 1, p. 116-124, 2018.

USO DE TECNOLOGIA LEVE PARA PREVENÇÃO DE LESÕES POR PRESSÃO

USE OF LIGHT TECHNOLOGY TO PREVENT PRESSURE INJURIES

Francielle Neire Barros da Silva

Graduanda em Enfermagem. Universidade Estadual de Feira de Santana.
franciellepankararu@gmail.com

Fernanda Matheus Estrela

Doutora em Enfermagem. Universidade Estadual de Feira de Santana.
nanmatheus@hotmail.com

Vera Lúcia Galindo

Especialista em Administração Hospitalar. Especialista em Enfermagem dermatológica.
Hospital Estadual da Criança. veraenfa2008@hotmail.com

Evanilda Souza de Santana Carvalho

Doutora em Enfermagem. Universidade Estadual de Feira de Santana. evasscarvalho@yahoo.com.br

Janaina Nascimento Lassala

Especialista em Gerontologia. Especialista em Enfermagem Dermatológica. Universidade Federal da Bahia.
jlassala@gmail.com

RESUMO

Este relato tem como objetivo descrever a aplicação de tecnologia leve para profissionais de saúde/ discentes/ cuidadores com fins na prevenção de lesões por pressão. Relato de experiência ocorrido em um hospital de grande porte, em uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI) e com estudantes de enfermagem na cidade Feira de Santana-Bahia, no período de julho de 2018 a julho de 2020. Em todos os cenários foram realizadas oficinas de sensibilização de prevenção de LPP objetivando a qualificação dos mesmos com fins na prevenção de lesões por pressão. Foram aplicadas tecnologia leve para profissionais de saúde/ discentes/ cuidadores com fins na prevenção de lesões por pressão, esta foi uma estratégia enriquecedora na qual os participantes puderam refletir sobre a sua formação profissional por meio das práticas realizadas, que possibilitaram a aquisição de competências e habilidades para a atenção de forma integral, holística e humanizada aos portadores de lesão por pressão. Diante disso, urge que mais atividades extensionistas sejam pensadas com foco na prevenção de lesões por meio da capacitação profissional, inclusive na inclusão da temática na graduação de enfermagem.

Palavras-Chave: Prevenção de doenças; Formação Profissional; Educação em Saúde

ABSTRACT

Objective: This report describes how to apply light technology to health professionals / students / caregivers for the purpose of preventing pressure injuries. Methodology: An experience report, which took place in a large hospital, in a long-term care facility for the elderly (ILPI) and with nursing students in the city of Feira de Santana-Bahia, from July 2018 to July 2020. In all scenarios

were held to raise awareness of LPP prevention with the aim of qualifying them for the purpose of preventing pressure injuries. Results: Through the application of light technology for health professionals / students / caregivers with the purpose of preventing pressure injuries, this was an enriching strategy in which the participants were able to reflect on their professional training through the practices carried out, which enabled the acquisition of skills and abilities to provide comprehensive, holistic and humanized care to people with pressure injuries. Final Considerations: There is an urgent need for more extension activities with a focus on injury prevention through professional training, including the inclusion of the subject in undergraduate courses. of nursing.

Keywords: Disease Prevention; Professional Training; Health Education

INTRODUÇÃO

As lesões por pressão (LPP) são consideradas um problema de saúde pública, devido à alta incidência, com custos financeiros para as pessoas acometidas e suas famílias, assim como para as instituições de saúde. Faz-se necessário o conhecimento sobre os tipos de lesão e suas principais causas para prevenção do fenômeno. Considerando que a maioria das lesões são preveníveis, o que reflete inclusive sobre a qualidade do serviço e consequente segurança do paciente, o desafio perpassa na formação de profissionais capacitados para atuar nessa área (SOARES; HEIDEMANN, 2018; MORAES et al., 2016).

No Brasil existem poucos estudos sobre a incidência e prevalência de LPP, mas a literatura mostra que as taxas são altas, apresentando variações de acordo com as características do paciente e nível de cuidado, se é agudo, domiciliar ou de longa permanência. A incidência é maior em casos agudos (0,4 a 38%). Já os casos em geral são mais frequentes na assistência domiciliar (0 a 29%), seguido das instituições de longa permanência (BRASIL, 2013). A combinação de fatores de risco, como idade avançada e restrição à cama é um fator que aumenta a incidência e prevalência proporcionalmente.

Os idosos são os mais acometidos devido à sua fragilidade funcional e consequente comprometimento das suas atividades de vida diária (AVDs), que ocorre quando não se envelhece de maneira saudável, e o aumento da longevidade, assim como do processo incapacitante que aumenta a prevalência de LPP, ocasionando mais um problema de saúde para o idoso.

E estudo realizado numa Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) brasileira mostrou que há uma alta prevalência de LPP em idosos institucionalizados, o que implica a necessidade de ações que minimizem a ocorrência de tal fenômeno (VIEIRA et al., 2018).

Considerando a magnitude da problemática, é necessário conhecer a fisiopatologia e fatores de risco para o desenvolvimento de LPP. As LPP ocorrem quando o tecido é comprimido entre uma proeminência óssea e uma superfície dura por um período de tempo, que depende de alguns fatores como idade, nutrição, doenças associadas, pressão, cisalhamento, fricção e umidade da pele, causando assim a morte celular em áreas localizadas. A ocorrência destas lesões cutâneas é devido à falta de irrigação sanguínea e de irritação da pele que recobre uma saliência óssea, nas áreas em que esta foi pressionada por um determinado período de tempo (FAVRETO et al., 2017)

Nesse contexto, essas lesões por pressão repercutem na vida do indivíduo acometido de forma biopsicossocial, além das alterações físicas que reduzem sua independência e funcionalidade nas AVDs, afeta o seu emocional acarretando sofrimento devido ao desconforto e à dor sentida. Afeta também a estabilidade financeira, tanto do indivíduo como da família, devido aos gastos com materiais ou tempo de permanência em instituição hospitalar prolongado, nesse último caso necessitando de acompanhante. Vale ressaltar, que para os hospitais os custos também aumentam nessas situações. Faz-se necessário um olhar holístico para o cliente e família, visando reduzir as lesões e sentimentos de tristeza e desesperança (MORAES et al., 2016).

Nesse sentido, para Soares e Heidemann (2018), a enfermagem “necessita de formação adequada para aquisição de competências quanto ao planejamento de ações, iniciado pela avaliação, prevenção e tratamento, além da educação das pessoas e seus familiares, a fim de melhorar a assistência prestada, bem como a qualidade de vida”. Sendo assim, o papel do enfermeiro vai além do cuidado direto ao paciente, ele também tem que estar preparado para guiar sua equipe na realização das técnicas e cuidados guiados cientificamente. Estudos internacionais acrescentam que com a capacitação dos profissionais de saúde, podem ser evitadas diversas lesões por pressão (MAZZO et al., 2018).

A justificativa deste estudo abarca a necessidade da capacitação de profissionais de saúde em compreender medidas de prevenção por meio de tecnologias leves para fundamentar as ações de cuidado e atitudes comprometidas com paciente portador de lesão por pressão e sua família, bem como fortalecer os vínculos no processo de cuidar e estratégias de enfrentamento. Compreendendo o termo tecnologia leve como a constituição de relações para implementação do cuidado por meio de vínculo e acolhimento, proposto por Merhy (2002), utilizaremos esse termo nesse relato.

Este relato tem como objetivo descrever a aplicação de tecnologia leve para profissionais de saúde/ discentes/ cuidadores com fins na prevenção de lesões por pressão.

METODOLOGIA

Esta pesquisa está vinculada ao “Projeto Pele Sã: estudos e práticas multidisciplinares de cuidados às pessoas acometidas ou sob risco de desenvolver úlceras por pressão, e suas famílias atendidas em um hospital de grande porte, em uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI) e com estudantes de enfermagem na cidade Feira de Santana-Bahia. Tal projeto foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o protocolo 038/2011, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e respeitou os princípios bioéticos da Resolução nº 466/12 do Conselho

Nacional de Saúde.

Estudo descritivo no formato de relato de experiência (DALTRO; FARIA, 2019), ocorreu de julho de 2018 a julho de 2020, nos diferentes cenários da pesquisa por meio de oficinas de sensibilização de prevenção de LPP com discentes de enfermagem da universidade, profissionais de saúde e cuidadores da ILPI objetivando a qualificação dos mesmos com fins na prevenção de lesões por pressão.

As oficinas realizadas na universidade contaram com a participação dos discentes de enfermagem de duas turmas do 6º semestre em anos diferentes, presentes no dia, com a docente da turma e orientadora do projeto e bolsistas, com duração de 2 horas cada. A primeira ocorreu em 2019 com 45 discentes, e a segunda com 42 foi realizada em 2020. A orientadora e bolsistas conduziram as oficinas por meio de demonstração prática das medidas de prevenção de LPP, abordagem dialógica e discussão com a utilização de cartazes e figuras relacionadas ao tema.

No hospital de grande porte também foi realizada ação educativa pelos bolsistas em 7 enfermarias das clínicas médica, cirúrgica e neurológica, com aproximadamente 40 pessoas incluindo pacientes e acompanhantes, e teve duração de 4 horas. Os critérios de inclusão foram as enfermarias em que tinham pacientes acamados e de exclusão as que todos deambulavam livremente. A condução das ações contou com a utilização de cartilhas para exposição do assunto, discussão e demonstração das formas de prevenção de lesões no próprio leito. Além disso, também foram realizadas oficinas com 25 profissionais de saúde no hospital por intermédio do núcleo de segurança do paciente.

Na ILPI, as bolsistas frequentavam a instituição três vezes por semana, e sob orientação da enfermeira, visitaram cerca de 30 idosos e fizeram levantamento dos que tinham mais risco de desenvolver LPP por meio da utilização da Escala de Braden. Após isso, foram traçadas as intervenções, entre elas a orientação dos cuidadores para mudança de decúbito a cada 2 horas e avaliar a pele dos idosos durante o banho, visto que são os que têm mais contato

com os mesmos. Para tal, foram avaliados os prontuários e realizado acompanhamento da evolução das lesões por meio de uma ficha de avaliação da pele, os materiais utilizados eram disponibilizados pela própria instituição. Também foram realizadas atividades educativas com 12 cuidadores de idosos na ILPI.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas quatro oficinas, sendo duas na universidade, uma no hospital de grande porte e uma na ILPI com o intuito de sensibilizar os participantes (profissionais de saúde, discentes e cuidadores) a ter um olhar mais amplo para os riscos de LPP, com foco nas medidas de prevenção por meio de tecnologia leve.

A sala foi organizada com as cadeiras em círculo e os colchonetes postos no meio. Em seguida foram convidados a serem pacientes e se deitarem nos colchonetes, assim como a tentar permanecer por 10 minutos imóveis, podendo estes solicitar ao outro participante que os mudasse de posição, utilizando coxins para aliviar desconfortos, mas não mudar sozinho e nem se esforçar para tal. Todos foram orientados a relatar qualquer desconforto que sentissem, dor, sentimento de tristeza, entre outros. O participante que estaria na posição do profissional/cuidador teria que avaliar a pressão da área que o paciente se queixou, colocando o dorso da mão sob a área, para sentir se há peso e calor, o que significa que está tendo uma pressão naquela área. A cada 10 minutos iam trocando os “pacientes”, para que pelo menos a maioria tivesse a oportunidade de sentir as reações do corpo frente à pressão.

Por meio de tal tecnologia leve, os participantes eram solicitados a descrever suas sensações, tanto físicas quanto emocionais, e compará-las com situações e pacientes com necessidades reais. Na oportunidade, iam sendo explicadas a fisiopatologia, fatores de risco para as LPP, formas de prevenção com mudança de decúbito, aplicação correta de coxins, assim como eram esclarecidas as dúvidas que surgiam.

No que tange aos estudantes, estes conheciam sobre a temática, considerando aulas so-

bre feridas e como preveni-las, mas consideraram tal atividade importante para sua atuação profissional.

Estudos nacionais e internacionais revelam que a enfermagem tem se aproximado e ganhando destaque na aplicação de tecnologias leves, inclusive com oportunidades de desenvolvê-las para maior crescimento na profissão, trazendo benefícios na relação entre profissional e cliente. Dessa forma, urge que mais profissionais sejam capacitados para o uso dessas tecnologias de modo a aprimorar o cuidado prestado aos pacientes por meio da prevenção e promoção das ações (SABINO et al., 2016, KRICK et al., 2019).

No que diz respeito aos profissionais do hospital de grande porte, observou-se que há um certo conhecimento a respeito do tema por alguns, mas que essas medidas de prevenção são pouco aplicadas. Isso pode guardar relação com a sobrecarga de atividades, fazendo com que cada um faça sua parte de forma mais fragmentada, deixando de realizar esses cuidados mais simples e intervindo mais de forma curativista (DONATELI, 2017). Dessa forma, urge que haja um correto dimensionamento de enfermagem, assim como capacitações frequentes quanto à importância de medidas de prevenção.

Já na ILPI, percebeu-se que tais profissionais eram providos de pouco conhecimento ou nenhum sobre as LPP, fatores de riscos e formas de prevenção das mesmas. Cada um realizava seu trabalho também de forma fragmentada. Os principais problemas encontrados foram: os acamados, mais vulneráveis e que mais desenvolviam lesões, ficavam horas em uma posição e com a mesma fralda, a hiperemia da pele não era vista como um sinal de risco para desenvolvimento de lesões, assim como atitudes que promoviam a pressão, fricção e cisalhamento, não havendo medidas seguras de mobilização.

A institucionalização do idoso pode potencializar a perda da capacidade funcional e consequente desenvolvimento de LPP, visto que a maioria das instituições não possuem profissionais e recursos financeiros suficientes para a promoção de uma assistência integral e de

estimulação ao autocuidado. Faz-se necessária capacitação adequada para atuação nessa área. Sugere-se incluir os cuidadores (seja ele um familiar ou um trabalhador) na formação para prevenção dessas lesões e promoção de atividades que minimizem a incapacidade funcional, como atividades físicas, respeitando a limitação de cada um (VIEIRA, et al, 2018).

Considerando tal contexto, observou-se a necessidade de aplicação de novas medidas de prevenção, a exemplo da avaliação do risco de desenvolver essas lesões por meio da avaliação da pele e aplicação da escala de Braden. Os cuidadores foram capacitados a conhecer e observar os sinais e sintomas de LPP, buscando predizer os riscos para prevenir e/ou intervir em problemas já existentes e embasar as ações. A literatura nacional e internacional ressalta a importância do uso de escalas, sendo a Escala de Risco de Braden uma das medidas utilizadas, possuindo seis subescalas que refletem os determinantes críticos de pressão (mobilidade, atividade e percepção sensorial) e fatores que influenciam na tolerância da pele à pressão (umidade da pele, estado nutricional, fricção e cisalhamento) (LIMA-SERRANO et al., 2018).

As orientações eram realizadas pelos bolsistas, principalmente durante o banho, pois era o momento em que toda a pele do idoso ficava exposta, facilitando a educação em saúde em loco, conforme as alterações encontradas. Foram realizadas também demonstrações das medidas de prevenção, como a mobilização na cama; uso de coxins para aliviar a pressão da região sacra, trocanter, calcanhares, assim como uso de cremes hidratantes para evitar o ressecamento da pele. Isso é corroborado em estudos nacionais e internacionais que reforçam a importância da educação em saúde de outras medidas de prevenção a saber: proteção da pele, para evitar trauma local; hidratação oral adequada; manutenção da pele lubrificada com emolientes; elevação de membros inferiores; utilização de coxins para alívio da pressão; mudança de decúbito a cada duas horas; e estimulação de exercícios (SOUSA; MENDES, 2019, CHABOYER et al., 2017)

Para além de ações educativas com profissionais, estas se estenderam para os pacientes e

familiares com o apoio de cartilhas explicativas e ilustrativas gerando questionamentos acerca de como proteger a pele, se era correto o uso de óleos para proteção. Todos os pacientes e familiares participaram ativamente da discussão com questionamentos e exposição das suas ideias. Estudo Australiano revelou a importância das famílias no processo de prevenção das lesões por pressão de pacientes hospitalizados (TEAM et al., 2020) por meio das informações repassadas pelos profissionais.

Durante essas práticas, em que todos participam, são sujeitos do processo, é possível perceber a visão de cada um, de cada categoria, e a partir disso, basear suas ações nas necessidades reais. Então a teoria é indispensável, mas a prática vivenciada fez com que todos refletissem sobre o seu agir profissional e a ter um olhar mais sensível e holístico para as pessoas acometidas ou sob risco de desenvolver LPP, visando todo o contexto biopsicossocial (LAU et al., 2017).

Tal estratégia adotada foi enriquecedora, fazendo os partícipes refletirem sobre a sua formação profissional por meio das práticas realizadas, que possibilitaram a aquisição de competências e habilidades para a atenção de forma integral, holística e humanizada aos portadores de lesão por pressão. Dessa forma, possibilitou-se um olhar mais amplo para esses sujeitos, evidenciado pelos cuidados intensificados por parte de toda equipe, seja no ambiente hospitalar ou na ILPI, assim como contribuindo para formação de discentes de enfermagem.

CONCLUSÃO

Este relato descreve a aplicação de tecnologia leve para profissionais de saúde/ discentes/ cuidadores com fins na prevenção de lesões por pressão como estratégia enriquecedora na qual os partícipes puderam refletir sobre a sua formação profissional por meio das práticas realizadas, que possibilitaram a aquisição de competências e habilidades para a atenção de forma integral, holística e humanizada aos portadores de lesão por pressão.

Por meio do estágio, foi possível adquirir e

compartilhar conhecimentos com discentes de enfermagem e profissionais da saúde, praticar a assistência de enfermagem aos idosos acometidos ou sob risco de desenvolver feridas, conhecer e avaliar os riscos, e aplicar medidas de prevenção.

As oficinas são um instrumento de troca de experiências e aprendizagens que proporcionam a sensibilização dos discentes e profissionais para um olhar mais amplo e atendimento humanizado às pessoas acometidas ou sob risco de desenvolver LPP. As experiências adquiridas foram de grande relevância para ampliar a visão dos discentes sobre o tema, a impor-

tância da avaliação do estado geral do idoso e não apenas da ferida, visto que vários fatores influenciam no desenvolvimento da mesma. Fez com que os discentes entendessem que a prevenção requer cuidados simples que devem ser realizados continuamente, e que essa é a melhor forma de prevenir complicações e garantir conforto aos idosos.

Urge que mais atividades extensionistas sejam pensadas com foco na prevenção de lesões por meio da capacitação profissional, inclusive inclusão da temática na graduação de enfermagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo para Prevenção de Úlcera por Pressão**. Ministério da Saúde/ Anvisa/ Fiocruz. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/0SEGURANCA_DO_PACIENTE/PROTOCOLO_ULCERA_POR_PRESSaO.pdf. Acesso em: 05 ago 2019.

CHABOYER, W. et al. Initial psychometric testing and validation of the patient participation in pressure injury prevention scale. **Journal of Advanced Nursing**, v.73, n.9, p.2237-2247, 2017.

DALTRO, M.R.; FARIA, A.A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estud. pesqui. psicol.**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

DONATELI, C.P. Evaluation of Health Surveillance in the Zona da Mata Mineira: from standards to practice. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n.10, 2017.

FAVRETO, F.J.L. et al. O papel do enfermeiro na prevenção, avaliação e tratamento das lesões por pressão. **RGS**, v.17, n.2, p. 37-47, 2017.

KRICK, T. et al. Tecnologia digital e cuidados de enfermagem: uma análise de escopo em estudos de aceitação, eficácia e eficiência de tecnologias de cuidados formais e informais. **BMC Health Services Research**, v. 19, 2019.

LAU, F.A et al. Implantação de Estratégias de Ensino à Distância durante o Internato: Desafios e Perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.41, n.2, p.269-277, 2017.

LIMA-SERRANO, M. et al. Validez predictiva y fiabilidad de la escala de Braden para valoración del riesgo de úlceras por presión en una unidad de cuidados intensivos. **Medicina intensiva**, v.42, n.2, p. 82-91, 2018.

MAZZO, A. et al. Ensino de prevenção e tratamento de lesões por pressão usando simulação. **Esc. Anna Nery**, v.22. n.1, e20170182, 2018.

MERHY, E.E. Em busca de ferramentas analisadoras das Tecnologias em Saúde: a informação e o dia a dia de um serviço, interrogando e gerindo trabalho em saúde. In: MERHY, EE, ONOKO, R, editores. **Agir em saúde: um desafio para o público**. 2ªed. São Paulo: Hucitec; 2002. p. 113-50.

MORAES, J. T. et al. Conceito e classificação de lesão por pressão: atualização do national pressure ulcer advisory panel. **Rev. Enf. Cent. O Min.**, v.6, n.2, p.2292-2306, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1423/1111>. Acesso em: 17 nov. 2020.

SABINO, L.M.M. et al. Uso de tecnologia leve-dura nas práticas de enfermagem: análise de conceito. **Aquichan**, v.16, n. 2, p. 230-239, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-59972016000200010&lng=en&nrm=iso&tlng=es. Acesso em 16 dez. 2020.

SANTOS, C.F.; HEIDEMANN, I.T.S.B. Promoção da saúde e prevenção da lesão por pressão: expectativas do enfermeiro da atenção primária. **Texto Contexto Enferm.**, v.27, n.2, e1630016, 2018.

SOUSA, P; MENDES, W. **Segurança do paciente: criando organizações de saúde seguras**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2019.

TEAM, V. et al. Patient education materials on pressure injury prevention in hospitals and health services in Victoria, Australia: Availability and content analysis. **International Wound Journal**, v.17, n.2, p.370-379, 2020.

VIEIRA, V. A. Z. et al. Risco de lesão por pressão em idosos com comprometimento na realização de atividades diárias. **Rev. Enf., Minas Gerais**, v.8, e2599, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/2599>. Acesso em: 05 ago. 2019.

CONVERSANDO COM A COMUNIDADE SOBRE DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS: AÇÕES DA EXTENSÃO

SPEAKING WITH THE COMMUNITY ABOUT ORGANS AND TISSUES DONATION: EXTENSION ACTIONS

Juliana Graciela Vestena Zillmer

Doutora da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. juzillmer@gmail.com

Caroline Rocha Batista Barcellos

Enfermeira Residente do Hospital Regional Hans Dieter Schmidt. caroline.rbb@gmail.com

Juliana Zeppini Giudice

Enfermeira pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. juliana_z.g@hotmail.com

Barbara Resende Ramos

Mestre pela UFPel. Enfermeira Hospital Escola da UFPel. barbararesende.ramos@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever as ações do projeto de extensão intitulado “Conversando com a Comunidade sobre Doação de Órgãos e Tecidos”. Trata-se de um relato de experiência embasado na vivência de planejamento e execução do referido Projeto desenvolvido entre setembro de 2017 e dezembro de 2019. Foram desenvolvidas 43 ações, entre elas: oficinas de sensibilização e orientação de estudantes de nível técnico, graduação e pós-graduação, predominantemente estudantes da área da saúde, sobre o tema doação de órgãos e tecidos, promovendo nestes a função de multiplicadores e sensibilizadores, com habilidade e competência para orientar e estimular a discussão do tema com a população, levando a discussão ao ambiente familiar. Além disso, desenvolveu-se atividades de educação da população mediante abordagem individual e coletiva na comunidade, a fim de sensibilizar e informar sobre o tema e, mobilizando -a a refletir e dialogar com seus familiares e amigos, para conhecer a vontade de seus pares de serem ou não doadores. Constatou-se que o Projeto ampliou e fortaleceu a relação da universidade, estudantes e docentes, com a comunidade, promovendo visibilidade da extensão e do tema doação de órgãos e tecidos.

Palavras-chave: Obtenção de órgãos e tecidos. Transplante de órgãos. Cultura. Educação em Saúde. Família.

ABSTRACT

This work aims to describe the actions of the extension project entitled “Talking to the Community about Organ and Tissue Donation”. This is an experience report based on the experience of planning and execution of the referred Project developed between September 2017 to December 2019. 43 actions were developed, among them: awareness-raising workshops and guidance for technical, undergraduate and graduate students, predominantly students in the health area on the topic of organ and tissue donation, promoting in them the role of multipliers, sensitizers, and with the ability and skills to guide and stimulate the discussion of the topic with the population,

leading the discussion in the family environment. In addition, it developed population education activities through an individual and collective approach in the community, in order to raise awareness and inform about the theme and, mobilizing them to reflect and dialogue with their family and friends, to know the will of their peers to be donors or not. It was found that the Project expanded and strengthened the relationship between the university, students and teachers, with the community, promoting visibility of the extension and the theme of organ and tissue donation.

Keywords: Procurement of organs and tissues. Organ transplantation. Culture. Health Education. Family.

INTRODUÇÃO

A doação de órgãos e tecidos é fundamental para que ocorra a realização do transplante no Brasil e no mundo. No cenário brasileiro há uma relação desigual entre a oferta e a demanda de pessoas que se encontram em lista de espera por um ou mais órgãos e ou tecidos (WESTPHAL et al., 2016). Dados da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos apontam que em 2019 havia 37.946 pessoas à espera por um órgão (ABTO, 2019).

A doação pode ocorrer mediante doação inter vivos ou de pessoas falecidas. A doação inter vivos, pode ser realizada em vida pelo doador, sendo possível a doação de órgãos duplos, por exemplo rim e, no caso do fígado e do pulmão, sendo que apenas uma parte do órgão do doador poderá ser transplantada no receptor; além da medula óssea. Neste tipo de doação podem ser doadores, por lei, pais, irmãos, filhos, avós, tios e primos; em se tratando de não-parentes somente mediante autorização judicial. Para a doação de órgãos de pessoas falecidas somente ocorre após a confirmação do diagnóstico de morte encefálica. Esta doação, poderá variar conforme o tipo de consentimento que regulamenta a decisão de doar, entre eles estão o consentimento presumido e o consentimento informado (GOLDIM, 2001).

No Brasil a legislação determina que a doação de órgãos e de tecidos somente aconteça mediante o consentimento familiar, ou seja, o consentimento informado (BRASIL, 2017). Neste cenário é a família a responsável por autorizar, consentir, ou não a doação. A recusa da família vem sendo considerada um dos fatores responsáveis pela escassez de órgãos e tecidos para transplante (ABTO, 2019; ARANDA et al., 2018). Esta recusa ocorre pela ausência ou

falta de clareza nas informações no decorrer do processo de internação e falta de acolhimento familiar no hospital (LOPES et al., 2019). Soma-se a isso, o desconhecimento da vontade do familiar em ser um doador, desconhecimento da morte encefálica, o que leva a família a questionamentos e uma possível recusa na doação (RIBEIRO et al., 2020).

Uma das estratégias destacadas como o caminho mais apropriado para promover a cultura de doação de órgãos e tecidos é a implementação de ações de educação na comunidade (LIRA et al., 2018). Trata-se de um movimento que tem como finalidade disseminar e compartilhar informações sobre doação de órgãos e tecidos às pessoas e, assim de forma gradativa sensibilizar e conscientizar a comunidade, aumentando o número de doadores efetivos e conseqüentemente o número de transplantes o que, representa a sobrevivência de milhares de pessoas que atualmente estão em lista de espera.

Considera-se ser fundamental que a família converse a respeito do tema e conheça a intencionalidade de cada um de seus familiares e manifeste sua vontade em ser doador. Trata-se, portanto, de tornar a temática da doação um assunto dialogado por todos, em família e na comunidade. Diante do apresentado, o presente artigo tem como objetivo descrever as ações desenvolvidas pelo projeto de extensão intitulado "Conversando com a Comunidade sobre Doação de Órgãos e Tecidos".

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência embasado na vivência de planejamento e execução do Projeto de Extensão " Conversando com a co-

munidade sobre doação de órgãos e tecidos” pelas autoras. O Projeto foi vinculado à Faculdade de Enfermagem (FE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e ao Hospital Escola UFPel/EBSERH. O período de planejamento e execução do Projeto ocorreu entre setembro de 2017 e dezembro de 2019.

Tal Projeto originou-se a partir da articulação de docentes, acadêmicos da graduação e pós-graduação, e profissionais do Hospital Escola UFPel/EBSERH com o objetivo de desenvolver ações educativas de sensibilização e conscientização sobre a doação de órgãos e tecidos na comunidade. As ações foram realizadas por discentes de graduação em enfermagem do primeiro ao décimo semestre, assim como discentes de outros cursos da área da saúde, da pós-graduação voluntários, supervisionados por docentes e enfermeiros. O projeto em seu período de vigência contou com discente de graduação bolsista, perfazendo uma carga horária mínima semanal de 20 horas.

Para a construção do presente artigo foram compilados dados oriundos de relatórios do projeto, por meio dos quais, foi possível organizar e descrever as atividades realizadas durante o período de vigência. O processo de análise consistiu na leitura repetida dos textos e imersão nos dados dos relatórios para ter uma visão do conjunto e permitir a compreensão. A fim de sistematizar, optou-se por descrever em quatro eixos temáticos as ações de educação em saúde realizadas, sendo eles: Sensibilizando e compartilhando na rede social Facebook; Oficinas de sensibilização e orientação de estudantes de graduação e pós graduação; Oficinas de sensibilização e orientação de estudantes de nível técnico e, Ações de sensibilização da população em espaços públicos.

Este relato não fere os princípios éticos que regulamentam pesquisas com seres humanos, pois se trata de uma experiência relatada sobre o processo de planejamento e execução de um Projeto de Extensão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas 43 atividades, sendo elas palestras, rodas de conversas, oficinas de sensi-

bilização e ações com a comunidade em espaços públicos.

SENSIBILIZANDO E COMPARTILHANDO NA REDE SOCIAL FACEBOOK

Entre as ferramentas de sensibilização para as ações de educação está o uso da rede social Facebook. Assim, criou-se uma fanpage intitulada “Conversando com a comunidade sobre doação de órgãos e tecidos” a qual foi mantida durante a vigência do Projeto. Tal página teve a finalidade de compartilhar informações acerca da doação de órgãos e tecidos, assim como divulgar as ações do Projeto. Como potencialidades a mesma possibilitou interagir com a comunidade, disseminar conhecimento sobre o tema a partir de um alcance expressivo de usuários. Além disso, compartilhar e gerar dados a partir de enquetes, comentários e discussões promovidas na própria Fanpage. Na figura 1 apresenta-se a página para melhor visualização.

Figura 1: Fanpage de divulgação do projeto de extensão.



Fonte: Coordenadora e integrantes do projeto.

OFICINAS DE SENSIBILIZAÇÃO E ORIENTAÇÃO DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO E PÓS GRADUAÇÃO

Para que as ações do Projeto de Extensão fossem desenvolvidas, foi necessário em um primeiro momento realizar oficinas de sensibilização e capacitação de discentes de graduação e pós-graduação. As oficinas foram realizadas previamente a ações em espaços públicos, visando capacitar os integrantes do Projeto sobre a temática doação de órgãos e tecidos.

Foram realizadas quatro oficinas, sendo desenvolvidas em 2018 e primeiro semestre de

2019. Para a divulgação, utilizaram-se recursos midiáticos, como convites enviados via correio eletrônico e página do Facebook. Além disso, foram disponibilizados materiais informativos da Associação Brasileira de Doação de Órgãos e materiais didáticos próprios do Projeto. Além da aplicação de instrumentos de avaliação de conhecimento aplicado pré e pós oficina.

Participaram das oficinas 45 estudantes de graduação dos cursos de Enfermagem, medicina veterinária, biologia, antropologia, e de medicina da Universidade Federal de Pelotas, e, sete estudantes da pós-graduação, totalizando 52 estudantes. Quanto a conhecimentos prévios, a maioria dos estudantes mencionou não ter tido contato com o tema na instituição de ensino.

As oficinas tiveram como finalidade dialogar sobre os principais questionamentos que envolvem a doação de órgãos e tecidos, além do transplante. Entre eles, os órgãos e tecidos que podem ser doados e transplantados, quem autoriza a doação no Brasil, o processo de doação e transplante, morte encefálica, as contraindicações para doação e transplantes.

Cada uma das oficinas foi desenvolvida em quatro momentos. No primeiro momento foi aplicado um questionário contendo questões sobre o tema, o qual mobilizou nos estudantes dúvidas e questionamentos. Já no segundo foi apresentado um vídeo contendo depoimentos de pacientes, os quais descreveram como é estar na lista de espera por um órgão, por exemplo como pulmão, rins e coração, demonstrando o impacto que pode fazer na vida de um indivíduo e da sua família. Posteriormente, no terceiro momento, mediante uso do Data show e exposição dialogada, ocorreu a apresentação dos seguintes temas: doação e transplante de órgãos, definição de doador e receptor, legislação vigente no Brasil, lista de espera, fluxos do processo de doação, doação de córneas e Banco de Olhos, conceito de morte encefálica, abordagem da família e manutenção do potencial doador.

Outros temas que surgiram foram sobre aspectos da bioética, do jurídico e da clínica, atrelando a informação sobre protocolos e

procedimentos desenvolvidos pelos profissionais de saúde. No decorrer, os estudantes foram estimulados a questionar e refletir sobre a importância de promover a cultura da doação, considerando o crescente número de pacientes que esperam por um órgão e/ou tecido para sobreviver.

No quarto e último momento foi realizada a avaliação da oficina, contendo as mesmas questões presentes na avaliação inicial, a fim de mensurar o entendimento dos estudantes após a ação. Nesta avaliação, identificou-se que os estudantes tiveram um melhor entendimento nos diversos tópicos abordados, de modo que, na maioria das questões, houve aumento no número de respostas corretas. Ainda, observou-se que eles apresentaram convicção de suas respostas, uma vez que, houve o entendimento dos conceitos fundamentais sobre essa temática.

Foram realizadas rodas de conversa e reuniões quinzenais abertas aos discentes, profissionais de saúde e docentes interessados na temática, assim como sobre autorização da doação, esclarecimento da questão transplante e transplantado, órgãos que podem ser doados bem como o tempo máximo para que estes sejam transplantados, lista de espera atual no Brasil, legislação que respalda os critérios de alocação dos órgãos e tecidos bem como outros temas, permitindo esclarecer as dúvidas dos integrantes e programar atividades externas à Universidade.

Os integrantes do projeto foram estimulados a participar de eventos sobre a temática dando visibilidade às ações desenvolvidas. Participaram dos seguintes eventos: Semanas Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Pelotas; Semanas Acadêmicas da Enfermagem, X Fórum de Discussão do Processo de Doação e Transplante de Órgãos; 1º Congresso Brasileiro de Ligas de Transplantes e XVI Congresso Brasileiro de Transplantes. Outro espaço de apresentação do Projeto foi a participação na Mostra de Projetos de Extensão durante a IV Semana Integrada da Universidade Federal de Pelotas.

OFICINAS DE SENSIBILIZAÇÃO E ORIENTAÇÃO DE ESTUDANTES DE NÍVEL TÉCNICO

Desenvolveram-se oficinas de sensibilização e orientação sobre doação de órgãos e tecidos para transplante, contemplando 662 estudantes de cursos técnicos na área da saúde. Essas oficinas tiveram como dinâmica três momentos distintos. No primeiro momento ocorreu a aplicação de um questionário com o intuito de avaliar os conhecimentos prévios dos estudantes. Entre as questões estavam: “Quem pode ser doador de órgãos e tecidos?”; “Quem autoriza a doação de órgãos e tecidos, há diferença entre maior ou menor de idade?”; “Para qual idade é permitida a doação de órgãos e tecidos?”; “Quais órgãos e tecidos podem ser doados para transplante?”; “Quais órgãos e tecidos podem ser doados?”; “O que é morte encefálica?”; “É possível a doação entre pessoas vivas?”; “Como se tornar um doador?”. Posteriormente foi questionado o conhecimento dos estudantes em relação à doação de órgãos e tecidos.

No segundo momento, os estudantes utilizaram uma venda nos olhos e, em paralelo, foi colocado um vídeo com um fundo musical, contendo imagens que representavam paisagens e pessoas em situações da vida diária. Essa atividade, utilizada como disparador, teve como objetivo possibilitar a vivência de não ver, remetendo às pessoas que estavam na lista de espera por transplante de córneas. No terceiro momento, iniciou-se a apresentação do material didático, com uso do Data show e exposição dialogada, estimulando-os a questionar. A apresentação abordava temas relacionados com a definição e diferenças entre doador e receptor, órgãos a ser doados, definição de morte encefálica, sistema nacional de transplante e legislação brasileira, o número de pessoas em lista de espera por órgãos no Brasil e no Rio Grande do Sul, destacando a importância do Sistema Único de Saúde.

AÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO DA POPULAÇÃO EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Foram realizadas doze ações em espaços públicos de caráter sensibilizador e informati-

vo, sendo eles, Mercado Público, Atos públicos em praças, parques, e, Universidade. Para estas ações, o Projeto contou com a participação de 25 integrantes, sendo direcionados em grupos de no mínimo cinco para cada uma das ações.

Em cada ação, as pessoas da comunidade eram abordadas individualmente e ou em grupo. Para iniciar o diálogo, eram questionadas se tinham algum conhecimento sobre doação de órgãos e então, eram estabelecidas diferentes linhas de diálogo, sempre respeitando o posicionamento da mesma. E a seguir, os integrantes apresentavam o objetivo das ações desenvolvidas pelo Projeto, divulgando também a fanpage no Facebook. Foi possível esclarecer dúvidas e também disponibilizar mais informações visando ampliar o conhecimento da população.

Nestas abordagens, os integrantes do projeto evidenciaram que a comunidade ainda tem inúmeras dúvidas, entre elas, a autorização da doação, quais os órgãos que podem ser doados, se há limite de idade para ser doador e como fica a aparência do corpo após a doação. O Projeto elaborou folders informativos esclarecendo estas questões e, a partir disso, o folder passou a ser distribuído juntamente às abordagens e em oficinas de capacitação. As atividades tiveram como objetivo sensibilizar a população sobre a temática, a fim de esclarecer dúvidas e informações errôneas.

Nas ações foram distribuídos 1000 flyers do Projeto (figura 2), e também 1000 folders e cartilhas da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos. Outras dúvidas durante as ações diziam respeito a quem pode doar, quem autoriza a doação, o que acontece com o corpo, tráfico de órgãos e crenças religiosas. Foram abordados tanto homens como mulheres, de distintas faixas etárias, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Durante a abordagem, os integrantes utilizaram camisetas do Projeto, além disso, ocorreu a entrega de laços verdes, flyers, cartilhas informativas e doces com embalagem alusiva a doação de órgãos e tecidos.

Figura 2: Flyers do projeto de extensão.

**ABRA
O SEU
CORAÇÃO**

**CONVERSE COM
SUA FAMÍLIA
SOBRE DOAÇÃO
E DEIXE CLARO SEU DESEJO**

**PROJETO
CONVERSANDO
SOBRE DOAÇÃO**

**LEMBRE-SE! NÃO BASTA QUERER
TEM QUE AVISAR .**

A doação de órgãos ou de tecidos é um ato que ajuda no tratamento de outras pessoas e que pode salvar muitas vidas. Para ser um doador não é necessário deixar nada por escrito. Após a constatação da morte, os familiares é que autorizam a doação.

Quem pode ser doador?
A princípio, qualquer pessoa pode ser doadora de órgãos e tecidos. Constatado o falecimento, uma avaliação clínica cuidadosa definirá quais órgãos e tecidos estão viáveis para transplante.

Existe limite de idade para ser doador?
Não existe limite para ser doador de múltiplos órgãos.

Podem ser doados
órgãos (coração, pâncreas, pulmões, fígado, rins) e tecidos (córnea, pele, ossos, válvula cardíaca, cartilagem, medula e sangue do cordão umbilical).

UPPEL | EBSER | HOSPITAL ESCOLA |

Fonte: Coordenadora e integrantes do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os integrantes do Projeto realizaram oficinas de sensibilização e orientação de estudantes de nível técnico, graduação e pós-graduação, predominantemente estudantes da área da saúde sobre o tema doação de órgãos e tecidos promovendo nestes a função de multiplicadores, sensibilizadores, e com habilidade e competências de orientar e estimular a discussão do tema com a população, levando a discussão ao ambiente familiar. Além disso, foram desenvolvidas atividades de educação da população, mediante abordagem individual e coletiva na comunidade, a fim de sensibilizar e informar sobre o tema e, mobilizando-a a refletir sobre a possibilidade da doação.

As ações de extensão promoveram o aperfeiçoamento dos estudantes para dialogar, trabalhar em equipe e articular com os profissionais

da comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos para transplante. Além de possibilitar o compartilhamento de conhecimento à sociedade acerca da doação de órgãos e tecidos a partir da articulação entre estudantes, docentes e profissionais de saúde. Somado a isso, as ações permitiram aos estudantes aprofundar o conhecimento científico sobre a temática, desencadeando interesse em pesquisa na área, aprimorando as habilidades de escrita e principalmente o diálogo em público, uma vez que permitiu o contato com inúmeras pessoas, de diferentes faixas etárias, em que constantemente exercitavam o diálogo. As atividades desenvolvidas pelos integrantes, a partir do Projeto, ampliou e fortaleceu a relação da universidade, estudantes e docentes, com a comunidade, promovendo visibilidade da extensão e do tema.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS. **Registro Brasileiro de Transplante:** jan/dez 2019. 4.ed. São Paulo: ABTO, 2019
- ARANDA, R.S; ZILLMER J.G.V, GONÇALVES, K.D; PORTO, A.R; SOARES, E.R; GEPPERT A.K. Perfil e motivos de negativas de familiares para doação de órgãos e tecidos para transplante. **Rev. baiana enferm.**, v.32, p.e27560, 2018.
- BRASIL. Decreto nº 9.175, de 18 de outubro de 2017. Regulamenta a Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, para tratar da disposição de órgãos, tecidos, células e parte do corpo humano para fins de transplante e tratamento. **Diário Oficial da União**, Brasília.
- GOLDIM, J.R. **Consentimento presumido para doação de órgãos:** A situação brasileira, 2001. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/trancpbr.htm>
- WESTPHAL, G.A.; GARCIA, V. D.; SOUZA, R.L.; FRANKE, C.A.; VIEIRA, K.D.; BIRCKHOLZ, V.R; et al. Diretrizes para avaliação e validação do potencial doador de órgãos em morte encefálica. **Rev Bras Ter Intensiva**, v. 28, n. 3, p. 220 - 255, 2016.
- LOPES, M.A.; STUDART, R.M.; XIMENES NETO, F.R.; CAVALCANTE, M.C.; SANTOS, F.D. Não efetividade das doações de órgãos e tecidos para transplantes. **Rev. Tendên. da Enferm. Profis**, v. 9, n. 3, p. 2257 - 2262, 2017.
- LIRA, G.G.; BRITO, A.C.; SILVA, E.F.; TORRES, F.O.; SANTOS, M.P.; SANTOS, M.S.; FILGUEIRA, P.T.; MOLAR, R.C. Responsabilidade social: educação como instrumento promotor da doação de órgãos. **Rev. Ciênc. Ext.**, v. 14, n.1, p. 114-122, 2018.
- RIBEIRO, K.R.A.; PRADO, L.S.; SANTOS, F.R.; GONÇALVES, F.A.F.; BORGES, M.M.; ABREU, E.P. Brain death and the process of donation of organs: a family care. **R. pesq. cuid. fundam. online**, v.12, p.190-196, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.7197>

BUSCANDO ALTERNATIVAS DE PROMOÇÃO E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

SEARCHING FOR ALTERNATIVES FOR THE PROMOTION AND STRENGTHENING BONDS IN TIMES OF PANDEMIC: AN EXPERIENCE REPORT

Inayara Oliveira de Santana

Doutora em Psicologia Social- Professora adjunta da UFRB
inayaraoliveira@ufrb.edu.br

Ivin Lais Medrado Costa

Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB.
ivinlais@gmail.com

Niltamara Tanrai Viana da Silva Almeida

Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB.
tanraivsa@hotmail.com

Isabela Vila Verde Santana de Almeida

Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB.
isabelawsa.ufrb@gmail.com

Ádna Caroline dos Santos Almeida

Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde UFRB.
Adna_caroline08@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relatar as atividades realizadas no projeto de extensão intitulado "Promoção e fortalecimento de vínculos sócio afetivos para crianças e jovens na perspectiva da Psicologia Social Comunitária" no contexto da pandemia provocada pelo novo coronavírus (COVID-19). Inicialmente, fizemos um contato telefônico com as mães das crianças e jovens explicando os motivos da interrupção das atividades presenciais e apresentando a proposta de criação de um grupo no Whatsapp. Conseguimos falar com 12 mães de crianças e com apenas duas mães de adolescentes. Não foi possível criar o grupo com as adolescentes. No grupo criado para as crianças, passamos a postar semanalmente vídeos com sugestões de brincadeiras e atividades (desenho, pinturas, jogos virtuais, entre outros) e também criamos um vídeo falando sobre o coronavírus. Acreditamos que nosso objetivo principal foi parcialmente atingido uma vez que temos tido respostas positivas das crianças e das mães. Há, contudo, grandes desafios a serem superados no que se refere à capacitação técnica para o trabalho remoto num contexto de pandemia, bem como ao fato de que nem todas as famílias têm acesso à internet de boa qualidade e, por isso, não puderam participar da atividade proposta.

Palavras-chaves: Psicologia Social Comunitária. Crianças e jovens. COVID-19

ABSTRACT

This article aims to report on the activities carried out in the extension project entitled “Promotion and strengthening of social affective bonds for children and adolescents from the perspective of Community Social Psychology” in the context of the pandemic caused by the new coronavirus (COVID-19). Initially, we made a telephone contact with the mothers of the children and adolescents explaining the reasons for the interruption of face-to-face activities and presenting the proposal to create a group on WhatsApp. We were able to speak to 12 mothers of children and only two mothers of adolescents. It was not possible to create the group with the teenagers. In the group created for the children, we started to post weekly videos with suggestions for games and activities (drawing, paintings, virtual games, among others) and we also created a video talking about the coronavirus. We believe that our main objective has been achieved since we have had positive responses from children and mothers. However, there are major challenges to be overcome that concern the technical training for remote work in an emergency context such as the one we are experiencing due to the pandemic, as well as the fact that not all families have access to good quality internet, and thus could not participate on the proposed activity.

Keywords: Community Social Psychology. Children and adolescents. COVID-19

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo relatar as atividades desenvolvidas entre os meses de março e julho de 2020 no âmbito do projeto de extensão intitulado “Promoção e fortalecimento de vínculos sócio afetivos para crianças e jovens na perspectiva da Psicologia Social Comunitária”. O referido projeto foi cadastrado no Centro de Ciências da Saúde em 2019 e foi realizado entre os meses de maio e dezembro em um bairro periférico da cidade de Santo Antônio de Jesus, BA. Participaram vinte e cinco crianças, com idade entre 04 e 11 anos, de ambos os sexos e cinco adolescentes com idade entre 12 e 14 anos, todas do sexo feminino. Nos encontros com as crianças foram realizadas atividades lúdicas e sócio recreativas como pintura, jogos coletivos e teatro com fantoches abordando temas como “respeito”, “solidariedade”, “cidadania e direitos sociais”. O trabalho com as adolescentes aconteceu através de rodas de conversa para discutir temas escolhidos pelas participantes, como racismo, relacionamento amoroso e depressão. O projeto tem como objetivos promover e fortalecer os vínculos sócioafetivos de crianças e jovens através de atividades que: fortaleçam a identificação das crianças e jovens com a comunidade e com o grupo do qual fazem parte; estimulem a compreensão crítica da realidade social, a participação na vida pública do território e o

desenvolvimento comunitário a partir do referencial da Psicologia Social Comunitária.

Na América Latina, a psicologia comunitária começou a desenvolver-se na década de 1970 no âmbito da psicologia social, em sua vertente crítica. Apresenta como principais características a rejeição da concepção positivista da pessoa, o reconhecimento da capacidade de ação e a busca de métodos participativos de intervenção (STELLA, 2014; ALVARO & GARRIDO, 2006). Nos últimos 50 anos, a formação da Psicologia Social Comunitária (PSC) no Brasil teve seu marco pela contraposição ao arcabouço conceitual, aos ambientes de trabalho e às práticas da psicologia social norte-americana (GONÇALVES & PORTUGAL, 2012). Assim, a sua base é o exercício da criticidade, a rejeição ao positivismo, e a promoção de ferramentas que proporcionem a gestão da qualidade de vida da coletividade.

Entender o papel dos determinantes sociopolíticos na integralidade da comunidade é fundamental nesta perspectiva. Nessa linha, a PSC tem formulações similares às da Psicologia Social de Martín Baró e as da Teologia da Libertação, uma vez que o psicólogo comunitário tem a função de reconhecer a capacidade de ação do indivíduo/comunidade - tratando a ação enquanto ideológica e incentivada pelos valores construídos socialmente. Logo, cabe à intervenção psicossocial exercer uma comuni-

cação horizontal e participativa, que objetive a mudança na situação dos grupos desprivilegiados, por meio do fortalecimento de potenciais e do incentivo à autonomia. Paulo Freire (1983) afirma que a verdadeira educação traz a libertação aos indivíduos e grupos.

Com a declaração de emergência em saúde pública de importância nacional realizada pelo Ministério da Saúde, em 03 de fevereiro de 2020, em decorrência da infecção humana causada pelo novo coronavírus (COVID-19), foi necessário interrompermos as atividades presenciais do projeto. Demoramos um certo tempo para nos situarmos diante dessa nova realidade e começarmos a pensar em alternativas possíveis para a continuidade do trabalho. À medida que os dias passaram, fomos percebendo a importância de planejarmos atividades que respeitassem as recomendações sanitárias, mas que garantissem a continuidade do trabalho e do vínculo que vinha sendo estabelecido com as crianças e adolescentes do projeto.

Sabemos que a pandemia gerou consideráveis modificações no cotidiano das crianças e jovens. Apesar da experiência, até o momento, revelar que a taxa de mortalidade nessa faixa etária é relativamente menor (comparada a outros grupos, como adultos e idosos), a repercussão nos aspectos psicossociais são inegáveis. A intensificação das interações familiares (em função das medidas de distanciamento social) articulados à fragilização do funcionamento das redes de apoio (escolas e outros serviços socioassistenciais) podem ser geradores de maior estresse no ambiente familiar. Além disso, “a desigualdade social também determina diferentes níveis e condições de vulnerabilidade sobre a experiência da infância, de modo que os profissionais da saúde devem estar atentos às demandas de atenção e cuidado que se produzem nessa situação” (FIOCRUZ, 2020, p.2).

Por todos os elementos destacados anteriormente, fica evidente a importância que havia de não interrompermos as atividades do projeto. No entanto, o fato de estarmos diante de uma situação completamente nova, para a qual não tínhamos nenhuma referência de atuação amplamente conhecida, nos colocou

o desafio de construir estratégias de maneira coletiva (professora coordenadora, estudantes extensionistas e lideranças da comunidade). Tivemos, portanto, como foco inicial, restabelecer o contato com as crianças e adolescentes que havia sido interrompido com a pandemia e, posteriormente, buscar alternativas remotas para dar continuidade ao trabalho.

BUSCANDO NOVOS CAMINHOS E FAZERES...

Retomamos as atividades no ano de 2020 no dia 13 de março e, na semana seguinte, houve a suspensão do calendário acadêmico da UFRB. Com isso, suspendemos também as atividades do projeto de extensão até realizarmos um novo planejamento que garantisse as adaptações necessárias para respeitar as medidas de distanciamento social determinadas pela administração central da universidade.

Entre as medidas tomadas para realizar esse planejamento, estabelecemos inicialmente contatos telefônicos e por meio de redes sociais (whatsapp e videoconferência) com as estudantes do projeto e também com algumas pessoas da comunidade (lideranças e mães das crianças e adolescentes). O objetivo desse primeiro contato foi verificar a possibilidade e interesse para a realização das atividades em formato remoto. Todas as estudantes mostraram interesse em retomar as atividades. Com o auxílio de uma liderança da comunidade (que conseguiu os números de telefone), fizemos ligações para 16 mães de crianças e dez mães de adolescentes explicando o motivo da interrupção das atividades presenciais do projeto e apresentando a nova proposta de trabalho no contexto da pandemia.

No que se refere ao público adolescente, os contatos telefônicos não foram bem sucedidos. Muitos telefones estavam fora de área, desligados ou eram inexistentes. Por conta disso, não foi possível criar um grupo com esse público. Conseguimos falar com duas adolescentes, mas como não foi possível montar um grupo, nos colocamos à disposição para retomarmos a proposta no futuro, caso elas encontrassem outras adolescentes interessadas.

Com as crianças, foi possível criar, no dia 15 de junho, um grupo no Whatsapp com os números de telefone de 12 mães. Este grupo teve como objetivo inicial restabelecer e manter o contato com as crianças. Também montamos kits (contendo folhas de papel, uma caixa de giz de cera e um jogo da velha confeccionado com materiais reciclados) e distribuimos para as crianças da seguinte maneira: os kits foram higienizados conforme as recomendações das autoridades sanitárias e deixados na casa da liderança comunitária com a qual temos contato. As mães das crianças foram avisadas pelo grupo do Whatsapp para pegarem os kits seguindo também as recomendações sanitárias de prevenção ao coronavírus.

A partir daí, passamos a postar semanalmente vídeos com sugestões de brincadeiras e atividades para as crianças realizarem em casa (desenho, pinturas, jogos virtuais, entre outros). Também criamos um vídeo falando sobre o coronavírus, suas formas de transmissão e modos de prevenção do contágio (buscando estabelecer uma linguagem infantil e adaptada à realidade da comunidade).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, temos tido respostas positivas por parte das crianças e de suas mães a partir de vídeos, áudios e mensagens que têm sido postadas no grupo do Whatsapp. Das 12 mães incluídas inicialmente no grupo, apenas uma saiu. Quando entramos em contato para saber o motivo, ela disse que a memória do celular estava ficando muito cheia com todas as mensagens do grupo e que ela precisava ficar apagando tudo. Além desse caso, identificamos no contato inicial que fizemos, que outras mães não tinham acesso à internet e/ou não possuíam número de telefone e, por isso, não puderam participar do grupo.

Esse ponto nos chama a atenção para uma questão fundamental que diz respeito à acutuação do processo de exclusão social que ocorreu no Brasil com a pandemia trazendo como consequência a ampliação de algumas vulnerabilidades já existentes. De acordo com Natalino e Pinheiro (2020) a exclusão digital

está entre as principais vulnerabilidades junto com a desnutrição, o desabrigo e a ausência de registro civil. Os mesmos autores apontam que, de acordo com a Síntese dos Indicadores Sociais apresentada pelo IBGE em 2019, entre as pessoas que recebem o Bolsa Família, apenas 68,7% possuem telefone registrado no cadastro do SUAS. Já entre os inscritos que não recebem o Bolsa Família, 85,3% possuem telefone registrado. Outra evidência dessa exclusão refere-se à falta de acesso à internet. De acordo com dados divulgados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2019), apesar do aumento nos últimos anos na proporção da população brasileira que usa a internet, que representa 134 milhões de pessoas, cerca de 47 milhões delas seguem desconectadas. Acreditamos que seja importante refletir sobre esses dados, pois eles nos indicam a necessidade de buscar alternativas para acessar essa parcela das mães e crianças que não conseguimos atingir através do contato pelo Whatsapp.

O distanciamento social (adotado no Brasil como uma das medidas de contenção da disseminação do novo coronavírus) representa uma grande mudança na rotina das famílias e, por consequência, das crianças. Isso porque, gera uma intensificação na convivência familiar e uma redução na rede de apoio ao cuidado (familiares, escola, entre outros). Esse cenário pode trazer implicações para o senso de segurança e normalidade das crianças, além de desencadear reações emocionais e alterações comportamentais como irritabilidade, medo, insegurança, tédio, sensação de solidão, alterações nos padrões de sono e alimentação (FIOCRUZ, 2020). De acordo com Encarnação Júnior, Santos e FOLONI (2020), “é importante que os pais e/ou cuidadores acolham essas emoções e busquem conversar sobre os sentimentos das crianças, dentro das possibilidades de cada uma” (p. 2). Nesse período de distanciamento social, também é importante manter dentro do possível, uma rotina e incluir brincadeiras e atividades lúdicas. Esses recursos são apontados na literatura como ferramentas de cuidado e proteção à saúde mental das crianças (FIOCRUZ, 2020; ENCARNÇÃO JÚNIOR, SANTOS & FOLONI, 2020; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Buscando auxiliar as famílias nesse processo, distribuimos os kits de mate-

riais e postamos semanalmente vídeos com sugestões de brincadeiras e atividades viáveis para a realidade socioeconômica das famílias.

Outra atividade que realizamos foi a edição de um vídeo falando sobre o coronavírus, suas formas de transmissão e modos de prevenção do contágio. Procuramos por vídeos prontos na internet, mas de alguma forma eles nos pareceram distantes da realidade das crianças com as quais trabalhamos. Percebemos que houve uma resposta positiva das crianças, uma vez que, depois que postamos o vídeo algumas delas enviaram fotos de desenhos que fizeram retratando pessoas/personagens usando máscara e outras medidas de prevenção. É importante não esconder os fatos das crianças, falar sobre o que está acontecendo numa linguagem adequada para a idade e, principalmente, escutá-las. Esses foram os princípios que guiaram as atividades que realizamos através do grupo no Whatsapp: oferecer um espaço de escuta das crianças e também um espaço onde elas pudessem expressar o que estão pensando e sentindo nesse período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que nosso objetivo central de construir alternativas de continuação do trabalho de promoção e fortalecimento de vínculos com nosso público alvo foi parcialmente atingido. O fato de não termos conseguido constituir um grupo no Whatsapp com as adolescentes

e de algumas mães de crianças também não terem conseguido participar pela ausência de um aparelho de telefone ou acesso à internet evidencia a exclusão digital que caracteriza as comunidades periféricas do nosso país. Certamente essa situação constitui-se como um dos grandes obstáculos no enfrentamento da pandemia porque impede ou dificulta o acesso da população (especialmente a população pobre e negra) a serviços públicos e socioassistenciais dos quais precisa, como auxílio emergencial, atendimento de saúde, educação e assistência. Não conseguimos, até o presente momento, avançar na implementação de estratégias para atingir esse público, mas entendemos que esse é um desafio a ser superado pelo projeto.

Reafirmamos nosso entendimento de que o papel da Psicologia no trabalho comunitário deve buscar superar os modelos assistencialistas e, em contraposição, promover a autonomia na perspectiva da cidadania (CREPOP, 2007). Contudo, entendemos também que, assim como tem sido importante promover ações de solidariedade ativa nos contextos periféricos para garantir condições básicas de vida e enfrentamento da pandemia (tais como, arrecadação de alimentos e materiais de higiene), a distribuição de materiais como os que incluímos nos kits também são importantes componentes de uma “cesta básica” para garantir às crianças e suas famílias condições de realização de atividades que colaborem para sua qualidade de vida e saúde mental.

REFERÊNCIAS

ÁLVARO, J. L., GUARRIDO, A. **Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS (CREPOP). **Referência técnica para atuação do (a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS**. Conselho Federal de Psicologia (CFP), 2007.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2018**. Survey on the use of information and communication technologies in brazilian households: ICT households 2018 [livro eletrônico] Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf Acesso 06 ago. 2020.

ENCARNAÇÃO JÚNIOR, A. C. D. da; SANTOS, J. A.; FOLONI, L. M. R. **Vamos brincar? Cartilha com atividades lúdicas para realizar com crianças durante o isolamento social.** Coronavírus COVID-19 Comissão CCS. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2020. Disponível em https://www.ufrb.edu.br/ccs/images/AscomCCS/DIRECAO/2020/COMISSAOCOVID/CARTILHA/vamos_brincar_link.pdf acesso 07 ago. 2020.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FIOCRUZ. **Cartilha Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19:** crianças na pandemia COVID-19.P. 2-9. Ministério da Saúde, FIOCRUZ, 2020. Disponível em https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%cc%a7as_pandemia.pdf Acesso 04 ago. 2020.

GONCALVES, Mariana Alves; PORTUGAL, Francisco Teixeira. **Alguns apontamentos sobre uma trajetória de psicologia social comunitária no Brasil.** Psicol. cienc. prof. , Brasília, v. 32, n. spe, p. 138-153, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932012000500010&lng=en&nrm=iso>. acesso em 06 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500010> .

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus: vamos nos proteger.** Ministério da Saúde, 2020. Disponível em <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/06/Cartilha--Crian--as-Coronavirus.pdf>. Acesso 05 ago. 2020.

NATALINO, M.; PINHEIRO, M. B. Proteção Social aos mais vulneráveis em contexto de pandemia: algumas limitações práticas do auxílio emergencial e a adequação dos benefícios eventuais como instrumento complementar de política socioassistencial. **Nota Técnica N°67. - Diretoria de Estudos e Políticas Sociais.** Abril de 2020. Disponível em:https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200505_nt_disoc_n67_web.pdf acesso 06 ago. 2020.

STELLA, C. (org.). **Psicologia comunitária:** contribuições teóricas, encontros e experiências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



Construção do tronco e galhas da Árvore da Vida **Fonte:** Arquivo próprio. Projeto de Extensão Juventude(s), educação e projetos de vida – Ano III. CAHL/UFRB. 2018.

ARTIGOS

O USO DE MÍDIA PODCASTS PARA POTENCIALIZAR A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A EXPERIÊNCIA DA SÉRIE DE PODCASTS SOCIOAMBIENTAIS

THE USE OF PODCASTS MEDIA TO ENHANCE A UNIVERSITY EXTENSION:
AN EXPERIENCE OF THE SOCIOENVIRONMENTAL PODCAST SERIES

Beatriz Xavier dos Santos Villas Boas

Graduanda em Licenciatura em Biologia - UFRB, Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET), biahvilas24@gmail.com

Welly Sacramento Santana

Graduanda em Tecnólogo em Agroecologia - UFRB, Bolsista PET, wellysantana5@gmail.com

Arianny Oliveira Garcia

Graduanda em Bacharelado em Biologia - UFRB, Bolsista PET, arianny_garcia@hotmail.com

Luana Santos Andrade

Graduanda em Engenharia Florestal - UFRB, Bolsista PET, luaandrade47@gmail.com

Alexandre Américo Almassy Júnior

Docente do CCAAB - UFRB, Tutor do PET, almassy@ufrb.edu.br

RESUMO

O termo podcast resulta da fusão de duas palavras em inglês: “Ipod” e “Broadcast” sendo usado para descrever a tecnologia utilizada para divulgação de conteúdo de áudio em páginas da internet. Em seu planejamento de atividades para o ano de 2020, o grupo do Programa de Educação Tutorial denominado PET Socioambientais da UFRB planejou a realização da etapa piloto da Série de Podcasts Socioambientais versando sobre temas ambientais e suas relações com a sociedade de forma interdisciplinar. O objetivo do presente artigo é analisar, com base na experiência da etapa piloto da Série, como a produção e veiculação de podcasts podem potencializar o ensino, a pesquisa e especialmente a extensão universitária. O trabalho foi elaborado com base nos fundamentos da pesquisa-ação. A experiência vivenciada na etapa piloto de produção e veiculação da Série Podcasts Socioambientais foi bem avaliada pelos bolsistas do PET Socioambientais que consideraram que este recurso pode potencializar o caráter extensionista de diversas ações desenvolvidas da universitária como todo. Os resultados desta experiência considerada integradora das dimensões de ensino, pesquisa e extensão verificados pelo grupo foram positivos, pois a publicação dos podcasts possibilitou às pessoas que tivessem acesso a assuntos relevantes na sociedade, de forma didática e simplificada.

Palavras-chave: Programa de Educação Tutorial. Tecnologias Digitais. Internet

ABSTRACT

The term podcast results from the merger of two words in English: “Ipod” and “Broadcast” and is used to describe the technology used to disseminate audio content on internet pages. In their planning of activities for the year 2020, the group of the Programa de Educação Tutorial called

PET Socioambientais of UFRB planned to carry out the pilot stage of the Socio environmental Podcast Series dealing with environmental issues and their relations with society in an interdisciplinary way. The objective of this article is to analyze, based on the experience of the pilot phase of the Series, how the production and placement of podcasts can enhance teaching, research and especially the university extension. The work was prepared based on the fundamentals of action research. The experience in the pilot stage of production and broadcasting of the Socio environmental Podcasts Series was well evaluated by PET Socioambientais fellows who considered that this resource can enhance the extension character of several actions developed by the university extension as a whole. The results of this experience, considered to be an integrator of the dimensions of teaching, research and extension, verified by the group, were so positive that there is motivation for the continuity of the Series in coming seasons.

Keywords: Tutorial Education Program. Digital Technologies. Internet

INTRODUÇÃO

O termo podcast foi criado por um “VJ” da rede de televisão “MTV” chamado Adam Curry, sendo resultado da fusão de duas palavras em inglês: “Ipod” e “Broadcast” para descrever a tecnologia utilizada para divulgação de conteúdo de áudio em páginas da internet (MOURA e CARVALHO, 2006). Uma das características do podcast é permitir a veiculação de áudios, diretamente pela internet, sem necessidade de proceder “download” dos mesmos, o que faz com que essa ferramenta se torne de interesse na sociedade com grande potencial para o contexto educacional e extensionista.

Em seus diversos níveis, o podcast atua como meio de comunicação de temas pouco expostos ou inexistentes nos grandes veículos de comunicação, ou no cotidiano das pessoas. Nesse sentido, essa vertente de comunicação tem se apresentado como espaço educacional significativo que não se restringe apenas à veiculação de materiais de aulas, mas sim, proporciona ao ouvinte a possibilidade de pensamento crítico e conhecimento de assuntos pouco discutidos (FREIRE, 2013).

No Brasil, o podcast tem ganhado espaço diante de grupos ignorados ou subestimados pela mídia de massa tradicional. O avanço vem sendo cada vez maior, mesmo que a maioria dos programas sejam feitos a partir de iniciativas pessoais. Forma-se, então, um campo favorável para essa tendência tecnológica, onde há o encontro de ouvintes e produtores de diferentes origens, tanto para criar e divulgar informação e entretenimento, bem como para a criação de novas formas de promoção dessa

mídia (LUIZ, 2010).

O caráter dinâmico do podcast facilita seu processo de produção e edição. As gravações podem ser feitas em múltiplas trilhas, o que torna fácil a inserção de músicas e efeitos sonoros. A confecção pode ser realizada por quantidade variada de pessoas, com pouco ou nenhum custo. Isto facilita para os produtores e ouvintes compartilhar o podcast com seu ciclo social e assim favorecer seu caráter extensionista, superando muros e barreiras físicas (FONTICHIARO, 2007).

O potencial desta mídia para potencializar ações de extensão universitária foi percebido em 2019 pelo grupo do Programa de Educação Tutorial - PET Conexões de Saberes Socioambientais (PET Socioambientais) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, com sede no município de Cruz das Almas – BA que em 2020 completa 10 anos de funcionamento. Em seu planejamento de atividades para o ano de 2020, o PET Socioambientais incluiu a realização da etapa piloto da Série de Podcasts Socioambientais versando sobre temas ambientais e suas relações com a sociedade de forma interdisciplinar, haja vista que o grupo é formado atualmente por 12 bolsistas de graduação dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Biologia, Bacharelado em Ciências Ambientais, Engenharia da Computação, Engenharia Sanitária e Ambiental, Engenharia Florestal, Engenharia de Pesca e Tecnólogo em Agroecologia, sob tutoria de um professor do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas – CCAAB da UFRB.

O objetivo do presente artigo é analisar, com

base na experiência vivenciada na etapa piloto da Série de Podcasts Socioambientais, como a produção e veiculação de podcasts pode potencializar o ensino, a pesquisa e especialmente a extensão universitária.

METODOLOGIA

O trabalho foi elaborado com base nos fundamentos da pesquisa-ação. De acordo com Engel (2000) esse método é comumente utilizado tanto nas pesquisas sociais, como na área educacional e propicia possibilidades de intervenção e mudanças de realidades compreendendo os sujeitos da pesquisa como cidadãos ativos. Neste caso, a realidade a ser transformada era a capacidade de ampliar o potencial extensionista das ações promovidas pelo PET Socioambientais, e os sujeitos da pesquisa eram justamente os integrantes deste grupo do Programa de Educação Tutorial. Assim, inicialmente o grupo elaborou o projeto da Série de Podcasts Socioambientais e, à medida que implantava cada etapa deste projeto, que será discutida detalhadamente na próxima sessão, procedia sua avaliação e ajustes necessários. Após a finalização da etapa piloto da Série, o grupo procedeu à avaliação da mesma, aplicada pelo tutor, através de entrevista estruturada com um representante bolsista de cada uma das quatro equipes que trabalharam na Série Podcasts Socioambientais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O PODCAST COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA EDUCATIVA E DE POTENCIALIZAÇÃO DA EXTENSÃO

Os constantes avanços do mundo contemporâneo desencadeiam a necessidade nas pessoas de conhecerem e se relacionarem com tecnologias digitais a todo momento (GABRIEL, 2013). A presença da tecnologia é difusa e emancipatória, e não há como retroceder em sua utilização. Varia desde o uso doméstico, ao entretenimento e aos ambientes profissionais, sendo igualmente fundamental no ambiente educacional em todos os níveis de ensino

(BRAGA, 2018).

Diante dessa constante evolução e busca por inovações, a educação presencial necessita de novos métodos mais modernos e atrativos, de modo a evitar a evasão dos alunos e aumentar os índices de aprendizado. Nesse sentido, a mídia podcast surge como um importante recurso extraclasse, pois o aluno pode, de acordo com sua disponibilidade de tempo, ouvir um conteúdo que tem relação com a matéria em curso e posteriormente debater as ideias em sala de aula com maior embasamento e segurança (FREIRE, 2013).

Desta forma o uso do podcast possui ampla vantagem como ferramenta de ensino-aprendizagem para a quebra de paradigmas educacionais, pois ele foge dos padrões usados em maioria no ensino regular atual, que não oferece flexibilidade ao estudo do aluno. Como alternativa importante e com grande diferencial, possibilita o estudo em qualquer lugar e a qualquer hora (MAFORT et al., 2019). Caracterizado pela diversidade em seus aspectos de produção e distribuição, permite várias possibilidades pedagógicas através do seu emprego como metodologia educacional. Dessa maneira, essa ferramenta tem ganhado espaço e possibilitado a inovação nas práticas educativas (FREIRE, 2013).

A utilização pedagógica do podcast como estratégia de estudo apresenta notória potencialidade na educação, de retorno efetivo se for de encontro às necessidades e expectativas dos alunos. Ademais, é uma tecnologia emergente, com um potencial ligado à possibilidade de trabalho em conjunto e ideias inovadoras para gerar outras formas de informação (MOURA e CARVALHO, 2006).

Além dos alunos, os benefícios para os professores também são importantes. Os podcasts podem ser utilizados para ações de formação continuada destes profissionais, visto que, em geral, assumem atividades extensas e têm dificuldade de conciliar sua rotina com cursos de carga horária ampla e horário fixo. A mídia apresenta-se como uma forma de aproximá-los da tecnologia e de permitir-lhes a absorção e comunicação de conhecimentos de forma dinâmica (BRAGA, 2018).

A grande praticidade do podcast é devido a sua forma de acesso em quaisquer dispositivos conectados à internet, principalmente celulares, os quais se tornaram tão populares. Ademais, outro aspecto relevante é que o acesso pelo celular de um conteúdo educacional é mais econômico e ecológico, comparado a imensa quantidade de papel demandada no dia-a-dia ao realizar a fotocópia de material didático para estudo (MAFORT et al., 2019).

O uso dessa ferramenta no ambiente educativo pode ser considerado uma ação de ampliação temporal, sendo ela a reutilização de materiais de outras tecnologias, no desenvolvimento dos debates escolares pela pluralização de vozes e, além de trazer apresentação atrativa de temas tidos como difíceis, traz a facilitação do trânsito informativo. Por tais possibilidades, o podcast otimiza ações pedagógicas mais práticas, interessantes, diversificadas e ricas. De tal modo, o atual contexto deve ser considerado ao trazer a sua inserção para a escola, considerando as particularidades e a vasta gama de possibilidades, tornando pertinente os diversos modos de uso do podcast no meio educativo (FREIRE, 2013).

Além de potencializar o ensino, em todos os níveis, o podcast também tem relevante papel extensionista, especialmente no âmbito universitário. Freire (2011) destaca que além de caracterizar-se como um avanço tecnológico, o podcast é uma ferramenta inclusiva e importante no meio social, no que diz respeito às demandas dos portadores de necessidades especiais. Segundo o autor, explorar o podcast como recurso de promoção de processos de ensino e aprendizagem tem efetividade para além dos contextos escolares, por proporcionar promoção do acesso a materiais educativos para aqueles que de alguma forma encontram dificuldades de acesso a esse material, como os portadores de deficiências físicas, visuais ou auditivas. Essa característica amplia o potencial extensionista dos assuntos abordados nos podcasts produzidos no âmbito universitário, por exemplo. Nesse sentido, possibilita avanços positivos visto que fornece o conteúdo de forma acessível linguisticamente para todos os alunos e ao público, o que amplia seu caráter extensionista.

Uma vertente de ensino que tem explorado mais os podcasts como parte de processos educativos é a Educação à Distância (EaD). Nessa modalidade de ensino, as tecnologias digitais não são apenas canais de veiculação de conteúdo, são o principal instrumento para que o estudo seja possível. Nesse sentido, por sua mobilidade característica, o podcast também pode ser utilizado de forma eficaz e benéfica para alunos e professores. Essa pode ser uma das formas de disponibilização do conteúdo ou ainda uma forma complementar aos vídeos e textos que normalmente são compartilhados no ambiente virtual da instituição de ensino (BRAGA, 2018).

Diante as tais aspectos, seja como mídia de veiculação de conteúdo na EaD, seja como instrumento complementar de estudo na educação presencial, na formação continuada dos profissionais, como estratégia de inclusão de pessoas com deficiências, ou na perspectiva de potencialização da extensão universitária, a utilização do podcast apresenta-se como uma estratégia promissora de aproximar os alunos e os professores da tecnologia, garantindo-lhes mobilidade e inovação, ampliando a visão acerca dos conteúdos e permitindo um aprendizado mais eficiente (BRAGA, 2018). Além disso, as produções no formato de podcasts obtidas no âmbito do ensino têm grande perspectiva de potencialização da extensão, contribuindo para que o conhecimento discutido no âmbito acadêmico seja facilmente acessível ao público.

DA SELEÇÃO DAS REFERÊNCIAS À DIVULGAÇÃO DOS PODCASTS: O POTENCIAL EXTENSIONISTA DA SÉRIE PODCASTS SOCIOAMBIENTAIS

A Série Podcasts Socioambientais, em sua etapa piloto, reuniu à produção de oito episódios, tendo estes a duração de 10 a 30 minutos contendo temas ligados ao contexto da relação meio ambiente e sociedade. Para a sua construção, os 12 bolsistas do PET Socioambientais foram divididos em quatro equipes compostas por três integrantes cada. Subsequente a isto, foram realizadas reuniões entre os participantes de cada equipe para definição dos temas e como se daria a elaboração destes podcasts.

Tanto as reuniões, quanto a produção de todo o material, elaboração do roteiro e gravação dos podcasts, aconteceram de maneira virtual, em razão do distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19 em 2020. Para a seleção do tema, as equipes se reuniram através de grupos de Whatsapp e videoconferência na plataforma do Google Meet, e procuraram definir assuntos que englobassem a área de estudo dos integrantes do grupo e que também fossem atuais e considerados relevantes.

O primeiro episódio foi intitulado “Vegetarianismo e Meio Ambiente” e foi produzido pela equipe de bolsistas vinculados aos cursos de graduação em Bacharelado em Biologia, Interdisciplinar em Ciências Ambientais e Engenharia Sanitária e Ambiental. A escolha deste tema se deu através da necessidade, sentida pelos integrantes do grupo, de se debater sobre os danos ambientais ocasionados pela produção de carnes em larga escala. A criação desses animais é responsável por grande parte do desmatamento no território brasileiro, e isso traz grandes consequências não somente ao meio ambiente, mas também à qualidade de vida e saúde das pessoas. Esse tema também tem forte relação com a atual situação da pandemia de COVID-19, já que o desmatamento vem acelerando o ritmo das epidemias e pandemias em todo o planeta, e muitas doenças que surgiram nas últimas décadas foram decorrentes da pressão humana sobre os animais silvestres, seja por perda de habitat, para comércio ou criados para consumo.

A segunda equipe, composta por bolsistas de graduação dos cursos de Engenharia Florestal e Engenharia de Pesca, elaborou um podcast que aborda verdades e mitos sobre a produção de oxigênio. O segundo episódio possui o título “Nosso Oxigênio Indispensável à Vida”, e traz conceitos do que é fotossíntese, aborda a importância das árvores para o processo de evapotranspiração e aponta vários problemas ambientais que interferem diretamente no equilíbrio do habitat marinho. Revela também que os fitoplânctons são os responsáveis pela maior produção de oxigênio e alerta como as ações humanas nas últimas décadas têm afetado a sobrevivência destes. Debater sobre essa problemática, que muitas vezes é ignorada socialmente, é lutar pela manutenção da

vida no oceano, nas florestas e, conseqüentemente, em toda a Terra, pois é de responsabilidade de todos entender a necessidade de proteção dos recursos naturais, diminuindo a poluição e o desmatamento, usando menos energia e incentivando as pessoas e empresas a pararem de destruir o meio ambiente.

Com tema “Os Impactos da COVID-19 na Educação”, o terceiro episódio da Série, elaborado por equipe de bolsistas de graduação do curso de Licenciatura em Biologia, se propôs a discutir os enfrentamentos que a Educação vem passando frente à Pandemia de COVID-19. A partir de meados de março de 2020, prefeitos e governadores determinaram a suspensão das aulas nas redes públicas e privadas. A duração da pausa no ano letivo ainda era incerta, mas soluções paliativas foram dadas conforme a evolução dos casos e a avaliação dos gestores. Logo, ficou evidente que a pandemia tinha afetado todos os setores, inclusive a educação. Após pesquisas em plataformas digitais e com os materiais encontrados, a equipe abordou a possibilidade do uso das tecnologias para o ensino e aprendizagem para a diminuição de danos aos alunos, nesse tópico foi apresentado os pontos positivos e negativos do uso dessas ferramentas. Outra questão importante abordada foi o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e como a suspensão de aulas afetaria os alunos, principalmente os da rede pública. Dessa forma, foram dadas algumas sugestões de como continuar a rotina de estudos diante das problemáticas vivenciadas.

O quarto episódio, elaborado por equipe composta por bolsistas dos cursos de graduação em Engenharia Sanitária e Ambiental, Tecnologia em Agroecologia e Engenharia da Computação tratou do tema “Mudanças Ambientais como Consequência da Pandemia”. Neste podcast foi proposta uma discussão sobre como a baixa atividade humana dos últimos meses gerou uma série de impactos, e, no que diz respeito ao meio ambiente, muitas das mudanças foram positivas. Dentre elas, a diminuição dos níveis de poluição do ar e da água ao redor do mundo. Além disso, também foram abordadas as oito megatendências ecológicas para o mundo pós-pandemia. A equipe autora discorreu acerca das novas tendências para o planeta, sendo que muitas delas coincidirão

com a visão de uma humanidade que usa de forma sustentável os recursos naturais do planeta.

Dada a sinergia alcançada pelas equipes na produção dos primeiros quatro episódios da Série, os bolsistas do PET Socioambientais optaram por manter a composição das equipes originalmente definidas para produção do segundo bloco de podcasts.

O quinto episódio “Sustentabilidade Para Além do Marketing e Modismo” foi dividido em duas partes. No primeiro momento foi abordado um pouco sobre o conceito de Sustentabilidade, os danos causados pelo consumo irresponsável, por empresas que utilizam da maquiagem verde para se promover e lucrar, e exemplos de algumas ações sustentáveis que podem ser feitas em escala individual, comunitária e global em prol do meio ambiente. A segunda parte deste episódio aprofundou a discussão abordando atitudes sustentáveis que podem ser adotadas em escala individual, apresentou alternativas que possam substituir os atuais padrões de consumo e destacou contribuições práticas e sustentáveis que todos podem adotar cotidianamente. Este episódio da série enfatizou que sem uma mudança cultural que valorize a sustentabilidade e não o consumismo, não haverá esforços governamentais ou avanços tecnológicos capazes de salvar a humanidade dos riscos ambientais e sociais. A demanda excessiva por produtos, além de gerar desigualdade social e exploração de trabalho, resulta na devastação do meio ambiente, na poluição em todos os níveis, diminuição da biodiversidade e na escassez de recursos naturais.

Com o tema “Uso Indiscriminado dos Recursos Naturais e suas Consequências no Mundo Pós-pandemia”, o sexto episódio da Série abordou a sobrecarga que o meio ambiente vem vivenciando com o uso indiscriminado dos recursos naturais. Esse consumo descontrolado dos recursos gerou efeitos expressivos no ambiente, onde há um desaparecimento dos habitats essenciais para a fauna e flora, ou seja, a extinção de espécies. Além disso, o podcast expôs como a pandemia de COVID-19 levou as pessoas a refletir sobre suas práticas nada sustentáveis e que ações as mesmas podem começar

a fazer para influenciar de forma positiva a utilização dos recursos naturais como, por exemplo, o ato de consumir de forma responsável, promovendo estilos de vida que gerem menor impacto ambiental, fomentando padrões saudáveis de consumo, valorizando a natureza e os seus recursos e assumindo as responsabilidades pelos custos ambientais e sociais.

O sétimo episódio “Hidroponia: A Vida Sobre as Águas” tratou de um assunto promissor. De abordagem mais técnica, este podcast conceituou o que é a hidroponia, discutiu suas vantagens e desvantagens, e o que é necessário para estabelecer um sistema hidropônico. Também foi abordado uma vertente desse sistema, a aquaponia. A hidroponia é um sistema de cultivo em solução que vem crescendo e ganhando espaço no mercado. Tem sido muito utilizada para gerar renda extra para pequenos agricultores, visto que tem como principais vantagens a economia de tempo e de mão-de-obra, a possibilidade de programar melhor a produção, a oferta constante de produtos, a não necessidade das operações de preparo do solo para o plantio, a não utilização de máquinas e implementos agrícolas e o trabalho mais leve, em comparação com o cultivo em solo.

O oitavo episódio cujo título é “Saúde Mental em Tempos de Pandemia” trata dos impactos à saúde mental, ocasionados pelo atual cenário pandêmico. Sabe-se que a pandemia provocada pelo SARS-CoV-2, vírus que origina a doença COVID-19, tem como principal característica a síndrome respiratória aguda, porém outros órgãos como o cérebro, podem ser afetados. Além disso, é notório que por conta dessa doença a rotina de boa parte das pessoas foi modificada. As lojas foram fechadas, aulas suspensas e as recomendações foram de que as pessoas deveriam ficar em casa como prevenção de contaminação pelo vírus. Logo, os cuidados com a saúde precisaram ser redobrados, uma vez que toda essa situação pode afetar a saúde mental das pessoas podendo desencadear ansiedade, insegurança, tristeza, entre outros sentimentos. Diante dessa problemática, sentiu-se a necessidade de discutir esse tema no podcast. Apresentando para além da problemática, sugestões de cuidados recomendados por especialistas, preocupando-se para além de levar informações ao

público ouvinte, solidarizar-se com as pessoas que estivessem passando por esse estado de saúde emocional.

A pesquisa do conteúdo para elaboração dos podcasts foi realizada através da base de dados do Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br>) e Scielo (<https://scielo.org/>). Para obter as informações requeridas por

cada tema, foram utilizadas as combinações de termos de buscas identificadas no Quadro 1. Dos trabalhos encontrados através dos termos de busca, foram considerados apenas os conteúdos que condiziam com o tema proposto e que apresentavam informações úteis, os trabalhos que não foram considerados relevantes ou que não se adequaram ao tema foram desconsiderados.

Quadro 1- Termos de busca utilizados para pesquisa dos dados que subsidiaram a elaboração do conteúdo dos podcast

PODCAST	TÍTULO	PALAVRA-CHAVE
Episódio 1	Vegetarianismo e Meio Ambiente	Vegetarianismos; Impactos do consumo de carne
Episódio 2	Nosso Oxigênio Indispensável à Vida	Fotossíntese; Fitoplâncton; Oxigênio
Episódio 3	Os Impactos da COVID-19 na Educação	COVID-19; Educação; Escola; Pandemia; Quarentena
Episódio 4	Mudanças Ambientais como Consequência da Pandemia	Impactos ambientais; Pandemia; Consequências da pandemia;
Episódio 5	Sustentabilidade Para Além do Marketing e Modismo	Sustentabilidade; Ações sustentáveis; Maquiagem verde
Episódio 6	Uso Indiscriminado dos Recursos Naturais e Suas Consequências no Mundo Pós-pandemia	Impactos ambientais; COVID-19; Impactos sociais
Episódio 7	Hidroponia: A Vida Sobre as Águas	Hidroponia; Vantagens e desvantagens da hidroponia; Aquaponia;
Episódio 8	Saúde Mental em Tempos de Pandemia	Saúde mental; Pandemia; Covid-19; Quarentena

Fonte: Elaborado pelos autores

Após a escrita dos roteiros, estes foram enviados ao tutor do PET Socioambientais para correção e sugestão de possíveis alterações. Buscou-se utilizar uma linguagem clara e acessível, para que assim, as informações conseguissem atingir o maior número de pessoas.

Devido à conjuntura mundial frente à pandemia ocasionada pela COVID-19 e obedecendo à ordem de isolamento social, a maioria das gravações dos podcasts ocorreu à distância, apenas um grupo optou por gravar pessoalmente um episódio, porém cumprindo todas as medidas do protocolo de segurança.

As equipes ficaram responsáveis por fazer tanto a gravação quanto a edição do material, ambos foram feitos através do aplicativo Anchor. Para que houvesse uma padronização nos

podcasts foi elaborada uma vinheta de abertura e encerramento para todos os episódios. A avaliação das etapas de produção dos podcasts revelou o esforço dos bolsistas na superação dos desafios dessa ação inicialmente pelo fato de que tudo era novo para eles, principalmente em termos do uso das tecnologias conforme pode ser verificado nos depoimentos a seguir:

A experiência foi muito satisfatória e enriquecedora, de início aparentou ser difícil, mas depois da organização e produção, ficou mais fácil e tranquilo. Nesta etapa empregamos as técnicas de busca de conteúdos para aprendermos e produzirmos a série, se enquadrando nos objetivos de ensino e pesquisa (Bolsista 1 – PET Socioambientais).

É notório que, diante de uma pandemia, na qual há restrições de inúmeras naturezas como ir e

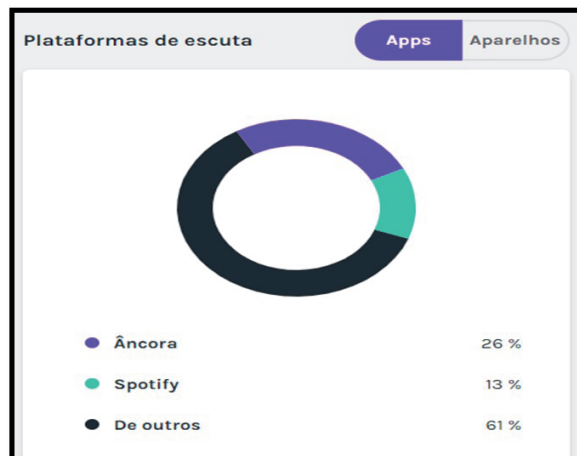
vir, ocupar lugares públicos, trabalhar, estudar, entre tantas outras atividades que sofrem um processo de 'standby', a maioria da população, principalmente, a mais jovem utiliza a tecnologia para fazer suas atividades tanto obrigatórias como de entretenimento [...]. Por se tratar de uma ferramenta de fácil acesso e que executa funções de forma bastante eficiente, a internet vem ganhando cada vez mais espaços na otimização de atividades. Durante a pandemia ela tornou-se precursora na criação e implementação de atividades de ações pedagógicas. Utilizar programas de custo zero, e manipular essas ferramentas com o auxílio imprescindível da internet foi uma experiência desafiadora, pois conhecer as ferramentas do aplicativo e como este funciona a princípio se torna uma relação de tentativa e erro, até ter êxito, mas manipular de forma correta a ferramenta foi essencial para o sucesso das ações de desenvolvimento dos Podcasts Socioambientais. Como as áreas de conhecimentos abordados e discutidos foram de problemáticas atuais, concluiu-se que as informações compartilhadas, alertas e reflexões foram bem recebidas (Bolsista 2 – PET Socioambientais).

A experiência de produzir e gravar um podcast foi extremamente enriquecedora. A tecnologia com suas inovações e facilidades nos possibilita criar uma nova forma de ensino que contempla os três pilares do PET, ensino, pesquisa e extensão (Bolsista 4 – PET Socioambientais).

Inicialmente a intenção do PET Socioambientais era hospedar os episódios da Série Podcasts Socioambientais em sua página oficial no sítio eletrônico da UFRB (<https://www2.ufrb.edu.br/petsocioambientais/>). Todavia, a página não apresentou capacidade técnica para abrigar os podcasts. Desta forma, o grupo optou por hospedar a Série no site de hospedagem Anchor (<https://anchor.fm/pet-socioambientais>) e a partir dele distribuir para outras plataformas especializadas em podcasts como Spotify (<https://open.spotify.com/show/5bhtLFWub83xRbyfiLynCQ>); Pocket Casts (<https://pca.st/podcast/c22ecd50-7c1a-0138-edfe-0acc26574db2>) e Radio Public (<https://radio-public.com/podcast-socioambientais-WYK-4mO>) sendo este último o que contém maior capacidade de repercussão para fins extensionistas uma vez que não requer a obrigatoriedade de o ouvinte se cadastrar na plataforma para ouvir os podcasts. Na Figura 1 pode-se observar a distribuição da audiência entre as plataformas de veiculação da Série de Pod-

casts Socioambientais.

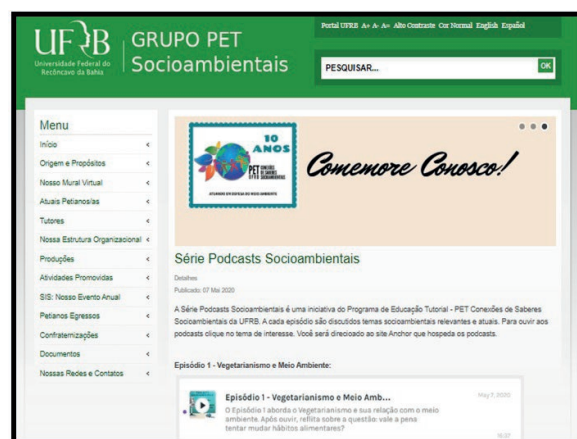
Figura 1 - Distribuição da audiência da Série de Podcasts Socioambientais até julho de 2020 entre as plataformas de veiculação



Fonte: Painel de Controle da Plataforma de hospedagem Anchor (<https://anchor.fm/dashboard>)

Além disso, os links de hospedagem dos episódios na plataforma Anchor foram publicados em página do PET Socioambientais, especialmente destinados a Série de Podcasts (Figura 2) e o grupo vem mantendo a divulgação periódica dos episódios da Série em suas redes sociais no Instagram e Facebook.

Figura 2 - Reprodução da página eletrônica do PET Socioambientais, destinada a Série Podcasts Socioambientais



Fonte: Página do PET Socioambientais hospedada no site da UFRB (<https://www2.ufrb.edu.br/petsocioambientais/2-unca-tegorised/145-serie-podcasts-socioambientais>)

Os primeiros episódios da série foram publicados em maio de 2020. E em dois meses de

veiculação já foram acessados 124 vezes não apenas no Brasil, mas também nos Estados Unidos (Figura 3).

Figura 3 - Repercussão Geográfica da Série Podcasts Socioambientais até julho de 2020



Fonte: Painel de Controle da Plataforma de hospedagem Anchor (<https://anchor.fm/dashboard>)

Após a finalização da etapa piloto de produção e publicação da Série de Podcasts Socioambientais, em reunião, os integrantes do PET Socioambientais avaliaram a experiência para sua formação e em relação à finalidade da universidade que é de promoção do ensino, da pesquisa e da extensão. Os 12 bolsistas do PET Socioambientais concordaram que a produção dos podcasts tem alto potencial integrador das três dimensões. No ensino, a experiência possibilitou não somente a familiaridade com novas plataformas digitais, mas também a apropriação de conteúdos fundamentais para embasar a elaboração dos roteiros. A dimensão da pesquisa foi explorada justamente na seleção das referências que pautaram a discussão de cada tema. Já a dimensão da extensão se caracterizou na necessidade de adequação da linguagem dos conteúdos e na abordagem de comunicação utilizada para proporcionar maior assimilação dos temas tratados pelo público. Ao avaliar esta última dimensão, os bolsistas relataram suas considerações em relação ao alcance ou não do objetivo principal da Série, que era justamente ampliar o potencial extensionista do PET. Os seguintes depoimentos ilustram as impressões do grupo PET:

A experiência da produção dos podcasts no pilar ensino foi enriquecedora no sentido de compartilhar algum tipo de conhecimento téc-

nico sobre determinados assuntos, além de trabalhar a oratória e a didática, por estar falando para um público diverso. O pilar pesquisa foi essencial, pois nos possibilitou a busca por conteúdos confiáveis para aprimorar nosso roteiro e nossa produção. O pilar extensão também foi fundamental, pois foi o objetivo final da nossa produção. Nossa pesquisa e nossa metodologia do ensino foram trabalhadas para que o podcast fosse uma mídia extensionista que representasse o tema tratado de forma simples e de fácil compreensão. Além de também servir como suporte para possíveis estratégias de ensino e pesquisa pelo público externo (Bolsista 3 – PET Socioambientais).

[...] entrando no objetivo de extensão, a publicação de nossas produções permitiu às pessoas que buscam entender mais o assunto, encontrarem em nosso trabalho uma didática sintetizada do assunto, e sendo assim contemplar o ouvinte (Bolsista 1 – PET Socioambientais).

[...] na forma de podcast foi possível transmitir um conhecimento atual e pouco discutido socialmente, exercitando nossas habilidades adquiridas com o curso de graduação e as atividades desenvolvidas no PET (Bolsista 4 – PET Socioambientais)

[...] por ser uma ferramenta tecnológica, o público que ouviu se beneficiou e sentiu-se feliz em ter um material desta natureza e disponível de forma gratuita e compartilhou para que outras pessoas também tivessem acesso ao material, desta forma, os podcasts alcançaram não apenas o público interno da universidade, bem como o público externo, caracterizando o caráter extensionista desta ação (Bolsista 2 – PET Socioambientais).

O depoimento do Bolsista 2 revela que o grupo recebeu algumas devolutivas de ouvintes da Série de Podcasts por intermédio de redes sociais, apesar de na etapa piloto da Série a equipe não ter desenvolvido mecanismos de aferimento da repercussão da mesma, para além do número e origem dos acessos. O grupo também avaliou a importância de criar, para futuras temporadas, formas de promoção da interação dos autores dos podcasts com o público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivência na etapa piloto de produção e veiculação da Série Podcasts Socio-

ambientais foi bem avaliada pelos bolsistas do PET Socioambientais que consideraram que este recurso pode potencializar o caráter extensionista de diversas ações desenvolvidas não apenas no âmbito do Programa de Educação Tutorial, mas para a extensão universitária como todo.

Os resultados desta experiência considerada integradora das dimensões de ensino, pesquisa e extensão verificados pelo grupo fo-

ram positivos, pois a publicação dos podcasts possibilitou às pessoas que tivessem acesso a assuntos relevantes na sociedade, de forma didática e simplificada. Com isso, foi possível perceber que essas produções alcançaram não apenas o público interno da universidade, mas também o público externo, tanto no Brasil como nos Estados Unidos. Diante desses resultados, notou-se que os bolsistas estão motivados para dar continuidade à Série nas próximas temporadas.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Karla Michelle de Meneses Caeiro. Podcast: utilização da mídia como instrumento na educação formal. **Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação (online)**. Rio de Janeiro, RJ, v. 3, n. 1, 2018.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar**, Curitiba, PR, n. 16, p. 181-191, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n16/n16a13.pdf>. Acesso em: 6 de jul. 2020.

FONTICHIARO, Kristin. **Active Learning Through Drama, Podcasting And Puppetry**. LibrariesUnlimited, 2007.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. O podcast como ferramenta de educação inclusiva para deficientes visuais e auditivos. **Revista Educação Especial**, vol. 24, n. 40, p. 195-206, Santa Maria, RS, 2011.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Aplicações Escolares do Podcast**. In: 6º Congresso Nacional de Ambientes Hipermídia para Aprendizagem, João Pessoa, 2013.

GABRIEL, Martha. **Educ@r: a (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 2010.

MAFORT, Mariane Rentes; RAMOS, Laís Feliciano; SANTOS, Caroline Fernandes. Podcast como estratégia de inclusão no ensino superior. **SocArXivPapers**, 2019.

MOURA, Adelina; CARVALHO, Ana Amélia Amorim. Podcast: Potencialidades na Educação. **Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação**, Portugal, 2006.

CRIANDO REDES DE CONEXÃO EM TEMPO DE PANDEMIA: O PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO E DA INFORMAÇÃO POR MEIO DO RÁDIO¹

CREATING CONNECTION NETWORKS IN PANDEMIC TIME: THE PROCESS OF DEMOCRATIZING COMMUNICATION AND INFORMATION THROUGH RADIO

Marinalva Nunes Fernandes

Doutora da Universidade do Estado da Bahia, UNEB/VI, mnfernandes@uneb.br

Carina Rodrigues da Silva

Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas, UNEB/VI, carinagbi2@gmail.com

Índira Fernandes dos Santos

Graduanda do Curso de Engenharia Elétrica, UNIFG, indiraf95@gmail.com

Maria Aparecida Silva Costa

Graduanda do Curso de Licenciatura em História, UNEB/VI, marysilva204060@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre o projeto Criando Redes de Conexão em Tempo de Pandemia por meio do eixo do rádio. Foi utilizada uma metodologia participativa em que todos os sujeitos se sentiram integrados na ação do pensar e do fazer. As autoras, “molhadas pela teoria”, como diz Freire (1988), e encantadas com cada depoimento que emergiu da vivência prática, assumem a tarefa acadêmica de refletir sobre a práxis e dela compartilhar. Por meio dos programas radiofônicos, dos vídeos veiculados nas redes sociais e dos programas de web TVs, criou-se uma rede de conexão, envolvendo profissionais e discentes da Educação Básica e do Ensino Superior, para abordarem e refletirem sobre temas diversos, voltados ao processo humanitário. A missão de levar um pouco de leveza por meio dos programas produzidos foi alcançada, e isso pôde ser observado mediante o retorno dos ouvintes. Além disso, as contribuições e o crescimento individual dos envolvidos foram as maiores e melhores experiências adquiridas. Durante o desenvolvimento do projeto, ficou evidente que o trabalho em equipe viabilizou o bom desenvolvimento das atividades e permitiu a troca de experiências entre os discentes, docentes, monitores e também com a comunidade.

Palavras-chaves: Extensão universitária. Formação humana. Pandemia

ABSTRACT

This article aims to discuss the project Creating Connection Networks in Time of Pandemic through radio. A participatory methodology was used, in which all subjects felt integrated in the action of thinking and doing. The authors, “wet by theory”, as Freire (1988) says, and delighted with each

¹ Financiada pela Universidade do Estado da Bahia por meio do Edital 030/2020, Edição Especial de Combate e Prevenção à COVID-19.

testimony that emerged from the practical experience, assume the academic task of reflecting on praxis and sharing it. Through radio programs, videos broadcast on social networks and web TV programs, a connection network was created, involving professionals and students from Basic Education and Higher Education, to address and reflect on various topics, focused on the process humanitarian. The mission of bringing a little lightness through the programs produced was achieved, and this could be observed through the return of the listeners. In addition, the contributions and individual growth of those involved were the biggest and best experiences acquired. During the development of the project, it became evident that teamwork enabled the good development of activities and allowed the exchange of experiences between students, teachers, monitors and also with the community.

Keywords: University extension. Human formation. Pandemic.

INTRODUÇÃO

O projeto Criando Redes de Conexão em Tempo de Pandemia integra os sete projetos do Campus VI, Departamento de Ciências Humanas, aprovado pela Universidade do Estado da Bahia no Edital 030/2020, Edição Especial de Combate e Prevenção à COVID-19. O Edital foi realizado atendendo às orientações e exigências dispostas pela Portaria n.º 188/2020 do Ministério da Saúde, pelos Decretos Estaduais (BA) n.º 19.529/2020 e n.º 19.549/2020, pela Resolução do Conselho Estadual de Educação n.º 27/2020 e pela Resolução do Conselho Universitário (CONSU/UNEB) n.º 1.406/2020, os quais dispõem de medidas e ações a serem tomadas como forma de combate e prevenção à pandemia causada pelo novo Coronavírus e asseguram a suspensão das atividades presenciais nos âmbitos públicos e particulares como principal meio de prevenir a contaminação.

A equipe executora contou com dez pessoas, sendo sete discentes de graduação, dois professores da educação básica e uma professora universitária. Desse grupo, apenas uma discente recebeu uma bolsa de 400,00 reais no período de realização do projeto. Os demais atuaram como voluntários, alguns são lideranças no meio educacional e entendem, como explicou Freire (2002, p. 47), ao diferenciar a educação bancária da educação problematizadora, que essa última “na medida em que, servindo à libertação, se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras dos homens sobre a realidade, responde à sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca via transformação criadora”.

O projeto buscou como objetivo central criar uma rede de conexão, por meio da mediação tecnológica, envolvendo gestores, profissionais e discentes da educação básica, professores, técnicos e discentes da UNEB para interação, diálogo e intencionalidades pedagógicas, no período de distanciamento social. Para alcançar o objetivo proposto, dividiu-se a equipe para atuar em três eixos: produção e apresentação de programas radiofônicos, produção de vídeos para veiculação nas redes sociais e produção e apresentação de programas nas tv web.

As autoras do presente artigo atuaram no eixo de produção e apresentação dos programas radiofônicos em formato de podcast e, “molhadas pela teoria” como diz Freire (1988), em que encantadas com cada depoimento que emergiu da vivência prática, assumem a tarefa acadêmica de refletir sobre a práxis e dela compartilhar, haja vista “que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine (FREIRE, 2002, p.121).

Desta forma, o artigo tem como objetivo principal discorrer sobre o projeto Criando Redes de Conexão em tempo de pandemia através do eixo do rádio, e como os objetivos específicos: a) apresentar brevemente o rádio como meio de comunicação; b) descrever sobre a construção do programa A voz da Educação, no eixo do rádio e c) relatar sobre o programa “A voz da Educação” na perspectiva de ouvintes e parceiros. Todo o percurso da construção, da ação, da reflexão tem por base os princípios freirianos de entender a extensão universitária como possibilidade de contribuir com o

processo formativo dos cidadãos/ãs, principalmente os que estão excluídos dos espaços da academia e dos espaços de deliberação.

A COMUNICAÇÃO

A comunicação vem a ser o ato de transmitir uma mensagem e, por vezes, receber uma outra em resposta. Os seres, então, estão o tempo todo realizando essa ação, seja através de palavras, de toques, olhares; o ato de comunicar-se é inerente à vida em comunidade. Através do tempo, refinamos essa ação, criando signos ou gestos que facilitassem a compreensão a quem nos dirigíamos, dando-se inclusive por meio de veículos para além do corpo humano, como plataformas digitais ou analógicas, ajudando-nos a criar laços e aproximar pessoas que estão a quilômetros de distância.

O veículo de comunicação que evidenciaremos neste artigo sobre o Projeto de Extensão Criando Redes de Conexão em Tempo de Pandemia é o rádio, plataforma que surge como primeiro meio de comunicação de massa. Sua primeira transmissão oficial no Brasil ocorreu em 1922, com o presidente Epitácio Pessoa, no centenário da Independência do Brasil, e anos mais tarde ganharia grandes proporções ao conquistar o carisma popular.

O rádio apresenta-se, então, como um veículo de aproximação do ouvinte com a realidade que o cerca, pois, segundo Costa (2006, p.19):

O som do rádio faz com que o ouvinte exercite a imaginação, despertando a sua sensibilidade, permitindo que cada um crie imagens únicas e pessoais. Os efeitos sonoros da sonoplastia também estimulam a imaginação: músicas e ruídos podem caracterizar personagens, desenhar lugares e criar ambientes imaginários. O som, associado à fala, faz com que o público consiga ver o que está sendo transmitido. Cada um imagina como quiser: essa é a grande riqueza do rádio.

Contextualizando o cenário desse ano de 2020, no qual o mundo depara com uma pandemia da COVID-19, notamos que o modo pelo qual nos relacionamos foi modificado pelas medi-

das de segurança, visto que o vírus possui uma fácil contaminação, dada por gotículas de saliva, secreções nasais e bucais ou superfícies contaminadas (AMARO, 2020).

Essas medidas de segurança envolvem principalmente o distanciamento social, sendo tarefa de todos limitar o contato dos corpos físicos, utilizar máscaras e higienizar frequentemente as mãos. Isso obrigou as pessoas a interagirem de formas diferentes, utilizando plataformas para se reunirem, acompanharem shows, se informarem, e principalmente aprenderem, estabelecendo novas redes de conexão.

RÁDIO, UM MEIO DE COMUNICAÇÃO EFICIENTE E DEMOCRÁTICO

A história do rádio no Brasil registra um lastro de injustiça ao permitir um apagamento/silenciamento de uma figura muito importante. Quando falamos sobre os primeiros passos dados para a invenção do rádio, sempre escutamos nomes como Nikola Tesla, Guglielmo Marconi, Thomas Edison, entre outros, esquecendo-nos de citar o nome do padre Roberto Landel de Moura. No Brasil, a partir de 1893, o padre Roberto construiu uma série de equipamentos de transmissão de ondas de rádio. Ele foi o primeiro a transmitir a voz humana por meio de ondas eletromagnéticas, antecedendo em suas experiências científicas nomes como, por exemplo, o já citado Guglielmo Marconi. De acordo com Ernani Fornari (1899-1964), as experiências do padre Roberto começaram entre 1893 e 1894, no entanto, apesar de ter feito descobertas significativas, Roberto Landell não obteve os devidos créditos às suas invenções devido ao fato de ter sido acusado de ter feito um pacto com o demônio, o que acarretou na destruição dos seus inventos².

O rádio nasceu no Brasil, oficialmente, como já foi dito, em 7 de setembro de 1922, nas comemorações do centenário da Independência do país, com a transmissão, à distância e sem fios, da fala do presidente Epitácio Pessoa e de trechos da obra "O Guarani", romance de José de

² A história do padre gaúcho que inventou o rádio. Disponível em: <http://www3.carosouvintes.org.br/a-historia-do-padre-gaúcho-que-inventou-o-radio/>. Acesso em: 15 de abril de 2021.

Alencar, na inauguração da radiotelefonia brasileira³, mas foi só na era de ouro do rádio no país que ele se transformou no principal meio de comunicação para informar, cantar, fazer passar o tempo e divertir (FERREIRA, 2013).

Desde sua invenção, a partir do desenvolvimento da telegrafia sem fio e da radiocomunicação, o rádio cumpre sua função como um importante instrumento para entretenimento e disseminação de informação, mesmo depois de ter perdido espaço para a televisão, que, mesmo com o fato de que, no primeiro momento, não fosse acessível a toda a população, se consolidou como o meio de comunicação mais utilizado durante muito tempo (FERREIRA, 2013). Mas por que afirmar que, além de eficiente, o rádio também é democrático?

Com o advento da internet, a forma de nos comunicarmos tem mudado significativamente. As nossas trocas de mensagens já não são via cartas, e sim via as redes sociais com centenas de milhões de usuários. Não enviamos mais telegramas nem passamos fax, pelo contrário, reduzimos isso tudo ao simples e rápido aparelho telefônico, que faz chamadas de voz ou de vídeo em tempo real, agilizando todo o processo. Nosso álbum de fotos foi substituído pelo instagram, rede social que fica responsável por divulgar e armazenar as fotos enviadas por seus usuários para os interessados. Tudo mudou, com exceção de algumas coisas, como, por exemplo, a desigualdade social.

Sabemos que, infelizmente, nem todas as pessoas têm acesso à internet ou a aparelhos digitais qualificados para o uso dela. Com isso, muitas são as famílias que ficam à margem das informações e entretenimento, o que dificulta uma participação social mais efetiva e o exercício da cidadania. Nesse sentido, cabe afirmar que o rádio é o meio de comunicação mais democrático porque consegue contemplar todos os nichos sociais, democratizando o acesso à informação e outras formas de diversão e distração advindas dele, daí a importância de ter

comunicadores comprometidos com a verdade e programas vinculados às causas sociais. Isso tem sido percebido com bastante clareza durante este período de pandemia.

Desde o início da crise sanitária causada pelo novo coronavírus, muitas foram as dúvidas, aflições e incertezas. Isso nos deixou apavorados/as devido ao fato de estarmos lidando com um vírus novo com grande poder letal, sobretudo para as pessoas inseridas em grupos de risco. A partir de sua disseminação, começaram as especulações e notícias em todos os canais de comunicação, incluindo a internet.

Destaque-se a potencialização das notícias falsas. Ao passar dos dias, muitas foram as notícias mentirosas e preocupantes a respeito do novo coronavírus, o que implicava a disseminação muito rápida delas, sendo difícil de freá-las, inclusive na própria internet, na qual as pessoas podem fazer uma simples busca e comprovar sua veracidade. Se quem tinha acesso à internet por vezes não se interessava em fazer uma pesquisa qualificada ao ponto de elucidar as informações, o que dizer das pessoas que recebiam as informações, mas não tinham um meio acessível para essa comprovação?

Muitas emissoras de rádio têm cumprido um papel importante no sentido de levar informações verídicas e confiáveis para as populações que não têm acesso a outros meios de comunicação de massas, desmentindo muitas das informações falsas que começaram a circular durante esse período. Não só isso, também colaborou, informando a população sobre os riscos, as consequências e os métodos capazes de conter o vírus. Por meio do programa veiculado no rádio, as pessoas conseguiram manter-se informadas e entretidas durante o período de isolamento social, o que possibilitou um conforto e segurança para grande parte da população que não tem acesso a outras formas de informação e entretenimento.

³ História do rádio no Brasil. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil#:~:text=O%20r%C3%A1dio%20nasceu%20no%20Brasil,na%20inaugura%C3%A7%C3%A3o%20da%20radiotelefonia%20brasileira>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

A VOZ DA EDUCAÇÃO, O PRODUTO DE UMA LUTA

Historicamente, os meios de comunicação no Brasil não agem com pluralismo. As ideias, crenças e projetos comunicados à população estão vinculados ao pensamento único, de uma única classe social, que controla todos os setores, econômicos, jurídicos, sociais, políticos, dentre outros. Isso fragiliza a democracia e não amplia o debate. Assim, é preciso incluir na pauta de reivindicações a regulação da mídia, garantir a liberdade de expressão de forma séria e cidadã, oportunizar aos cidadãos espaços de formação para o melhor uso das ferramentas de comunicação, exercitar o diálogo como fator de convencimento em defesa de um projeto de sociedade que seja plural e para todos. Pois, como defende Freire (1983, p.28), “o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”.

Para Miguel (2018, s/p), “Os meios de comunicação alternativos são importantes para apresentar os fatos que a mídia corporativa deixa de lado. São um componente fundamental para gerar um mínimo de pluralidade no nosso ambiente informacional”. Inclusive, é preciso considerar que “os métodos de opressão não podem, contraditoriamente, servir a libertação do oprimido” (FIORI, 2002, p.9).

O projeto Criando Redes de Conexão em Tempos de Pandemia possibilitou a criação de programas em diversos meios de comunicação, dentre eles o do rádio, que promoveu o contato direto do ouvinte com a produção através de colocações enviadas por meio de aplicativos de mensagens no whatsapp e ligação para os membros da equipe de construção.

CRIAÇÃO

O programa foi intitulado como “A voz da Educação”, e foi transmitido em seis emissoras da região do sertão produtivo, sendo elas: Rádio Liberdade e Rádio Atual, do município de Urandi; Rádio Educadora Santana, do município de

Caetité; Rádio Alvorada, 106 FM e 104 FM, do município de Guanambi.

O programa A Voz da Educação foi montado em formato de podcast, tendo 15 minutos de duração e contendo temas semanais distintos, que variaram de acordo com os assuntos do momento no Brasil e na região, e deliberados em reuniões semanais, nas quais eram selecionados/as os/as colaboradores/as que possuíam vinculação com o tema, como estudantes, profissionais ou usuários e com disponibilidade para gravar os áudios, conforme a orientação da equipe responsável.

A equipe responsável pelo programa, composta por três discentes, executava as seguintes funções, a saber: a) contactavam com os colaboradores/as solicitando a participação no programa para abordar o assunto da semana, previamente definido na equipe geral; b) orientava os participantes para gravar o áudio com base nas questões propostas; c) produzia card de divulgação, que era divulgado pelos membros em suas mídias sociais; d) uma integrante, responsável pela apresentação, escutava os áudios e gravava as partes que interligavam as falas e enviava para outra discente que; d) editava o programa e enviava para as emissoras de rádio parceiras.

Na vigência do projeto foram levados ao ar treze programas. Em todas as edições, para além do tema principal, na programação constava um momento de mística que se configurava em uma atração cultural, fosse ela de criação do/a convidado/a, ou recitada por ele/a. Durante as apresentações, contamos com produções autorais de Vinícius Montalvão e Elvira Oliveira, que são pessoas da região, bem como outras vozes que recitaram produções de outros artistas do Brasil inteiro.

CONTRIBUIÇÕES E RELATOS

No período de execução do projeto, o desejo comprometido dos seus participantes contribuiu para que diversos diálogos fossem desenvolvidos com a comunidade regional. Como já destacado, as reuniões aconteciam semanalmente, momento em que era pautaado o assunto que seria abordado na semana

pelos três grupos de trabalho. A tomada de decisão na escolha do tema tinha como referência as sugestões dos ouvintes e os assuntos que eram noticiados durante a semana. Buscamos, inspiradas em Freire (1983, p.15), “educar e educar-se na prática da liberdade” reconhecendo os nossos limites de que pouco

sabemos, e, assim era preciso exercitar o diálogo constante para aprendermos um pouco mais a cada encontro de planejamento realizado. A seguir apresentamos o quadro com os assuntos e os respectivos profissionais que colaboraram com o diálogo via rádio.

Quadro 1: Temas desenvolvidos pelo programa Criando Rede de Conexão em Tempo de Pandemia – Guanambi, 2020.

Edição	Tema	Instituições/Profissionais envolvidos
1.	Cultura e cidadania	Professora da UNEB, Médico e Professor da UNIFG.; Mãe de alunas da educação básica
2.	Saúde: nosso compromisso com o bem estar mental e social	Enfermeira e professora (UNEB) Professor de Educação Física
3.	Saúde: nosso compromisso com o bem estar mental e social	Profissional da saúde: Psicóloga
4.	Preconceito	Professora pesquisadora (UNEB), servidora pública e ativista social
5.	Racismo Estrutural	Discentes universitárias da UNIFG e UNEB
6.	Solidariedade em tempo de pandemia	Movimentos Populares, Projeto Periferia Viva e Projeto Enem Voluntário
7.	Violência doméstica em tempo de pandemia	Doutoranda da UFBA e professora da educação básica
8.	O adolescente e o isolamento social	Profissional da saúde: psicóloga
9.	Dificuldades do Brasil em achatar a curva de infectados	Biomédico e professor da UNIFG
10.	A construção do projeto criando redes de conexão em tempos de pandemia (eixo das rádios)	Rádios parceiras: Rádio Educadora Santana (Caetité) e Rádio Atual (Urandi)
11.	A construção do projeto criando redes de conexão em tempos de pandemia (eixo das rádios)	Rádios parceiras: Rádio Liberdade (Urandi) e Radio 106FM (Guanambi); Ouvintes do distrito de Ceraíma e do município de Caetité
12.	Participação especial dos componentes do projeto	Membros do projeto
13.	Participação especial dos componentes do projeto	Membros do projeto

Fonte: Relatório do Projeto (2020)

Para Freire (1983, p.44), “o mundo social e humano não existiria como tal se não fosse um mundo de comunicabilidade fora do qual é impossível dar-se o conhecimento humano”. Com base nessa premissa, os primeiros programas foram direcionados à realidade das famílias no período pandêmico, trazendo a perspectiva dos pais e mães que tiveram os filhos afastados das escolas, estando com eles em casa,

mas sem conseguir manter a realização das atividades propostas pelas escolas que mantiveram o ensino remoto. Por isso, exploramos suas dificuldades e também soluções apresentadas por profissionais da educação. Dessa forma, trouxemos uma representatividade aos ouvintes, como apresentado pelo ouvinte Rouxinol⁴ : “Acompanhei os dois programas que já passou. Achei muito bom. A entrevista com

⁴ Para manter o sigilo nominal dos ouvintes, estes serão diferenciados por nomes de pássaros.

uma mãe no primeiro programa foi boa, acho que dá uma representatividade bacana. E com a professora também. Gostei da abordagem.”

Dentre os temas abordados, a saúde mental foi um dos escolhidos para ser veiculado no programa, visto que as pessoas estavam vivenciando um novo contexto, o espaço doméstico tornou-se mais limitado com a obrigatoriedade de convivência concomitante com todos os membros da família. Em algumas situações as mulheres ficaram expostas no ambiente de agressão, devido ao fato da necessidade de se fazer o isolamento social. A título de exemplo, aqui apresentamos um trecho do programa sobre saúde mental, discutido pela colaboradora do programa 2, B.V.P.:

Com a mudança da rotina de trabalho, da suspensão de aulas, do fechamento temporário de espaços de lazer, nossas relações sociais mudaram, ao não poder nos encontrar com amigos, familiares que não moram conosco, ao trabalhar de dentro de casa para os que podem, ao aumentar o convívio com o núcleo familiar, essas são mudanças que fazem com que nós tenhamos emoções, ações e pensamentos que não eram comuns no dia a dia antes da pandemia. O surgimento de preocupações com a própria saúde, dos amigos e familiares. Quanto ao trabalho, uma irritabilidade no convívio intenso com familiares, uma tristeza perante a situação de incerteza, um cansaço que não ocorria antes, são sensações que este momento de pandemia pode gerar, uma alternativa seria conversar sobre essas dificuldades com pessoas de confiança, pois além de escutar e confortar, elas também podem estar passando por situação semelhante e juntos todos podem encontrar opções. O importante é perceber essas sensações, pensar se elas estão muito intensas em que grau elas apresentam, elas causam muitas complicações da vida da pessoa? Porque se este for o caso é importante procurar a ajuda de profissionais da saúde mental, sejam psicólogos ou psiquiatras.

A abordagem dos temas de forma dinâmica aproximou os/as ouvintes, deixando-os/as confortáveis para indicativos de temas, bem como de colaboradores, como descreve Freire (1983, p.44), “corpo consciente (consciência intencionada do mundo, à realidade) o homem atua, pensa e fala sobre esta realidade, que é a mediação entre ele e outros homens, que também atuam, pensam e falam”. A construção da dinâmica também gerou indagações para que

pudessem ser acrescentadas à vivência de outros, como questiona a ouvinte Canário, após receber o agradecimento do membro da equipe: “Que chiqueeeee! Massa, meu bem, fico feliz em ter contribuído. Muito massa essa iniciativa da conscientização via rádio. Como é que vocês têm organizado isso? A Universidade entrou em diálogo com as rádios?”. “Assim, toda ação da liderança popular tem caráter formativo e auto-formativo. Ela, por ser humano, está sempre aprendendo, sempre sendo mais com os outros (...)” (DICKNANN & DICKNANN, 2017, p.102)

Com a pandemia, o projeto nos deu a oportunidade de unir um grupo significativo, que, embora subdividido em grupos de trabalho, possuía um objetivo uníssono para além do informar, visando à humanização das relações e à garantia ao acesso do máximo de informações possíveis, através de uma abordagem variada. Compreender vários meios de comunicação garantiu levar informação e entretenimento às pessoas do campo, que por vezes só possuem o acesso a eles pelo rádio. Mas os mesmos temas também eram retratados e transmitidos pelas TVs web e por vídeos curtos. A criação de uma rede de conexões contribuiu para análises positivas em relação ao projeto, como exposto pela ouvinte Sabiá, ao referir-se aos métodos abordados: “Cada vez fico mais orgulhosa pelo ‘jeito UNEB de fazer universidade’. É uma instituição que nos representa, que fala do chão da escola!!!”

Ao encerrar a veiculação dos programas, cuja construção no trimestre foi conjunta com outros grupos de trabalho, ficou claro sobre o quão forte era a contribuição do projeto para a comunidade, não só passando conhecimento, mas trazendo o conforto das artes, da cultura e da educação. O ouvinte Cardeal afirma: “É uma pena que chegou ao fim. Mas o que posso dizer é que foi muito gratificante poder estar com vocês neste grande projeto. Meu forte abraço.” Seguido pelo ouvinte Bem-te-vi: “Por que terminar os programas de rádio feitos pelos alunos? Fiquei superfã.”

Dessa forma, fica nítido que a construção de um espaço educacional vai além das paredes físicas de uma sala de aula, um/a educador/a pode ser uma tia que manda um áudio, um

amigo, o espaço. A educação perpassa pelos segmentos físicos, alcança aqueles que estão dentro de suas possibilidades, permitindo-se aprender dentro do seu cenário, por isso é importante que a academia trabalhe com a extensão universitária, envolva os educadores populares em suas ações, eliminando sobretudo a linguagem excludente. Muitos colaboradores exerciam a liderança popular nos seus espaços de atuação, tarefa difícil dentro de um contexto normal e que se acentua em período de pandemia, devido ao fato de o diálogo acontecer mediado por tecnologia. Dicknann & Dicknann (2017, pp. 28 e 29) destacam:

Ser um educador popular é uma tarefa ousada, pois implica tornar-se um agente de transformação social a partir do diálogo sobre a realidade concreta com os educandos, entendendo-os como sujeitos no processo de construção do conhecimento. E, a partir do conhecimento se constrói alternativa aos problemas sociais. Portanto um educador popular é um líder popular, ele motiva, organiza (...)

Por fim, fica claro o desejo do aprendizado não só daqueles que estão dentro da escola/academia, também daqueles que estão fora delas, nas comunidades mais distantes da cidade, nos nossos primos e primas que não tiveram oportunidade de estudar, mas que têm um enorme conhecimento em tantos outros assuntos, muitas vezes desvalorizados pela própria academia. A Voz da Educação continuará lutando por uma educação justa, democrática e de qualidade, pela formação de bons profissionais, e na instrução de toda uma sociedade que através de uma luta consegue dar voz a esses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi exposto, pode-se observar que o projeto de extensão Criando Redes de Conexão em Tempo de Pandemia alcançou os resultados esperados e contribuiu para a formação acadêmica e pessoal de cada um dos colaboradores do projeto, pois, esse movimento resultou em “um processo conscientizante e não conscientizador”, tornou “os sujeitos conscientes e não conscientizados”. Problematizou, pensou e agiu sobre uma realidade concreta, sem formatá-la ou modelá-la

de acordo com os próprios interesses. (DICKNANN & DICKNANN, 2017, p.32)

A missão de levar um pouco de leveza por meio dos programas produzidos foi alcançada, e isso pode ser observado por meio dos retornos dos ouvintes. Além disso, as contribuições e crescimentos individuais apresentados por cada integrante da equipe foi uma das maiores e melhores experiências adquiridas. “Participar e contribuir com o projeto e ver os resultados obtidos foi uma experiência sem igual”, declara uma monitora voluntária. Como nos ensina Freire (1983, p.52), “o homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, a qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação”.

Além disso, o objetivo principal de criar uma rede de conexão que levasse informações das mais diversas áreas às pessoas, principalmente àquelas que não possuem conexão com a internet foi alcançado à medida que ouvíamos o retorno desse público.

Ficou evidente, durante o desenvolvimento do projeto, um ponto muito importante, e que deve ser ressaltado: o trabalho em equipe, o qual foi fundamental para o bom desenvolvimento das atividades, e deve ser destacado pois é ele que permite a troca de experiências entre os discentes, docentes, monitores e também com a comunidade.

REFERÊNCIAS

AMARO, Eduardo. **COVID-19: Uma reflexão sobre o momento que vivemos.** ANAHP. Disponível: <https://www.anahp.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Artigo-Covid-EDUARDO-AMARO-1.pdf>. Acesso em 12 de set. de 2020.

COSTA, Marina de Vasconcelos Padrão. **Rádio, Um Meio De Comunicação Eficiente.** Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Brasília, outubro de 2006. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1394/2/20317100.pdf> . Acesso em 12 de set. de 2020.

DICKNANN, Ivanio e DICKNANN, Ivo. **Pedagogia da Liderança.** São Paulo-SP: Dialogar, 2017

FERREIRA, Andréia da Paixão. A invenção do rádio: um importante instrumento no contexto da disseminação da informação e do entretenimento. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v.3, n.1, mar.2013.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** (5ª ed.). São Paulo: Paz e Terra, 1988

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MIGUEL, Luís Felipe. **O problema maior é a falta de pluralismo nos meios de comunicação.** 2018. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/midia/o-problema-maior-e-a-falta-de-pluralismo-nos-meios-de-comunicacao-por-luis-felipe-miguel/> Acesso em out. 2019

MUNDO, Tec. **A história do rádio no Brasil.** 2019. (15m58s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRFQajVXq88>. Acesso em 20 de set. de 2020.

História do rádio no Brasil. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil#:~:text=O%20r%C3%A1dio%20nasceu%20no%20Brasil,-na%20inaugura%C3%A7%C3%A3o%20da%20radiotelefonia%20brasileira>. Acesso em 20 de set. de 2020.

CLUBE DE LEITURA DO CAMPO: INCURSÕES LITERÁRIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

COUNTRY READING CLUB: LITERARY INCURSIONS AND THE FORMATION OF READERS IN THE DEGREE IN RURAL EDUCATION

Maíra Lopes dos Reis

Doutoranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulher, Gênero e Feminismo.

Docente da Licenciatura em Educação do Campo- Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

mairalopes@ufrb.edu.br

Ricardo Pacheco Reis

Mestre em Literatura e Diversidade Cultural.

Docente da Licenciatura em Educação do Campo- Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.

ricardopacheco@ufrb.edu.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar as práticas de leituras e escritas literárias para formação de leitores na Licenciatura em Educação do Campo- Ciências Agrárias realizadas no Clube de Leitura do Campo, sendo este um espaço de compartilhamento de leituras de realidades, afetos e escrevivências cotidianas do povo campesino, e compõe uma das ações do projeto de Extensão Educação, Cultura, Arte e Diversidade do/no Campo – ECADC, vinculado ao Centro de Formação de Professores da UFRB. Este projeto busca aprofundar os conhecimentos acerca da diversidade sociocultural dos povos campesinos a partir de ações culturais, artísticas e literárias. A proposta da realização do Clube de Leitura surgiu pelo reconhecimento da leitura como integradora e formadora, levando em consideração a necessidade da formação da comunidade acadêmica a partir de um repertório de leituras específicas dessa realidade social. As atividades do clube permitiram inserir os discentes no mundo da literatura, com temáticas voltadas ao campo brasileiro e à análise de conjuntura. Neste trabalho apresentamos algumas reflexões das ações do Clube de Leitura à luz da relevância da literatura enquanto reflexo artístico da realidade social.

Palavras-chave: Literatura. Campo. Educação. Cultura.

ABSTRACT

This article aims to discuss literary reading and writing practices for the training of readers of the Degree in Rural Education - Agrarian Sciences from the experience of the Clube de Leitura do Campo, this being a space for sharing readings of realities, affections and daily registries of the peasant people. The country reading club is part of the activities of the Education, Culture, Art and Diversity Extension Project in / in the Field - ECADC, linked to the Teacher Training Center at UFRB. This project seeks to deepen the knowledge about the socio-cultural diversity of the peasant peoples through cultural, artistic and literary actions. The proposal for the creation of the Reading Club arose from the recognition of reading as an integrator and trainer, taking into account the need for the formation of the academic community based on a repertoire of specific readings

of this social reality. The club's activities allowed students to enter the world of literature, with themes focused on the Brazilian field and the analysis of the current situation. In this paper we present some reflections on the actions of the Reading Club in light of the relevance of literature as an artistic reflection of social reality.

Keywords: Literature. Field. Education. Culture.

INTRODUÇÃO

A literatura e a produção literária no geral têm-se apresentado como instâncias refletoras de transformações sociais e históricas, e podem ser compreendidas como ferramentas concretas de apreensão do mundo e, no processo de leitura que se coloca, estão postas as condições de interpretar as sociedades em que cada texto ou série literária estão inseridos, permitindo a expansão de fronteiras já conhecidas.

O vínculo que se forma entre literatura e sociedade, por meio das narrativas, expressa e transfigura as relações sociais através da invenção de personagens, de espaços outros e de uma linguagem ancorada na imaginação.

Este artigo tem como objetivo apresentar as experiências práticas de leituras e escritas literárias para formação de leitores na Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias (Ledoc) a partir da experiência do Clube de Leitura do Campo, sendo este um espaço de compartilhamento de leituras de realidades, afetos e escrituras cotidianas do povo camponês.

O Clube de Leitura do Campo faz parte das atividades do projeto de Extensão Educação, Cultura, Arte e Diversidade do /no Campo – ECADC, vinculado ao Centro de Formação de Professores da UFRB. Este projeto busca aprofundar os conhecimentos acerca da diversidade sociocultural dos povos camponeses a partir de ações culturais, artísticas e literárias. A atividade de extensão do Clube de Leitura do campo surgiu pelo reconhecimento da leitura como integradora e formadora, levando em consideração a necessidade da formação da comunidade acadêmica a partir de um repertório de leituras específicas dessa realidade social.

A extensão como prática acadêmica visa in-

terligar a universidade em suas atividades de ensino e pesquisa às demandas da sociedade, respeitando o princípio do compromisso social da universidade. Neste sentido, a cultura, assim como as práticas artísticas, são elementos que precisam estar presentes no âmbito acadêmico, na medida em que são instâncias reveladoras dos modos de vida dos sujeitos do campo e, portanto, elementos indispensáveis no processo de compreensão dessa realidade em toda sua diversidade. A arte está fortemente ligada à maneira como agricultores, quilombolas, indígenas, pescadores e marisqueiras, entre tantos outros povos do nosso campo, produzem a existência e seus saberes, não estando dissociadas das demais formas de produção da vida, do trabalho, da educação, ou seja, de todas as dimensões e aspectos da formação humana.

Este projeto de extensão possibilita contribuir com a formação de leitores e potencializar os lugares de vivência dos discentes que geralmente são os mesmos locais empíricos, ou seja, suas comunidades, em que realizam suas pesquisas, além de despertar o gosto pela leitura. A educação pela arte possibilita a construção de conhecimentos a partir de diversas subjetividades, promovendo uma maior compreensão acerca da diversidade cultural, portanto, de leituras de mundo, e do vasto repertório de fazeres artísticos que brotam de nosso campo.

Segundo Barcelos (2009) a leitura, sendo ela uma atividade social, tem a capacidade de aproximar pessoas. No ato de ler, partilhamos vivências, além de proporcionar o desenvolvimento de sensibilidades, inclusive a partir da exploração sensorial na percepção do mundo e da vida em sociedade. É fundamental que a educação perpassa pela leitura, não apenas como técnica, senão como um território de produção de conhecimento, com uma leitura que toque as subjetividades dos sujeitos. Afirma ainda que:

A literatura nos faz diferentes. Faz com que possamos perceber o mundo e o que nele está incluído de forma mais crítica e criativa. A leitura, nesse sentido, abre espaços de interrogação, pois nos permite (re)visitar nosso mundo interior ou mundos interiores. Descobre novo(s) mundo(s). Além disso, a literatura não apenas ilustra, decora, ornamenta. Ela constitui, inventa, possibilita a criação de sensibilidades (BARCELOS, 2009, p.535).

E foi nessa perspectiva que o Clube de Leitura do Campo surgiu, enquanto um espaço de contato mais livre e prazeroso com os livros de literatura, e que pudesse despertar nos discentes da Licenciatura em Educação do Campo-Ciências Agrárias (Ledoc) o gosto de ler, e conseqüentemente, de escrever.

As atividades realizadas no clube demonstraram que a Literatura produz cultura, juntamente com outras formas de manifestações artísticas, e se constitui em mais um instrumento da aprendizagem, à medida que oferece aos diversos sujeitos conhecimentos sobre si mesmos, sobre sua história e identidades.

Por uma Literatura Campesina

- *Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a conta menor
que tiraste em vida.*
- *É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
deste latifúndio.*
- *Não é cova grande.
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida (NETO, 1886, p.87)*

Os contundentes versos de João Cabral de Melo Neto, ao mencionar o pedaço de terra que cabe ao homem nordestino, há séculos espoliado pelos coronéis e latifundiários são bem conhecidos. Esses versos, do auto de Natal Morte e Vida Severina, serviram de inspiração para impulsionar a ideia de discutir obras literárias que traduzissem o cotidiano do povo campesino. Assim como em *Vidas Secas*, ro-

mance publicado em 1938, que apresenta a paisagem dos sertões nordestinos com seus cenários e tipos específicos. O drama do caboclo nordestino, castigado pela seca e pela caatinga, abandonado em sua miséria, levando consigo a fatalidade de forças atávicas é traduzida na figura de Fabiano, personagem que assimila física e psicologicamente os traços da terra árida e requeimada, características que o resguardam em seu mutismo e o nivela quase com os bichos, plantas e coisas. Desta maneira, *Vidas Secas* torna-se uma obra inovadora, na medida em que abandona a suavidade, bem como o que havia de camuflagem no enfoque ornamental com que antes se retratava o homem rústico brasileiro frente ao regionalismo do século XIX e adere a um realismo mais vivo.

A situação objetiva das populações camponesas com o aumento da pobreza, a degradação da qualidade de vida, acréscimo da exclusão, e violenta expansão da agricultura capitalista no campo que desapropria trabalhadores e trabalhadoras, associada à concentração fundiária e aos baixos índices de escolaridade, produziu, há muito, ideias estereotipadas dos camponeses e das camponesas, como a posição de que são atrasados, de pouco entendimento, sem considerar o fato de que, historicamente, os saberes e conhecimentos sistematizados lhes foram negados.

O Clube de Leitura do Campo serve como um meio de envolver leitores a se inserir nas narrativas de obras literárias que tem como moldura as relações de trabalho e relações sociais com a terra. Descrição da terra, relatos sobre os modos de ocupá-las, culturas e costumes dos que nela vivem, e as diversas formas de opressão. A Literatura tem essa capacidade de esposar os ângulos mais variados, a realidade aparece vista pelo oprimido, mas também pelo opressor, e pela sua eficácia de criar imaginários e atuar na sociedade, tem a força de reconstituir a vida cotidiana, desvelar contradições e divergências presentes nas relações sociais e suas representações. Sendo assim, a Literatura pode ser vista como um olhar da realidade histórica e social através da arte, isso não significa que seja uma simples cópia, ou mesmo espelhamento estanque ou documental da realidade, pois se assim o for, o leitor não alcançaria através dela novidades em ter-

mos de visão de mundo.

Segundo Antonio Candido (2011) as obras literárias são objetos sociais muito específicos, e que de certo modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal em todos os tempos e espaços, não há povo e nem sociedade que possa viver sem ela. O autor defende que a Literatura é um direito humano, portanto, o sonho acordado das civilizações, sendo ela o fator indispensável de humanização, inclusive por atuar no subconsciente e inconsciente dos sujeitos. Cada sociedade cria as suas manifestações, ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus sentimentos e impulsos, suas crenças e normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles.

Ainda segundo o autor, é por isso que nas nossas sociedades, a literatura tem sido instrumento poderoso de orientação e educação, entrando nos currículos, sendo proposto a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores sociais postos, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. “A Literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2011, p.177).

Realizar e debater obras que retratem o universo campesino é buscar ressignificar a realidade de um povo que historicamente teve negado direitos básicos, como alimentação, educação, saúde, terra e moradia, e que por sua vez a literatura também os foi confiscada, de maneira intencional, pela força que tem para revelar contradições humanas resultantes da dominação histórica. Dominação que é reforçada quando se nega o direito de leitura aos sujeitos da classe trabalhadora, homens e mulheres do campo.

Assim, o trabalho com obras literárias do campo ou que retratam o universo e imaginários campesinos, é uma forma de nos humanizar, entendendo que não é possível tornar-se humano em sentido pleno sem o acesso à Literatura. Se a liberdade é direito de todos, não será possível conquistá-la sem arte, pois todos têm direito à Literatura, e consequentemente

o ato de ler nos evoca a escrever.

Para Anzaldúa (2000), a escrita pode nos salvar do medo, e manter nossos espíritos de revolta vivos contra todas as injustiças do mundo. Pela escrita pode-se criar um mundo que compensa o que a realidade não nos dá. É uma maneira de registrar vozes silenciadas.

Por isso, a importância das “escrevivências” ensinadas pela grande escritora Conceição Evaristo (2000), ao debater sobre o fazer literário das mulheres negras, e afirmar que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar outro movimento, aquele que abriga todas as suas lutas, e é esse o mote impulsionador do Clube de Leitura do Campo, tomar o lugar da escrita e leitura como direito, assim como se toma o lugar da vida.

A EXPERIÊNCIA DO CLUBE DE LEITURA DO CAMPO

Quando se fala na diversidade sociocultural dos sujeitos do campo, partimos do pressuposto que as práticas artísticas construídas por esses reproduzem suas realidades e modos de vida. A cultura e a arte revelam as formas de sociabilidades da população camponesa. Trata-se também de uma dimensão que traz um caráter político que simboliza o enraizamento do processo histórico de lutas pela terra como direito na produção da vida no campo. As práticas culturais campesinas são dinâmicas e mantêm em sua natureza os elementos da educação e da resistência (CARVALHO; MARTINS, 2016).

Fomentar ações que focalizem a cultura e as práticas culturais pode permitir aos discentes da Licenciatura em Educação do Campo um processo de reconstrução ou mesmo afirmação da identidade, partindo de reflexões sobre a cultura e seu lugar de origem, além de superar a construção da ideia de que a cultura dos povos do campo é obsoleta ou mesmo que não esteja apta às mudanças.

Um dos pilares que constituem as diretrizes da Educação do Campo é a necessidade de que no ensino em todos os níveis, tenha como fundamento o respeito à identidade e à diversidade

de dos povos do campo, conforme está posto no Decreto nº 7.352, de novembro de 2019 (BRASIL, 2010), que, no seu artigo V, apresenta quais princípios devem nortear a Educação do Campo. Já no seu inciso I, anuncia que devem ser garantidos “o respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, raça, geração e etnia”.

Nesse sentido, o que se observa é que os materiais didáticos disponíveis para o contexto do campo, por exemplo, não reconhecem as características identitárias dos povos camponeses. Desta maneira, disseminam valores e crenças que subalternizam a cultura camponesa, valorizando narrativas que reforçam os estereótipos do anacronismo, da pobreza e da miséria.

Com intuito de superar esse e outros limites impostos, propomos o Projeto de Extensão Educação, Cultura, Arte e Diversidade do/no Campo para construir diálogos através da arte, literatura e da cultura popular trazendo para o debate saberes pedagógicos para a formação integral dos discentes da Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) do Centro de Formação de Professores da UFRB, sendo o Clube de Leitura do Campo a primeira ação promovida pelo projeto.

As atividades do clube iniciaram em Julho de 2020. A metodologia da ação proposta consistia em formar um grupo, inicialmente com estudantes da LEdoC e, a cada mês, seria realizada a leitura de uma obra literária, ou mesmo livros que remetessem ao contexto do campo. A cada encontro do clube, o grupo deveria debater e compartilhar suas impressões acerca da leitura realizada. A proposta da realização do Clube de Leitura é de fortalecer o reconhecimento da leitura literária como integradora e formadora, levando em consideração as necessidades da formação, à comunidade acadêmica, a partir de um repertório literário específico dessa realidade social.

Por conta do contexto de pandemia causado pelo vírus da Covid-19, que nos levou ao isolamento social, as atividades do projeto passaram a ocorrer de forma remota. A intenção era, além de despertar o prazer da leitura, fa-

zer do clube um espaço de encontro dos discentes para compartilhar as angústias, afetos e inseguranças causadas pelo contexto que estávamos vivenciando.

A primeira obra escolhida para iniciar as atividades foi o livro *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior, geógrafo e escritor brasileiro e baiano, que também é autor do livro de contos “Dias”, publicado em 2012 pela editora Caramurê Produções. Com *Torto Arado* o autor ganhou o prêmio Prêmio LeYa 2018, Prêmio Jabuti 2020 de melhor romance e Oceanos-Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa 2020. Para além do reconhecimento da crítica e de todas essas premiações, a escolha para iniciar as atividades do clube a partir desta obra justificou-se pelo fato desta apresentar uma narrativa da questão agrária brasileira, sobretudo do ponto de vista do nordeste e do sertão da Bahia.

O romance *Torto Arado* traduz a dramática realidade campesina nordestina, como a seca, a violência contra as mulheres, as práticas escravocratas ainda presentes nas relações de trabalho e outros tipos de opressão no campo. Uma obra construída a partir das contradições de um país que em plena modernidade, ainda vive as formas e tradições arcaicas.

A obra é narrada sob o ponto de vista feminino sob a perspectiva das irmãs Belonísia e Bibiana, personalidades opostas em seu modo de viver e reagir, mas reciprocamente fortes no enfrentamento de seus (des)caminhos. Por meio delas, nos são apresentadas narrativas que traduzem fortemente valores de um Brasil ainda aprisionado nos tempos coloniais. Originárias do seio de uma família de trabalhadores rurais no sertão baiano, Belonísia e Bibiana têm ascendência quilombola e vivem sob a influência de um cotidiano ainda estigmatizante, mesmo depois de quase dois séculos da abolição.

É uma problematização do imaginário coletivo que ainda persiste na subserviência de uma gente condenada ao atraso, às desigualdades e à violência produzida pela situação fundiária do país, condenada a partilhar sempre na escassez das migalhas de um sistema que a aparta e aliena. Este romance denso, e sensivelmente poético, protagoniza a narrativa de

homens e mulheres do campo e, por sua vez, traduz os modos de vida de grande parte dos estudantes da LEdoC.

Para realização do primeiro encontro, a indicação da obra foi feita por nós, docentes, coordenadores da atividade, pois sabíamos que a obra tinha um potencial literário enorme e que poderia promover debates importantes no universo das e dos estudantes, sempre primando por um diálogo igualitário entre todas e todos participantes.

Quando lançamos a divulgação para inscrição no clube, no mês de junho de 2020, para dar início a atividade no mês seguinte, para nossa surpresa, o número de participantes superou a expectativa, e na primeira reunião, os discentes relataram a vontade de retomar a leitura

de romances e obras literárias; outros colocaram que no momento da pandemia a leitura e a escrita literária de ficção estava sendo uma importante ferramenta de alento e alívio às angústias causadas pelo isolamento social.

A partir de uma decisão do grupo, foi estabelecido que fizéssemos um encontro oficial para debater a obra, mediada por um convidado e aberto ao público, mas que, a cada quinze dias, pudéssemos estar nos encontrando por meio da plataforma google meet para trocarmos nossas impressões sobre o processo da leitura do livro. Ao todo foram seis encontros, quatro reuniões entre os membros do projeto e dois encontros oficiais do Clube de Leitura do Campo, conforme mostram a figura abaixo dos cartazes de divulgação das atividades:

Figura 01- Convites de participação do Clube de Leitura do Campo

1º ENCONTRO DO CLUBE DE LEITURA DO CAMPO

TORTO ARADO
Itamar Vieira Junior

Convidada:
Profa. Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi - Kiki (CFP/UFRB)

Encontro: 16 de Julho de 2020 às 18:00
Acesse pelo link:
<https://meet.google.com/cex-rzgj-vnd>

Realização:
Projeto de Extensão Educação, Cultura, Arte e Diversidade do e no Campo - ECADC
Licenciatura em Educação do Campo Ciências Agrárias

UFBR Universidade Federal do Rio Grande do Norte
CFP CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

II ENCONTRO DO CLUBE DE LEITURA DO CAMPO

DIÁRIO DE BITITA
Carolina Maria de Jesus

Convidada: Maicelma Maia

Professora do Centro de Formação de Professores- CFP/UFRRB. Coordenadora do Projeto Cafuné

O projeto de Extensão Educação, Cultura, Arte e Diversidade do Campo

UFBR Universidade Federal do Rio Grande do Norte
CFP CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Fonte: REIS, 2019.

O primeiro encontro ocorreu no dia 16 de julho de 2020, e contou com a participação da Professora Doutora Ana Cristina Nascimento Givigi, com o debate do romance Torto Arado. Iniciamos com a sua fala sobre a obra e posteriormente, foi aberto o debate e o espaço para que as/ os estudantes pudessem compartilhar

suas descobertas, expectativas, frustrações, em relação à obra lida. O debate foi muito potente e emocionante na medida em que muitos relataram como a narrativa da obra em algum momento descrevia a vida deles, trazia uma lembrança, ou vivência. Outros trouxeram poemas e escritas de si que a leitura do

livro provocou neles. Em um dos momentos foram lidos trechos da obra, e o fragmento a seguir sintetiza os pontos debatidos no encontro, pois reflete o cenário de muitos espaços rurais no Brasil e vivenciados pelos participantes do clube.

Chegamos à fazenda há muitos anos, cada um aqui sabe como foi. Essa história já foi repetida muitas vezes. Mil vezes. Muitos de nós, a maioria, posso dizer, nasceu nesta terra. Nasceu aqui, nesta terra que não tinha nada, só o nosso trabalho. Isto tudo aqui só existe porque trabalhamos essa terra. Eu nasci aqui. Meus irmãos nasceram aqui. Crispina, Crispiniana e a família também. E os que não nasceram, já estão a maior parte de suas vidas em Água Negra. Os donos pisavam os pés nesta terra só para receberem o dinheiro das coisas que plantávamos nas roças [...]. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome (VIEIRA, 2019, p.162).

Tudo isso demonstra como a literatura tem o poder de traduzir diversas realidades. Segundo Rufino dos Santos (2008), a maior contribuição da literatura para a arte e para o aperfeiçoamento humano é nos fazer “enxergar melhor o real” (p.116). E apoiado neste tipo de assertiva que, para o escritor Roland Barthes, “A literatura, é categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real” (BARTHES, 1978, p.18).

A segunda obra que escolhemos para leitura foi o livro *Diário de Bitita*, da autora Carolina Maria de Jesus, que se tornou conhecida no cenário nacional e internacional através da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Os escritos dessa autora são marcados por uma narrativa memorialística que descreve o cotidiano da favela a partir do olhar de uma mulher negra, pobre, semianalfabeta, mãe solteira e catadora de lixo, recortada pelas opressões de gênero, raça e classe que passa a denunciar as injustiças sociais e as condições

materiais e subjetivas dos oprimidos.

Diário de Bitita trata da infância, adolescência e início da vida adulta de Carolina Maria de Jesus. Bitita era o apelido pelo qual a autora na infância era tratada por seus familiares e amigos, e em seus escritos nos conta suas desventuras e olhar de uma mulher, que desde pequena sentiu a dor de ser negra e pobre, mas que encontra nos livros e na avidéz literária uma forma de se elevar diante da sociedade que a oprime.

Assim como *Torto Arado*, esta obra de Carolina Maria de Jesus traduz em potencial as perversas reminiscências do período escravocrata colonial, demonstrando que o povo preto e, sobretudo o povo camponês, não tiveram políticas de reparação histórica, sendo relegados à sua própria sorte. Muitos continuaram nas fazendas ou foram atrás de empregos nas cidades, mas ainda assim a população vivia e vive em extrema pobreza. Enquanto isso, os imigrantes brancos ganharam terras e incentivos para progredirem no país. A sociedade brasileira na época de Carolina de Jesus, ainda era agrícola e as oportunidades de emprego eram voltadas para o campo, onde eram explorados pelos patrões, ou nas casas das famílias ricas, onde eram alvos de preconceitos e maus-tratos. A condição do povo negro é marcadamente presente na obra como podemos observar no trecho a seguir:

O branco criou a alta sociedade, lá não entra o negro. Só a terra é que não tem orgulho. No mundo a humanidade nasce e morre. Quando o homem está vivo, vive com os cereais que saem da terra. E quando morre vai para o seio da terra. Ela não fala, mas é sábia. É a melhor obra de Deus. Eu gostava de frutas, mas era difícil conseguir dinheiro para comprá-las. Eu já estava notando que o pobre vive mais com as pretensões. Um dia ouvi minha mãe contando que o meu tio Joaquim estava tomando água numa torneira pública – chafariz – quando o filho do Juca Barão chegou e disse-lhe: - Sai daí negro sujo! Quem deve beber água primeiro sou eu, que sou branco (JESUS,1977,p.62).

Este é o retrato da formação da sociedade brasileira que sempre foi marcada por desigualdades sociais, étnico-raciais e de gênero que permanecem muito presentes. Nos mais de trezentos anos de escravidão, o predomínio

de uma elite agrária, brasileira, proprietária e branca como grupo social dominante produziu profundas violências. O patriarcalismo e a escravidão são constitutivos da sociabilidade burguesa, possuindo expressões específicas em lugares como o Brasil e outros territórios colonizados.

No segundo encontro tivemos a ilustre participação da docente Maicelma Maia, que trouxe um debate significativo sobre a questão racial, especialmente ao que se refere à violência que atinge as mulheres negras. No encontro, as estudantes denunciaram os diversos preconceitos que sofrem cotidianamente por conta do racismo e do sexismo. A partir da leitura de Carolina Maria de Jesus, a partir das narrativas de Bitita, refletimos, que quando é permitido aos sujeitos o acesso ao conhecimento, nasce um mundo de possibilidades e conseqüentemente de questionamentos da sociedade em que se vive, abrindo caminhos para sonhar e buscar mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O clube de leitura do campo, a partir dos encontros e todos os momentos de partilha, proporcionou instantes de processo criativo, lúdico e artístico, despertando a capacidade inventiva dos participantes a partir da experiência que haviam obtido com a leitura das obras. Nossas atividades foram repletas de vivências, sobretudo artísticas, com música e recital de poemas escritos pelos estudantes.

O clube de leitura tornou-se um ambiente propício para a expressão livre de opiniões e reflexões, sejam acerca de alguma obra escolhida para leitura, ou até mesmo sobre a leitura da vida e do mundo em que estamos inseridos, composta por uma enorme diversidade de re-

alidades, modos e espaços de viver e tecer histórias. Funcionou como um apoio para a oferta de um espaço democrático, tendo em vista um encontro autêntico entre o leitor e a leitura literária. Entre a fala emocionada e reveladora de uns e a observação acanhada de outros, os participantes tiveram vez e voz e todos, pouco ou muito, trouxeram explicações, pelo menos uma vez, sobre as obras lidas, confirmando a ideia de que a Literatura permite sentir algum tipo de satisfação, e pode nos levar a falar ou a calar, mas nunca nos deixa indiferentes. Foi uma ação de promoção à leitura que fez valer a função da Universidade, que é a de formar o leitor com vistas à sua identidade local e formação intelectual e cultural.

O projeto segue e mergulharemos em outras narrativas, mantendo o mesmo ambiente do encontro das percepções sobre as realidades camponesas com as obras ficcionais e outros tipos de textos literários, de modo a nos conduzir à transfiguração das ideias, para que outros modos de pensar o mundo possam ser movidos nos leitores do clube.

Dessa forma, podemos concluir que a implantação do Clube de Leitura do Campo, no contexto do Centro de Formação de Professores e na Ledoc, vem ao encontro dos princípios discutidos no Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo, e contribuiu decisivamente com a formação de leitores, potencializando os seus lugares de vivência, além de despertar o gosto pela leitura. Por fim, é notório que essa reafirmação da educação a partir da arte nos permite construir conhecimentos através de diversas contextualizações da leitura e do fazer artístico, sendo esses dois elementos, associados à cultura de um povo, potenciais reveladores das formas como os sujeitos se relacionam socialmente.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. "Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo". **Revista Estudos Feministas**, Vol. 8, N.1, 2000, pp.: 229-236. <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009-025522anzaldua.pdf>.

BARTHES, Rolands. **A aula**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

BARCELOS, Valdo. **Literatura, intercultura e formação docente – um entre-lugar a ser visitado**. Educação Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 529-542, set./dez. 2009.

BRASIL. **Decreto nº 7.352**, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária-Pronera. Brasília:2010.

CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CARVALHO, Cristiene A.da Silva; MARTINS, Aracy Alves; **Práticas Artísticas do Campo**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária, 2005. p. 201-212.

NETO, João Cabral de Melo. **Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

Ramos, Graciliano. **Vidas Secas**. 106ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RUFINO DOS SANTOS, J. **Quem ama literatura não estuda literatura**. Ensaios indisciplinados. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

PROJETO DE EXTENSÃO ATELIÊ FILOSÓFICO: A PERSPECTIVA DE UM DESIGNER SOCIOCOGNITIVO PARA O ENSINO-PESQUISA-INTERVENÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

PHILOSOPHICAL STUDIO EXTENSION PROJECT: THE PERSPECTIVE OF A SOCIOCOGNITIVE DESIGNER FOR TEACHING-RESEARCH-INTERVENTION IN TEACHER TRAINING

Alexsandro da Silva Marques

Doutorando em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia/PPGDC-UFBA; Mestre em Educação Pela Universidade Federal da Bahia - UFBA; Especialização *latu sensu* em Filosofia pela Universidade Cândido Mendes - UCAM e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. amarques89@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo busca evidenciar a perspectiva formativa desenvolvida no Projeto de Extensão Ateliê Filosófico/UFRB, a partir de um Design Sociocognitivo para Ensino-Pesquisa-Intervenção, na formação de professores, como exercício para o aprendizado da atitude filosófica de maneira própria e apropriada. O objetivo do projeto é fazer-pensar o filosofar, na formação de professores, estimulando uma aprendizagem filosófica do autoconhecimento no entrelaçamento entre meditação, autoconhecimento e formação. Apresentamos a metodologia organizacional utilizada para as intervenções planejadas no Ateliê Filosófico visando tensionar a produção de saber, a partir de uma visão complexa, fenomenológica, transdisciplinar e polilógica (aprender a ser, a conhecer, a pensar, a perceber, a fazer, a viver junto). Nesta perspectiva, são tensionados processos diferenciados da formação institucional tradicional, repensando o papel da filosofia na formação de professores para além de uma disciplina monológica. Sendo assim, a perspectiva de um Design Sociocognitivo para Ensino-pesquisa-Intervenção Pedagógica, a partir de um Ateliê Filosófico, é estimular o florescimento atitudinal, aberta à investigação nos acontecimentos implicados, nos processos subjetivante, na formação de professores.

Palavras-chave: Aprendizagem filosófica. Meditação. Práxis filosófica.

ABSTRACT

The present study seeks to highlight the formative perspective developed in the Philosophical Studio Extension Project / UFRB, based on a Sociocognitive Design for Teaching-Research-Pedagogical Intervention, in the training of teachers, as an exercise for learning the philosophical attitude in its own way and appropriate. The aim of the project is to make philosophizing, in the training of teachers, stimulating a philosophical learning of self-knowledge in the intertwining between meditation, self-knowledge and training. We present the organizational methodology used for the interventions planned at the Ateliê Filosófico aiming to tension the production of knowledge, from a complex, phenomenological, transdisciplinary and polylogical vision (learning to be, to know, to think, to perceive, to live together, do). In this perspective, differentiated processes from traditional institutional training are tensioned, rethinking the role of philosophy in teacher

education beyond a monological discipline. Thus, the perspective of Sociocognitive Design for Teaching-research-Pedagogical Intervention, based on a Philosophical Atelier, is to encourage attitudinal flourishing open to investigation in the events involved, in the subjectivating processes in teacher training.

Keywords: Philosophical learning. Meditation. Philosophical praxis.

INTRODUÇÃO

Filosofar mobiliza um exercício ético-político de aprendizado de si subjetivante, envolve uma prática transformativa, transvalorativa, criativa e descolonizante no modo de pensar perspectivas dominantes, lançando-se a um desejo de filosofar sem pretensão de uma posição dogmática, absoluta, excludente e totalitária. Intenta compreender as singularidades experimentadas nos pontos de vista próprios de cada ente/espécie em sua provisoriedade pensante e vivente, sem absolutismos nos pontos de vista e nas representações de mundo estabelecidas como verdades: é a abertura ao aberto do acontecimento instantâneo, múltiplo, caótico, sem fundamento. Esta é a perspectiva de um conceito próprio e apropriado que nos leva a uma perspectiva radical de ensino de filosofia em sua dimensão e especificidade. É preciso destacar que a compreensão de ensino assumida nesta perspectiva é a “atitude aprendente originária do querer saber-ser” (GALEFFI, p. 131, 2019). Desse modo, como fazer-pensar um filosofar, na formação de professores, a partir de uma perspectiva radical e relacional com a filosofia que vai ao encontro de si, agenciado na voz de outros aprendizes e em voz própria?

As reflexões contidas neste texto poderão provocar agenciamentos ou estranhamentos frente à postura adotada por seu autor, nas margens seguidas de um fazer-pensar o filosofar, na formação de professores, onde é apresentada uma práxis aberta à inconclusão e em permanente transformação, a partir da perspectiva de um Ateliê Filosófico. A posicionalidade aberta à transformatividade advém de um posicionamento político, estético, ético

e metodológico: uma aprendizagem filosófica do autoconhecimento a partir do entrelaçamento entre meditação, autoconhecimento e formação.

O Ateliê Filosófico tem como centralidade realizar oficinas didático-formativas que possibilitem aos estudantes de licenciatura, no Centro de Formação de Professores (CFP/UFRB), experienciar, em seus processos formativos, a prática da meditação como possibilidade didática para o desenvolvimento da aprendizagem filosófica do autoconhecimento¹. O projeto teve início no primeiro semestre de 2019, integrado às atividades do Programa de Extensão Tecelendo no CFP-UFRB.

Neste texto não intento apresentar uma proposta definitiva e única para pensar-vivenciar a aprendizagem filosófica, seria muita pretensão, o que deixaria de ser exercício filosófico implicado e livre. A primeira atitude assumida neste texto é o caráter interrogativo: Quais caminhos metodológicos são perspectivados a partir de um Ateliê Filosófico para pensar um Design Sociocognitivo para Ensino-Pesquisa-Intervenção que tem como centralidade a aprendizagem filosófica do autoconhecimento? Assim, é apresentado o processo de construção do planejamento interventivo, utilizando o design sociocognitivo, enquanto proposta de meios e modos para superar os problemas educacionais enfrentados durante a realização da proposta.

CAMINHOS ARTESANAIS METODOLÓGICOS DO DESIGN SOCIOCOGNITIVO PARA ENSINO-PESQUISA-

¹ O Ateliê Filosófico faz parte de uma pesquisa em andamento no Programa de Doutorado Multidisciplinar e Multiinstitucional em Difusão do Conhecimento (DMMDC) na Universidade Federal da Bahia (UFBA), ligado à linha de pesquisa – Construção do Conhecimento: Cognição, Linguagens e Informação. Desde o início do ano de 2019 vem sendo desenvolvido na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) na condição de projeto de extensão intitulado: “Ateliê Filosófico: Meditação, Filosofia e Autoconhecimento na Formação de Professores”.

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: A PERSPECTIVA DE UM ATELIÊ FILOSÓFICO

Segundo Fontoura (2002) o design é um processo². Ele começa com a definição de um propósito e avança através de uma série de questões e respostas no sentido de uma solução. Sua centralidade é partilhar uma ideia ou algo que é coletivo, assim como são seus objetivos, facilitando a comunicação daqueles que estão envolvidos no processo, viabilizando, produzindo e executando ideias sempre tendo como foco um objetivo geral: as mudanças sociais e políticas.

Para Matta (2012) o design “pode ser visto como uma função de gestão de projetos, como atividade projetual, como atividade conceitual, ou ainda como um fenômeno cultural” (p. 02). Desse modo, o profissional designer não lida só com a ideação e realização, centra-se também nos processos de criação, recriação e aperfeiçoamento a partir de sínteses captadas nos dados obtidos durante o processo/produto concretizado. Evidencia-se o caráter organizador, criativo e metódico, na obtenção de resultados, consubstancializados numa modelagem artística e tecnológica, potencialmente formativa e geradora de soluções estratégicas aos problemas vivenciados na execução de sua modelagem atenta à recepção/compreensão de seus interlocutores.

A cognição por sua vez refere-se a processo ou faculdade de adquirir conhecimento por meio das experiências sensoriais, representações, pensamentos, lembranças e das funções mentais como o afeto, a cognição e a volição. A mente humana sempre foi foco de estudos, desde a Grécia Antiga com Platão, Aristóteles buscando demonstrar como a “alma” conhece e apreende a realidade, bem como, a idade média com Santo Agostinho e Tomás de Aquino e na modernidade com Descartes, David Hume, Locke, Kant e etc.

Com o surgimento das Ciências Cognitivas no século XX, mais precisamente na década de 70, o estudioso Lev Vygotsky tem seus estudos di-

fundidos e, conceitos como Zona Proximal de Desenvolvimento ou ZDP, interação e internalização são articuladas para compreensão dos processos de apreensão do conhecimento e da própria cognição (MATTA, 2006). Segundo Matta (2012) a associação “design” e “cognição” apresenta compreensões destas duas áreas e os processos são aplicados em demais áreas, “onde temos a capacidade de projetar, gerar processos e metodologias para resolução de problemas e o ato de adquirir conhecimento, mais ainda, a capacidade de projetar formas de adquirir saberes, isso é design cognitivo (p. 04)”.

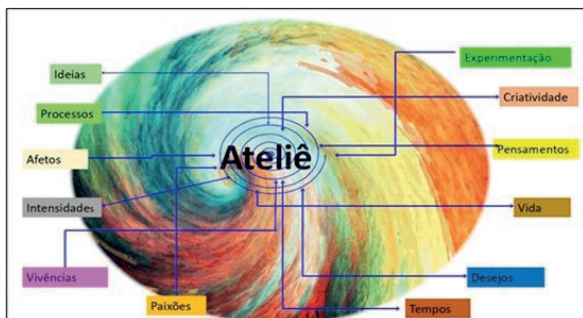
Pensar uma perspectiva de Design Sociocognitivo para Ensino-Pesquisa-Intervenção Pedagógica, a partir de um Ateliê filosófico, é estimular o florescimento atitudinal aberto à investigação nos acontecimentos implicados, nos processos subjetivantes na formação de professores. O Ateliê Filosófico busca fortalecer e promover experiências que estimulem a reflexão, o cuidado com a alteridade, a comunicação dialógica e a ética, a partir de uma visão complexa, fenomenológica, transdisciplinar e polilógica (aprender a ser, a conhecer, a pensar, a perceber, a viver junto, a fazer). Nesta perspectiva, são tensionados processos diferenciados da formação institucional tradicional, repensando o papel da filosofia na formação de professores para além de uma disciplina monológica, específica de conteúdos da tradição canônica, porém sem discriminá-los, mas fazer vê-los emergir das inquietudes humanas dos sujeitos educadores.

O ateliê é compreendido como espaço de possibilidades, de criatividade, autonomia, como também, local destinado ao artista onde cria sua obra na solidão de seu processo criativo. O nome “ateliê” é oriundo do francês “atelier” e significa lugar de criação, por isso a escolha na ênfase em “ateliê” juntamente com a dimensão filosófica nos remetendo a um processo também de criação: conceitos. O Ateliê filosófico extrai a força atitudinal que este espaço amplifica, na disposição que oferece ao criador (artista), com os recursos disponíveis e suas ferramentas para expressar sua singularidade.

² O objetivo deste artigo não é apresentar um aprofundamento conceitual e/ou literatura sobre o Design Sociocognitivo apenas nos atentarmos a situar de modo geral a discussão sobre a temática

Desse modo, o ateliê condensa uma constelação de sentimentos, intensidades, paixões, experimentações fundantes no ato criativo:

Figura 1 – Palavras significantes que caracterizam o Projeto de Extensão Ateliê Filosófico.



Fonte: elaboração do autor.

Os estudantes em formação que participam do Ateliê Filosófico são tensionados a experimentar processos de aprendizagem, através da descoberta e da construção de sentidos e significados para “si mesmo”, no presente ativo da vida vivente do ser bio-psico-socio-espiritual e cósmico. As demandas sociais exigem competências dos docentes indo além do instituído e sendo capazes de elaborar e difundir saberes pautados numa prática educativa com vistas à emancipação (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002). Conforme Severino (2008) há uma necessidade da demanda por inovações pedagógicas, em todos os níveis de ensino, bem como, a necessidade de propiciar espaços formativos tensionados nas emergências sociais da educação contemporânea.

Ao propor oficinas experimentais, articulando a meditação e a filosofia, não se busca fazer uma repetição de uma historiografia hegemônica segmentada a uma determinada técnica ou área do saber em formalismos ou erudição vazia. As oficinas objetivam criar condições para o aprendizado da diferença ontológica de cada estudante, em ser o mais amplo de si, na emergência humana planetária, global e local, no mundo da vida, em suas múltiplas relações ecológicas.

Recorrendo a trabalhos produzidos na área da educação com a temática “meditação”, destacam-se os estudos de Sampaio (2011); Barontini (2009); Arora (2007); Camelo (2011); Menezes (2011); Menezes & Dell’aglio (2011). Estes

estudos demonstram o desenvolvimento de práticas em diversos espaços e instituições que utilizam a meditação, como por exemplo, para trabalhar a elaboração da atenção na percepção de si (a concentração), os processos de aprendizagem, a experiência com o corpo e a mente a partir das técnicas de respiração, (re)elaborações cognitivas e emocionais. Fica evidenciado nestes estudos a relação da prática de meditação com os processos cognitivos e pedagógicos em vários âmbitos da educação, desde a escola básica à universidade e grupos de pesquisas. Estes movimentos demonstram a necessidade vital da academia, na valorização e pluralização de modos ressignificados de fazer e compreender a ciência, por lógicas curriculares transformativas que durante muito tempo encontraram barreiras nas complexas configurações da Universidade, e que atualmente demarcam a necessidade de uma reforma do pensamento (MORIN, 2003).

A partir do Ateliê Filosófico defendemos uma perspectiva de fazer e aprender filosofia como experimentação do pensar, como criação de novos sentidos implicados na vida-trajetória dos estudantes em formação, diferente de um ensino de filosofia limitado ao mundo acadêmico territorializado e fronteirizado que subestima os saberes populares-experienciais. Desse modo, para sentir, pensar e fazer na realidade implicada, no processo do autoconhecimento, responsáveis, participativos e críticos de suas próprias condições de existência, é necessário que estudantes conheçam e vivenciem em sua experiência formativa essa constelação de saberes.

Figura 2 – O Ateliê Filosófico em seus fluxos mobilizadores.



Fonte: elaboração do autor.

A figura II apresenta de modo sintético e provisório o fluxo significativo que expressa a potencialidade da perspectiva de se pensar a filosofia como convivência dialógica, portanto, experimentação de si, abertura ao encontro com o outro, à experiência dialógica, na diversidade de vozes, linguagens e formas-pensamentos que habitam cada estudante em sua saga formativa. Caminhamos tensionando a pensar “quais as contribuições que a filosofia poderá oferecer para a formação de professores em uma perspectiva fundamentada na aprendizagem filosófica do autoconhecimento?” A clareira que aqui é apresentada busca apontar caminhos de um filosofar que não tenha no modelo disciplinar, já consumado na história da filosofia e no rol da modelagem de conteúdos historiográficos, seu nascedouro e inspiração. Sem desmerecer toda a contribuição clássica e os luminares que o Olimpo sempre nos oferece para libertar-nos de nossas ilusões mentais. É preciso captar as brechas e fissuras que rasgam o sedimentado concreto promovido pela disciplinaridade, a partir do projeto ontológico de presenças em suas linhas de fuga, mesmo que timidamente e que são marginalizadas por posicionarem-se para além dos operadores cognitivos já consagrados pela tradição, como expressa Galeffi (2019):

(...) tenho observado a presença de poucas brechas ou fissuras na superfície dos acontecimentos disciplinares favoráveis ao filosofar no regime disciplinar, e tenho observado a construção de linhas de fuga ainda muito marginais, mas que tomam posição em relação à formação filosófica para além dos muros da academia, em uma expansão de sua serventia na formação humana para mundos melhores. Uma filosofia que é um filosofar próprio e apropriado, e não pode deixar de ser um acontecimento! (p. 110)

Inspiramo-nos em Galeffi (2019) na compreensão de uma filosofar que é polilógico, polifônico e polissêmico, constelando um vasto campo de habilidades e competências cognitivas e operativas. O que se descortina, na perspectiva assumida de um Ateliê Filosófico, como design sociocognitivo para ensino-pesquisa-intervenção pedagógica na formação de professores, é o exercício da atitude radical de filosofar de maneira própria e apropriada, sem pretensão de uma posição dogmática, absolu-

ta, excludente e totalitária.

Segundo Roberto Crema (2002), é necessário rompermos o adestramento racional de adquirir conhecimento sem levar em consideração uma visão global das emoções, dos sentimentos e da intuição. Nesta perspectiva, Galeffi (2011) nos abre horizontes frente ao autoconhecimento, como resultado originário inconcluso sobre o processo de aprendizagem, na convivência e na emergência do ente-espécie humano em conhecer a si mesmo (GALEFFI, 2011, p.21).

Estes caminhos nos levam a apropriação de novas estratégias de produção de conhecimento e de aprendizagem com a práxis filosófica. Romper tendências que privilegiam exclusivamente os conteúdos filosóficos ou pedagógicos, dependendo dos tipos de conhecimentos que foram internalizados ao longo da formação do professor, é buscar investigar, não o ensino como algo institucionalizado, mas a aprendizagem em seus sentidos e interações implicantes (GALEFFI, 2001; MACEDO, 2015).

Segundo Correia (2009) a Filosofia sempre foi tratada no âmbito da educação básica brasileira como produto requintado, acessível à elite e fortemente impregnada de um discurso hegemônico da cultura eurocêntrica. Sua história é marcada pela exclusão, maltratada em sua prática educativa e ora exaltada nos discursos oficiais.

É importante destacar que as discussões acerca do ensino de filosofia, no Brasil, possuem vasta produção teórica, sejam elas refletindo sobre os aspectos referentes às questões que envolvam o ensino da filosofia no currículo da educação básica ou na tentativa de elucidar a filosofia da educação (no ensino superior), a partir de filósofos ou escolas teóricas específicas.

Romper o paradigma da racionalidade técnica, baseado na lógica disciplinar e na transmissão de conteúdos que caracterizam a filosofia da educação – como reflexão sobre a educação ou como fundamentos da educação –, é compreender esses fenômenos à luz de uma abordagem complexa e conectada a matrizes e perspectivas que valorizem as singulari-

dades culturais, sociais e plurais dos sujeitos aprendentes. Partir da própria experiência, do autoconhecimento, é tensionar e resistir uma perspectiva de universidade brasileira e de (re)produzir uma filosofia alicerçada em conhecimentos, epistemologias, que em muitos momentos, foram (e são) utilizados para o

fortalecimento de uma lógica disciplinar e excludente.

A figura III apresenta o fluxograma dos objetivos basilares que nos levam a compreensão pragmática de sua práxis:

Figura 3 – Objetivos Conceituais, Procedimentais e Atitudinais do Projeto de Extensão Ateliê Filosófico



Fonte: elaboração do autor.

Na figura III foram sistematizados alguns objetivos que são articulados para pensar-fazer o plano interventivo da práxis do Ateliê Filosófico voltado para a docência na educação superior, ao propor o desenvolvimento da aprendizagem filosófica, considerando os diferentes domínios do campo científico da formação dos estudantes. Os objetivos de modo geral visam respeitar o processo histórico e biopsicoexistencial da caminhada dos sujeitos nele inseridos. Assim, este projeto de intervenção tem inspiração fenomenológica e caracteriza-se por ser um processo de abertura à ação-reflexão-ação de retorno às coisas mesmas (TRIVIÑOS, 2013; GALEFFI, 2017).

Pensar um processo metodológico numa práxis pedagógica com a filosofia, na formação de professores, é abrir-se ao acontecimento de constantes deslocamentos e enfrentamentos

encontrados na possibilidade da saída de uma modelagem disciplinar do “ensinar” e adentrar-se em uma modelagem transdisciplinar transformativa. É preciso superarmos os adestramentos que operam na prática pedagógica dos sistemas educacionais expressos na tríade “fabricação-modelagem-adestramento” e que ainda prevalecem na maioria das instituições de ensino-aprendizagem.

O acontecimento existencial do *serhumanohumanidade*³ em seu potencial criativo e mente desperta é submetida a uma letargia e alienação que lhe impedem de apropriar-se da compreensão e do conhecimento de sua própria existência. Por isso, é preciso destacarmos o que Paulo Freire sempre ressaltou em suas obras: a vocação ontológica do *serhumanohumanidade* em suas historicidades e inconclusões sempre em busca do Ser Mais. É no acon-

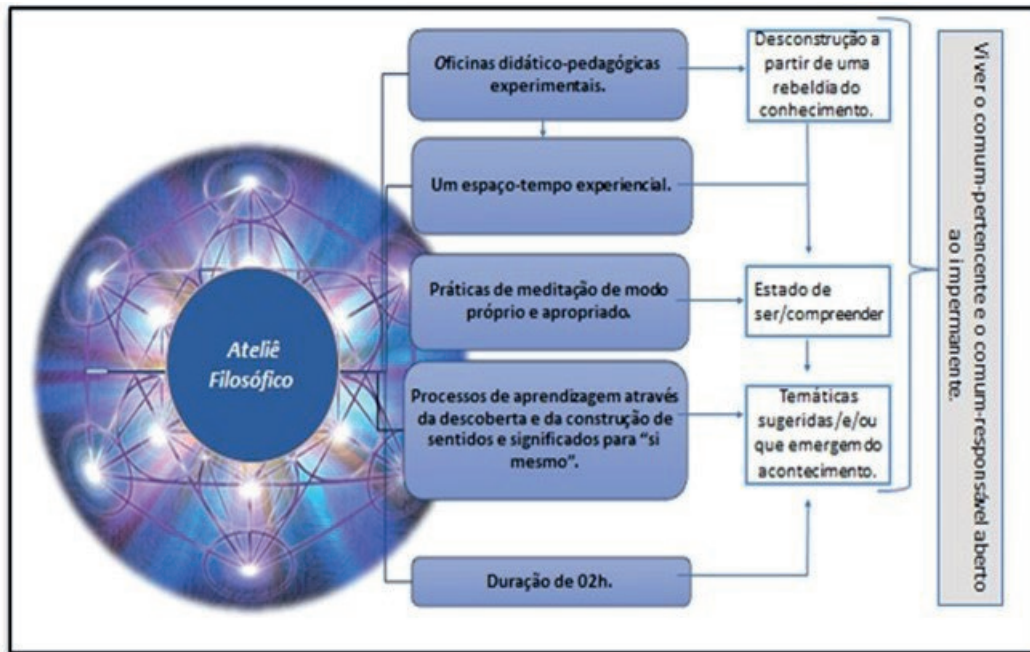
³ Compartilhamos o uso do neologismo *serhumanohumanidade* criado por Noemi Soares (2007) a fim de ressaltar a compreensão semântica de que cada ser humano representa toda a humanidade.

tecer inconcluso, em uma educação pautada no diálogo, na diferença, que poderá emergir a compreensão do fenômeno humano em sua complexidade e o sujeito presente na sua relação com a corporeidade, a espiritualidade, a

emocionalidade e a racionalidade.

A figura IV sintetiza a metodologia organizacional utilizada para a intervenção planejada no Ateliê Filosófico:

Figura 4 - Processo metodológico do Ateliê Filosófico.



Fonte: elaboração do autor.

O Ateliê Filosófico acontece segundo um percurso de construção do conhecimento que se configura em oficinas experimentais que proporcionem, não só o trato do conhecimento com filosofia, meditação e formação, mas um espaço-tempo experiencial e de vivências. O experimental se dá em relação à utilização de técnicas meditativas, autores e temáticas que conectam com os diversos sentidos, intensidade e interpretações no campo da filosofia, da educação, da ciência e das artes. O estudante em formação experimental o objeto do conhecimento, privilegiando processos de aprendizagem através da descoberta e da construção de sentidos e significados para "si mesmo".

As oficinas que compõem o Ateliê Filosófico possuem duração de 2h e buscam criar oportunidade de imersão em práticas meditativas de modo próprio e apropriado, pois a meditação não se resume a um conjunto de técnicas, mas a um "estado de ser/compreender" (Krishnamurti, 2000, p. 12). A meditação é compreendida e experienciada a partir da perspectiva

do educador Krishnamurti (2000) que a compreende como ação natural de conhecimento de nós mesmos. Há uma atitude desprendida de toda e qualquer autoridade guia conhecida, bem como, receituários e regras, pois ela (meditação) nos direciona a percebermos as imagens-pensamentos que nos condicionam, cristalizam atitudes-pensamentos (arrogância, ambição, agressividade) e todo tipo de conflito.

É a partir do diálogo que ativamos o processo do autoconhecimento ou aprendizado de si, ao observar as formas e pensamentos que nos alienam ou libertam-nos, tendo em vista o nosso conhecimento do conhecimento e o conhecimento do desconhecimento. Este processo está articulado ao diálogo com temáticas que emergem da experiência realizada nos processos vivenciados pelos participantes no Ateliê Filosófico, estabelecendo conexões e aprofundamentos com a filosofia e demais áreas de conhecimento na disposição íntima de cada aprendiz em sua saga aprendente.

A avaliação do processo inspira-se na perspectiva polilógica, polifônica e polissêmica (GALEFFI, 2017). Não visa classificação, seleção ou exclusão. Acontece durante todo o processo, a partir da participação, envolvimento e comprometimento dos participantes nas atividades propostas. O objetivo é realizar um acompanhamento individual e coletivo do processo de cada estudante/participante do Ateliê Filosófico, a partir dos seus relatos orais, registros e socializações. Ao término das intervenções, no processo de autoavaliação os participantes poderão apresentar um produto (elaboração própria e apropriada) que expresse seu processo nas experiências com o Ateliê de modo livre e criativo, como todo processo deveria potencializar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos metodológicos que aqui foram perspectivados a partir de um Ateliê Filosófico tem como centralidade a aprendizagem filosófica do autoconhecimento. O ateliê filosófico vai desenhando de seu modo próprio um Design Sociocognitivo para Ensino-Pesquisa-Intervenção Pedagógica. Pois, a capacidade inerente a todo ser vivente de “espantar-se” diante das coisas, do qual falaram Platão e Aristóteles como sendo causa inicial da filosofia, é antes de tudo uma atitude radical de se pôr diante do mundo, das coisas aí criadas.

Pensar a aprendizagem filosófica do autocon-

hecimento é tensionar essa perspectiva na formação de professores, não perdendo de vista a dificuldade em relação às nossas pesquisas ou aos processos formativos em relação à construção do objeto. Corremos risco de alienarmos de nós mesmos no processo de objetivação, nos procedimentos utilizados, nos padrões epistemológicos e metodológicos exteriores à implicação de seu autor/pesquisador/educador/aprendiz. Neste sentido, o Ateliê Filosófico, assumindo sua radicalidade atitudinal em um posicionamento político, estético, ético e metodológico, lança-se ao desafio de produzir novas potencialidades, como afirmou Guattari, no ensaio intitulado “Caosmose”, é necessário “produzir novos infinitos a partir de um mergulho na finitude sensível, infinitos não apenas carregados de virtualidade, mas também de potencialidades atualizáveis em situação (GUATTARI, 1992, p. 147).

Uma aprendizagem filosófica do autoconhecimento a partir do entrelaçamento entre meditação, autoconhecimento e formação de professores, tensiona a produção de saber, operacionalizada por uma racionalidade operativa analítica e pulverizadora de divisões de campos e subcampos disciplinares oriundos de nossa ciência moderna. Defendemos uma perspectiva de filosofar que vai ao encontro de si, agenciado na voz de outros aprendizes e em voz própria. Este caminho é uma “abertura ao aberto”, que busca diagnosticar e tecer uma práxis com os olhos mirados para o futuro na possibilidade do presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARORA, HARBANS LAL. **Terapias quânticas: cuidando do ser inteiro**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

BARONTINI, Lúcia Rejane de Araújo. **Meditação autobiográfica sobre a arte de viver de Sri Sri Ravi Shankar: aventura, formação, sabedoria e espiritualidade**. 2009. 320 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2009.

CAMELO, Luiz Gonzaga. **Efeitos da meditação prânica sobre o bem-estar físico e emocional e os níveis hormonais de praticantes recentes**. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Medicina, Universidade de Brasília, 2011.

CREMA, Roberto. **Inteligência Integral: o desafio transdisciplinar.** Síntese extraída por Jane Farias Chagas do texto apresentado no V Congresso Holístico Pan-Americano e VIII Congresso Holístico Nacional: Pedagogia Inicial – Educar Para Ser, 2002. 4p. Disponível em: <http://robertocrema.com.br/inteligencia-integral-o-desafio-transdisciplinar/>. Acesso em: 21/11/2020.

FONTOURA, Antônio. **IDADE: A educação de crianças e jovens através do design.** Florianópolis, 2002.

GARCIA, Carlos Marcelo. **A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor.** In: NÓVOA, A. (Org.). Os professores e a sua formação. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997, p. 51- 76.

GALEFFI, Dante A. **Filosofar e educar 2: quando o filosofar é educar.** Curitiba: CRV, 2019.

_____. **Didática filosófica mínima: ética do fazer-aprender a pensar de modo próprio e apropriador como educar transdisciplinar.** Salvador: Quarteto, 2017.

GATTI, Bernardete; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf> Acesso em: 07/12/2020.

GOMES, M. O.; ANASTASIOU, L. G. C. **Formar e formar-se: a voz e a vez dos professores.** In: PIMENTA, S. G.; FRANCO, M. A. S. In: Pesquisa em educação: possibilidades investigativas. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** São Paulo: Editora 34, 1992.

KRISHNAMURTI, J. **Nossa luz interior: o verdadeiro significado da meditação.** Trad. Ruth Rejtman. São Paulo: Ágora, 2000.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência: compreender/mediar saberes experienciais.** 1 ed. Curitiba, PR: CVR, 2015.

MATTA, Alfredo Eurico Rodriguez. **Desenvolvimento de metodologia de design socioconstrutivista para a produção de conhecimento,** 2013.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. Desenvolvimento de metodologia de design socioconstrutivista para a produção do conhecimento. In: Gurgel, Paulo Roberto Holanda; Santos, Wilson Nascimento (Org.). **Saberes plurais: difusão do conhecimento e práxis pedagógica,** 1, pp. 237-258. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. **Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de História.** Brasília: Líber Livro, 2006.

MENEZES, C. B. & DELL'AGLIO, D. D. **Por que meditar? A relação entre o tempo de prática de meditação, o bem-estar psicológico e os traços de personalidade.** Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15910/000690151.pdf?sequence=1>. Acesso em 23/11/2020.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade.** Trad.: Juremir Machado da Silva. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa. **Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez, 2007.

SAMPAIO, Daniela D. Furlani. **Cultura de Paz, Educação e Meditação com Jovens em Fortaleza-Ceará.** (Tese) Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2011.

SANTOS, Wilson. (Org.). **Saberes plurais, difusão do conhecimento e práxis pedagógicos**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2012.

SEVERINO, Antônio J. **Ensino e pesquisa na docência universitária**: caminhos para a integração. In: Cadernos de Pedagogia Universitária 3. São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação: USP, 2008.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SOARES, Noemi Salgado. **Sobre uma pedagogia para o autoconhecimento**: diálogo com algumas concepções educacionais de Jiddu Krishnamurti. Tese (Doutorado em Educação). Salvador: UFBA/FACED, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. 22 reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.

RECORTES DA CONSTRUÇÃO E ATUAÇÃO DE UMA EQUIPE NA PÁGINA VIRTUAL - “AGRIFAM VALE DO JIQUIRIÇÁ E RECÔNCAVO BAIANO”

CLIPPINGS OF THE CONSTRUCTION AND PERFORMANCE OF A TEAM IN THE VIRTUAL PAGE - “AGRIFAM VALE DO JIQUIRIÇÁ E RECÔNCAVO BAIANO”

Raquelice Jesus Cardoso dos Santos

Discente bolsista graduanda no curso de Agronomia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.
E-mail: raquelice26@gmail.com

Leilane Silveira D’Ávila

Docente orientadora, Dr^a da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. E-mail: silveiraleilane@ufrb.edu.br

Luiz Paulo Campos Patrício

Discente voluntário graduando no curso de Agronomia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.
E-mail: lpaulocp@hotmail.com

Aila Cristina Costa de Jesus

Voluntária, graduada em Licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia baiano Campus Santa Inês e articuladora da Articulação de Mulheres do Vale do Jiquiriçá. E-mail: ailacristinacj@gmail.com

Rita Vieira Garcia

Docente colaboradora, Dr^a do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia baiano – campus Governador Mangabeira. E-mail: rvieiragarcia@gmail.com

RESUMO

O aprendizado sobre um modelo de produção agrícola inclui participação coletiva, sendo essencial as trocas de informações entre pessoas. Destacando o modelo de produção conhecido como agricultura familiar, nota-se a diversidade e garantia de soberania alimentar e nutricional. E ao observar a importância alicerçada na necessidade de valorização desse modelo de produção agrícola, surgiu uma equipe de projeto extensionista, visando obtenção de conhecimentos sobre agricultura familiar e compartilhamento dessas informações através de uma página virtual. O trabalho foi realizado a partir de informações sobre dois territórios de identidades da Bahia (Vale do Jiquiriçá e Recôncavo baiano) sendo criada também a página virtual intitulada: “Agrifam Vale do Jiquiriçá e Recôncavo baiano” existente em duas redes sociais diferentes, mas que apresentam similaridades, o Facebook e o Instagram. A equipe de trabalho desempenhou todo o processo de busca das informações, materiais como: fotos, imagens, vídeos e áudios com base na realidade, bem como a construção de cards e planejamento de lives, para além de possibilitar a troca de informações a diferentes pessoas em um cenário que os encontros presenciais estão restritos devido à doença Covid-19. A atuação na construção e execução do projeto contribuiu na formação educacional dos membros da equipe.

Palavras-chave: Educação. Internet. Reconhecimento.

ABSTRACT

Learning about an agricultural production model includes collective participation, and the exchange of information between people is essential, the exchange of information between persons is essential. Highlighting the production model known as family farming, there is the diversity and guarantee of food and nutritional sovereignty. And when observing the importance based on the need and valorization of this model of agricultural production, an extensionist project team emerged, aiming to obtain knowledge about family farming and sharing this information through a virtual page. The work was carried out from information about two identities territories of Bahia (Jiquiriçá Valley and Recôncavo Bahia) and also created the virtual page entitled: "Agrifam Vale do Jiquiriçá e Recôncavo baiano" existing in two different social networks, but with similarities, Facebook and Instagram. The work team performed the entire process of searching for information, materials such as: photos, images, videos and audio based on reality, as well as the construction of cards and planning of tiles. In addition to allowing the exchange of information to different people in a scenario where face-to-face meetings are restricted due to Covid-19 disease. The work in the construction and execution of the project contributed to the educational training of the team members.

Keywords: Education. Internet. Recognition.

INTRODUÇÃO

Em decorrência da pandemia ocasionada pela doença Covid-19, o uso das diversas formas de tecnologia da informação e comunicação vem se adequando às metodologias de ensino e aprendizagem. Neste sentido, o uso da internet e das mídias sociais para fortalecer as redes sociais é algo recorrente que vem sendo discutido e utilizado como tentativa de deixar acessível as informações relevantes para o aprendizado de estudantes de todos os níveis educacionais em um momento em que o isolamento social se faz necessário para a população.

Na atualidade, a utilização de mídias sociais como os aplicativos Facebook, Instagram e WhatsApp, estão sendo alternativas para criação de novas redes sociais e manutenção das existentes. De acordo o portal Resultados Digitais (2021), mídia social é o uso de tecnologia para tornar interativo o diálogo entre pessoas, já a rede social é uma estrutura formada por pessoas que compartilham interesses similares tendo como principal objetivo conectar pessoas.

Rede social e gente, é interação e troca social. É um grupo de pessoas compreendido através de uma metáfora de estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo e suas conexões, laços sociais que compõem os grupos.

Esses laços ampliados, complexificados e modificados a cada nova pessoa que conhecemos e interagimos (RECUERO, 2009 p. 29; apud JÚNIOR, 2013 p.08).

Dessa forma, através da página Agrifam Vale do Jiquiriçá e Recôncavo baiano pelas mídias sociais Facebook e Instagram, gerou-se um apanhado de conhecimentos úteis a respeito da agricultura familiar no território do Vale do Jiquiriçá e Recôncavo baiano. A página serviu para conectar pessoas que já conheciam a temática e pessoas que ainda não conheciam, tornando-se um espaço de interação e compartilhamento de conhecimentos, tanto entre a equipe organizadora que planejou a página e seus respectivos conteúdos publicados, quanto para os seguidores que acompanharam as publicações e participaram de enquetes e lives interativas.

O surgimento da página se deu com a submissão do projeto de extensão intitulado: Agrifam: uma proposta de conhecimento e valorização da agricultura familiar em tempos de pandemia, posteriormente aprovado pela Pró Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O trabalho teve como objetivo fomentar a troca de conhecimentos sobre temáticas que englobam a agricultura familiar por meio de tecnologias da informação e comunicação em tempos de pandemia.

De início, o foco do projeto foram os conteúdos sobre agricultura familiar nos territórios de identidade do Vale do Jiquiriçá e Recôncavo baiano.

ESTUDOS SOBRE OS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE, AGRICULTURA FAMILIAR E CONTEXTO DE PANDEMIA

O termo território surgiu com a necessidade de evidenciar e conservar os valores identitários das regiões, bem como identificar paridades temáticas a partir das realidades locais.

O território é conceituado como o espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade, coesão social, cultural e territorial. (SEPLAN – BA, 2020).

De acordo com a SEI-BA (2021), a política de regionalização dos Territórios de Identidade foi adotada pela Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia - SEPLAN, através da Lei nº 10.705, de 14 de novembro de 2007, quando lançou o Plano Plurianual 2008-2011, e contava à época com 26 territórios de Identidade que abraçavam os 417 municípios. Ainda vale ressaltar, que o conceito de território surgiu a partir dos movimentos sociais de desenvolvimento Agrário para formulação de seu planejamento.

A existência do termo território faz com que regiões menos desfavorecidas de desenvolvimento socioeconômico possam ganhar evidência e destaque frente aos desafios existentes. Além disso, traz melhorias, como mais oportunidades de trabalho e renda, garantindo mais possibilidades educacionais e acesso à saúde pública.

O território de identidade Vale do Jiquiriçá é formado por 20 municípios e está localizado na região centro-sul da Bahia. De acordo com o PTDRSS (2017), é composto por: Amargosa,

Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafayette Coutinho, Lajedo do Tabocal, Laje, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra. Ainda o Vale do Jiquiriçá apresenta uma topografia com relevo acidentado e diversificação quanto à fauna e à flora.

Figura 01: Municípios que compõem o território do Vale do Jiquiriçá.



Fonte: Próprio autor .

Existem no Vale do Jiquiriçá famílias camponesas que trabalham individualmente ou estão organizadas em associações ou cooperativas e ainda há a existência de áreas de assentamento. Contudo, com relação a áreas de comunidades tradicionais e quilombos, existem relatos de populares pelos quais se subentende a existência de algumas.

Entretanto, não se tem muitas informações sobre, por serem comunidades muito conservadoras quanto à exibição de seus caracteres culturais e receio do preconceito que ainda existe com pessoas desse grupo. Também não se tem relatos atuais sobre comunidades indígenas no Vale do Jiquiriçá, apesar do nome do rio que percorre todo o Vale – Rio Jiquiriçá, ter origem indígena e na história se ter relatos de descendentes indígenas que ocupavam a região.

Quanto à produção agropecuária existente no Vale do Jiquiriçá, existem alguns indicadores com significativa participação econômica pela SEI-BA:

Com relação aos indicadores territoriais, o Vale do Jiquiriçá apresenta produção agropecuária com 13,4% na participação de atividades eco-

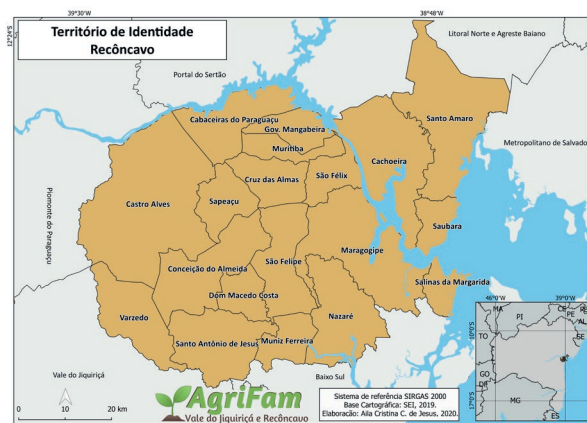
nômicas. Sendo que a agricultura, a lavoura temporária (amendoim, 13,6% do total produzido na Bahia), já a lavoura permanente (abacate representa 33,2% do total produzido na Bahia e maracujá (16,5%). No que diz respeito à produção pecuária são identificados rebanhos, mas não se tem informação de espécie ou até mesmo contribuição em porcentagem com relação à produção baiana. (SEI-BA, 2019)

Esses dados com relação à agropecuária no Vale são importantes e é necessário observar que o território também produz outras culturas como o cacau, a banana e a floricultura – rosas. De acordo com o SIPAC (2021), a principal fonte econômica deste território é a agropecuária, destacando-se o cultivo de abacaxi, café, amendoim, banana, cacau, cana-de-açúcar, caqui, laranja, mandioca, maracujá, tomate, melancia e hortifrutigranjeiros, além do cultivo de flores. Na pecuária, destaca-se a criação de caprinos, os animais, produção de leite e bovinos. Contudo, todas essas culturas citadas pela SIPAC não foram citadas nos indicadores da SEI-BA.

Uma das hipóteses disso é por se tratar de culturas que são desenvolvidas mais localmente em alguns municípios, já que o território como um todo tem a presença de mata atlântica, zona de transição e semiárido, havendo mudanças de ambientes significativas para algumas culturas se desenvolverem. Outra hipótese pode ser o fato de que a análise de produção pode ter considerado os dados de cultura que estão presentes de uma forma mais ampla nos municípios do Vale do Jiquiriçá.

Já o território do Recôncavo baiano está localizado majoritariamente no nordeste baiano. De acordo com o PTDRSS (2017), a composição atual do território identidade do Recôncavo da Bahia é de 19 municípios: Dom Macedo Costa, Maragogipe, Muniz Ferreira, Nazaré, Salinas da Margarida, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, Saubara, Varzedo, Cachoeira, Conceição do Almeida, São Félix, Cruz das Almas, Governador Mangabeira, Muritiba, Sapeaçu, Castro Alves e Cabaceiras do Paraguaçu.

Figura 02: Municípios que compõem o território do Recôncavo baiano.



Fonte: Próprio autor.

O território do Recôncavo também é bastante diversificado quanto à fauna e à flora. Além disso, possui muitas características culturais de descendência africana devido ao período de colonização e escravização na Bahia. Dessa forma, no contexto da agricultura familiar, segundo o banco de dados do GEOGRAFAR/UFBA (2021), existem dezenas de comunidades tradicionais, quilombolas, pesqueiras e áreas de reforma agrária.

Amorim e Germani (2005) citam que a presença de comunidades quilombolas pode estar associada aos engenhos de cana-de-açúcar que se desenvolveram durante séculos nesta região utilizando o trabalho em regime de escravidão.

Quanto à participação da agropecuária na economia, existem alguns indicadores apontados pela SEI-BA:

Com relação à participação da agropecuária na economia, a produção no Recôncavo corresponde a 7,6%. Sendo que na agricultura a lavoura temporária (amendoim que representa 41,9% em relação ao total da Bahia, a batata-doce representa 18,1%, o fumo 16,7% e a mandioca 9,3%). Tratando-se de lavoura permanente (limão representa 19,4% em relação ao total produzido na Bahia, tangerina 15,5%). Na pecuária se tem rebanhos de galináceos que representam 13,6% do total (SEI-BA, 2019).

Existem outras culturas, que apesar de não serem citadas com participação significativa na economia agrícola, estão presentes na agricultura familiar do Recôncavo. A exemplo das diversas variedades de cocos, inhames e hortaliças que podem ser encontradas nas feiras livres. A exemplo, a cultura do dendê, da qual se extrai o azeite de dendê rico em nutrientes e que deixa vários pratos típicos como a moqueca de mariscos, caruru e acarajé da região ficarem com sabor excepcional. Contudo, por a produção se concentrar de uma maneira artesanal por alguns grupos de áreas de comunidades tradicionais, a produção não é mencionada como uma das grandes contribuintes do território.

Assim, em meio a essas características regionais da agricultura familiar nos dois territórios, vale ressaltar que ambos apresentam similaridades e que apresentam grupos os quais são considerados como praticantes desse modelo de agricultura. Podem ser considerados como agricultores familiares: camponeses, assentados da reforma agrária, silvicultores, aquicultores, extrativistas, pescadores, povos indígenas, integrantes de comunidades remanescentes de quilombos rurais e demais povos e comunidades tradicionais que se enquadram na lei 11.326 de 24 de julho de 2006.

A lei 11.326 de 24 de julho de 2006 considera como agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, possui área de até quatro módulos fiscais, mão de obra da própria família, renda familiar vinculada ao próprio estabelecimento ou gerenciamento do estabelecimento ou empreendimento pela própria família (MAPA, 2020).

Existe também o cultivo de culturas que se desenvolvem bem em ambos territórios e não são tão valorizadas ou reconhecidas na composição de pratos na alimentação dos baianos e baianas nestes territórios. Porém, essas plantas ou partes delas bem como subprodutos das mesmas são encontrados de maneira geral nas feiras livres da região. São comercializadas por agricultores familiares que ainda preservam o cultivo em seus quintais produtivos.

Também podem ser encontradas nos quintais produtivos das famílias, plantas consideradas

como PANCS (Plantas Alimentícias não convencionais). São plantas com excelentes características nutritivas e em alguns casos, de importância medicinal e que muitas vezes passam despercebidas aos olhares e paladares por falta de conhecimento sobre sua existência e real valor para as populações. O termo PANC foi criado em 2008 pelo biólogo e professor Valdely Ferreira Kinupp e refere-se a todas as plantas que possuem uma ou mais partes comestíveis, nativas ou exóticas que não estão incluídas em nosso cardápio (KELEN et al, 2015)

Dentre as PANCs, a araruta (*Maranta arundinacea* L.) é uma planta que já foi muito cultivada nos quintais de famílias, porém com o passar do tempo seu cultivo e interesse foram sendo perdidos de geração a geração. Com a perda da metodologia de cultivo e uso, restaram poucas pessoas com conhecimentos sobre essa cultura. Dessa forma, com a existência de projetos de resgate do cultivo da cultura como as oficinas de resgate ao cultivo da araruta realizadas por docentes, discentes, egressos e comunidade externa do IF baiano campus Santa Inês dentro do projeto Articulação de Mulheres do Vale do Jiquiriçá, foi possível trocar conhecimentos sobre a cultura bem como distribuição de material propagativo em municípios do Vale do Jiquiriçá.

Alguns agricultores e agricultoras de comunidades do Vale resgataram o cultivo dessa planta, assim como a metodologia de obtenção da fécula e farinha a partir do rizoma da planta. Atualmente a cultura possui recomendações alimentares por médicos e nutricionistas além de valor de mercado considerável devido à pouca oferta do seu produto principal – a fécula.

Além das PANCS, em quintais da agricultura familiar existe uma diversidade de plantas que possuem substâncias fitoterápicas – as plantas medicinais. Arruda (*Ruta graveolens* L.), Erva-doce (*Pimpinella anisum* L.), Capim santo (*Cymbopogon citratus*), Boldo (*Peumus boldus*), Barbatimão (*Strychnodendron adstringens*), Espinheira santa (*Maytenus ilicifolia*). Plantas que são encontradas com facilidade com agricultores familiares e que guardam, através de suas histórias, os saberes e formas de uso dessas plantas.

Os saberes a respeito das plantas medicinais também vêm sendo perdidos no decorrer das gerações. Fatores que podem indicar essa perda podem ser: a questão do êxodo rural, envelhecimento do campo, abstenção de registrar saberes dos mais velhos, falta de interesse da população mais jovem. A falta de registro das informações a respeito da utilidade, metodologia de preparo e uso dessas plantas, que contribuíram para controle de enfermidades em um tempo não tão distante, implica em menos conhecimentos expostos para investigação científica na então formulação de medicamentos úteis à população brasileira e mundial.

A falta de registros em relação à diversidade de plantas medicinais ou apenas alimentares existentes no campo, também implica na perpetuação de valores culturais de comunidades rurais. As plantas possuem uma participação significativa na economia e cultura local, regional e nacional. Um exemplo claro são as festas juninas que são marcadas por pratos típicos, cujos ingredientes são tradicionalmente frutos das plantações (milho, aipim, amendoim, laranja, coco). Além disso, as receitas de muitos desses pratos são oriundas de uma geração familiar que em muitos casos segue à risca um “ritual” de preparo, pois assim acreditam que o prato fica com um ponto especial e sabor espetacular.

Neste caso, é mais que registro dos conhecimentos sobre plantas, mas também registro das histórias de uma população que podem contribuir significativamente para o desenvolvimento socioeconômico dos diferentes povos do campo no decorrer das gerações. Para tanto, vale ressaltar que a valorização dos saberes e trabalho das populações do campo se faz necessário para desenvolvimento de uma sociedade como um todo.

Conhecer e valorizar a agricultura familiar também é preservar e incentivar a construção de oportunidades e melhorias de desenvolvimento socioeconômico para as comunidades rurais existentes. E nos tempos atuais, em que a pandemia ocasionada pela doença Covid-19 assola a população mundial, alicerçado as problemáticas ocasionadas com relação a queima das florestas brasileiras é importante pensar em estratégias.

São necessárias estratégias que fortaleçam e incentivem a agricultura familiar, que de maneira geral contribui para a permanência de populações no campo de uma forma mais digna, que também é fornecedora de alimentos mais sustentáveis, além de preservar saberes e valores culturais de populações historicamente discriminadas pela sociedade quando comparado ao modelo de agricultura convencional.

Em um contexto marcado por enfermidades, recomendações de isolamento social e crise político-econômica no Brasil, o uso de redes de relacionamento virtual se tornou cada vez mais frequente. Não apenas como uma forma de entretenimento e aquisição de informações, mas também como ferramenta de trabalho (home office) entre as pessoas no período que estão evitando aglomerações. Nesse sentido, o trabalho do (a) agricultor (a) familiar bem como sua valorização vem se adaptando a atual situação brasileira, ao invés de grandes encontros presenciais, as redes sociais são as ferramentas mais indicadas para a divulgação de conhecimentos e trabalhos do campo e marketing para vendas de produtos.

Mesmo com boa parte da população trabalhando virtualmente em casa, a agricultura familiar continua a campo. Muitos agricultores e agricultoras continuaram a produzir em meio à pandemia e seus produtos possuem grande importância para a oferta de variedade de produtos, principalmente localmente.

Embora Hoffmann (2014) cite em uma nota técnica que a afirmativa que a agricultura familiar é responsável por 70% do alimento que chega à mesa do brasileiro seja falsa, é necessário avaliar que se falarmos do tipo de alimentação geral ingerida pelos brasileiros, a parte in natura muitas vezes vem das pequenas propriedades. Ainda, é necessário entender que um produto processado ou ultra processado que chegou na mesa do brasileiro precisou de matéria prima, que por sua vez, vem do campo, podendo inclusive ser de pequena propriedade.

É sabido que embora a agricultura familiar tenha suas particularidades quando analisada de região para região, também se sabe que

ela proporciona uma diversidade de produção. A diversidade na produção gera segurança alimentar e nutricional para as populações, tanto no campo, quanto nas cidades. Assim, independentemente do tamanho da porcentagem direta na participação de alimentos dos brasileiros, a contribuição da agricultura familiar é muito importante, pois traz consigo não apenas produtos diversificados, mas também a preservação de ambientes, conhecimentos, cultura e permanência de famílias com trabalho ativo no meio rural.

METODOLOGIA

O projeto foi executado de forma remota, com auxílio das ferramentas de comunicação à distância, com utilização da internet, durante o período de 01 de outubro de 2020 a 05 de janeiro de 2021.

Quanto à organização da equipe, houve participação de oito membros, sendo quatro da UFRB, três representando o IF baiano e uma representante da Articulação de Mulheres do Vale do Jiquiriçá. Todos se reuniram através da plataforma de reuniões Google meet. A equipe distribuiu atividades entre si, conforme aptidões de cada membro e juntos organizaram ações como a criação da página de conteúdo educacional sobre agricultura familiar no Território do Vale do Jiquiriçá e Recôncavo baiano, estabelecendo também possíveis conteúdos semanais para publicações.

Através da criação da página virtual "@agrifamvalereconcavo" em duas mídias sociais diferentes, mas que apresentam semelhanças entre si (Facebook e Instagram), o trabalho da equipe Agrifam foi conduzido, sofrendo alterações durante sua execução.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

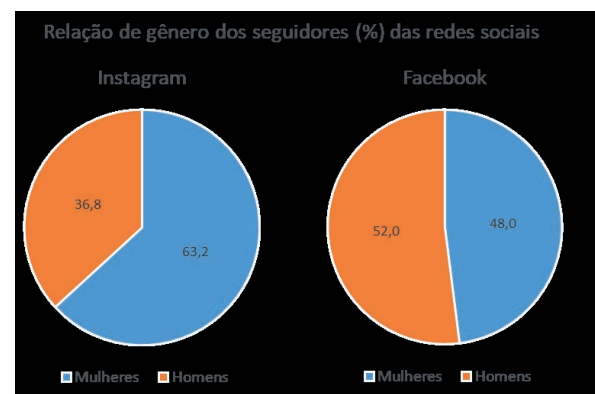
O trabalho desenvolvido através das páginas da Agrifam Vale do Jiquiriçá e Recôncavo baiano foi essencial para a formação educacional dos membros da equipe executora, sendo alternativa de conhecimento acessível para os

seguidores das páginas e, além disso, evidenciando a agricultura familiar de dois territórios vizinhos e cheios de diversidades.

Durante o período de vigência do projeto (um trimestre) foram feitas 112 publicações sobre as diversas temáticas sobre agricultura familiar. Também foram realizadas lives com agricultores (as), e as postagens de vídeos dos (as) mesmos (as).

A partir das métricas existentes no Instagram e Facebook foi possível obter informações a respeito do número de seguidores, engajamento, alcance e das visitas na página virtual. Em relação ao Facebook, foram mensuradas a quantidade de 424 curtidas e seguidores. Sendo este último, 227% maior se comparado ao Instagram (186). Sobre o gênero dos seguidores do Instagram foi obtido no gráfico, que cerca de 63,2% eram do gênero feminino e 36,8% do gênero masculino, mostrando uma maior representatividade feminina ao movimento. Já em relação ao Facebook, a relação foi 48% e 52%, em favor dos homens.

Figura 03: Relação (em %) de gênero dos seguidores das redes sociais. Dados obtidos em janeiro de 2021.



A localidade dos seguidores da Agrifam teve variações relacionadas às redes sociais analisadas. Sobre o Facebook, cerca de 20% são da cidade de Itaqui, Rio Grande do Sul; seguido por Cruz das Almas (8,73%), Jiquiriçá (8,02%) e Salvador (7,31%), as três da Bahia. Já o Instagram, apresentou variações de dados, sendo que a cidade com maior representação foi Cruz das Almas (26,3%), e posteriormente os municípios

de Salvador (14,6%), Jiquiriçá (10,5%) e Ubaíra (3,5%), todos da região da Bahia. Sobre o país dessas localidades, o Brasil foi mais expressivo (mais de 97%). Outros países como México, EUA, Argentina, Portugal, Guatemala, Angola e Canadá tiveram pequenos percentuais considerados.

A faixa etária dos seguidores foi similar entre as duas redes sociais. A faixa entre 25 e 34 anos compreendeu cerca de aproximadamente 51% dos seguidores. Seguido pela faixa de 35 a 44 anos (26%) no Facebook; e pela faixa etária de 18 a 24 anos (29,8%) no Instagram. Em detrimento, a faixa etária de 13 a 17 anos em ambas as redes, compreendeu menos de 1% dos seguidores.

A partir dos dados métricos, a equipe organizadora conseguiu identificar as características dos tipos de perfis que seguem as páginas, bem como pôde entender quais tipos de publicação mais chamou a atenção dos seguidores e quais estimulavam a participação dos mesmos com comentários sobre o conteúdo e sugestões de melhorias.

Foi possível identificar, através de uma visita aos perfis dos seguidores, que a maioria eram estudantes ou já tinham alguma formação profissional na área das agrárias. Também foram identificados alguns perfis de agricultores e empreendedores rurais que se enquadram na lei (lei 11.326 de 24 de julho de 2006) que define qual grupo se enquadra como agricultura familiar e também foi identificado algumas páginas que também oferecem conteúdos educacionais voltados às ciências agrárias.

O entendimento dos tipos de perfis que seguem a página contribuiu para escolha de temáticas semanais a serem abordadas nas páginas do projeto e também a forma de apresentação, de maneira que fosse dinâmica e de fácil entendimento para todo tipo de público.

Quanto às publicações realizadas e sugestões encaminhadas à equipe, umas das principais sugestões foi a participação de agricultores nas páginas. Essa participação poderia ser via fotos, vídeos, áudios e textos, desde que fosse apresentada no conteúdo a realidade da agricultura familiar nos territórios do Vale do Jiquiriçá e Recôncavo baiano.

A participação de agricultores, seja contribuindo com materiais para serem publicados ou como seguidores das páginas para acompanharem os conteúdos, era de fundamental importância para a equipe, para englobar os mesmos em discussões das temáticas e evidenciar a importância de seus trabalhos no campo. Além disso, seria uma forma de chamar a atenção dos consumidores de modo a estimular o consumo de produtos locais a partir do conhecimento de quem produz, do que produz e de como produz.

Já para os agricultores, aos quais foi possível convidar para participar, contribuindo seja seguindo a página ou com material sobre seus trabalhos, foi possível notar uma sensação de valorização e empatia pela importância dos trabalhos dos mesmos.

Ao serem convidados eles se sentiam contentes e achavam interessante saber que seu trabalho seria divulgado. Mesmo que para alguns o fato de ser gravado ou aparecer em alguma fotografia parecia algo vergonhoso (devido à vestimenta mais simples utilizada nas atividades do campo), ainda assim, ver que tinha alguém interessado em conhecer sua realidade do campo, seja do trabalho ou da cultura, despertava o sentimento de estar sendo reconhecido e valorizado. E essa sensação transparecia para a equipe com um sorriso emitido por eles e o muito obrigado pelo convite feito.

Contudo, uma das grandes dificuldades da equipe durante a execução do projeto foi a coleta de materiais (fotos, vídeos, áudios) dos agricultores e seus trabalhos. A dificuldade gerou em torno da questão do isolamento social e preocupação com a saúde dos agricultores através de possíveis visitas às propriedades. Além disso, nem todos os pequenos agricultores têm facilidade no uso de ferramentas digitais seja para gravar um vídeo, fazer uma fotografia ou simplesmente como usar os recursos das mídias sociais para fazer esses materiais chegarem até a equipe.

A equipe entendeu que para coletar tais materiais sem agendar visitas às propriedades dos agricultores seria necessário recorrer a uma logística de contatos que residiam no campo no período da pandemia e possuíam

relações parentais com agricultores ou até mesmo estavam trabalhando no campo e poderiam elaborar os materiais além de encaminhar para a equipe fazer edição.

Dos (as) agricultores(as) que tinham acesso à internet e a algum aparelho digital, que já utilizavam mídia social, a equipe entrava em contato por telefone e realizava orientações de como utilizar recursos dos aparelhos para fazer gravação de vídeos e fotos. Porém, existiam alguns casos em que o agricultor(a) em questão tinha celular digital e internet, mas não sabia manusear, nesta situação eles pediam, ou a equipe sugestionava, que os filhos ou algum parente que estivesse residindo ou trabalhando com os mesmos fizessem fotos e vídeos e posteriormente encaminhavam para a equipe com uma autorização para publicar.

Importante ressaltar, que durante toda a execução do trabalho, a equipe passou por diferentes aprendizados, alguns que nem mesmo imaginava. Foi preciso estudar os territórios, entender o contexto atual de trabalho no campo, empatia e sensibilização para incluir, olhar

e escutar os pequenos agricultores e identificar a importância do que faziam, mostrando para eles mesmos que eles e seus trabalhos são importantes.

É preciso entender que num contexto em que a tecnologia está espalhada mundo afora, ainda assim, existem pessoas que não sabem manusear. E às vezes não simplesmente por não querer saber e sim por todo um histórico de divisão de terras, educação de qualidade e acessível somando-se a isso as políticas públicas de inclusão digital que chegam a passos lentos para quem mora no campo e vive do trabalho com a terra.

Dessa forma, todo o trabalho de busca por informações e a divulgação delas nas páginas foram essenciais para a confecção deste artigo e disseminação de mais conhecimentos de utilidade a respeito da caracterização da agricultura familiar em territórios de identidade da Bahia. Algumas mensagens foram enviadas para a equipe ao longo do trabalho, como críticas construtivas e sugestões e principalmente admiração e apoio.

Figura 04: Mensagens recebida nas redes sociais Agrifam, pelo Facebook (à esquerda): “Muito obrigado! Eu gostaria de participar, estive pensando nisso esses dias. Como posso contribuir voluntariamente com vocês? Somos frutos dessa universidade e me sentiria muito agradecido em poder contribuir com os agricultores que residem nessa região”. E pelo Instagram (à direita): “A ideia de vocês é bem importante em caracterizar a agricultura familiar e fazer a divulgação. De certa forma cria relações de pertencimento e aproxima estudantes de agricultores. Uma opinião é dentro do perfil que se tem fazer recortes sociais atrelados ao tema. Parabéns”.

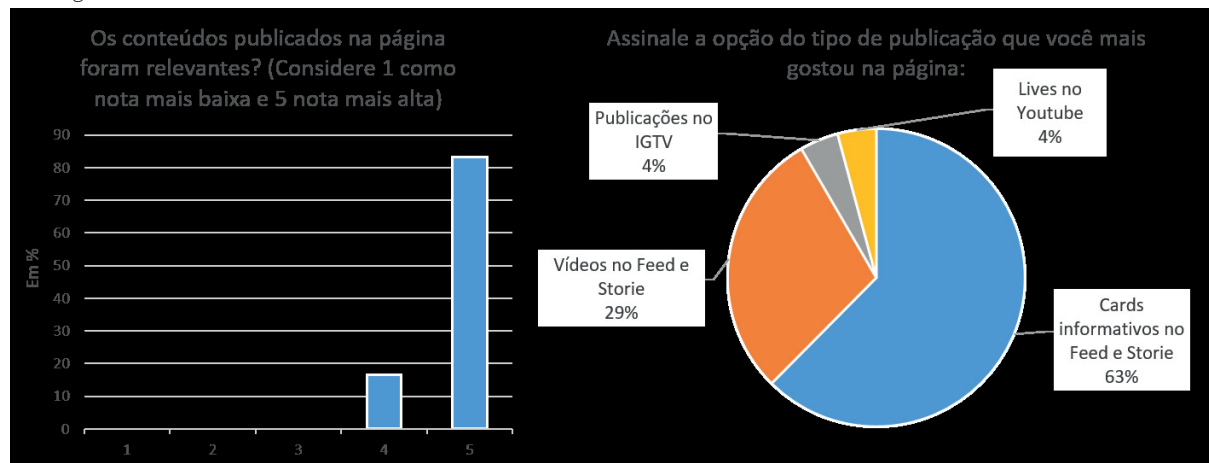


Ao final do período de duração previsto no projeto foi realizado um questionário de avaliação. No questionário foram elaboradas 5 perguntas sobre a página Agrifam e 24 seguidores da página responderam. Abaixo (figura 09) as perguntas de múltipla escolha e resulta-

do geral das respostas destas questões.

A partir das respostas do questionário aplicado aos seguidores da página podemos concluir que o trabalho realizado foi satisfatório para o público.

Figura 05: As perguntas de múltipla escolha do questionário elaborado pela Agrifam sobre a avaliação da própria página, de forma geral.



Com as sugestões mencionadas por seguidores e a avaliação de que o tempo de 3 meses foi pouco para alcançar mais pessoas que possam somar com a ideia do projeto, a equipe entendeu que o trabalho poderia ser mais explorado para além do período de vigência (3 meses).

Portanto, com o trabalho realizado foram elaborados o presente artigo e um relato de experiência buscando a oferta de mais materiais sobre a temática da agricultura familiar.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que o projeto em questão foi mais que divulgar cards e vídeos para obter seguidores. Foi uma ferramenta de construção de educação para além do espaço físico da universidade na medida em que envolveu

na equipe membros de outras instituições diferentes da UFRB.

Todo o trabalho de organização foi elaborado remotamente, havendo necessidade de obter conhecimentos sobre recursos de uso das mídias sociais, além de pesquisas constantes sobre as temáticas apresentadas nas páginas e habilidade para colocar conceitos da extensão rural em prática, principalmente quando foi necessário contactar os (as) agricultores (as).

Além disso, a equipe avalia que no curto período do projeto e frente a todos os desafios existentes, ainda assim, o trabalho foi bem executado contribuindo para seu processo de ensino e aprendizagem. A equipe já idealiza uma nova etapa de publicações sobre a temática dando continuidade ao projeto em um novo formato.

REFERÊNCIAS

AMORIN, I.G. e GERMANI, G.I. **Quilombos da Bahia:** Presença incontestável. Anais do X encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo – 2005.

GEOGRAFAR. **Banco de dados:** Formas de acesso à terra. Salvador, 2015. Disponível em: <https://www.geografar.ufba.br>. Acesso em: 24 de maio de 2021.

HOFFMAN, R. **Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos no Brasil?** Nota técnica, 2015.

JÚNIOR, J.M. **Redes sociais e a educação.** IFSC Florianópolis, 2013.

KELEN et al, M.E.B. **Plantas alimentícias não convencionais (PANCS):** hortaliças espontâneas e nativas. 2015.

MAPA. **Agricultura familiar.** Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. 2020.

PTDRSS. Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PTDRSS - Recôncavo. Colegiado Território do Recôncavo. Abril de 2017.

PTDRSS. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PTDRSS - Vale do Jiquiriçá.** Colegiado Território Vale do Jiquiriçá. Abril de 2017.

RESULTADOS DIGITAIS. Rede social. Disponível em: <https://www.resultadosdiiitais.com.br> Acesso em: 17 de abril de 2021.

SEI- Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Geoinformações Cartografia Temática – Regionalizações.** Território de Identidade – Apresentação. Disponível: <https://www.sei.ba.gov.br>. Acesso 17 de abril de 2021.

SEI-BA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Indicadores territoriais do Recôncavo baiano.** Superintendência de Estados Econômicos Sociais, 2019.

SEI-BA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Indicadores territoriais do Vale do Jiquiriçá.** Superintendência de Estados Econômicos Sociais, 2019.

SEPLAN. **Territórios Identidade.** Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia, 20 SIPAC: Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia. Disponível em: <https://www.patrimonio.ipac.ba.go.br/territorio/vale-do-jiquirica>. Acesso em: 17 de abril de 2021.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO REGIME REMOTO EMERGENCIAL DURANTE A PANDEMIA E A EXPERIÊNCIA DO PROJETO DIREITO, TRABALHO E CIDADE: COMPARTILHANDO SABERES¹

UNIVERSITY EXTENSION IN REMOTE EMERGENCY REGIME DURING THE PANDEMIC AND THE EXPERIENCE OF THE LAW, WORK AND CITY PROJECT: SHARING KNOWLEDGES

Analice Nogueira Santos Cunha

Doutora em Direito, Professora Substituta da Universidade Federal de Sergipe-UFS.
profanalicecunha@gmail.com

Maria Angélica de Oliveira Santos Alves

Graduada em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco
mariaangelicadosa@gmail.com

RESUMO

A extensão universitária é indispensável para que a educação superior realize uma formação abrangente e humanista, muito além da técnico-profissional. O presente artigo tem o propósito de refletir sobre as possibilidades e desafios da prática extensionista realizada remotamente pelas universidades brasileiras durante a pandemia de COVID-19, a partir da análise do projeto de extensão “Direito, trabalho e cidade: compartilhando saberes”, executado na Universidade Federal de Sergipe sob essas condições extraordinárias. Para tanto, realizou-se uma pesquisa exploratória por meio de levantamento documental e bibliográfico para identificação das diretrizes legais, institucionais e teóricas previamente existentes e aquelas elaboradas responsivamente à pandemia, para viabilizar a análise e a avaliação dos resultados da atividade extensionista sob apreço. Assim, verificou-se como pontos fortes do projeto sua vinculação com o ensino e a pesquisa, a pertinência social, a adequação ao regime remoto excepcional, o financiamento institucional, a interdisciplinaridade, a formação de parcerias interinstitucionais e a elaboração de produtos resultantes da prática extensionista. A investigação sobre as construções teóricas, legais e institucionais a respeito da extensão universitária e o seu cotejamento com a realidade, é imprescindível para o seu contínuo aperfeiçoamento, necessidade esta que foi intensificada diante da incerteza quanto à duração do atual período de excepcionalidade pandêmica.

Palavras-chave: Extensão universitária. Regime remoto emergencial. Pandemia.

ABSTRACT

University extension is essential for higher education to carry out comprehensive and humanistic training, far beyond technical and professional training. This article aims to reflect on the possibilities and challenges of extension practice carried out remotely by Brazilian universities during the COVID-19 pandemic, based on the analysis of the extension project “Law, work and city: sharing

¹ O projeto de extensão “Direito, trabalho e Cidade: compartilhando saberes” foi realizado na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e financiado com bolsas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROEST/UFS).

knowledge”, carried out at the Federal University of Sergipe under these extraordinary conditions. To this end, an exploratory research was carried out by means of documentary and bibliographic surveys to identify previously existing legal, institutional and theoretical guidelines and those prepared responsively to the pandemic, to enable the analysis and evaluation of the results of the extension activity under consideration. Thus, the project’s strong points were its link with teaching, research, social relevance, adequacy to exceptional remote regime, institutional financing, interdisciplinarity, the formation of interinstitutional partnerships and the development of products resulting from extension practice. The investigation of theoretical, legal and institutional constructions regarding university extension and its comparison with the reality of this educational process is essential for its continuous improvement, a need that has been intensified in view of the uncertainty regarding the duration of the current period of pandemic exceptionality.

Key-words: University Extension. Emergency remote regime. Pandemic.

INTRODUÇÃO

O conhecimento é inequívoco fator de desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e social, e as universidades são importantes pólos de cultivo, criação, incremento, depósito e divulgação do saber através da educação, formando sujeitos para atuar em sociedade, em especial no mundo do trabalho. Contudo, a educação abrange processos formativos mais amplos e se desenvolve em ambientes diversos, que vão muito além dos muros da Universidade.

Daí a importância da articulação entre o saber desenvolvido predominantemente através do ensino nas instituições universitárias e aquele que se desenvolve nos demais espaços sociais. A extensão universitária surge, então, como uma estratégia que tem essa aptidão de promover uma vinculação entre a educação escolar e as práticas sociais, com vistas a permitir um intercâmbio de conhecimentos e a transformação social.

Assim, o ensino, a pesquisa e a extensão são expressamente reconhecidos como indissociáveis funções constitucionais da universidade. Por conseguinte, a legislação infraconstitucional vai regulamentar este importante princípio, traçando diretrizes, metas, planos, programas e políticas com vistas a garantir-lhe efetividade. Nesse sentido, podemos mencionar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, os Planos

Nacionais de Educação, Decretos, Resoluções do Ministério da Educação, pareceres do Conselho Nacional de Educação, bem como as normativas universitárias internas. Além disso, o debate e a defesa desse tripé universitário também ocorrem no âmbito da sociedade civil, resultado disso é a Política Nacional de Extensão Universitária, elaborada de forma ampla e participativa a partir do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX).

Ocorre que desde o final de 2019, a pandemia causada pela COVID-19, doença do trato respiratório causada pelo coronavírus², transmitida pelo ar e pelo contato próximo, exigiu a adoção de severas medidas globais de prevenção, dentre as quais está o distanciamento social. Como resultado, diversos espaços de convivência tiveram que ser fechados, dentre os quais estão as universidades. Esse contexto alterou de forma abrupta e expressiva a dinâmica na qual as instituições de ensino superior funcionam, demandando adaptações nas práticas de ensino, pesquisa e extensão, e a mais expressiva delas foi a adoção das atividades educacionais de forma totalmente remota por prazo indeterminado.

A garantia do atendimento ao direito fundamental à educação para todos no contexto pandêmico engloba também a realização da extensão universitária com qualidade apesar dos novos desafios. Assim, essa conjuntura en-

²“A covid-19 é a maior pandemia da história recente da humanidade causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Trata-se de uma infecção respiratória aguda potencialmente grave e de distribuição global, que possui elevada transmissibilidade entre as pessoas por meio de gotículas respiratórias ou contato com objetos e superfícies contaminadas.” (MINISTÉRIO, 2021, p.4)

sejou não só a necessidade de reforço de diretrizes legais e institucionais existentes, mas a criação de novas medidas e diretrizes que se somam para responder à crise sanitária.

O presente artigo tem o propósito de refletir sobre as possibilidades e desafios da prática extensionista realizada à distância pelas universidades brasileiras durante a pandemia de COVID-19. Esse objetivo foi cumprido a partir da análise do projeto de extensão “Direito, trabalho e cidade: compartilhando saberes”, empreendido na Universidade Federal de Sergipe (UFS) sob essas condições extraordinárias ao longo ano de 2020.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa não apenas descritiva, mas também exploratória, por meio de levantamento documental e bibliográfico para identificação das diretrizes legais, institucionais e teóricas previamente existentes e aquelas elaboradas responsivamente à pandemia, as quais, em conjunto, viabilizaram a análise da atividade extensionista sob apreço, bem como permitiram uma avaliação fundamentada de seus resultados.

A investigação sobre as construções teóricas, legais e institucionais a respeito da extensão universitária e o seu cotejamento com a realidade desse processo educacional é imprescindível para o seu contínuo aperfeiçoamento. Tal necessidade foi intensificada diante do atual período de excepcionalidade pandêmico, da incerteza quanto à sua duração e das incontáveis perdas que ele tem acarretado, não apenas na área da educação.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO ENSINO SUPERIOR

O papel das universidades vai muito além da formação de profissionais, do incentivo à pesquisa e da divulgação de conhecimento, a estas incumbe também estabelecer uma relação de reciprocidade com a sociedade ao desenvolver atividades de extensão. Nesse sentido, a extensão universitária se articula ao ensino e a pesquisa com o escopo de promover contribuições úteis à sociedade.

Nesse sentido, Freire (1983, p. 51) defende

que devemos aproximar o mundo, o homem e os processos educativos, é preciso ver a educação, “portanto, em sua interação com a realidade, que ele sente, percebe e sobre a qual exerce uma prática transformadora.” Assim, para o autor, a extensão é uma estratégia para não faltar mundo nas universidades.

Para cumprimento desse papel, a Constituição Federal garante às universidades a autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, bem como a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. No esteio dessa determinação constitucional, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que trata as diretrizes e bases da educação nacional, estabeleceu que é uma das finalidades universitárias promover a extensão, aberta à participação da comunidade, para difundir as conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas nessas instituições.

Na década seguinte, foi promulgada a Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, que aprovou o Plano Nacional de Educação, com a finalidade de uniformizar a educação em todo o território nacional, promovendo seu desenvolvimento de forma mais igualitária, como uma questão nacional. Nesta norma, a curricularização da extensão aparece entre os objetivos e metas, prevendo a implantação de um “Programa de Desenvolvimento da Extensão Universitária em todas as Instituições Federais de Ensino Superior no quadriênio 2001-2004” (BRASIL, 2001), de modo que 10% da matriz curricular de toda graduação no ensino superior no País deve ser reservado para ações extensionistas.

Mas a Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, ao aprovar o novo Plano Nacional de Educação (PNE 2014) para os anos 2014 a 2024 foi além, pois

“[...] sustenta uma visão mais popular e emancipatória, representada pela prioridade que é dada à atuação em ‘áreas de grande pertinência social’ [...] superando o enfoque eminentemente centrado na difusão de conhecimento acadêmico para uma inserção maior na realidade social e política brasileira” (GADOTTI, p. 1-4).

Essa previsão legislativa reforça um novo sen-

tido atribuído às universidades, de construção do conhecimento em favor da cidadania e com compromisso social.

Uma vez que este levantamento documental e bibliográfico busca inicialmente indicar as diretrizes, isto é, as linhas que definem e regulam caminho que a extensão deve seguir, a partir dessa leitura constitucional e da legislação ordinária pertinente, depreende-se que as ações extensionistas são inseparáveis do ensino e da pesquisa, sua oferta deve fazer parte do cumprimento de créditos curriculares da graduação e seu foco deve ser buscar atender necessidades sociais relevantes.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) no âmbito da sua competência normativa, deliberativa e de assessoramento ao Ministro de Estado da Educação, elaborou a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018 para regimentar a meta 12.7 do PNE 2014 relativa à extensão universitária, definindo-a nos seguintes termos:

Art. 3º A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.

A norma apontou que devem estruturar a concepção e a prática extensionistas no ensino superior: o estabelecimento do diálogo entre comunidade e universidade, a contribuição para a formação cidadã dos discentes e para o enfrentamento das questões da sociedade brasileira, integração à matriz curricular, reflexão ética a respeito da dimensão social da universidade, a construção de conhecimentos dirigidos ao desenvolvimento social, equitativo, sustentável e comprometidos com a cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção, e trabalho.

Além disso, a Resolução dispôs também que a extensão deve passar por constante auto-

avaliação e aperfeiçoamento, processos que devem abranger identificação da pertinência, contribuição das atividades de extensão para o cumprimento dos objetivos do Plano de Desenvolvimento Institucional e dos Projetos Pedagógico dos Cursos e demonstração dos resultados obtidos junto ao público participante da atividade.

Importa mencionar ainda as orientações da Política Nacional de Extensão Universitária elaborada pelo FORPROEX. Esse documento defende que as diretrizes que devem orientar a extensão são a “interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, impacto na formação do estudante, impacto e transformação social” (FORPROEX, 2012, p.29). De forma mais precisa, o diálogo com a sociedade implica na participação efetiva de não-universitários durante a prática extensionista para construção de conhecimento. A interdisciplinaridade combinada à interprofissionalidade almeja a construção de alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais para melhor compreender a complexidade social em que a própria universidade está inserida. O elo indissociável entre Ensino-Pesquisa-Extensão possibilita a articulação da Universidade junto com a sociedade. O impacto na formação do estudante diz respeito à sua qualificação através da participação na extensão. E, por fim, a diretriz relativa ao impacto e transformação social afirma a importância da oferta de contribuições relevantes para a transformação social por meio da prática extensionista.

O Manual de Extensão da UFS (PRÓ-REITORIA, 2020) informa que a definição da sua política extensionista interna recebeu contribuição da Política Nacional de Extensão da FORPROEX e que a utiliza também para estabelecer indicadores nos processos de monitoramento e avaliação da extensão as determinações da Resolução nº 07/2018 do CNE, de modo que:

Os indicadores de avaliação das atividades de extensão que estão vinculados aos objetivos do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e dos Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e Projeto Pedagógico dos Cursos (PPCs), são:

- Público atingido: Identificar o alcance dos projetos, cursos e eventos de extensão junto à co-

munidade externa.

- Inclusão de população vulnerável e/ou escolas públicas nas ações de extensão: Avaliar o grau de compromisso da IES com o ensino público e social com a população em situação de vulnerabilidade.

- Participação de Docentes e Servidores envolvidos em ação: Avaliar o nível de participação direta (coordenação e/ou execução) de professores e servidores em ações de extensão universitária. (PRÓ-REITORIA 2020, p.16).

Portanto, o raio de ação da extensão para além da universidade, alcançando especialmente pessoas em situação de vulnerabilidade, além do engajamento docente e do quadro de servidores, também foram levados em consideração na presente análise do projeto Direito, trabalho e cidade: compartilhando saberes.

OS DESAFIOS DA CONJUNTURA PANDÊMICA PARA A O ENSINO E A EXTENSÃO

A vivência de um contexto sanitário de fácil disseminação de um vírus contagioso, exigiu de toda a sociedade e dos Estados concessões e adaptações. Algumas providências graves e urgentes foram tomadas pelas autoridades públicas logo no início do ano de 2020, quando foi promulgada a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que reconheceu expressamente a situação de emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus e autorizou medidas para o enfrentamento, como o isolamento e a quarentena. Mas, ainda não havia uma regulamentação das atividades educacionais. Nessa seara, a norma apenas criava a obrigatoriedade de manter boca e nariz cobertos por máscara de proteção individual em estabelecimentos de ensino.

Meses depois foi publicada a primeira norma federal específica sobre a matéria. A Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020 previu basicamente duas medidas excepcionais: a dispensa da obrigatoriedade de

observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar para o ensino básico e superior, e também a possibilidade de abreviação da duração de cursos de graduação na área da saúde. Essa Medida Provisória foi convertida na Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, legislação que passou a regular de forma mais ampla e detalhada as medidas educacionais excepcionais a serem adotadas após reconhecimento do estado de calamidade pública³.

Essa lei não só ratificou as medidas relativas ao calendário escolar e a antecipação da conclusão dos cursos, mas também permitiu o desenvolvimento de atividades pedagógicas não presenciais por meio do uso de tecnologias da informação e comunicação, para fins de integralização da carga horária exigida nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação. Além disso, estabeleceu que o retorno às atividades escolares regulares deve observar as diretrizes das autoridades sanitárias e as regras estabelecidas pelo respectivo sistema de ensino, bem como determinou que devem ser mantidos todos os programas públicos de assistência estudantil da educação superior em todo o ano letivo afetado pelo estado de calamidade pública.

Assim, tendo em vista as condições sanitárias de grande risco à saúde e segurança instituiu-se a realização de atividades pedagógicas não presenciais em caráter excepcional em todo o país, com a utilização de recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais. Como resultado, houve uma migração emergencial e temporária da sala de aula física para o ambiente virtual, em que cada instituição adotou um modelo remoto de aulas, pesquisa e extensão, em um adaptado e diversificado regime de ensino remoto emergencial.

Portanto, essa situação alterou de forma súbita e expressiva o cotidiano universitário, consequentemente atingiu a prática extensionista. Na Universidade Federal de Sergipe (UFS), por exemplo, a Resolução nº 26/2020-CONEP aprovou normas regulando a realização das "atividades educacionais remotas emergen-

³ O estado de calamidade pública com efeitos até o dia 31 de dezembro de 2020 foi reconhecido pelo Congresso Nacional através do Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020.

ciais”, as quais consistem em um

[...] conjunto de atividades acadêmicas realizadas nos componentes curriculares com mediação tecnológica a fim de garantir atendimento educacional essencial durante o período de restrições para realização de atividades com a presença física de estudantes na unidade de ensino superior.

No que diz respeito à extensão, a normativa interna da universidade indicou o seguinte:

[...] é importante se pensar que, na impossibilidade de uma interação mais próxima com a comunidade externa à instituição, pressuposto da atividade extensionista, os cursos podem pensar em estratégias que mantenham a integridade da proposta formativa [...] Assim, pode-se supor que sua execução se dê em momento temporal mais distanciado possível, protelando ao máximo o contato social, uma vez minimizados os impactos da pandemia, mas também é possível pensar, como propõe o Parecer CNE/CP 5/2020, que parte da carga horária referente à extensão pode ser cumprida mediante execução remota e articulada do planejamento das ações posteriores e mesmo na produção de material destinado à sua execução. (grifo nosso)

Portanto, na UFS, até então, as atividades de extensão eram desenvolvidas exclusivamente de forma presencial, inclusive para alunos dos cursos de graduação na modalidade à distância⁴, como indicado pelo Manual de extensão institucional (UNIVERSIDADE, 2020, p.14). No entanto, em virtude da pandemia de COVID-19, o Edital nº 08 PROEX PIAEX/ UFA, de 29 de julho de 2020, dirigiu-se à proposição de projetos de extensão prioritariamente de forma remota, com a participação de discentes durante o período de suspensão de atividades presenciais e medidas de distanciamento social. Assim, o projeto de extensão “Direito, trabalho e Cidade: compartilhando saberes” foi submetido e selecionado.

O PROJETO EXTENSIONISTA DIREITO, TRABALHO E CIDADE: COMPARTILHANDO SABERES

O projeto sob análise parte do pressuposto de que a qualidade de vida está intrinsecamente relacionada com o acesso ao trabalho digno e remunerado de forma adequada. Contudo, conquistas trabalhistas como a estipulação legal do valor do salário mínimo ou do piso salarial nacional de uma categoria perdem o seu valor real diante de cidades caras, inacessíveis, segregadas e insustentáveis ecologicamente. Assim,

[...] nem toda melhoria das condições de vida é acessível com melhores salários ou com melhor distribuição da renda. Boas condições de vida dependem, frequentemente, de políticas públicas urbanas – transporte, moradia, saneamento, educação, saúde, lazer, iluminação pública, coleta de lixo, segurança. (MARICATO, 2013, p.19-20).

Portanto, uma vez que vivemos numa sociedade preponderantemente urbana, tanto o modelo de cidade quanto as condições de trabalho serão importantes para alcançar a construção de uma sociedade menos desigual, capaz de garantir a dignidade e o exercício da cidadania de todos.

Ocorre que, recentemente, as áreas trabalhista e urbanística têm sofrido intensas alterações legislativas impactando diretamente na vida não somente dos trabalhadores e trabalhadoras, mas de todos os habitantes das cidades. Diante desse cenário, a universidade pública tem um papel importante no estudo dessas transformações e na disseminação das informações relacionadas a essas inovações legislativas, permitindo o amplo conhecimento a respeito das conquistas e das revogações de direitos.

⁴ O Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, dispõe que “considera-se educação à distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.” Tal modalidade não se confunde com o ensino remoto emergencial autorizado pelo MEC durante a pandemia, o qual consiste na implementação de atividades pedagógicas não presenciais em caráter excepcional, configurando apenas uma solução temporária para continuidade das atividades das instituições de ensino.

O projeto de extensão “Direito, trabalho e cidades: compartilhando saberes” foi pensado a partir do reconhecimento dessa responsabilidade acadêmica e social da Universidade. Para tanto, o presente projeto propôs a criação de objetos de aprendizagem em formato de imagens, vídeos, podcasts e etc., com a temática nas áreas jurídicas trabalhista e urbanística para composição do repositório institucional de recursos de aprendizagem da UFS, além do seu compartilhamento gratuito nas diversas plataformas digitais e redes sociais criadas para o projeto.

Segundo Braga (2014), os objetos de aprendizagem são recursos digitais que podem ser depositados e disponibilizados em repositórios na internet para serem (re)utilizados em processos educativos diversos. Assim, o projeto buscou produzir conteúdo digital com qualidade pedagógica. Para tanto, preocupou-se com a presença de qualidades técnicas como a disponibilidade, confiabilidade, acessibilidade e usabilidade.

A proposta justificou-se ainda, pois, o repositório institucional da UFS não possui nenhum recurso educacional no campo do Direito. Diante da importância social de disseminação do conhecimento sobre direitos e da importante contribuição das universidades públicas nessa missão, esse projeto de extensão tornou-se uma grande oportunidade de suprir essa lacuna. Especialmente no momento excepcional de pandemia e de aulas predominantemente remotas na educação de todos os níveis em todo o mundo, a produção de objetos de aprendizagem na área jurídica se tornou uma necessidade urgente.

O projeto de extensão foi promovido e financiado pela UFS⁵, que subsidiou um total de cinco bolsistas remunerados, quatro deles com recursos próprios e dois deles com recursos oriundos do Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes)⁶. A atividade contou ainda com seis discentes voluntários. Todos os bolsistas e voluntários envolvidos eram alunos da UFS, matriculados em diversos cursos de graduação: Direito, Design Gráfico, Pedagogia, Comunicação Social e Arquitetura e Urbanismo, distribuídos em planos de três trabalhos principais: Direito, Pedagogia e Design Gráfico. Além disso, o projeto teve vinte e dois extensionistas inscritos, entre discentes da UFS e de outras instituições de ensino superior, bem como não universitários.

O fato de a coordenação do projeto e a disciplina Direito do Trabalho II serem conduzidas pela mesma professora⁷, contribuiu para a associação do ensino e a extensão, uma vez que alunos matriculados naquela matéria atuaram como bolsistas e extensionistas, além da participação nas atividades da extensão terem sido incluídas no plano de ensino daquele componente curricular.

No decorrer do projeto, entre setembro e dezembro de 2020, foram realizadas diversas reuniões e atividades com a finalidade de pesquisar, analisar e debater as inovações legislativas trabalhistas e urbanísticas, bem como capacitar os extensionistas para a produção, aplicação e difusão dos recursos educacionais produzidos. Algumas dessas atividades foram: a “Capacitação e Oficinas para Extensionistas em Direito, Trabalho e Cidade”⁸, realizada em parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA); a “Oficina Produção de Materiais em

⁵ Aprovado pelo Edital nº 08 PROEX PIAEX /UFS DE 29 DE JULHO DE 2020 - Cadastro De Projetos Para Desenvolvimento Remoto, e registrado sob o número PJ183-2020.

⁶ O Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) está previsto no Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, e volta-se à permanência de estudantes de baixa renda matriculados na educação superior pública federal, viabilizando a igualdade de oportunidades, combatendo repetência e evasão, contribuindo para a melhoria do desempenho acadêmico e para a promoção da inclusão social. As ações do Pnaes são executadas por cada instituição de ensino, considerando suas especificidades e necessidades identificadas por seu próprio corpo discente.

⁷ A Professora Substituta Dra. Analice Cunha coordenou o projeto de extensão Direito, trabalho e cidades: compartilhando saberes” e ministrou a disciplina Direito do Trabalho II (DIRE260) no semestre 2020.1 na UFS. A vice-coordenação do projeto ficou a cargo do Professor Substituto Me. Vitor Costa.

⁸ Aprovado pelo Edital N° 15 RAEX/UFS - Registro De Cursos E Eventos (Modalidades A Distância) Em Programas De Extensão da UFS 2020 e registrado sob o nº CR268-2020.

Áudio”, numa cooperação com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o Seminário “Direito, trabalho e cidade: desafios para um futuro urbano melhor”⁹, que foi selecionado para fazer parte do Outubro Urbano & Circuito Urbano 2020, promovido pelo Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat).

As oficinas ocorreram semanalmente de forma virtual e cada encontro se dividiu em duas etapas: primeiramente um debate, seguido de um momento de construção dos objetos digitais de aprendizagem. Nestas oportunidades, o projeto recebeu como convidados para apresentar os temas e promover os debates, diversos professores, advogados e ativistas de movimentos sociais. Os temas das Oficinas sempre foram temáticas alternadas entre Direito Urbanístico e Direito do Trabalho, quais sejam: Medidas Provisórias e COVID-19: o benefício emergencial de preservação do emprego e da renda e auxílio emergencial; suspensão do contrato de trabalho e a redução da jornada de trabalho e salário; o teletrabalho e o banco de horas; a concessão e antecipação de férias; a Extinção do Ministério das Cidades e do Conselho das Cidades; o aluguel, despejos e remoções forçadas na pandemia; a regularização fundiária e o novo marco legal do saneamento básico. Para subsidiar as discussões do grupo, os bolsistas e voluntários pesquisaram sobre cada um desses temas e produziram informativos semanais, sob a orientação da Coordenação do projeto.

A partir da Capacitação e das Oficinas, foram elaborados dezenove objetos digitais de aprendizagem entre vídeos, imagens, podcasts, nuvens de palavras e infográficos. Para divulgação desses produtos e das atividades, o projeto criou páginas próprias nas redes sociais Facebook¹⁰ e Instagram¹¹, além de um

canal no YouTube, em que eram transmitidas as Oficinas ao vivo e de forma aberta.

O Seminário “Direito, trabalho e cidade: desafios para um futuro urbano melhor” promoveu o debate sobre a recente trajetória normativa brasileira nas áreas urbanística e trabalhista analisando seus avanços, retrocessos e se essas inovações jurídicas e suas repercussões se aproximam ou se afastam das diretrizes das agendas globais das Nações Unidas, quais sejam, a Agenda 2020¹² e a Nova Agenda Urbana. Foram convidados como palestrantes docentes vinculados à UFS e à outras instituições de ensino superior, públicas e privadas, pertencentes a diferentes estados da federação: Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Centro Universitário UniFG, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Os temas dos painéis foram “Brasil Verde e Amarelo: um novo programa habitacional e uma nova modalidade de trabalho”, “Informalidade: urbana e trabalhista”, “Pandemia: impactos nas cidades e nas relações de trabalho” e “Agendas Globais e o Brasil: ordenamento jurídico trabalhista e urbanístico e a (não) efetivação dos ODS e da Nova Agenda urbana”.

O evento recebeu o apoio institucional do ONU-Habitat e foi divulgado nas plataformas globais da ONU e também foi transmitido ao vivo no canal do Youtube¹³ do Circuito Urbano. Este apoio teve extrema relevância, pois inseriu o projeto, a UFS e o Brasil no debate global sobre as cidades, e conferiu uma dimensão internacional ao evento, pois permitiu alcançar o público não apenas brasileiro, mas do mundo todo. Além disso, o evento teve inscrições gratuitas e abertas ao público em geral.

⁹ Aprovado pelo Edital N° 15 RAEX/UFS - Registro De Cursos E Eventos (Modalidades A Distância) Em Programas De Extensão da UFS 2020 e registrado sob o n° EV743-2020.

¹⁰ <https://www.facebook.com/direitotrabalhoecidade/>

¹¹ <https://www.instagram.com/direitotrabalhoecidade>

¹² No que diz respeito à Agenda 2020, o foco foi especialmente nos objetivos de desenvolvimento sustentável n. 8- Trabalho Digno e Crescimento Econômico e n.11 Cidades e Comunidades Sustentáveis.

¹³ https://www.youtube.com/watch?v=ii70luNj34I&feature=youtu.be&ab_channel=CircuitoUrbano.

CONCLUSÕES

A educação escolar de nível superior deve buscar realizar uma formação não apenas para o mundo do trabalho, mas também para práticas sociais. A extensão contribui para viabilizar a concretização dessa perspectiva pedagógica universitária muito necessária ao atendimento das necessidades da sociedade. Demandas estas que ganharam uma complexidade inédita em 2020 devido à pandemia de COVID-19. Então, a prática extensionista no ensino superior nesse período enfrentou um cenário desafiador no que diz respeito à capacidade de realização com o satisfatório atendimento de expectativas e recomendações tanto pré-existentes quanto emergenciais.

A partir do exposto a respeito do projeto de extensão “Direito, trabalho e cidades: compartilhando saberes”, verificou-se que várias diretrizes legais e institucionais foram atendidas. A justificativa do projeto revela a sua pertinência social e o compromisso com os direitos humanos, além da reflexão ética a respeito da dimensão social da universidade. Os métodos empregados permitiram a adequação ao ensino remoto excepcional, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, bem como viabilizaram a interdisciplinaridade, a interprofissionalidade e a formação de parcerias interinstitucionais.

A despeito das dificuldades conjunturais pandêmicas, o projeto conseguiu transpor os muros da universidade, alcançando virtualmente não universitários e a comunidade externa. O

financiamento institucional concedido garantiu a participação de discentes em situação de vulnerabilidade. As atividades foram desenvolvidas sob a coordenação de dois docentes e ainda contaram com palestras de outros professores da instituição e com o apoio do Chefe do Departamento de Direito e da Pró-reitora de Extensão, que participaram da mesa de abertura do Seminário promovido. Essas colaborações retratam o engajamento docente e do quadro de servidores, mencionado como indicador institucional de monitoramento e avaliação da extensão.

Importa salientar ainda que a elaboração dos produtos da prática extensionista foi protagonizada pelos bolsistas, voluntários e extensionistas. E estes produtos em seu conjunto constituem relevantes contribuições que respondem não apenas à uma carência institucional. Porque, além de suprir a ausência de materiais dessa natureza no repositório da UFS, o projeto buscou promover a transformação social por meio da difusão e democratização da informação sobre direitos através da difusão desses objetos de aprendizagem na internet.

Sendo assim, com subsídio nas diretrizes e indicadores levantados neste estudo, é possível atestar o êxito do projeto de extensão “Direito, trabalho e cidades: compartilhando saberes” e essa avaliação positiva reforça o importante papel da universidade pública para garantia do direito à educação de qualidade e do seu esforço de superação frente às adversidades que já eram complexas e foram aprofundadas com a pandemia.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Juliana (Org.) **Objetos de aprendizagem: introdução e fundamentos**. vol 1. Santo André: UFABC, 2014.

BRASIL. [Constituição 1988]. **Constituição Da República Federativa Do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 05 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso: em 15 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001.** Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm. Acesso em 05 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 05 jan. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017.** Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm#art24. Acesso em: 14 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso em 01 jan 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.** Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. **Decreto Legislativo nº 6, de 2020.** Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm. Acesso: 10 jan. 2021.

BRASIL. **Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020.** Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv934.htm#:~:text=MPV%20934&text=Estabelece%20normas%20excepcionais%20sobre%20o,que%20lhe%20confere%20o%20art. Acesso em 10 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020.** Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Lei/L14040.htm. Acesso em: 10 jan. 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária:** para quê. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017.

GIL, A. C. **Metodologia do Ensino Superior.** São Paulo: Atlas, 2012.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades:** alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2013

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19.** Primeiro Informe Técnico. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2020/dezembro/17/primeiro-informe_tecnico-do-plano_19_01_21_miolo-1.pdf. Acesso em: 01 fev 2021.02

UNESCO [UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION]. **Distance learning strategies in response to COVID-19 school closures.** UNESCO COVID-19 Education Response – Education Sector issue notes, Issue note n. 2.1, 2020b. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373305>. Acesso em: 10 jan 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Pró-reitoria de extensão. **Manual de Extensão.** São Cristóvão, 2020. Disponível em: http://proex.ufs.br/uploads/page_attach/path/6619/MANUAL_de_Extens_o_alaide_2018_correto.pdf. Acesso: 20 dez. 2020

WHO [WORLD HEALTH ORGANIZATION]. **Global research on Coronavirus disease (COVID-19).** Geneva: World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/global-research-on-novel-coronavirus-2019-ncov>. Acesso em: 10 jan. 2021.

METODOLOGIA ATIVA NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: O VÍDEO EDUCATIVO COMO FERRAMENTA NA PREVENÇÃO E COMBATE A PATÓGENOS E A INSETOS VETORES

ACTIVE METHODOLOGY IN HEALTH EDUCATION: EDUCATIONAL VIDEO
AS A TOOL TO PREVENT AND COMBAT PATHOGENS AND INSECT
VECTORS

Mariana Soares de Almeida

Discente do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Bolsista PIBEX / PROEXT - UFRB 2019. E-mail: marianasoares_fsa@hotmail.com

Karine Sampaio de Carvalho

Discente do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Voluntária PIBEX / PROEXT - UFRB 2019. E-mail: karine.s.carvalho@hotmail.com

Edemilton Ribeiro Santos Junior

Bacharel em Saúde. Discente de Medicina – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Voluntário PIBITI / PPGCI - UFRB 2017/2018. E-mail: edemilton2005@hotmail.com

Raíssa Silva Santos

Bacharela em Saúde. Discente de Medicina – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Monitora Bolsista 2019 / PROGRAD - UFRB. E-mail: raissadass@hotmail.com

Ana Lúcia Moreno Amor

Bióloga / Doutora em Biotecnologia Aplicada à Saúde. Docente. Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: ana_amor@ufrb.edu.br

RESUMO

As metodologias ativas em educação funcionam como instrumento de integração do conhecimento e facilitação no processo ensino-aprendizagem. O vídeo educativo, dinâmico e lúdico, apresenta-se eficiente neste processo para diversos temas. Objetivou-se com esta proposta desenvolver dois vídeos educativos para a área de saúde: 1. Um vídeo educativo contendo a narração de uma história intitulada “Teca no mundo da Parasitologia - uma aventura com o Curupira, a lara e o Sací”, associando tema sobre doenças infecciosas e parasitárias e elementos folclóricos/regionais; e 2. Um vídeo baseado no produto “Missão Zika Zero contra o *Aedes aegypti*” confeccionado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Para esta produção, utilizou-se respectivamente, de “vídeo colagem” com os elementos e cenários incorporados na narrativa e da utilização da plataforma online Powtoon, permitindo a criação e edição de vídeos em animação. Observou-se que as estratégias de metodologias ativas ainda são pouco adotadas no Brasil no âmbito da saúde como ferramenta de controle a doenças preveníveis. Os vídeos facilitam a apreensão do conteúdo ao aproximar sua linguagem com a do público infantojuvenil e dispor de ferramentas que favoreçam o processo de aprendizagem. A união entre educação em saúde e novas tecnologias poderá expandir-se para outras áreas de conhecimento.

Palavras-chave: Parasitologia. Educação. Inovação. Saúde.

ABSTRACT

Active methodologies in education act as an instrument of knowledge integration and facilitation in the teaching-learning process. Educational video, dynamic and playful, is efficient in this process for various topics. The objective of this proposal was to develop two educational videos for the health area: 1. An educational video containing the narration of a story entitled "Teak in the world of Parasitology - an adventure with Curupira, lara and Saci", associating theme on infectious and parasitic diseases and folk / regional elements; and 2. A video based on the product "Zika Zero Mission against *Aedes aegypti*" made by the Federal University of Recôncavo da Bahia. For this production, we used, respectively, "video collage" with the elements and scenarios incorporated in the narrative and the use of the online platform Powtoon, allowing the creation and editing of animated videos. It was observed that active methodologies strategies are still little adopted in Brazil in health as a tool to control preventable diseases. Videos make it easier to grasp content by bringing its language closer to that of children and young people and having tools that favor the learning process. The union between health education and new technologies could expand into other areas of knowledge.

Keywords: Parasitology. Education. Innovation. Health.

INTRODUÇÃO

As doenças infecciosas e parasitárias correspondem a doenças causadas por qualquer agente patogênico, tais como helmintos, protozoários, bactérias e vírus, e possuem um impacto significativo para a saúde mundial. Conforme Fauci e Morens (2012) e Lima-Camara (2016), essas doenças apresentam peculiaridades como o caráter imprevisível e explosivo em nível global, transmissibilidade, relação estreita com o ambiente e com o comportamento humano e a capacidade de prevenção e erradicação. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), as doenças cujos agentes são transmitidos por vetores representam cerca de 17% das doenças transmissíveis, sendo responsáveis por cerca de 700.000 mortes por ano.

As regiões tropicais e subtropicais são as mais atingidas por estas enfermidades, afetando principalmente os grupos populacionais mais vulneráveis socioeconomicamente e mais distantes dos serviços de saúde (OPAS, 2018). Vale destacar que tais doenças acarretam em elevados índices de morbimortalidade e impactam na frequência escolar de crianças e adolescentes, como também contribuem para o aumento da pobreza devido às restrições ao mercado de trabalho e para a sobrecarga dos sistemas de saúde.

Os vetores são majoritariamente insetos hematófagos, isto é, se alimentam de sangue humano e, quando infectados, podem transmitir patógenos para o indivíduo. Os mosquitos são o grupo de vetores mais relevante, tendo em vista o potencial adaptativo a diversos ambientes e por disseminar em um curto período de tempo amplos patógenos, tais como os causadores da malária, da dengue e da febre amarela. A OMS (2017) afirma que:

A transmissão e o risco de doenças transmitidas por vetores estão mudando rapidamente devido à urbanização não planejada, o aumento da movimentação de pessoas e bens, mudanças ambientais e problemas de natureza biológica, como resistência de vetores a inseticidas e a evolução de cepas de patógenos. Urbanização rápida e não planejada em áreas tropicais e subtropical expõe grandes populações ao risco de emergência e disseminação de arboviroses espalhadas por mosquitos.

Para além disso, Lima-Camara (2016) reitera que o aquecimento global também se mostra como importante fator na dinâmica de transmissão de patógenos ao homem. Dessa forma, com o aumento da temperatura global há impactos diretos nos mosquitos vetores. Tendo em vista a diminuição do tempo de desenvolvimento das larvas, aumenta-se de forma acentuada a população dos mosquitos adultos. Ademais, o aquecimento global acarreta na redução do período de incubação do agente patogênico no interior do mosquito, logo, este

se torna capaz de transmitir o patógeno mais rapidamente.

Em decorrência dessas condições, a circulação de arbovírus elevou-se não apenas nos países tropicais, com climas propícios, mas também em alguns países de clima temperado. A presença desses vírus em regiões onde encontram-se mosquitos vetores deve ser um sinal de alerta, sendo necessária a adoção de políticas públicas eficientes, que abarquem para além do campo da saúde, diversos elementos sociais. O olhar para além do setor da saúde no controle das arboviroses é relevante na medida em que “fatores de ordem biológica, geográfica, ecológica, social, cultural e econômica atuam sinergicamente na produção, distribuição e controle das doenças vetoriais” (TAUIL, 2002).

O *Aedes aegypti* é uma das espécies de mosquito de maior importância epidemiológica na transmissão de agentes de arboviroses nos ambientes urbanos (SANTOS et al., 2017a) tendo seu controle como um dos grandes desafios da saúde pública no Brasil. Esta espécie de mosquito é o responsável pela transmissão de agentes da dengue, febre amarela e *chikungunya*, tendo sido introduzido no continente americano durante a colonização. Além disso, conforme Moretto e Rabinovitch (2016), este inseto tem sido considerado também o transmissor do vírus *Zika*, ao qual se atribui a microcefalia em vários estados do Nordeste brasileiro.

A presença do *A. aegypti* e de outros vetores de relevância para a epidemiologia, como o *Anopheles sp.*, transmissor do patógeno causador da malária (*o Plasmodium*), e o *Culex sp.*, principal vetor do agente da filariose humana (*o Wuchereria bancrofti*), em regiões onde há presença do homem, pode aumentar os riscos de epidemias em diferentes estados do Brasil, principalmente devido à intensa circulação de indivíduos. Logo, o controle dos vetores, a conscientização da sociedade, investimentos em educação e saneamento básico, inovações no campo da saúde que auxiliem o diagnóstico rápido e tratamento adequado são desafios a serem vencidos pela Saúde Pública.

Por sua vez, as doenças transmitidas por água

e alimentos adquirem um caráter complexo e de difícil manejo, devido a possível alta taxa de subnotificação decorrente dos quadros infecciosos e parasitários (LIMA; CAMAROTTI, 2015). Além disso, as parasitoses, assim como as arboviroses representam um problema de Saúde Pública, uma vez que se associam com determinantes sociais, como saneamento básico e condições econômicas precárias, o que proporciona a perpetuação dos ciclos parasitários nos convívios sociais (GRIMES; RONCHI; HIRANO, 2013).

A prevenção e o controle destas doenças envolvem campanhas educativas de caráter permanente, sendo fundamental o alcance efetivo das comunidades envolvidas, ressaltando o papel fundamental das escolas nesse processo (LENZI e COURA, 2004). A escola, como reitera Brassolatti e Andrade (2002), é ponto de partida eficiente para a educação voltada à saúde pública na medida em que abarca amplas temáticas.

A educação em saúde tem se apresentado como um instrumento de fortalecimento para a construção do conhecimento em saúde, visando à autonomia do usuário na prática do autocuidado (ARAÚJO et al., 2013). As práticas de educação em saúde não se restringem, como reitera Renovato e Bagnato (2010), apenas aos espaços formais das escolas e dos serviços de saúde, mas atravessam outros territórios, fazendo circular discursos, com intencionalidade educativa, logo, qualquer espaço tem potencial educativo.

A educação em saúde objetiva o compartilhamento e a apropriação da comunidade ou ao público a que se destina a informação, uma vez que proporciona diversas estratégias e tecnologias metodológicas para a apreensão e compreensão do conteúdo trabalhado e praticado, deste modo, visa a autonomia da comunidade, com o intuito de melhorar o canal comunicativo e ampliar as formas de discussão sobre um determinado tema (FALKENBERG, 2014).

Ao longo dos anos, o estudo de metodologias ativas vem se intensificando com o surgimento de novas estratégias que podem favorecer a autonomia do educando (FARIAS et al., 2015). O uso das metodologias ativas na educação

em saúde favorece não apenas a aprendizagem da comunidade e dos profissionais em saúde, como também facilita o processo de prevenção e controle de doenças preveníveis. Não basta apenas promover as ações quando estas não atingem os seus objetivos, principalmente devido a ruídos na divulgação de informações ou às escolhas equivocadas de estratégias para alcance da sociedade.

Souza e Morales (2015) afirmam que as metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Insere-se nessa perspectiva a necessidade de instalar novas metodologias, as quais favorecem o aprendizado, e transcender as metodologias tradicionais, pautadas em relações verticais, nas quais um indivíduo e/ou grupo é detentor da informação e deve passar tais conhecimentos de forma objetiva. Para além de divulgar informações, as metodologias devem alcançar efetivamente o público de ação, assegurando um aprendizado mais efetivo e consolidado.

No âmbito da saúde, tais ponderações são fundamentais, principalmente para assegurar que todas as informações acerca da promoção da saúde e prevenção de doenças sejam compreendidas e integradas efetivamente no cotidiano da população.

Dessa forma, as crianças formam classicamente um excelente canal para a introdução de novos conceitos na comunidade, pelo fato de serem membros permanentes desta, e por estarem com o cognitivo em formação (BRAS-SOLATTI e ANDRADE, 2002), principalmente se escolares.

Dentre as diversas formas de metodologias ativas, encontra-se a utilização do vídeo educativo como ferramenta no processo de educação em saúde. Como Junior et al. (2017) ratificam:

Utilizar recurso audiovisual, no formato de vídeo educativo, pode significar uma sofisticação na relação ensino-aprendizagem, visto que, por meio dele, consegue-se captar a atenção do público, bem como despertar sua curiosidade em relação às temáticas abordadas, haja vista que a sociedade vive em uma cultura onde a habilidade visual e a capacidade de processar informações são constantemente exercitadas.

No cenário contemporânea de aumento das

arboviroses, como dengue, zika, febre amarela e chikungunya e a manutenção da prevalência de parasitoses intestinais em crianças, as metodologias ativas na educação em saúde são uma grande estratégia, tendo em vista que podem ser adaptadas a públicos específicos e promover impactos maiores das ações educativas, consolidando mudanças comportamentais que auxiliem o controle de diversas doenças.

O uso do audiovisual tem servido como estratégia de aprendizagem no ensino, seja através da exibição de filmes em sala de aula ou a partir da construção de exercícios que utilizem a linguagem audiovisual, pois, permite mais acessibilidade e mediação de informações e novos conceitos, de forma que, a fluidez do conhecimento seja mais facilmente desenvolvida (VIEIRA, 2014).

Dessa forma, objetivou-se a elaboração de dois vídeos educativos voltados ao público infantojuvenil como ferramenta a ser adotada em ações de educação em saúde de combate a insetos vetores de patógenos, bem como para demais parasitoses, atentando-se para questões culturais da região.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se da elaboração de uma ferramenta educativa, dentro do aspecto das metodologias ativas, a ser adotada como estratégia de combate a patógenos (proposta inserida no Projeto “Tecnologia em saúde: metodologias ativas para o aprendizado na área de doenças infecciosas e parasitária” / PIBITI – PPGCI – UFRB / 2017-2018) e a insetos vetores de patógenos (proposta inserida no Projeto “Tecnologia em saúde: metodologias ativas para o conhecimento e combate a insetos vetores de patógenos” / PIBEX – PROEXT – UFRB / 2019) em atividades educativas voltadas ao público infantojuvenil.

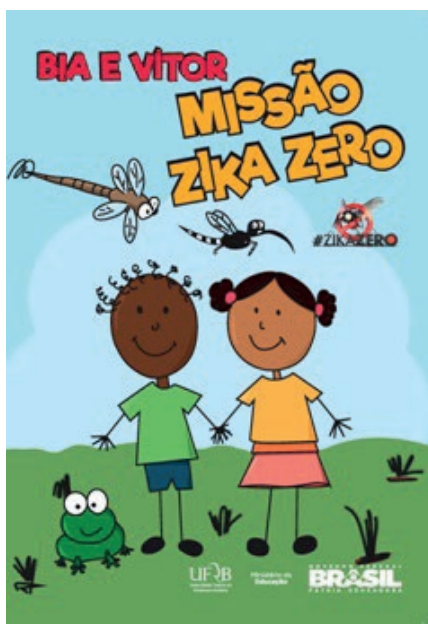
Realizou-se inicialmente uma pesquisa na literatura acerca das metodologias ativas adotadas na promoção da Educação em Saúde. Dessa forma, dentre as estratégias existentes, optou-se pela escolha de ferramentas audiovisuais, a exemplo do vídeo. Diversos estudos

apontam a eficiência do vídeo educativo como instrumento de ensino-aprendizagem. Tal recurso audiovisual permite a fácil divulgação de materiais educativos, como também permite a perpetuação de informações, tendo em vista as diversas formas de armazenamento e veiculação.

Sabe-se que cada indivíduo tem um modo singular de aprendizagem, seja este através da escrita, da leitura, da audição ou outras modalidades combinadas. Logo, o uso de recursos inovadores em atividades educativas auxilia o alcance mais efetivo do público, na medida em que dá oportunidade aos indivíduos que possuem maior rendimento e consolidação de conhecimentos quando não são restringidos somente à leitura e à escuta.

Assim, com esta proposta, foram desenvolvidos dois vídeos educativos para a área de saúde: 1. Um vídeo educativo contendo a narração de uma história intitulada “Teca no mundo da Parasitologia - uma aventura com o Curupira, a lara e o Saci”, associando tema sobre doenças infecciosas e parasitárias e elementos folclóricos/regionais; e 2. Um vídeo baseado no produto “Missão Zika Zero contra o *Aedes aegypti*” (Figura 1) confeccionado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB, 2016).

Figura 1 - Revista do “Kit Pedagógico Missão Zika Zero”.



Fonte: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB, 2016).

Previamente antes da confecção dos dois vídeos, foi aplicado um estudo piloto com curtas-metragens produzidos por graduandos do Centro de Ciências da Saúde na disciplina Parasitologia Humana. O público da ação foram crianças da Escola Municipal Maria Pessoa Sales do município de Santo Antônio de Jesus, Bahia, com o intuito de observar a adesão de uma estratégia metodológica com o uso de recursos audiovisuais com escolares do Recôncavo da Bahia em dezembro de 2017. Deste modo, foram trabalhados os temas de ancilostomose, giardíase e amebíase, logo, o foco principal foi para a etiologia, prevenção e sintomatologia dessas doenças, uma vez que é importante saber o curso das parasitoses para que ocorra a busca adequada aos serviços de saúde. Por conseguinte, o estudo piloto obteve uma resposta positiva, pois, os escolares gostaram da ludicidade dos vídeos e do conhecimento rápido que era proporcionado, facilitando a construção dos conhecimentos trabalhados. Alguns registros fotográficos da ação poderão ser vistos na Figura 2 (A, B e C).

Figura 2 - (A, B e C) Registros fotográficos de uma atividade de educação em saúde na Escola Municipal Maria Pessoa Sales, Santo Antônio de Jesus, Bahia, 2017.



Fonte: Os autores.

Em posse do “arsenal de ideias”, foi escolhida uma estória para adaptação audiovisual. A mesma é produto do Grupo de Estudo em Parasitologia Humana do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (GEPaH / CCS / UFRB): “Teca no mundo da Parasitologia - uma aventura com o Curupira, a lara e o Saci” (SANTOS et al, 2017b), e que procurou aproximar a cultura folclórica

ao mundo da Parasitologia, com o intuito de resgate do regionalismo local e, ao mesmo tempo, aproximando o público da ação aos assuntos da Parasitologia.

Para tanto, foi desenvolvido um vídeo educativo contendo a narração da estória e os elementos visuais na perspectiva de “vídeo colagem”, onde os elementos e cenários foram incorporados com o decorrer da narrativa e sob o efeito manual da pessoa que “montava” o vídeo. Tal estratégia metodológica visava a aproximação do público da estória construída e demonstra a facilidade de fazer algo similar nos diversos ambientes que a pessoa vivencia e interage.

Com a ferramenta/instrumento educativa/educativo a ser utilizada/utilizado, optou-se, para o outro vídeo, pela adaptação da estória encontrada no “Kit Pedagógico Missão Zika Zero” para combate ao *Aedes aegypti* (Figura 1). O kit pedagógico é composto por revista em quadrinhos, atividades lúdicas, cartazes, folders, adesivos e outros, e foi produzido e publicado pelo Grupo de Trabalho da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB, 2016).

O desenvolvimento deste vídeo envolveu a utilização da plataforma online Powtoon, a qual permite a criação e edição de vídeos em diversos modelos de animação. Além disso, utilizou-se também o software de multimídia Movavi para edições e ajustes. Ressalta-se que o vídeo elaborado poderá ficar disponível para livre veiculação, sendo estratégia a ser inserida nas ações educativas realizadas pelo GEPaH / CCS / UFRB, com o intuito de conscientizar acerca do combate aos vetores de patógenos, em destaque ao *Aedes aegypti*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Educação em Saúde (ES) constitui-se como um instrumento de promoção da saúde e conscientização social, principalmente no que se refere às doenças preveníveis. O Ministério da Saúde (BRASIL, 2006) conceitua a ES como “processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população”, isto é, conjunto de

práticas que almejam a autonomia do indivíduo promovendo, assim, o domínio do autocuidado.

Para além disso, tal prática engloba também a capacitação/formação do profissional da saúde para a compreensão das singularidades de cada indivíduo. Os profissionais devem atentar para o fato de que as ações educativas em saúde não devem possuir um caráter vertical, deve-se primeiramente conhecer a realidade do indivíduo ou do grupo (BARBOSA et al., 2009). Dessa forma, é possível impactar na consolidação dos conhecimentos e modificações sólidas nos hábitos, fomentando a responsabilidade individual e a cooperação coletiva.

Inserir a ludicidade no trabalho com a orientação e prevenção de parasitoses possui uma relevância importante no esclarecimento de toda a sua rede social, devido a sua característica propulsora do conhecimento apreendido. Logo, metodologias que visam o esclarecimento a respeito da etiologia, sintomatologia, controle e prevenção de parasitoses adquirem um grande impacto social (MOURA, 2013). Alinhando o caráter prazeroso com o alcance da aprendizagem significativa (FREZZA, 2015).

Segundo Klammer et al (2006), a educação audiovisual é um elemento que possui bastante espaço na sala de aula, de modo que adquire dois grandes aspectos, o de entreter e o de refletir. Por isso, não basta ter apenas um registro de imagens, mas, também é imprescindível a interpretação delas e a autorreflexão promovida por elas. Osawa et al (2009), por exemplo, buscaram aplicar diversas metodologias na monitoria da disciplina Parasitologia em seus estudos na Universidade Federal da Paraíba, utilizando-se de estratégias como atlas parasitológico, jogo parasitológico de perguntas e respostas e vídeo amador com a paródia do filme “Tropa de Elite”, cujo título passou a ser “Verme de Elite”, o qual visou a etiologia, forma de transmissão e prevenção da cisticercose. Ao final do trabalho, todas essas estratégias foram avaliadas e o recurso audiovisual conseguiu 93% de aprovação e maior participação dos estudantes, demonstrando a eficácia e auxílio no processo ensino-aprendizagem.

As metodologias ativas são pontos de partida

para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas (SOUZA e MORALES, 2015). Quanto mais próximos da realidade dos indivíduos as estratégias de educação em saúde, mais eficiente será o aprendizado a ser incorporado nos hábitos dos mesmos. É nessa perspectiva que se inserem as metodologias ativas, promovendo estratégias que favoreçam o alcance do público de ação e, para além disso, a compreensão e construção de novos conhecimentos.

Como reiteram Dielsel et al. (2017), as atuais demandas sociais exigem uma nova postura e o estabelecimento de uma nova relação com o conhecimento. O vídeo como recurso audiovisual de aprendizado emerge desse cenário de necessidade de mudanças nas ferramentas educativas, principalmente no aspecto da Educação em Saúde. Dessa forma, a construção do vídeo educativo voltado ao público infanto-juvenil encaixa-se nessa perspectiva, permitindo uma maior acessibilidade às informações.

As diversas formas de aprendizagem vêm sendo estudadas de forma mais acentuada atualmente e demonstraram que esse processo transcende a visão tradicional do aprendizado fundamentado na leitura e escrita. Conforme Schmitt e Domingues (2016), a variedade de formas de aprendizagem é imprescindível para atender às individualidades no contexto da sociedade. Portanto, a transgressão dos métodos tradicionais de ensino através da adoção dos recursos audiovisuais favorece a acessibilidade na medida em que destaca outras formas de construção de conhecimentos.

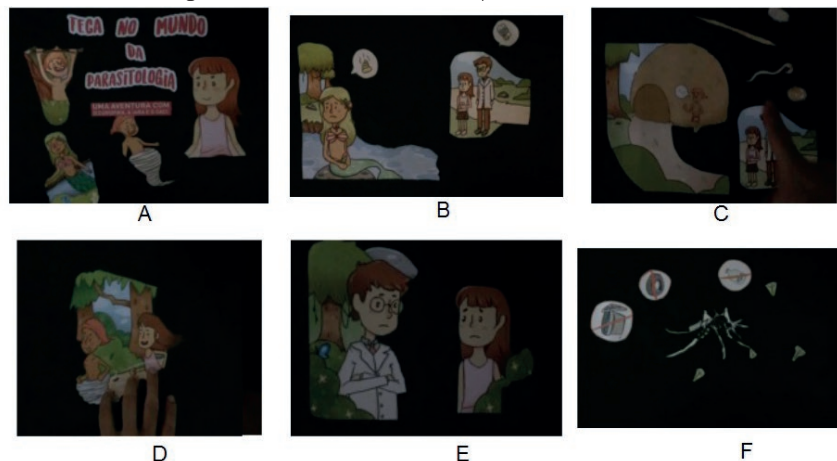
Uma ferramenta lúdica e atrativa permite, principalmente no que se refere ao público infanto-juvenil, alcançar os indivíduos que não tem na leitura e/ou escuta a efetividade no aprendizado. Além disso, o vídeo auxilia também na educação de indivíduos não alfabetizados ou com algum grau de deficiência visual.

Para o primeiro vídeo com a estória de “Teca no mundo da Parasitologia - uma aventura com o Curupira, a lara e o Saci”, algumas cenas poderão ser vistas na Figura 3 (A-F).

Dessa forma, foi possível trabalhar a importância das metodologias ativas no processo de educação, principalmente no âmbito da saúde, permitindo a compreensão do uso de novas ferramentas no combate de doenças no Brasil, intensificando o papel da população como agentes transformadores sociais. O vídeo foi trabalhado e apresentado a crianças do Espaço Criar / Bairro Rádio Clube / Município de Santo Antônio de Jesus e no XII Seminário Estudantil de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação e III Simpósio de Extensão (XII SEPIP) da UFRB (SANTOS JUNIOR et al., 2018), com boa devolutiva em ambos os públicos envolvidos nos dois ambientes.

Visto que, intervenções educativas promovem a prevenção de doenças parasitárias e a não perpetuação da tríade epidemiológica da infecção, principalmente alinhada na reflexão e discussão de condições higiênicas e sanitárias, o que possibilita a sensibilização a respeito tanto das parasitoses intestinais (RODRIGUES et al., 2013) quanto das arboviroses.

Figura 3 – (A a F) - Recortes de imagens produzidas no vídeo a partir da estória “Teca no mundo da Parasitologia - uma aventura com o Curupira, a lara e o Saci” (SANTOS et al., 2017).



O segundo vídeo foi elaborado como uma ferramenta em prol do combate aos insetos vetores de patógenos com ênfase no *Aedes aegypti*, mosquito transmissor de agentes causadores de arboviroses prevalentes (Figura 4 – A, B, C e D). Conforme afirmam Junior et al. (2017), nos recursos audiovisuais, especialmente os destinados ao público mais infanto-juvenil, é essencial uma narrativa condizente

com o nível de conhecimento dos telespectadores. Dessa forma, para atingir de forma eficaz a conscientização acerca dos mosquitos vetores, consolidando conhecimentos e promovendo mudanças de hábitos, é necessário atingir o público de forma efetiva através de metodologias adequadas a cada faixa etária e singularidades sociais e culturais.

Figura 4 – Trechos do Vídeo Educativo.



Fonte: Os autores.

Este vídeo foi apresentado na V Reunião Anual de Ciência, Tecnologia, Inovação e Cultura no Recôncavo da Bahia (V RECÔNCITEC) (ALMEIDA e AMOR, 2019), promovida pela UFRB, também com boa aceitação da proposta pelo público presente no evento.

Ademais, a aproximação de narrativas dos vídeos a situações comuns associadas às doenças, como prevenção, diagnóstico, sinais e sintomas, desperta no público dúvidas e curiosidades. Dessa forma, a promoção de um ambiente adequado de ensino aprendizagem no processo de Educação em Saúde, constituído de metodologias oportunas ao público, permite que os sujeitos revelem seus anseios enquanto comunidade, identificando a construção de espaços culturais, artísticos e desportivos como subsídios para a melhoria da qualidade de vida das famílias e, especialmente das crianças (ARAÚJO et al., 2013).

A promoção de ações educativas em saúde destinadas às crianças e adolescentes é de extrema relevância social. Conforme as considerações de Rosa (2015), as ações educativas realizadas em comunidades escolares voltadas à promoção da saúde possuem um papel extremamente importante, na medida em que transformam os escolares em disseminadores do conhecimento para sua família e comunidade. Nessa perspectiva, a transformação dos escolares em disseminadores de informações sobre os insetos vetores insere grandes aliados no controle de doenças preveníveis, como as arboviroses.

Os arbovírus têm sido motivo de grande preocupação em saúde pública em todo o mundo (DONALISIO et al, 2017), sendo os mais prevalentes no Brasil os causadores da dengue, zika e chikungunya. No vídeo trabalhou-se aspectos da doença zika, cuja infecção era considerada doença exantemática benigna com sintomas

leves e autolimitada uma vez que poucos casos eram conhecidos há poucos anos. Todavia, a partir de 2013, com epidemias ao redor do mundo, associou-se a infecção por Zika Vírus a quadros neurológicos, como encefalite, microcefalia e síndrome de Guillain-Barré. Logo, o controle das doenças vetoriais exige, na maioria das vezes, atividades executadas não exclusivamente nas unidades de saúde, mas, também, nos locais de habitação e de trabalho da população (TAUIL, 2002).

No controle das arboviroses a participação efetiva da população é um mecanismo fundamental no controle dos vetores. Logo, a educação deve ter como objetivo uma eliminação mensurável de criadouros dos mosquitos vetores no ambiente doméstico, pelo cidadão, e não simplesmente o acréscimo de conhecimento (BRASSOLATTI e ANDRADE, 2002). As ações não devem se voltar apenas para a disseminação de informações, mas também para assegurar a compreensão das mesmas inseridas no cotidiano, o que promoverá a participação coletiva em prol da prevenção.

Diante disso, os vídeos desenvolvidos apresentam-se relevantes na perspectiva do retorno da prevalência das arboviroses no território brasileiro. Tendo em vista o papel da população no combate aos insetos vetores, e destaque aos mosquitos, a ampla divulgação do vídeo em ações educativas permite a consolidação dos conhecimentos nas crianças e adolescentes. A partir disso, instiga-se a mudança de hábitos, principalmente acerca das medidas preconizadas pelo Ministério da Saúde como forma de eliminar possíveis reservatórios de mosquitos, como o *Aedes aegypti*. Ademais, permite-se a compreensão de sinais e sintomas comuns a estas patologias, permitindo que esses indivíduos sejam atores no processo mais efetivo de diagnóstico e, conseqüentemente, permitindo o tratamento adequado.

O vídeo educativo leva a aproximação com a

perspectiva de divulgação em meios eletrônicos e da internet, o que possibilita uma maior abrangência e disseminação do conteúdo produzido. Além disso, o curta educativo tem o objetivo de ser breve, com conteúdo prático e linguagem acessível, que possa ser compreendida por diversos públicos, deste modo, o potencial tecnológico é imenso, devido a “era do podcast” e dos “canais do YouTube”, o que permite um acesso rápido ao conteúdo e facilmente apreendido.

CONCLUSÃO

Dessa maneira, a adoção de metodologias ativas no âmbito da Educação em Saúde apresenta-se relevante, tendo em vista a facilitação da aprendizagem. Para além disso, auxiliam no processo de disseminação de informações e consolidação de conhecimentos, na medida em que podem ser adaptadas às singularidades dos indivíduos, sejam estas envolvendo os mecanismos de aprendizagem e os aspectos sociais, econômicos e culturais.

Assim, o vídeo desenvolvido voltado ao público infantojuvenil facilita a apreensão do conteúdo na medida em que se aproxima sua linguagem com a do público, como também dispõe de ferramentas lúdicas e atrativas que despertam o interesse do público e permite uma consolidação maior do processo de aprendizagem. Logo, a união entre educação em saúde e adoção de novas tecnologias permitem a construção de metodologias ativas de conhecimento que não se restringe apenas a temática das parasitoses intestinais, como podem ser ampliadas para qualquer tema pertinente. É relevante a adaptação ao público de ação a fim de assegurar a boa receptividade e aprendizagem e garantir o bom desempenho da aplicação das tecnologias na educação em saúde.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.S.; AMOR, A.L.M. **Metodologias ativas na Educação em Saúde:** o vídeo educativo como ferramenta de combate a insetos vetores de patógenos In: V Reunião Anual da Ciência, Tecnologia, Inovação e Cultura no Recôncavo da Bahia / V RECONCITEC, 2019, Cruz das Almas. Anais da V RECONCITEC. Cruz das Almas: UFRB, 2019. p.922 - 92

ARAÚJO, M.G.; CASSIANO, A.N.; HOLANDA, C.S.M.; MOREIRA, P.V.S.Q.; GIOVANNINI, P.E. **Educação em Saúde no ensino infantil:** metodologias ativas na abordagem da ação extensionista. Rev. Enferm. UFPE On Line. Recife: v.7, n.1, p. 306-313, 2013.

BARBOSA, L.A.; SAMPAIO, A.L.A.; MELO, A.L.A.; MACEDO, A.P.N.; MACHADO, M.F.A.S. A educação em saúde como instrumento na prevenção de parasitoses. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde.** v.22, n.4, p.272-278, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde. **Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde.** Brasília: MS; 2006.

BRASSOLATTI, R.C; ANDRADE, C.F. Avaliação de uma intervenção educativa na prevenção da dengue. **Ciência e Saúde coletiva**, v.7, n.2, p. 243-251, 2002.

DIESEL, A.; BALDEZ, A.L.S.; MARTINS, S.N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema:** v.14, n.1, p. 268-288, 2017.

DONALISIO, M.R.; FREITAS, A.R.R.; VON ZUBEN, A.P.B. Arboviroses emergentes no Brasil: desafios para a clínica e implicações para a saúde pública. **Rev Saúde Pública**, v.51, n.30, 2017.

FALKENBERG, M.B.; MENDES, T.P.L. MORAES, E.P.; SOUZA, E.M. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciênc. saúde coletiva**, vol.19, n.3, pp. 847-852, 2014.

FARIAS, P.A.M.; MARTIN, A.L.A.R.; CRISTOL, C.S. Aprendizagem ativa na Educação em Saúde: percurso histórico e aplicações. **Revista Brasileira de Educação Médica** 39(1): 143 –158; 2015.

FAUCI, A.S.; MORENS, D.M. **The perpetual challenge of infectious diseases.** N Engl J Med.: v.366, n.5, p.454-461, 2012.

FREZZA, T.F.; CORRÊA, S.A.P.; SANTOS-RONDON, M.V.S.; PRADO, C.R.; BASTOS, L.A.D.; ALLEGRETTI, S.M. Alunos do ensino médio de escolas da rede pública de Campinas-SP atuando como produtores de conhecimento sobre parasitoses: uma experiência do laboratório de helmintologia (UNICAMP) no Programa "Ciência e Arte nas Férias". **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 11 n. 2 - mai./ago., 2015.

GRIMES, C.; RONCHI, D.L.; HIRANO, Z.M.B. Prática pedagógica diferenciada nos processos de ensinar e de aprender em Parasitologia. **Revista de Ensino, Saúde e Ambiente** – v6 (1), pp. 89-100, abr. 2013.

JUNIOR, J.C.R.; REBOUÇAS, C.B.A.; CASTRO, R.C.M.B.; OLIVEIRA, P.M.P.; ALMEIDA, P.C.; PAGLIUCA, L.M.F. **Construção de vídeo educativo para a promoção da saúde ocular em escolares.** Texto Contexto Enferm, v.26, n.2, 2017.

KLAMMER, C.R.; GNOATTO, D.M.; OZÓRIO, E.V.K.; SOLIERI, M. Cinema e educação: possibilidades, limites e contradições. In: **III Simpósio Nacional de História Cultural**, Florianópolis, Santa Catarina, 2006.

LENZI, M.F.; COURA, L.C. Prevenção da dengue: a informação em foco. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v.37, n.4, p.343-350, 2004.

LIMA-CAMARA, T.N. Arboviroses emergentes e novos desafios para a saúde pública no Brasil. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo: v.50, 2016.

LIMA, J.P.; CAMAROTTI, M.F. Ensino de ciências: o uso de metodologias diversificadas para o ensino, sensibilização e prevenção da ancilostomíase e ascaridíase em uma escola da rede pública de João Pessoa, PB. In: **IV Colóquio Internacional de Educação, Cidadania e Exclusão: didática e avaliação**, Rio de Janeiro, 2015.

MORETTO, L.D.; RABINOVITCH, L. Insetos transmissores de doenças: antigos e novos desafios. **Revista UPharma**, v.159, n.10, 2016.

MOURA, F.C. **Educação para a prevenção de parasitoses intestinais em centro de educação infantil: um projeto de intervenção**. 2013. 43 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Saúde Para Professores do Ensino Fundamental e Médio, Universidade Federal do Paraná, Foz do Iguaçu, 2013.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Respuesta mundial para el control de vectores**. Geneva: OMS; 2017.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Ministros da Saúde das Américas fazem acordo para fortalecer ações de prevenção às doenças transmitidas por vetores**. Washington, Estados Unidos: OPAS, 2018.

OSAWA, P.N.C.; FARIAS, L.X.N.; ANDRADE, T.G.; HONÓRIO, J.P.R.C.; GUERRA, C.S.; FIGUEIREDO, M.E.D.; CAVALCANTI, M.G.S.; MONTEIRO, C.H.; LIMA, C.M.B.L.; ALENCAR, V.M.P.D. Reformulando a metodologia do ensinar e aprender Parasitologia. In: **XII Encontro de Iniciação à Docência**. João Pessoa, Brasil, 2009.

RENOVATO, R.D.; BAGNATO, M.H.S. Práticas educativas em saúde e a constituição de sujeitos ativos. **Texto Contexto Enferm**, v.19, n.3, p.554-562, 2010.

RODRIGUES, R.M; COUTO, C.; MORAES, V.C.; PRADO, G.P. Parasitoses intestinais: intervenção educativa em escolares. In: **VI Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia e XVI Semana Acadêmica de Ciências Biológicas**. Palmitos, Brasil, 2013.

ROSA, J.D. **Prevalência de enteroparasitoses e ações educativas em escolares do município de Santo Amaro da Imperatriz – SC, Brasil**. Tese (Trabalho de conclusão de curso de Graduação em Farmácia) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

SANTOS JUNIOR, E.R.; SANTOS, R.S.; OLIVEIRA, A.M.; CORREIA, M.S.; SILVA NETO, P.P.; AMOR, A.L.M. Vídeo educativo sobre “Teca no mundo da Parasitologia”: estratégia lúdica no aprendizado das doenças infecciosas e parasitárias In: **XII SEPIP - Seminário Estudantil de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação, 2018, Cruz das Almas – Bahia**. Anais do XII Seminário Estudantil de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação e III Simpósio de Extensão (XII SEPIP), p.343 – 342, 2018.

SANTOS, M.A.V.M.; REGIS, L.N.; LOPES, C.F.J.A.; OLIVEIRA, C.M.F.; BARBOSA, R.M.R.; GUEDES, D.R.D.; WALLAU, G.L.; LIMA, K.F.A.; SILVA, L.M.I.; MENDONÇA, C.M.; RODRIGUES, M.P.; CAVALCANTI, A.E.H.D.; SILVA, E.B.; FLORÊNCIO, S.G.L.; PAIVA, M.H.S.; BARBOSA, R.L.; JUNIOR, J.A.A.; NUNES, V.N.; AMORIM, L.B.; SOUZA, M.F.M.; DIAS, R.; MAGALHÃES, F.J.R.; MORAES, E.G.F.; ANTUNES, L.E.; ROHDE, C.; VERÇOSA, C.J. Tecnologias integradas para controle biológico, mecânico e genético de

Aedes aegypti. **Com. Ciências Saúde:** v.28, n.1, p.58-63, 2017a.

SANTOS, R.S.; MOTA, L.H.S.; ROSSI, R.C.; CARNEVALLI, L.M.; SANTOS JUNIOR, E.R.; MORENO-AMOR, A.L. In: **XI Seminário Estudantil de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**, Cruz das Almas, Bahia, 2017b.

SCHMITT, C.S.; DOMINGUES, M.J.C.S. **Estilos de aprendizagem:** um estudo comparativo. São Paulo. *Avaliação*, v.21, n.2, p.361-385, 2016.

SOUZA, C.A.; MORALES, O.E.T. **Coleção Mídias Contemporâneas:** Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Editora Uepg/proex, 1-8p. 2015.

TAUIL, P.L. **Controle de doenças transmitidas por vetores no Sistema Único de Saúde.** Informe Epidemiológico do SUS: v.11, n.2, p.59-60, 2002.

UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia). **UFRB lança Kit Pedagógico Missão Zika Zero contra o *Aedes aegypti*.** 2016. Disponível em: <<https://www2.ufrb.edu.br/combateaedes/noticias/24-ufrb-lanca-kit-pedagogico-missao-zika-zero-contra-o-aedes-aegypti-2>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

VIEIRA, R.C. **Os invertebrados em audiovisuais produzidos por estudantes de ensino médio.** Monografia (Graduação) – Bacharelado em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2014.

IMPLEMENTAÇÃO DO “SBOTICS” NA ROBÓTICA EDUCACIONAL DO RECÔNCAVO

IMPLEMENTAION OF “SBOTICS” IN EDUCATIONAL ROBOTICS IN RECÔNCAVO

Lívia Silva de Andrade

Graduanda no Curso de Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas da UFRB, livia.silva.andrade@ieee.org
Ivanoé João Rodowanski
Dr. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, ivano@ufrb.edu.br

RESUMO

Devido a atividades lúdicas que vêm sendo desenvolvidas desde a década de 80, a robótica educacional tem crescido consideravelmente nos últimos anos. Muitas dessas iniciativas, se baseiam na realização de competições entre estudantes a fim de introduzi-los na pesquisa sobre o tema. Entretanto, devido ao alto custo do material utilizado, esse tipo de atividade ainda é muito pouco explorada nos países emergentes. De forma alternativa, têm surgido soluções de aplicações da robótica em ambiente simulado, como é o caso do sBotics, que se trata de uma plataforma online e gratuita que simula uma competição de robótica conhecida como resgate. Nesta, o estudante consegue configurar e programar um robô para executar funções, bastando um computador pessoal, ele pode, ainda, competir em nível nacional. A plataforma foi criada com o objetivo de democratizar o ensino da robótica. Dessa maneira, este artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de utilização do sBotics como uma ferramenta que possibilite difundir a robótica entre os estudantes de escolas públicas da região do Recôncavo da Bahia. Até então, já foram realizadas algumas oficinas de treinamento e uso da plataforma pelo capítulo estudantil IEEE RAS UFRB, e tais atividades têm despertado o interesse de diversos estudantes.

Palavras-chave: Educação, Robótica, Competição, Simulador.

ABSTRACT

Due to recreational activities that have been developed since the 1980s, educational robotics has grown considerably in recent years. Many of these initiatives are based on competitions between students to introduce them to research on the topic. However, due to the high cost of the material used, this type of activity is still very little explored in emerging countries, so, to solve this problem, solutions for robotics applications in a simulated environment have emerged, as is the case of sBotics, that it is a free online platform that simulates a robotics competition known as rescue. In this, the student can configure and program a robot to perform functions, all it takes is a personal computer, he can also compete at a national level. The platform was created with the aim of democratizing the teaching of robotics. Thus, this article aims to present a proposal for the use of sBotics as a tool that makes it possible to spread robotics among students of public schools in the region of Recôncavo da Bahia. So far, some training workshops and use of the platform have been carried out by IEEE RAS UFRB, and such activities have aroused the interest of several students.

Keywords: Education, Robotics, Competition, Simulator.

INTRODUÇÃO

A tecnologia tem avançado em velocidade exponencial e a educação não tem conseguido acompanhar no mesmo ritmo, por esse motivo, os equipamentos tecnológicos de uma forma geral tornam-se ferramentas cotidianas indispensáveis à vida contemporânea e percebe-se que a maioria das pessoas não vem sabendo fazer uso destes adequadamente, ou mesmo explorar os recursos disponíveis em certos dispositivos carregados de tecnologia.

Fica claro nesse estudo a necessidade de inserir a tecnologia em suas diversas maneiras no âmbito escolar: “Todos deveriam aprender a programar um computador, porque isso ensina a pensar” a famosa frase de Steve Jobs, um dos expoentes de tecnologia contemporânea, corrobora com essa ideia (CODE, 2013). Dessa forma, a robótica começou a se tornar um assunto abordado em escolas e universidades, transformando o conceito em uma técnica e uma lógica que pode e deve ser aprendida.

A prática traz consigo aplicações das ciências naturais e exatas, permitindo que as teorias dessas áreas de conhecimento sejam aplicadas e, portanto, estimula os estudantes a desenvolverem-se neste campo de trabalho. Além disso, a lógica de programação, habilidade intrínseca a este pacote, permite ao discente desenvolver habilidades utilizadas cotidianamente, como organização, coerência lógica e resolução de problemas de mais de uma maneira. “O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram...” (PIAGET, 1994).

Como estimulante da criatividade e da construção do conhecimento, a robótica pode ser considerada um agente educador como proposto por Piaget (1994). Em adicional a estes benefícios, está a horizontalização da relação professor-aluno, visto que para ocorrer o aprendizado verdadeiro é necessário que o estudante seja o protagonista do processo, não uma parte passiva na sua própria busca pelo conhecimento. Isto é comprovado por Paulo Freire quando ele escreve: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados

pelo mundo” (FREIRE, 1981).

Assim, seguindo as ideias de Piaget e Paulo Freire, este estudo tem o objetivo de utilizar a robótica como ferramenta de ensino-aprendizagem, garantindo a inserção de crianças e adolescentes na tecnologia de forma educativa. Para obter sucesso neste objetivo, será utilizada uma plataforma online e gratuita, de forma a garantir a democratização do acesso à robótica em Cruz das Almas e no Recôncavo.

A ROBÓTICA E SUAS IMPLICAÇÕES

COMO SURTIU

“Se toda ferramenta, quando ordenada, ou mesmo por sua própria vontade, pudesse executar o trabalho que lhe condiz... Então não haveria necessidade de aprendizes para os mestres ou escravos para os senhores” (SÓCRATES apud FREITAS, 2017). Apesar de parecer recente, a ideia de um trabalho ser realizado de forma autônoma por uma ferramenta, já foi idealizada por Sócrates em 322 a.C., em sua visão, a consequência desse comportamento é o que importa, portanto, o desafio perpassa construir uma máquina capaz de realizar tais atividades e o seu impacto torna-se realmente importante na forma em como afeta as relações sociais e de poder. Em 1989, o assunto é discutido mais uma vez:

Por que o trabalho é a única forma de o homem criar? Por que é prazer? Ora, a resposta é simples. Porque o trabalho é o meio de vida do homem, é o que torna o homem vivo, parecido consigo mesmo. E o que é responsável por tornar o trabalho tortura, tédio, um inimigo do qual o homem procura fugir? A resposta só pode ser a mesma, apenas como meio de vida do homem é que o trabalho pode tomar a sua dupla face [...] (CODO, 1989).

Estando em diálogo com Sócrates, Codo (1989), em seu livro “O que é Alienação”, conclui que o trabalho, quando realizado, tem de ser aproveitado pelo seu próprio autor, se isso não acontecer, o mesmo terá sido transformado em tortura. Da mesma maneira, quando o resultado de um trabalho, não realizado pela pessoa, neste caso por uma máquina, gera frustração. Uma maneira de resolver este problema é fazer com que o homem e a máquina

trabalhem juntos.

Muito tempo depois, após a discussão de Sócrates, as primeiras ideias que foram registradas na história começam a aparecer: os autômatos são compostos por sistemas inteiramente mecânicos e capazes de realizar uma atividade específica, como escrever ou desenhar. Trata-se de um jogo de engrenagens que nasceu dos inventores dos relógios suíços e relógios de pulso modernos, o mais incrível é a não necessidade de nenhum controle elétrico, eletrônico, ou uso de programação, apenas a pura mecânica (FREITAS, 2017).

O próximo evento importante na história da robótica acontece durante a Segunda Guerra Mundial, a famosa máquina de Turing, retratada no filme “O Jogo da Imitação”. Alan Turing é hoje conhecido como o pai do computador e da ideia de um algoritmo, sua necessidade de desenvolver uma ferramenta capaz de desvendar os códigos alemães foi essencial para o processo, mostrando um ponto positivo do conflito (REDAÇÃO GALILEU, 2018).

A partir de toda a história dos avanços dessa tecnologia, a indústria cinematográfica propagou ideias de como seria essa sociedade, muitos cenários polêmicos entraram em discussão, seria esse, um avanço positivo ou o fim de uma sociedade civilizada? A robótica, que inicialmente tem o propósito de libertar, – como Sócrates sugeriu – representaria uma sociedade humana baseada na escravidão às máquinas? Baseando-se nisso, Isaac Asimov populariza o termo robótica e cria as suas 3 leis, que indicam o comportamento sugerido às máquinas que as impedem de ofender ou machucar o homem (MELO, 2016).

A ROBÓTICA NOS DIAS ATUAIS

Tornando muitas das ficções científicas uma realidade, os robôs atuais estão cada vez mais eficientes e presentes em diferentes áreas. Na indústria, seu uso dispensa uma quantidade exacerbada de trabalhadores, aumenta a qualidade do produto e diminui o desperdício através de técnicas de controle, como o PID (Proporcional – Integral – Derivativo) e a Inteligência Artificial. Esta última muito presente no dia a dia nas interfaces de comunicação, como Siri e Alexa. Em outras áreas, como a medici-

na e a agronomia, a robótica também tem sua participação, próteses e drones autônomos são cada vez mais comuns.

Os avanços são tantos que já existem robôs que imitam os movimentos dos animais: o voo de uma borboleta ou o andar de quadrúpede, por exemplo, são funções que podem ser muito úteis para aumentar a capacidade exploratória em ambientes de difícil acesso, ou mesmo para fazer o papel de um inseto em extinção (FREITAS, 2017). Comprovando que:

Os aumentos que a automação, em específico na robótica, traz aos processos industriais é impactante, elas aumentam a eficiência nos processos, diminuem os números de refugos, melhoram a qualidade, diminuem os custos e a mão de obra, além do aumento da segurança ergonômica dos operários (FENERICK e VOLANTE, 2020).

A partir de tanto progresso, percebeu-se a necessidade de mostrar à população como essa tecnologia é feita, já que tem se tornado uma ferramenta cada vez mais cotidiana, muitas escolas começaram a implantar a robótica educacional para incentivar os estudantes desde cedo a estarem aptos para lidar com o desafio.

A LEGO foi a primeira empresa a desenvolver um kit para cumprir esse papel educacional e desde então vem se popularizando nas competições criadas um pouco antes. Este ambiente competitivo junto com o kit da companhia possibilitaram o crescimento da participação das crianças e adolescentes no mundo da programação e robótica (MORGAN, 2012).

AS COMPETIÇÕES

Segundo Berry Morgan (2012), o modo como as competições de robôs surgiu foi processual, iniciando-se em outubro de 1989 numa convenção de ficção científica, na qual, um grupo de engenheiros mecânicos, conhecidos como Denver Mad Scientist Club, se inspirou em alguns vídeos de competições que aconteciam no MIT. Estas últimas tinham o objetivo de testar robôs feitos em casa através de algumas tarefas, como coletar bolas de ping pong. A notícia da demonstração de luta de robôs se espalhou e outras convenções similares começaram a apresentar a ideia.

Finalmente, em 1994, Marc Thorpe, um designer animatrônico de São Francisco, apresentou ao mundo, após algumas tentativas mal sucedidas, a primeira competição de robôs. Conhecida como Robot Wars, o evento ocorria de forma independente, isto é, não se limitava a acontecer junto às convenções, dessa forma tornou-se maior, mais perigoso e atrativo. Essa versão ocorreu até 1997 e no ano seguinte ganhou o formato de programa de televisão (MORGAN, 2012).

Depois desse período, diversas outras competições e modalidades foram surgindo. Atualmente, as mais conhecidas são o Torneio Juvenil de Robótica – TJR - (que envolve jovens do Ensino Fundamental à Pós-graduação tentando construir robôs capazes de realizar um desafio pré-determinado, os vencedores são convidados a participarem do ITR), o ITR (International Tournament of Robots – Torneio Internacional de Robôs – que é a versão internacional do TJR) (ITR, 2020), o RoboCup, (cuja principal categoria é a construção de máquinas autônomas e humanóides capazes de jogar futebol, mas que atualmente já possui algumas outras competições como a RoboCupRescue, que tem o objetivo de construir um robô com habilidades de mobilidade, planejamento, mapeamento e percepção sensorial) e a Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR), que será explanada a seguir.

A OLIMPÍADA BRASILEIRA DE ROBÓTICA

UM BREVE HISTÓRICO

Com o objetivo de difundir o estudo da robótica e o conhecimento de seus níveis básicos, algumas universidades (como ITA, UNESP, FEI), de forma a habilitar os estudantes a desenvolverem as habilidades necessárias para trabalhar com esse tema – tais como trabalho em equipe, criatividade, cooperação – criaram a Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR). A partir da Competição Brasileira de Robótica, que tinha o objetivo de selecionar os competidores para a RoboCup, a OBR surgiu em 2007 para incluir estudantes de nível fundamental e médio, enquanto a primeira era focada em universitários.

Hoje, a OBR conta com duas modalidades: a teórica, que tem o objetivo de propagar os saberes, sem necessariamente testar os conhecimentos, como as avaliações regulares das escolas. E o outro tipo de desafio é o prático, que propõe aos estudantes construir um robô capaz de resgatar as vítimas de um desastre em um ambiente de catástrofe.

A competição acontece anualmente em duas etapas, uma regional e outra nacional, estimula e oportuniza diversos estudantes de todo o país (ROBOCUP FEDERATION, 2020).

A MODALIDADE RESGATE

A parte prática da OBR é conhecida como Resgate e, como apresentado anteriormente, o desafio é construir, em equipe de 1 a 4 componentes, um robô capaz de resgatar vítimas de um acidente em um ambiente simulado.

A simulação conta com uma linha preta numa plataforma branca, que representa o caminho a ser seguido pelo robô. Além disso, existem obstáculos para serem desviados e redutores de velocidade no caminho, tudo para aproximar o desafio da realidade. Algumas pistas ainda contam com um plano inclinado para testar a capacidade mecânica do robô. O caminho de linha preta também se complica, alguns trechos contam com encruzilhadas e sinalizações em verde no chão, as curvas também podem variar, podendo ser de 90° ou até 360°.

A competição utiliza marcadores laranjas, que funcionam como pontos de salvamento, isto é, mesmo que o robô não seja capaz de finalizar o caminho do início do percurso até o primeiro marcador, ele pode marcar pontos seguindo o caminho do segundo ao terceiro marcador. Pode haver aí, a criação de uma estratégia para contabilizar mais pontos.

Esta característica da competição, permite que todas as partes do robô possam ser testadas. Além disso, por haver variáveis externas que podem atrapalhar a performance do robô, como a luz, a competição permite que a falha de progresso aconteça até três vezes, ou seja, se a máquina sair do percurso e não conseguir voltar, lhe é dada a possibilidade de tentar novamente (OBR, 2019).

Cada equipe competidora participa de três rodadas em três pistas diferentes. Sendo que uma das pistas deve ser de baixa complexidade e outra de alta complexidade, necessariamente. Essas designações em níveis influenciam na quantidade de pontos que podem ser gerados em cada etapa. Os obstáculos também possuem pontuações diferentes e no fim da competição, ganha a equipe que conseguir acumular mais pontos. Prêmios à parte já são uma realidade, conforme a competição foi crescendo, a criatividade, o uso de materiais alternativos e a implementação de um código diferente também tem sido considerado (OBR, 2019).

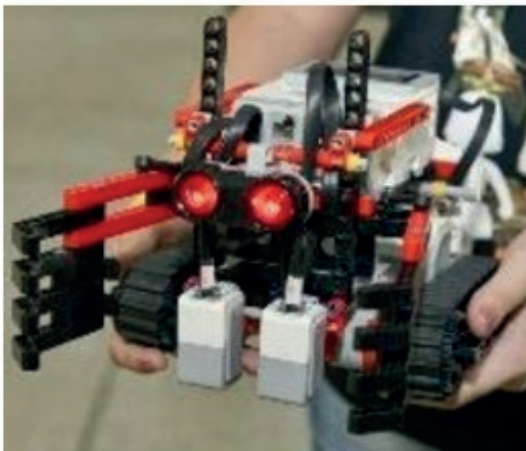
A partir da OBR, muitos estudantes conquistam prêmios e oportunidades diversas, entretanto, ainda mais importantes que estes, eles aprendem a habilidade de cooperar em equi-

pe, de organizar-se melhor, aprimoram a criatividade e participam de um momento lúdico de aprendizagem.

KITS E MATERIAIS UTILIZADOS

Um dos kits de robótica mais utilizados na OBR é o kit da Lego Mindstorms Education EV3® que vem com peças próprias já disponíveis e encaixáveis, o Bloco EV3: um pequeno computador programável que permite o controle de motores e o recebimento de dados de sensores a partir da utilização da IDE do Lego, os motores e cinco sensores estão inclusos no conjunto. Os blocos, materiais mecânicos usados para a construção da estrutura do robô (Figura 1A) são facilmente modificados e atendem a diversos formatos que os estudantes queiram criar, atendendo, ainda, às diversas necessidades de articulações.

Figura 1- Robô montado a partir de um kit LEGO (A), e Robô montado com Arduino e módulos avulsos (B).



Fonte: MOTTA, 2018; CASATTI, 2019.

O ambiente de programação deste kit é altamente intuitivo, através de blocos e uma sintaxe visual e natural, o que corrobora para a facilitação da aprendizagem de criar algoritmos. Existe também uma página de solução de problemas com pequenos projetos explicativos para quem está começando e um local com vídeos e postagens para tirar dúvidas. Segundo SILVA e SCHERER (2012), apesar do alto custo do kit, o Lego é ideal, por suas características facilmente utilizáveis, para estudantes em nível fundamental e médio, sendo que para o último é interessante a criação de projetos mais complexos.



Outro componente cada vez mais comum na construção de robôs, é o Arduino. Este é uma plataforma de prototipagem eletrônica microcontrolada, ele necessita de conexões elétricas mais complexas que o Lego. É necessário, portanto, que alguns conhecimentos de elétrica sejam adquiridos, do mesmo modo, habilidades a mais serão requisitadas: soldagem de componentes eletrônicos, utilização de multímetro, módulos extras, como a ponte h, relés e baterias (Figura 1B).

Uma diferença entre os dois é que, o Arduino não é comprado com peças específicas para

sua construção, isso permite que a criatividade trabalhe para encontrar materiais alternativos e acessíveis, como madeira, plástico, acrílico até mesmo mais eficientes como a fibra de carbono, entre outros. É essencial, então, que os estudantes aprendam maneiras de soldar materiais ou até de utilizar ferramentas mais complexas, como furadeira, martelo, serra ou trena. O uso de um material que permite modificações das peças utilizadas, permite também maiores variações para as soluções dos problemas propostos (SILVA e SCHERER, 2012).

O Arduíno é programado com seu Ambiente de Desenvolvimento Integrado IDE (Integrated Development Environment) gratuito e disponível para download, a linguagem utilizada é o C++ (com poucas modificações), o que pode dificultar o aprendizado para alguns. Atualmente já existem diversos tutoriais no YouTube que demonstram a utilização da IDE e a resolução de diversos problemas, não apenas semelhantes aos da OBR, mas de automação de objetos também. De acordo com o estudo de SILVA e SCHERER (2012), a plataforma é recomendada para estudantes de nível técnico, médio ou superior.

O DESAFIO

Com o objetivo de trazer inclusão, a tecnologia conta com um sujeito desafiador: a desigualdade social e econômica. A OBR propõe estimular os estudantes e proporcioná-los aprender diversas habilidades, mas ainda assim, conta com dificuldades em tornar a proposta acessível a todos.

Os principais desafios são despertar o interesse nos educandos, fazer com que todos conheçam a possibilidade de aprender e de participar da competição e, o mais complicado, apresentar uma atividade financeiramente acessível a todos.

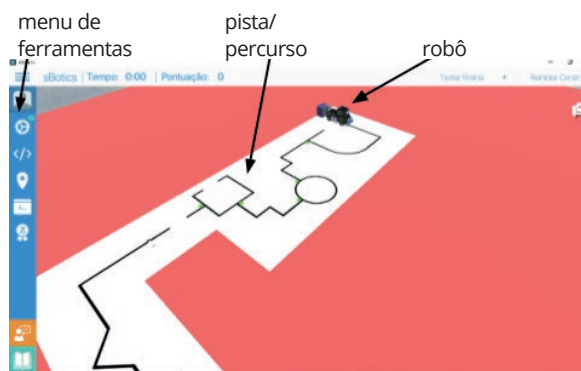
Os kits de robótica geralmente usados têm um alto valor de investimento, e por isso, torna a modalidade prática da OBR mais complicada para estudantes de instituições de ensino públicas ou de baixa renda. Portanto, uma solução foi criada para amenizar esse problema, o sBotics.

SOBRE O SBOTICS

O QUE É E COMO SURTIU

O sBotics é um software aberto que tem como objetivo auxiliar a propagação da Robótica Educacional (RE) através de um ambiente virtual que simula a prova do resgate da OBR. Em sua Tese de Doutorado, a criadora do software, Sá (2016), apresenta o Sbotics como uma nova ferramenta web, dinâmica, aberta e gratuita para a programação de robôs que contém um conjunto único de funcionalidades para dar suporte ao ensino de programação e algoritmos para robótica (Figura 2).

Figura 2- Interface de usuário do ambiente sBotics.



Fonte: Autoria Própria, captura da tela do ambiente sBotics.

A plataforma propõe, ainda, oferecer diferentes níveis de programação sem a necessidade de instalar softwares e capaz de favorecer a interação entre professor e aluno.

O sBotics foi desenvolvido pelos laboratórios Laica e Natalnet do Rio Grande do Norte, no Brasil e faz parte da tese de doutorado da professora Sarah Thomaz de Lima Sá do Instituto Federal do Rio Grande Norte IFRN. A plataforma tem o objetivo de simplificar o ensino da robótica desde a escolha da linguagem de programação a ser utilizada, a instalação de um software ideal e seu uso. Com foco na Olimpíada Brasileira de Robótica, o sBotics representa o ambiente da modalidade prática da competição (SÁ, 2016).

A motivação principal deste trabalho surge, então, pela constatação de uma não uniformidade encontrada nas formas de programação dos kits de robótica e dos impasses encontrados para se instalar softwares específicos num

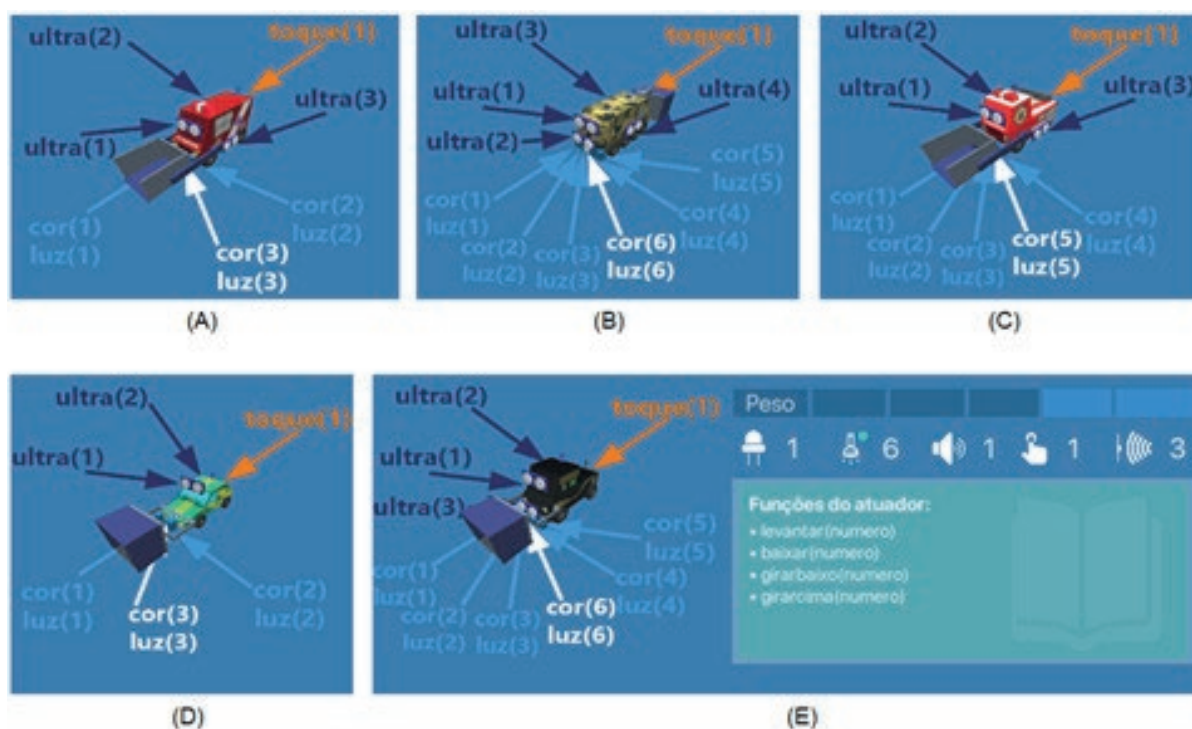
determinado computador. Ainda, somos motivados pelos benefícios que as ferramentas de robótica educacional possuem no processo de ensino aprendizagem e buscando permitir que pessoas com diferentes níveis de conhecimento em robótica ou até mesmo sem nenhum conhecimento possam programar e fazer uso da ferramenta desenvolvida (SÁ, 2016).

SOBRE A PLATAFORMA

No que diz respeito à simulação do hardware,

o sBotics apresenta 5 robôs (Figura 3) já construídos, mas propõe que todos eles sofram de muitas leis da física como na competição presencial real. Em comum, os robôs têm sensores capazes de medir luz e cor, utilizados para seguir a linha, os sensores ultrassônicos, que medem a distância e são usados para desviar de objetos, e uma garra. Além das semelhanças, os cinco robôs apresentam características diferentes que interferem, entre outros pontos, em sua eficiência e na dificuldade de elaborar a programação.

Figura 3 - Os 5 modelos de Robôs (Robôs 1(A),2 (B),3 (C), 4 (D) e 5 (E)). Disponíveis no simulador sBotics.



Fonte: Autoria Própria, captura da tela do ambiente sBotics.

A quantidade de sensores é um fator relevante: quanto maior o seu número, maior o tempo de processamento dos dados do robô, e, portanto, menor sua eficiência no que diz respeito ao tempo de resposta dos dados. Todavia, muitos optariam por esse robô mais robusto como estratégia de desenvolver um código mais facilmente.

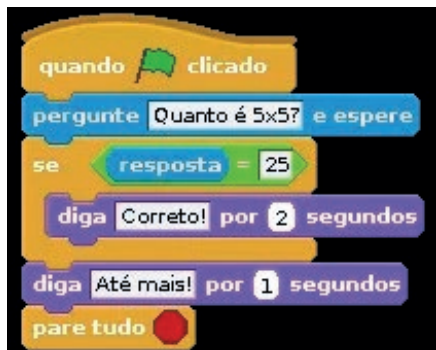
A LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO

Como ferramenta de programação, foram escolhidas três linguagens diferentes, variando da mais simples à mais complexa. É possível

programar em linguagem de blocos (Figura 4), linguagem R-educ (Quadro 1) e linguagem C# (Quadro 2), sendo que cada uma delas contém um manual de instruções com exemplos de como usar cada uma das funções e como as sintaxes devem ser apresentadas. Também é admissível a transferência de uma abordagem para a outra instantaneamente. Essa característica pode ser utilizada como forma de o competidor aprender outras linguagens, caso já saiba alguma. Vale ressaltar que a escolha não afeta o desenvolvimento final do robô, portanto o que importa na decisão é a familia-

ridade ou objetivo do usuário (SÁ, 2016).

Figura 4- Exemplo de Programação em linguagem de blocos.



Fonte: I DO CODE (2019).

As crianças, em sua maioria, tendem a aprender mais facilmente quando conseguem visualizar uma explicação. Pensando nisso, a equipe de desenvolvedores resolveu adicionar ao sBotics a possibilidade de programar em blocos. Essa é uma linguagem completamente visual e sugestiva, por dispor as linhas de código em um fluxograma com formas diferentes. Além disso, para quem está começando, é a maneira mais fácil de entender a lógica dos algoritmos mais difíceis e até mesmo, pode funcionar como modelo para resolver problemas diários ou problemas matemáticos (I DO CODE, 2018).

Quadro 1 - Exemplo de Código em R-Educ escrito para exemplificar a utilização do robô 5.

```

inicio
farei {
  escrever(1, virartexto(ultra(1)))
  escrever(2, virartexto(ultra(2)))
  escrever(3, virartexto(ultra(3)))

  se (cor(2) == "BRANCO" e cor(4) == "BRANCO" e cor(3) != "BRANCO" )
  entao{
    frente(120)
  }
  se(cor(2) == "BRANCO" e cor(4) != "BRANCO") entao {
    se (cor(6) != "BRANCO" e cor(1) == "BRANCO") entao {
      #Curva de 90 para esquerda
      escrever(3, "Curva de 90 para esquerda")
    }
  }
}
[...]
```

Fonte: Autoria Própria.

Quadro 2 - Exemplo de programação de texto estruturado em linguagem C#

```

/*
 * W-Educ
 * http://weduc.natalnet.br
 * (C) Copyright 2014-2020
 * */
int forIteratorLevelN = 0;
int[] forIteratorLevel;
forIteratorLevel = new int[10];
do {

    bc.printLCD((int) 1, (Math.Round((double)bc.distance((int) (1 - 1)),bc.
getPrecision())).ToString(bc.culturePattern));

    bc.printLCD((int) 2, (Math.Round((double)bc.distance((int) (2 - 1)),bc.
getPrecision())).ToString(bc.culturePattern));

    bc.printLCD((int) 3, (Math.Round((double)bc.distance((int) (3 - 1)),bc.
getPrecision())).ToString(bc.culturePattern));

    if (bc.returnColor((int) (2-1)) == "BRANCO" &&
bc.returnColor((int) (4-1)) == "BRANCO" && bc.returnColor((int) (3-1)) !=
"BRANCO" ) {
        bc.onTF((float)120, (float)120);
    }
}
[...]
```

Fonte: Autoria Própria.

A R-Educ, é considerada uma linguagem para quem já está mais adaptado à programação em texto estruturado, possibilita que essas pessoas adaptem seus trabalhos já existentes – ou mesmo seu jeito de trabalhar – a melhorar seu código. O R-Educ possui uma sintaxe clara, com comandos bem parecidos com o português, possibilitando à criança ou adolescente que se sinta confortável diante da construção do robô (SÁ, 2016).

Já C# é uma linguagem orientada a objeto cuja criação foi baseada no C++ e tem elementos de Java e Pascal. Sua sintaxe é bastante diferente das outras duas aqui citadas. Utilizada em inglês e não contendo uma interação com o usuário, é, portanto, mais difícil de ser usada do que as demais, mas a plataforma a contempla como forma de atender a todas as preferências (PACIEVITCH, 2006).

COMO É REALIZADA A COMPETIÇÃO

A OBR acontece com cada robô individualmente sendo colocado à prova em sua pista, pensando nisso, a equipe do Rio Grande do Norte, precisou criar uma maneira de realizar a competição da mesma forma. Então, é possível compartilhar o código do seu robô e colocá-lo na pista na hora da competição, bem como é admissível compartilhar o link da arena que foi editada para aquela competição. Essas soluções tornam-se eficazes para outros problemas também, como a possibilidade de todos assistirem as corridas, não só competidores e torna-se possível testar os códigos para diversas arenas diferentes sem ter que construir uma (SBOTICS. 2019).

Um dos desafios da OBR está nas interferências do ambiente em que acontece a competição, pensando nisso, o sBotics foi desenvolvido para imitar a competição ao máximo. As sombras que as arenas fazem na pista representam uma variável a mais para o competidor se preocupar, já que os sensores utilizados podem medir a luz. A luz responsável pela formação dos pontos escuros, é a representação do sol, e, portanto, não é uma iluminação estática, se movimentando com o passar do tempo e dificultando a criação de uma malha fechada para deixar o robô mais assertivo (SÁ, 2020).

É possível perceber, entretanto, que as dificul-

dades da competição não se limitam ao código ou ao ambiente externo, mas estão presentes na pista também, conforme Figura 5.

Figura 5 - Ambiente de simulação do sBotics com seus principais elementos de percurso: curva aberta, gap, curva de 90°; interseção com marcador verde, obstáculo, rampa e área de resgate.



Fonte: Autoria Própria, captura da tela do ambiente sBotics.

As curvas, por exemplo, podem ser mais abertas ou mais fechadas, até 90°, podem aparecer encruzilhadas no meio delas, com uma sinalização da cor verde indicando qual caminho seguir, ou esses cruzamentos ainda podem formar uma espécie de rotatória.

Já as retas também podem ser dificultadas, podem ser adicionados locais sem a linha preta, os chamados gaps, podem conter - um ou mais de um - redutores de velocidade, obstáculos de mais de um tamanho, sem contar a parte mais íngreme do percurso, que contém a rampa.

O simulador também conta com os marcadores laranjas para continuar o percurso em caso de falha de progresso, recurso também disponível na competição real.

Mas tudo isso já faz parte da prova original do resgate, então os desenvolvedores adicionaram mais um desafio: uma vela no meio do caminho, que indica o fogo de um incêndio e que deve ser apagado; para realizar tal tarefa, eles complementaram a opção de colocar um mini ventilador capaz de apagar o fogo, mas o problema ainda exige que o programador pense em como detectar o fogo. (SÁ, 2020).

Assim, a plataforma demonstra enorme potencial no quesito de desafiar os conhecimentos, a lógica e a criatividade dos participantes, necessitando apenas de um computador pessoal e conexão com a internet. Do mesmo modo,

apresenta-se uma ferramenta capaz de incluir todos os tipos de interessados no assunto, independentemente de sua renda mensal ou condição social, através deste, portanto, é possível iniciar o trabalho - e aprimorá-lo com o decorrer do tempo - de democratização da robótica e levar as oportunidades que esta ocasiona aos diversos locais do país.

O SBOTICS E A EXTENSÃO NA UFRB

Na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a robótica começou a ser trabalhada, principalmente, através do capítulo estudantil IEEE (*Institute of Electrical and Electronic Engineers*) RAS (*Robotics and Automation Society*) grupo vinculado ao programa de extensão IEEE UFRB em 2018.

As atividades do grupo, a princípio, contavam com a participação dos estudantes universitários, que, ao longo das experiências, perceberam a necessidade de expandir seus conhecimentos ao redor do Recôncavo Baiano. A partir daí, um projeto de extensão sobre a modalidade teórica da OBR foi contemplado com bolsa na modalidade PIBEX, na qual um dos estudantes da graduação membro do capítulo IEEE RAS UFRB, realizou um trabalho com robótica junto a estudantes do colégio CETEP, localizado em Cruz das Almas, Bahia. Durante a execução desse projeto, percebeu-se o interesse dos estudantes em trabalhar com a modalidade prática da OBR, na qual os participantes devem montar seus robôs para participar da competição.

Ainda nesse estudo, foi observada a principal dificuldade para tal, a aquisição de kits de robótica, por se mostrarem um considerável investimento financeiro, não disponíveis pelo Capítulo Estudantil (CORDEIRO e RODOWANSKI, 2018).

No ano seguinte, a ideia evoluiu para a modalidade prática e ao notar a oportunidade de levar a robótica aos estudantes do Ensino Fundamental e Médio, foi iniciada uma parceria entre o capítulo e alguns estudantes interessados - tanto da rede pública de ensino quanto da privada -, por ter sido bem recebido, o projeto evoluiu para a criação de um grupo

denominado "RAS Jr.", que propõe justamente realizar uma troca de conhecimentos entre os estudantes das escolas e da universidade. Esse contato foi realizado no laboratório da Universidade localizado no pavilhão de laboratórios do CETEC e os estudantes selecionados tinham acesso direto acompanhados por um tutor, que auxiliava na construção de um protótipo para participar da OBR. Como já haviam alguns materiais disponíveis e eram poucos estudantes, os custos foram acessíveis, e, portanto, viáveis (SANTOS, 2020).

No entanto, o objetivo maior da equipe é levar o projeto às escolas da rede pública, e o maior impasse continua sendo o financeiro: a necessidade de possuir alguns kits de robótica, e o grupo não dispõe de recursos para tal. Pensando em resolver esse problema, pesquisas foram realizadas, a fim de encontrar simuladores, e com base em seus resultados, verificou-se que o sBotics mostra-se uma ferramenta capaz de resolver esse problema.

Em 2020, durante a pandemia, o capítulo IEEE RAS, atividade extensionista vinculada ao programa de extensão Ramo Estudantil IEEE UFRB, promoveu uma oficina virtual, à distância, registrada como curso de extensão, e ministrada pela professora Dra. Sarah Sá do Instituto Federal do Rio Grande do Norte e coordenadora da equipe que desenvolveu os sBotics, o público alvo foram os estudantes do Recôncavo, a fim de se familiarizarem com a plataforma de modo a poderem agir como tutores do sBotics no futuro.

Ainda em 2020, durante o RRC (Recôncavo Robot Challenge), evento de extensão realizado pelo Capítulo IEEE RAS, foi realizada uma outra oficina virtual do sBotics, já sendo ministrada por um membro do Capítulo IEEE RAS UFRB, com o objetivo de difundir o uso dessa plataforma. Novas oficinas devem ser realizadas em modo remoto, e em modo presencial assim que as atividades presenciais se normalizarem no pós pandemia.

Os próximos passos apontam para a realização de projetos de extensão específicos em parceria com instituições de ensino públicas do Recôncavo a fim de validar o uso da ferramenta sBotics no ensino e difusão da robótica na região.

CONCLUSÃO

A difusão da educação baseada em tecnologia é de fundamental importância para que as gerações futuras acompanhem os avanços tecnológicos.

O uso da robótica educacional tem se mostrado uma ferramenta promissora como meio de motivar jovens e crianças a querer aprender mais sobre tecnologia. O acesso a essas ferramentas ainda é limitado devido o seu custo, softwares de simulação de robótica como o sBotics tem se mostrado uma forma de contornar esse problema. Facilidade de uso, aliado a uma interface amigável, além de requererem baixa capacidade de processamento, fazem do sBotics uma plataforma muito poderosa e com grande potencial para agir como meio de democratização do acesso à robótica

nas escolas públicas do país, sendo necessário apenas a utilização de um computador pessoal para isso.

O capítulo estudantil IEEE-RAS-UFRB tem se mostrado interessado, e pretende continuar a investir no uso dessa ferramenta através da promoção de atividades extensionistas em parceria com os estudantes das escolas locais. Já foram realizadas algumas oficinas em eventos locais para a comunidade de estudantes da UFRB e da equipe da RAS JR. Além disso, ao longo do projeto, planeja-se realizar algumas oficinas, cursos e competições utilizando essa plataforma. Assim, apesar da falta de recursos para adquirir kits didáticos, pretende-se continuar com a missão de difundir a robótica e poder conduzi-la de maneira exitosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASATTI, Denise. **USP oferece curso de robótica com a ferramenta Arduino**: inscrições abertas para professores. Assessoria de Comunicação do Instituto De Ciências Matemáticas e de Computação USP. website, 2018. Disponível em: <https://www.icmc.usp.br/en/noticias/3779-usp-oferece-curso-de-robotica-com-a-ferramenta-arduino-inscricoes-abertas-para-professores>. Acesso em 26 dez. 2020.

CODO, Wanderley. **O Que é Alienação**. Editora Brasiliense, 1. ed. p.21, 1989.

CORDEIRO, Jade Oliveira; RODOWANSKI, Ivanoé João. Olimpíada Brasileira de Robótica OBR – Modalidade Teórica. **Revista Extensão**, XVI edição especial PIBEX, PROEXT. Cruz das Almas, p. 41, 2018.

FENERICK, Jessica Aparecida; VOLANTE, Carlos Rodrigo. A Evolução Das Indústrias, Os Benefícios Da Automação E As Perspectivas Do Mercado Da Robótica No Brasil E No Mundo. **Revista Interface Tecnológica**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 734-745, 2020. DOI: 10.31510/infa.v17i1.805. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/index.php/interfacetecnologica/article/view/805>. Acesso em: 17 dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 29-32, 1981.

FREITAS, Daniel. **Robótica**: Um pouco de História. Parte 1. página web. 2017. Disponível em: <https://www.botz.com.br/single-post/2017/03/19/Rob%25C3%25B3tica-um-pouco-de-Hist%25C3%25B3ria-Parte-1>. Acesso em: 26 dez. 2020.

I DO CODE. **Programação em blocos**: aprendendo de maneira divertida. Escola De Programação E Tecnologia. página web. 2018. Disponível em: <https://idocode.com.br/blog/programacao/programacao-em-blocos/>. Acesso em 27 dez. 2020.

ITR - International Tournament of Robots. **International Tournament of Robots**. página web, 2020. Disponível em: <https://international-tournament-of-robots.com/>. Acesso em 18 dez. 2020.

MELO, Karen Stephanie. **Os robôs de Isaac Asimov: Uma análise das relações entre o homem e a máquina na literatura e no cinema de ficção científica.** 2016. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2920/5/Karen%20Stephanie%20Melo.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

MOTTA, Gustavo. **Olimpíada de Robótica: Tecnologia e aprendizagem a serviço da comunidade.** 2019. Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/120431-olimpiada-de-robotica-tecnologia-e-aprendizagem-a-servico-da-comunidade> . Acesso em 26 dez. 2020.

MORGAN, Berry .**The history of robot combat: from humble beginnings to multinational sensation.** Servo Magazine, p. 35 e 36, jan. 2012. Disponível em: https://www.servomagazine.com/magazine/article/the_history_of_robot_combat_from_humble_beginnings. Acesso em: 18 dez. 2020.

NASCIMENTO, Lucas; NERI, Davi; FERREIRA, Thiago; ALMEIDA, Francinaldo; PONTES, Saulo; ALBUQUERQUE, Erika; SÁ, Sarah. **sBotics WEduc.** página web. 2020. Disponível em: <https://weduc.natalnet.br/sbotics/> . Acesso em 18 dez. 2020.

OBR, Olimpíada Brasileira de Robótica. **Manual de Regras e Instruções Etapa Regional / Estadual.** 2019. Disponível em: http://www.obr.org.br/manuais/OBR2019_MP_ManualRegionalEstadual.pdf. Acesso em 18 dez. 2020.

PACIEVITCH, Yuri. C#. **InfoEscola.** página web. 2020. Disponível em: <https://www.infoescola.com/informatica/c-sharp/> . Acesso em 27 dez. 2020.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança.** 4 ed. São Paulo: Sumus. 1994.

REDAÇÃO GALILEU. **Origem da Computação, Máquina de Turing é construída em madeira.** 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/03/origem-da-computacao-maquina-de-turing-e-construida-em-madeira.html> . Acesso em 26 dez. 2020.

ROBOCUP Brasil. **RoboCup Brasil.** página web. 2020. Disponível em: <http://www.robocup.org.br> . Acesso em 18 dez. 2020.

SÁ, Sarah Thomaz De Lima. **Curso de sBotics.** Youtube. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILxcxLFFnLY&t=2208s> . Acesso em 13 abr. 2021.

SÁ, Sarah Thomaz De Lima. **W-educ: Um Ambiente Web, Completo e Dinâmico para Robótica Educacional.** Tese (Doutorado em Engenharia Elétrica e de Computação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p. 6 e 7. 2016

SANTOS, David Almeida. **Olimpíada Brasileira de Robótica OBR - Modalidade Prática.** Relatório final de atividades de extensão, programa de bolsas PIBEX. 2019.

SILVA, F. I. e SCHERER, D.. **A Study About Materials For Use In Educational Robotics.** In: IX Latin American Robotics Simposium - I Simposio Brasileiro de Robotica - III Workshop de Robotica Educacional, 2012, Fortaleza-CE. Lars/Sbr 2012, 2012.

Revista | 10 ANOS
extensão | OS

ISSN 2236-6784



9772236 678001 00001